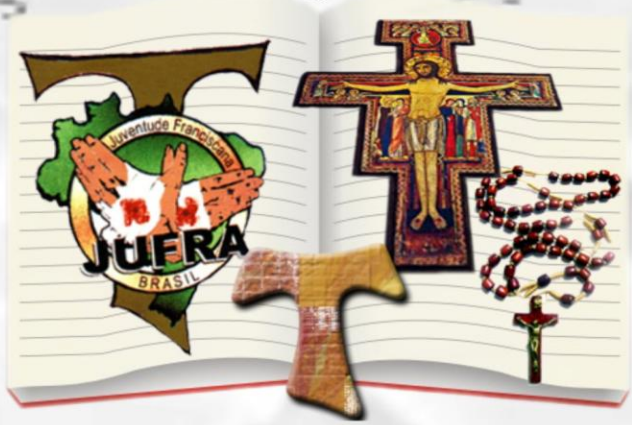
Etapa de Formação Básica da JUFRA

FBJ

Edição digital

adota o Novo Acordo **Ortográfico** da Língua Portuguesa



SECRETARIADO FRATERNO NACIONAL
DA JUFRA DO BRASIL

Jufra do Brasil 40 anos

Edição de Arte da Capa: JCARTES DESIGN

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL - JUFRA

LIVRO DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

2ª Edição Revisada

Versão Online

Setembro/2011

APRESENTAÇÃO

Amados irmãos/as da JUFRA do Brasil,

Paz e bem!

É com muita alegria que apresentamos a versão *online* do livro de Formação Básica da JUFRA do Brasil (FBJ). O XIV Congresso Nacional da JUFRA, realizado em fevereiro de 2010, apresentou como orientação à necessidade de disponibilização dos materiais formativos da JUFRA de forma *online*, como estratégia de facilitar que todos os irmãos/as tenham acesso liberado a esses materiais, uma vez que, receber formação específica é um direito de todos/as os/as jufristas.

Cientes dessa responsabilidade, é que o Secretariado Fraterno Nacional, triênio 2010-2013, aprovou a publicação de uma versão *online* e comemorativa, pelos 40 anos da JUFRA, do livro do FBJ.

É importante ressaltar que essa versão *online* da 2ª Edição Revisada, mantém todos os conteúdos da mesma, sem qualquer modificação contextual. Todos os créditos dessa 2ª edição revisada são atribuídos ao Secretariado Fraterno Nacional, triênio 2004-2007, como apresentado nas primeiras partes desse livro.

Essa versão *online* apresenta como novidades, uma nova revisão ortográfica do livro, de forma a adequá-lo ao novo acordo de ortografia da língua portuguesa. Além disso, foi feito uma modelagem para o design do livro, incluindo uma nova capa. Incluímos, em anexo, todos os documentos da JUFRA do Brasil, bem como os modelos de cartas com solicitações importantes necessárias para os/as jufristas. Essa publicação, também faz parte dos materiais lançados em 2011, comemorativos aos 40 anos da JUFRA do Brasil.

Dessa forma, esperamos colaborar para que mais irmãos/as possam ter acesso a esse livro, contribuindo de forma efetiva para a formação de todas as nossas fraternidades. Com certeza, essa publicação representa um "divisor de águas" em nossa caminhada formativa, pois pela primeira vez, um de nossos livros básicos, será disponibilizado para todo o mundo pela internet, atendendo os apelos da própria Igreja: *"que a Juventude seja testemunha do Evangelho na era digital"* (Papa Bento XVI).

Boa leitura a todos/as!

Mayara Ingrid Sousa Lima

Subsecretária Nacional de Formação da JUFRA do Brasil

Juventude Franciscana do Brasil - JUFRA
Secretariado Fraterno Nacional
Triênio 2010-2013
Sede – São Paulo/SP

Organização da Versão Online
Mayara Ingrid Sousa Lima
Subsecretária Nacional de Formação da JUFRA do Brasil.

Capa:
Cariolando Dantas-OFS: Arte e Diagramação digital - JCArtes Design.
Site: www.jcartesdesign.blogspot.com

Diagramação/Formatação:
Thiago Costa Carvalho
Mayara Ingrid Sousa Lima

Revisão Ortográfica:
Ana Carolina Miranda, JUFRA Regional SE1-Minas Gerais
Gleice Francisca Pereira da Silva, JUFRA Regional SU1-Paraná

APOIO:
SECRETARIADO FRATERNO NACIONAL TRIÊNIO 2010/2013
Alex Sandro Bastos Ferreira – Secretário Fraterno Nacional
Eliézon Pereira Mesquita – Subsecretário Nacional para a Área Norte
Wesley Silva Soares – Subsecretário Nacional para a Área Nordeste A
Ricardo Meneses – Subsecretário Nacional para a Área Nordeste B
Fábio Delvechio – Subsecretário Nacional para a Área Centro-Oeste
Leonardo Augusto L. F. Silva – Subsecretário Nacional para a Área Sudeste
Jamille Mateus Wiles – Subsecretária Nacional para a Área Sul
José Douglas Soares– Subsecretário Nacional de Ação Evangelizadora
Emanuelson Matias de Lima – Subsecretário Nacional de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação (DHJUPIC)
Thiago Costa Carvalho – Subsecretário Nacional de Comunicação Social, Escrituração e Arquivo
Sandolini Assunção Braga – Subsecretário Nacional de Finanças
Wigna Jales de Lira – Animadora Fraterna Nacional OFS
Frei Miguel da Cruz (OFM) - Assistente Espiritual Nacional

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL - JUFRA

FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

2ª Edição revisada

Fevereiro/2007

Juventude Franciscana do Brasil – JUFRA
Secretariado Fraterno Nacional
Triênio 2007-2010
Sede – Fortaleza/CE

Organização e Revisão Geral
Cilenilde Oliveira Santos
Subsecretária de Formação Nacional

Colaboração com os temas:
Jackson dos Santos Barbosa – Secretário Fraterno Nacional
Ana Claudia Oliveira Santos – Animadora Fraterna Nacional JUFRA/OFS
Wigna Jales de Lira – Subsecretária Nacional de Mini, Micro e Infância Franciscana
Márcio Willian Alencar de Castro – Subsecretário Nacional de Ação Evangelizadora
Sérgio Vicente Marcos – Subsecretário Nacional de Finanças
Libiane Marinho Bernardino – Subsecretária Nacional para Área Nordeste A
Anderson dos Santos Moura – Subsecretário Nacional para Área Sudeste
Anderson da Silva Montezol – Subsecretário Nacional para Área Sul
Ana Maria Silva Rodrigues – Jufrista do Paraná
Maria Aparecida Crepaldi – Conselheira Internacional para a Língua Portuguesa – CIOFS

Revisão Ortográfica
Simone Maria dos Santos Araújo – Professora, graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão.

APOIO:
SECRETARIADO FRATERNO NACIONAL TRIÊNIO 2004/2007
Jackson dos Santos Barbosa – Secretário Fraterno Nacional
Ana Claudia Oliveira Santos – Animadora Fraterna Nacional JUFRA/OFS e Conselheira Internacional da JUFRA no CIOFS pela América Latina
Cilenilde Oliveira Santos – Subsecretária Nacional de Formação
Wigna de Jales de Lira – Subsecretária Nacional da Infância, Micro e Mini Franciscanos
Márcio Willian Alencar de Castro – Subsecretário Nacional de Ação Evangelizadora
Maria Vilena Araújo de Queiroz – Subsecretária Nacional de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação
Maria Alexsandra Teresa Apolinário Xavier – Subsecretária Nacional de Comunicação Social
Sérgio Vicente Marcos – Subsecretário Nacional de Finanças
Edson José de Sousa Viana – Subsecretário Nacional para a Área Norte
Libiane Marinho Bernardino – Subsecretária Nacional para Área Nordeste A
Vicente Bruno de Jesus Figueiredo – Subsecretário Nacional para Área Nordeste B
Anderson dos Santos Moura – Subsecretário Nacional para Área Sudeste
Anderson da Silva Montezol – Subsecretário Nacional para Área Sul
Cristiane de Fátima Mendes Oliveira – Subsecretária Nacional para Área Centro-Oeste

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 9

APRESENTAÇÃO..... 10

INTRODUÇÃO 11

Diretrizes da Formação Básica da JUFRA..... 13

I – Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA..... 15

Proposta de Programação do Encontro Inicial..... 16

1. O que é Formação Básica da JUFRA..... 17

2. Encontre-se com você 18

3. Espiritualidade de Francisclariana 20

4. Ideal Franciscano de Vida..... 21

5. Dinâmica de Reunião de Grupo Fraterno 22

Organograma de Funcionamento das Subsecretarias 23

6. Crises na Fraternidade..... 24

7. Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA do Brasil 26

8. Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil 27

9. Compromisso Franciscano de vida..... 28

10. Roteiro para Eleição do Secretariado Fraterno Local..... 29

11. Ritual para celebração do compromisso do Jufrista..... 30

12. Sugestão para reunião da Fraternidade 33

II. Conhecimento da Família Franciscana 35

1. Ordens Franciscanas..... 36

1ª Ordem – São Francisco de Assis..... 36

2ª Ordem Santa Clara de Assis..... 39

3ª Ordem - Ordem Franciscana Secular..... 43

2. Juventude Franciscana – Histórico e Organização..... 46

3. Conhecimento da Infância, Micro e Mini Franciscanos..... 51

4. Vivência do Carisma e dos Valores Franciscanos 53

5. Regra como Fonte de Inspiração 56

6. Conhecimento dos Escritos de São Francisco 59

7. Documentos Básicos da JUFRA 61

Referências Bibliográficas 67

III. Conhecimento da Igreja..... 68
1. Projeto de Deus 69
2. Jesus Cristo e seu Projeto 72
3. A Caminhada da Igreja 78
4. A Igreja na América Latina 81
5. A Igreja no Brasil 87
6. A Ação Pastoral / Evangelizadora da Igreja..... 90
7. O Jovem e a Igreja 95
8. A Igreja e a Transformação Social..... 98
9. Estudo Básico da Bíblia..... 100
Referências Bibliográficas 107

IV. Conhecimento Humanístico 109
1. Vivência Grupal..... 110
2. Dinâmica de Grupo 114
3. Liderança 121
4. Os Problemas do Jovem no Mundo de Hoje 127
5. Personalidade 139
Referências Bibliográficas 144

V. Conhecimento Sócio-Político 146
1. Estrutura dos Sistemas Econômicos, Políticos e Sociais 147
2. Conhecimento da Realidade Brasileira 149
3. Meios de Comunicação Social 151
4. Dimensão Social do Evangelho 155
Referências Bibliográficas..... 157

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, São Francisco e Santa Clara de Assis, que nos deram força e luz para percorrer com entusiasmo todo o processo de revisão deste livro mesmo diante de tantas dificuldades que esta missão exigiu.

Agradeço de modo particular a cada um dos irmãos da JUFRA e OFS do Brasil que colaboraram com a revisão dos conteúdos, sobretudo os irmãos do Secretariado Fraterno Nacional que com grande dedicação e humildade abdicaram de suas tarefas para doarem seu tempo a este trabalho.

Agradecemos ainda, a Frei José Teixeira (Zezinho) e a Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, pela atenção carinhosa dada à Juventude Franciscana do Brasil e, principalmente, a Missionszentrale der Franziskaner e a todos que formam esta Instituição, pela generosa colaboração que nos foi concedida a fim de que a JUFRA melhor propague a belíssima proposta do carisma franciscano no seu mundo juvenil.

APRESENTAÇÃO

Queridos irmãos e irmãs,

É com grande alegria que o Secretariado Fraterno Nacional, através da Subsecretária de Formação Nacional, apresenta a todos os irmãos(ãs) a 2ª edição do Livro da Formação Básica da Juventude Franciscana do Brasil, o qual contou com um trabalho de revisão geral em todo o conteúdo transcrito na 1ª edição.

Esta reedição vem aprimorar o conteúdo anterior e traz em cada tema uma proposta de leitura bíblica, questionamentos, dinâmicas e sugestão de vivências, seguindo dessa forma a mesma linha desenvolvida em nossos trabalhos já lançados no decorrer deste triênio.

Todo o conteúdo deste livro deverá ser estudado e vivenciado pelos irmãos da JUFRA que se encontram nesta etapa de formação básica, acompanhados pelo(a) Subsecretário(a) de Formação, o animador(a) Fraterno(a) e o(a) Assistente Espiritual, a nível local ou, na sua falta, pelo Secretariado Fraterno Regional.

Esperamos que os irmãos e irmãs possam realmente aproveitar o conteúdo aqui desenvolvido, pois desta forma acreditamos que poderão chegar até o final desta etapa mais dispostos a fazerem uma experiência de vida comprometida com os ideais e os valores humanos, cristãos e franciscanos.

"A mente que se abre a novas idéias, jamais voltará ao tamanho original". (Albert Einstein). Desejamos que todos vocês percorram com disposição, compromisso, humildade, alegria e, sobretudo, com anseio de aprender mais sobre a vida franciscana, eclesial e social, os caminhos propostos e elaborados com toda dedicação nesta etapa de formação.

Paz e Bem!

Cilenilde Oliveira Santos (Lena)

Subsecretária de Formação da JUFRA do Brasil

INTRODUÇÃO

Formar é educar para a vida, para o compromisso, é capacitar para o desenvolvimento sóciocultural, político, evangélico. É despertar para uma visão mais ampla e congregada de valores éticos e morais condizentes com o ideal de cada pessoa ou grupo.

A Formação da Juventude Franciscana é desenvolvida com intuito de despertar o jovem jufrista para a vida, educando-o e capacitando-o para a vivência franciscana através de uma experiência de vida em fraternidade, na qual terão a oportunidade de vivenciar os Evangelhos e o carisma franciscano dentro de nosso contexto e de acordo com nossa realidade cotidiana.

Através deste livro, o jufrista terá a oportunidade de ampliar seu horizonte de conhecimentos e vivências. O livro está moldado de acordo com as Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil, aqui particularmente a Formação Básica da JUFRA – FBJ, que é um período formativo precedido de um encontro inicial, organizado pelo Secretariado Fraterno Regional, e conduzido pelo Secretariado Fraterno Local que acompanha o jufrista durante um tempo que dura de um a dois anos no máximo. Esse período formativo do jufrista é aceito pela Ordem Franciscana Secular do Brasil como válido para o tempo de iniciação. (cf. DMR I, 3.1)

Este livro está composto pelos conteúdos da Formação Básica da JUFRA e está subdividido em cinco partes:

Na 1ª parte temos a programação e os conteúdos propostos para o Encontro Inicial da Formação Básica, no qual todos os temas estão desenvolvidos para melhor encaminhamento e base para os Regionais quando da montagem dos encontros iniciais para as fraternidades locais, além do ritual para a celebração do compromisso do jufrista, que poderá será realizado durante uma missa ou em uma celebração da palavra.

Após o Encontro Inicial, segue-se o período formativo com temas voltados para o Conhecimento da Família Franciscana. Essa é a 2ª parte do livro e vem mostrar as Ordens Franciscanas, Histórico da JUFRA do Brasil e sua organização, breve conhecimento do que é e como se organizam as fraternidades da Infância Franciscana, Micro e Mini Franciscanos, os carismas e valores franciscanos, a regra da Ordem Franciscana Secular como nossa fonte de inspiração e ainda alguns relatos para conhecimento básico dos Escritos de São Francisco. Por fim, há um resumo dos documentos básicos para a caminhada do jufrista.

A terceira parte do livro refere-se ao conhecimento da Igreja com temas bem abrangentes, tais como: Projeto de Deus, Jesus Cristo e seu Projeto, A caminhada da Igreja, A Igreja na América Latina, A Igreja no Brasil, a Ação Pastoral/Evangélica da Igreja, O Jovem e a Igreja, A Igreja e Transformação Social e o Estudo básico da Bíblia. Todos esses temas são de suma importância para a formação cristã do jufrista, pois esse poderá conhecer melhor a Igreja da qual participa e a sua missão neste mundo, que necessita de seu testemunho cristão.

Na quarta parte está o conteúdo relacionado ao Conhecimento Humanístico, muito propício para o despertar humano do jufrista. Nesse módulo constam os temas: Vivência Grupal, Dinâmica de Grupo, Liderança, Os problemas do jovem no mundo de hoje e Personalidade. Todos os temas foram elaborados de forma que os irmãos e irmãs possam compreender os conteúdos e a proposta da JUFRA. Eles ajudarão na compreensão de nossa realidade dentro do contexto atual e proporcionarão uma melhor convivência, seja na vida pessoal, bem como na família e na fraternidade.

A quinta e última parte contém os temas do Conhecimento Sócio-Político com os temas: Estrutura dos Sistemas Econômicos, Políticos e Sociais; Conhecimento da Realidade Brasileira; Os Meios de Comunicação Social e a Dimensão Social do Evangelho, que trazem um conteúdo que visa despertar e desenvolver nos irmãos jufristas a capacidade de conhecerem as dimensões social e política de nosso país, bem como o nosso papel de franciscanos na sociedade, que hoje encontra-se dilacerada e contaminada de contra-valores e, por isso, a sociedade espera de nós um testemunho autêntico e comprometido como franciscanos, principalmente de nós jovens, considerados por essa mesma sociedade o futuro da nação.

Além de tudo isso, o livro contém em cada um dos temas iluminação bíblica, com propostas de textos da Sagrada Escritura para maior aprofundamento e ampliação da visão do tema estudado. Há também questionamentos, dinâmicas e propostas de vivências em todos os temas, os quais podem, a critério dos irmãos, serem aplicados e aprimorados de acordo com o nível de conhecimento e maturidade de cada fraternidade.

Esperamos que todo o trabalho desenvolvido neste livro sirva para que todos os jufristas possam percorrer e aproveitar melhor a vida franciscana durante este período formativo, e que ele seja feito com muita dedicação, humildade e compromisso. Paz e Bem!

DIRETRIZES DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

- FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA -

1 - DEFINIÇÃO:

É um período formativo que visa preparar o(a) jovem para assumir seu futuro compromisso de jufrista diante de Deus e da comunidade, inspirado(a) na Regra da OFS. Deve ser precedido de um Encontro Inicial de caráter informativo-formativo.

2 - OBJETIVO:

Despertar o(a) jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

3 - DURAÇÃO:

Um ano, podendo ser prorrogado por mais um, a critério do Secretariado Fraterno Local (cf. EENN Art. 4, §1º - OFS).

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens, com idade mínima de 15 (quinze) anos que, por índole e por carisma, se comprometem a conhecer e vivenciar o ideal de vida franciscano em toda a sua dimensão humana e cristã.

5 - CONDIÇÕES:

Para participar desta etapa formativa exige-se: ser batizado(a) e ter participado da Etapa da Formação para Iniciantes.

6 - DO ENCONTRO INICIAL:

a) É um encontro de caráter informativo-formativo;

b) O encontro inicial deverá ser encerrado com o "Compromisso do Jufrista", conforme o Ritual elaborado pelo Secretariado Fraterno da JUFRA do Brasil.

7 - CONSIDERAÇÕES:

a) O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA deverá envolver nesta formação os animadores fraternos e assistentes espirituais de nível local e regional da JUFRA, bem como os Conselhos das Fraternidades locais e Regionais da OFS.

b) O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA tenha como procedimento normal enviar ao Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA a cópia das Atas de Admissão à Formação Básica da JUFRA das Fraternidades locais da JUFRA, no prazo de 30 dias.

8 - CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS DIRETRIZES DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

1. O(a) jufrista que ao final de qualquer uma das etapas da formação não fizer seu compromisso pessoal (compromisso do jufrista, profissão temporária), deverá pedir afastamento da Etapa da formação por escrito

ao Secretariado Fraterno Local e juntos definirão a duração do afastamento. Retornando à fraternidade, após o prazo definido, o(a) jufrista deve passar por uma certa etapa de revisão da formação recebida anteriormente ao pedido de afastamento;

2. No caso da antecipação do prazo do afastamento, o(a) jufrista, para retornar a uma das Etapas de formação, deverá pedir por escrito ao Secretariado Fraterno Local, que definirá sobre o assunto;

3. O(a) jufrista afastado(a) da etapa da formação não poderá votar e ser votado(a) nos diversos níveis da JUFRA;

Os Secretariados Fraternos Regionais e Locais da JUFRA garantam formação do Jufrista compromissado.

Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA

Não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não deixe... E para ir com mais segurança pelo caminho dos mandamentos do Senhor... Abrace o Cristo pobre.

(2ª carta de Sta. Clara a Sta. Inês de Praga)

ENCONTRO INICIAL DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

(SUGESTÃO DE PROGRAMAÇÃO)

SEXTA-FEIRA:
18:00 - Jantar
19:30 - Oração inicial
20:00 - Dinâmica de apresentação
20:30 - O que é Formação Básica da JUFRA e qual o seu objetivo; Escolha das Lideranças e distribuição de tarefas e normas do encontro
22:30 - Oração final

SÁBADO:
6:30 - Despertar
7:00 - Oração da manhã
8:00 - Café
8:30 - Tema: Encontre-se com você
10:00 - Lanche
10:15 - Tema: Espiritualidade Francisclariana
12:00 - Almoço
14:00 - Dinâmica de animação
14:30 - Tema: Ideal Franciscano de vida
15:30 - Tema: Dinâmica de Reunião para as Fraternidades e Subsecretarias da JUFRA
16:30 - Lanche
16:45 - Tema: Crises na Fraternidade
17:45 - Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA
18:30 - Jantar
20:00 - Convívio fraterno (Dinâmica de relaxamento)
23:00 - Oração da noite

DOMINGO:
6:30 - Despertar
7:00 - Oração da manhã
8:00 - Café
8:30 - Tema: Diretrizes da Formação da JUFRA
9:00 - Tema: Compromisso Franciscano de vida
9:30 - Eleição do Secretariado Fraterno Local (Quando houver)
10:30 - Lanche
10:45 - Celebração do Compromisso do Jufrista
12:00 – Almoço (encerramento)

OBS.: Procurem trabalhar estes dias proporcionando, acima de tudo, uma vivência maior entre os participantes com dinâmicas de grupo e metodologia de acordo com o nível da fraternidade.

ENCONTRO INICIAL DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

1. O QUE É FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA E QUAL O SEU OBJETIVO

A Formação Básica da JUFRA é um período formativo que visa preparar o(a) jovem para assumir seu futuro compromisso de Jufrista diante de Deus e da comunidade. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo, chamado de Encontro Inicial.

Seu objetivo é despertar o(a) Jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano (D.F.J.B.).

O Encontro Inicial será trabalhado em dois níveis:

1º nível: Conhecimento básico da vida de fraternidade; como se vive fraternidade; a que devemos renunciar; como serão as nossas relações de irmão para irmão na fraternidade; como enfrentar os problemas e dificuldades da fraternidade e dos jovens que dela participam; como fazer reuniões fraternas.

2º nível: Como será nossa prática apostólica na Igreja e na sociedade.

Em cada um desses níveis nós trabalharemos usando três dinâmicas: **pessoal, grupal e social.**

O que é dinâmica pessoal

Por dinâmica pessoal entendemos o treinamento para a mudança de vida do jovem: desenvolvendo dons, talentos, capacidades. É também um momento de parada e revisão de vida. Francisco começou pela mudança de sua vida. Retirando-se aos poucos da vida vazia, recolhendo-se nos arredores de sua cidade (nas montanhas), onde se entregava a longos momentos de solidão total, no silêncio, na oração, na meditação. E começou a se tornar diferente daquilo que era.

Dinâmica Grupal

É a dinâmica que treina para a convivência em fraternidade. Desenvolvendo lideranças, aprendendo a tratar as pessoas com caridade e ternura. Treina a capacidade de compreender as pessoas, de comunicar-se, dialogar e amar, superando as dificuldades pelas quais tornamo-nos causa de discórdia na convivência com os outros. É momento de abrir o coração para as relações de igualdade, justiça e amor para com todos. Acolhendo as novas ideias e escolhendo sempre o melhor para a fraternidade.

Francisco despertou em alguns colegas o desejo de se entregarem à mesma transformação: Bernardo e Silvestre foram os primeiros que deixaram aquela vida vazia e começaram uma vida diferente, buscando simplesmente viver com toda radicalidade o Evangelho de Jesus Cristo, numa vida profundamente fraterna, conforme uma regra que Francisco, por inspiração, havia escrito.

Dinâmica Social

É a dinâmica que treina para o compromisso apostólico na Igreja e na sociedade em que vivemos. Com o objetivo de fazer acontecer o reino de justiça, amor, solidariedade e igualdade entre as mulheres e os homens. Francisco e seus irmãos, partindo da profunda transformação de suas vidas em nível pessoal e grupal (fraternidade de menores), influíram na história da Igreja e do mundo, e transformaram-nos profundamente. Ainda hoje, continuam a exercer uma influência impressionante.

'Quando um homem resolve verdadeiramente se transformar e leva essa resolução às vias de fato, começa a transformação do mundo. '

2. ENCONTRE-SE COM VOCÊ

Passamos por momentos em nossas vidas que nos fazem parar e pensar. A vida é uma pergunta e uma resposta.

O ser humano necessita encontrar respostas para sua vida. De onde viemos? O que estou fazendo aqui? Por que morrerei? O que existe depois da morte? Por que sofremos tanto? Por que uns são felizes e outros não? Por que pregamos tanto a paz e só fazemos guerra? Por que as pessoas se procuram, se buscam? Por que não são capazes de viverem sós? Tem a vida um sentido?

Todas essas perguntas que fazemos têm uma resposta, pois a vida é feita de perguntas e respostas. É na medida em que vou respondendo estas perguntas que me torno mais consciente de minha responsabilidade no mundo. Mas, para encontrar essas respostas, é necessário um esforço pessoal. Uma reflexão dos acontecimentos de nossas vidas; da conversa construtiva; da boa leitura. Morrer sem responder a essas perguntas é morrer irrealizado. É ter caminhado fora da vida. Enquanto que responder as perguntas é alcançar a realização pessoal, é caminhar para a perfeição.

Assim fizeram Francisco e Clara de Assis. Com eles, aprendemos a parar e refletir sobre nós mesmos, aprendemos também a ser humildes e simples diante da vida. Homem e Mulher simples e livres, que tornaram a humanidade diferente e muitos hoje tentam seguir seu caminho.

Conheça-se a si mesmo

Em nós encontraremos as respostas. Devemos procurar nos conhecer sempre e cada vez melhor.

Quando nós nascemos, recebemos toda marca do mundo em que vivemos, do pai, da mãe, dos irmãos, das relações com os amigos e com tudo que nos cerca. Do amor, do carinho, da tristeza, da alegria, do equilíbrio, do desequilíbrio, da agressão, da repressão, de tudo que é bom e de tudo que é ruim. De tudo que é negativo e positivo também. Não somos somente "eu". Somos o mundo que nos rodeia.

A família impõe-nos um mundo de valores, costumes e conceitos. Um mundo que é mistura de bem e de mal, de verdades e mentiras. É nessa mistura que formamos o nosso corpo e nossa mente, nossas emoções e nossa vida.

Eu sou o mundo onde nasci. Como vou reagir diante deste mundo?

Diante deste mundo, posso dizer sim e posso dizer não ao meu passado. Chegou o momento de escolher. É o momento de pensar com a minha própria cabeça, sem esperar que os outros pensem por mim. Carrego em mim uma bagagem com coisas positivas e negativas e posso decidir sobre elas.

Viver é programar-se. Programar a vida é responder as perguntas: O que desejo de minha vida? Como realizarei o meu desejo? Para que realizarei o meu desejo? Como posso programar o meu desejo mais profundo e ser feliz?

O desejo do coração

O nosso coração quer ser amado. Fomos criados para viver em comunhão. Viver esta palavra em todos os sentidos e satisfazer o desejo do nosso coração. Comunhão comigo mesmo, com o Universo, com os outros e com Deus.

Comunhão comigo mesmo: eu me gosto como sou. Gostar-me é aceitar-me. A comunhão comigo mesmo é o ponto de partida para todas as outras comunhões.

Viver em comunhão comigo mesmo é eliminar toda revolta, agressão pessoal, lamentação, insatisfação e toda mágoa com o passado.

Quando estou em briga comigo mesmo, projeto esta briga em todo o meu redor. Quando não me aceito, não aceito os outros nem o mundo. É necessário dialogar com o meu próprio Eu e enfrentar toda minha realidade pessoal. Só o diálogo faz com que todas as coisas em mim tornem-se amigas e companheiras.

O ser humano é relação

Temos que ter a consciência de que, acima de tudo, somos seres de relação, não estamos sós, não vivemos sós, precisamos uns dos outros para viver, para ser feliz. Ninguém é feliz sozinho, sentimos necessidade de partilhar a vida, ou seja, de manter relações. Apenas assim nos sentiremos realizados. Do contrário, estaremos vazios e na busca incessante de algo que nos complete. Somos parte de um todo e é nesse todo que nos realizamos.

O maior anseio do ser humano é comunicar-se, conviver e partilhar a vida, os dons e os bens. Este último é o mais difícil, porque vivemos numa sociedade de valores egoístas e individualistas, onde o ter tornou-se mais importante do que o ser.

Para o ser humano chegar à plenitude, precisa trabalhar quatro modelos principais: Deus, eu mesmo, o próximo e as criaturas. Como seria trabalhar o modelo Deus? Deus é Deus, ele não depende de mim. Já que eu existo, como encontro Deus? Uma criança não tem idéia de Deus, às vezes crescemos e não temos idéia de Deus. O caminho é relacionar o "eu" com "Deus" e vice-versa. Quem é Deus para mim? Quem sou eu para Deus? Ele sabe que eu existo? Pensa em mim? Qual o meu significado para Deus? Quanto mais perguntar, mais me encontro com Deus e, cada vez mais, teremos a consciência de que Deus está dentro de cada um.

O centro de tudo é o "eu mesmo". Tem gente que tem medo de descobrir o Eu interior. O princípio da sabedoria é: conhece-se a ti mesmo. Tem gente que diz: eu sou orgulhoso. Significa que não conhece a si mesmo. A humildade não é negar os próprios valores, é conhecer a si mesmo. Quanto mais eu conheço o meu eu, mais ele vai melhorar. Para São Boaventura, o descobrir o eu mesmo é descobrir o próprio Deus.

O próximo são todas as outras pessoas que estão no mundo. Cada um de nós é sempre original, é sempre novo. É importante a relação do "eu" com o próximo. É preciso que cultivemo-

nos interiormente para deixar o outro crescer. Muitas vezes, colocamos barreiras e não deixamos o outro crescer. Temos que deixar a porta da experiência aberta, a possibilidade de se abrir é que faz a plenitude da pessoa.

Quem são as criaturas para mim? Quem sou eu para as criaturas? Muitos acham que tudo é seu: o que eu puder, pego para mim. Faço o que quero, eu sou o dono das criaturas. A solidariedade lembra que somos companheiros das criaturas. Francisco e Clara viveram de tal forma com as criaturas que pareciam ter voltado à inocência primitiva. Cabe a nós, jovens franciscanos, fazer acontecer este mundo de igualdade e fraternidade com todo o universo.

3. A ESPIRITUALIDADE FRANCISCLARIANA

A palavra Espírito vem do latim *spiritum*, que significa sopro, vento, energia, impulso vital. Espírito, em seu sentido originário, não é uma parte do ser humano diferente do corpo, mas sim uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade. Espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Ela apresenta um lado **EXTERIOR** que é o conjunto de relações que se dirigem ao encontro, como homem e mulher, a sociedade e a natureza, produzindo solidariedade, respeito às diferenças, reciprocidade a partir dos outros. Possui também um lado **INTERIOR** que se realiza como diálogo com o eu profundo, com o mistério que nos habita e que chamamos Deus, mediante a contemplação, a interiorização e a busca do próprio coração. A espiritualidade une os dois lados num processo dinâmico, no qual vai construindo-se a integridade da pessoa e sua integração com tudo que a cerca.

"A espiritualidade franciscana é uma espiritualidade de encanto, de admiração, de apaixonamento, de sensibilidade, de percepção. São características que vão determinando essa espiritualidade tão fontal (que dá origem), tão rica, que há mais de oitocentos anos reúne uma família que respira o mesmo espírito.

Francisco, mais do que um personagem medieval, mais do que um santo cristão e católico, mais do que filho de Pietro Bernadone, é um momento dentro de nós. Ele é a expressão cristalina de todas as virtudes que nós sonhamos. O mundo precisa de Francisco. Precisa de Francisco porque ele mostrou para nós que é possível estar na vida sem passar desatento por ela; que é possível estar no reencantamento de todas as criaturas e de todas as pessoas.

Francisco é a presença de louvação, do êxtase, da gratidão, da gratuidade. Tem olhos abertos para ver que, se existe esse mundo de criaturas, é preciso haver o Cântico das Criaturas. E por isso criou uma espiritualidade frontal, próxima, caseira. A espiritualidade de Francisco é como um pão caseiro: nós colocamos a mão na massa e vamos moldando e trabalhando até encontrar o sabor que tem de ser saboreado. Ela não é uma coisa complicada. É alegria de estar juntos, o prazer de se conviver, de se encontrar, de se relacionar.

É preciso ver e admirar a bondade presente em todas as coisas. A vertente da bondade, do acolhimento, da simpatia, da alegria, mostra a dignidade e a beleza do humano e de todas as coisas.

Então a espiritualidade de Francisco é a espiritualidade da convivência, do relacionamento. É não passar de um modo distraído pela vida ." (Frei Vitório Mazzuco, do texto Reencantar a Vida).

O Caminho da contemplação de Francisco e Clara de Assis

Mestres na oração e contemplação, Francisco e Clara nunca perderam a oportunidade de ensinar seus irmãos a contemplar. Todo o caminho percorrido para chegar à contemplação passa pelo olhar e pensar**.** São as famosas três vias resumidas em ***olhe, considere, contemple***.

É pelos olhos que eles abrem as portas para que as imagens vivas do Mistério Criador presente na natureza e nas pessoas saiam de sua interioridade. É pelo **olhar** das coisas criadas que eles percebem a presença de Deus em tudo.

Quando nós pensamos, refletimos e consideramos a criação, é que percebemos a importância de cada coisa que existe e a necessidade de preservação e de viver em harmonia com todo o Universo, pois somos um todo orgânico, que depende um do outro para viver. E só quando conseguimos olhar bem e entrar nessa harmonia que é **considerar**, é que podemos chegar a **contemplar** e amar a criação, pois seremos iguais a Francisco e Clara: todos irmãos de tudo. Numa completa harmonia e respeito às diferenças.

Devemos fazer essa experiência de **olhar, considerar e contemplar** diariamente, como um exercício de conversão na nossa vida.

4. IDEAL FRANCISCANO DE VIDA

Cremos que, quando alguém realmente resolve mudar, aceita uma dinâmica de verdadeira transformação, de conversão segundo o Evangelho.

Para você começar a mudar, iniciando sua dinâmica **PESSOAL, GRUPAL** e **SOCIAL**, nós apresentamos o IDEAL FRANCISCANO DE VIDA, como dizia Francisco, **a regra de vida**. A Formação Básica da JUFRA está toda aqui: se você viver o que agora apresentamos, você é franciscano. Mas se você não tentar viver isso, será perda de tempo.

O IDEAL FRANCISCANO DE VIDA será apresentado em cinco temas: amar até o fim, amar primeiro, fazer bem feito tudo o que for feito, fazer poucas coisas e constrói devagar o teu segredo.

AMAR ATÉ O FIM: São Francisco deu-nos o exemplo quando disse: “se a mãe ama e nutre o filho segundo a carne, quanto mais cada um de nós devemos amar e nutrir o nosso irmão”.

Cada um de nós tem a idéia e a experiência do que significa o amor de uma mãe. Ele é terno, delicado, cuidadoso e responsável. É o amor que sabe dar carinho e sabe das nossas necessidades, é o amor que sabe dizer a palavra certa no momento certo, que ama o filho mesmo quando esse, por infelicidade, torna-se ingrato, que compreende tudo e tudo perdoa no filho. Amar até o fim o outro, é assumir esse amor de mãe e vivê-lo em todos os lugares. É fazer pelo outro aquilo que você gostaria que o outro fizesse por você. E só colocamos em prática esse amor se a cada atitude nossa, a gente refletir se é para o bem ou para o mal do nosso irmão, ou do Universo.

AMAR PRIMEIRO: É nunca esperar que os outros tomem a iniciativa. É sempre tentar fazer alguma coisa, mesmo quando não é acolhido, é bom abrir-se quando todos andam fechados; é usar a alegria, o otimismo, o bom-humor, é ser carinhoso, atencioso quando os outros não o fazem. É também colaborar quando ninguém colabora, é assumir quando os outros omitem-se. É ir em frente, mesmo quando não se tem apoio. Está é a filosofia de Francisco e Clara.

FAZER BEM FEITO TUDO O QUE FOR FEITO: É tentar fazer com perfeição qualquer coisa que seja necessário fazer, mesmo que sejam as coisas do dia-a-dia, como as tarefas

de casa, da fraternidade etc. É fazer com bom-gosto, atenção e cuidado. É fazer também com amor, que você chega à perfeição. E para o FRANCISCANO é necessário fazer com muita alegria. Francisco e Clara descobriram a alegria do sofrimento, e tudo era feito com alegria, principalmente as coisas que, para nós, são uns fardos pesados. Assim, devemos nós seguir-lhes o exemplo e fazer bem feito tudo o que for feito, com AMOR, PERFEIÇÃO e ALEGRIA.

FAZER POUCAS COISAS: O franciscano abraça uma vida simples e pobre, que consiste em viver preocupado com poucas coisas, o mínimo possível, só o necessário. Essa norma pede que você elimine de sua vida o que não é necessário. E lute contra a avareza, a cobiça e os desejos vãos. Nós devemos nos preocupar em fazer e ter somente o necessário para a nossa vida.

CONSTRÓI DEVAGAR O TEU SEGREDO: É aprender a viver e agir com calma, tranquilidade, doçura, em ritmo sereno. Cada ação deve ser saboreada, interiorizada, realizada em paz. A ação não deve tirar a paz contemplativa que o homem e a mulher conquistam quando abraçam a pobreza. Cada ação que fazemos é portadora de uma mensagem profunda, um segredo íntimo que construímos. Precisamos realizá-la em paz, na calma, no silêncio, no domínio sobre nós mesmos.

Ao assumir esta proposta de vida para tentar vivê-la no dia-a-dia, o mais importante é tentar sempre. É começar sempre de novo, como ensina Francisco, e mesmo nas dificuldades que vão surgir, é preciso tentar e tentar sempre. Só assim você poderá realizar na sua vida esse ideal, como Francisco e Clara.

5. DINÂMICA DE REUNIÃO PARA AS FRATERNIDAES

A JUFRA é um movimento de vivencia cristão, destinada a jovens, que por índole e carisma se comprometem ao ideal vida, inspirado na espiritualidade franciscana. A JUFRA é organizada em fraternidades de vários níveis que, entre outras coisas, precisa saber reunir-se e, em reunião, precisa saber conduzir um assunto de maneira ordenada, proveitosa, eficiente e racional.

Para a condução organizada de uma reunião da fraternidade, é necessário que os jovens saibam ouvir quando alguém fala, para que possam entender o que está sendo falado e poder dar a sua opinião de forma a ajudar na condução ou resolução do assunto. É necessário também o uso de lideranças de reunião. As principais lideranças são: animador, explicitador, secretário, espiritualizador, recepcionista e cronometrista.

Animador

A fraternidade precisa, antes de tudo, de alguém que lhe preste o serviço de condução da reunião, iniciando, encerrando, organizando, disciplinando, propondo, estimulando, anunciando objetivos, fazendo questionamentos, passando a palavra a quem solicitar, buscando soluções para os impasses de maneira racional, coerente e sem perder muito tempo em discussões que não levam a nada. Uma fraternidade sem animador fica patinando no mesmo lugar, não evolui e as emoções tomam conta dos raciocínios. O bom animador leva a fraternidade a trabalhar em conjunto. O mal animador faz tudo sozinho e toma conta da reunião, só ele sabe, só ele decide.

Explicitador

O explicitador é alguém convidado para falar sobre determinado assunto. É alguém que tem algo a ensinar. Pode ser qualquer pessoa que é conhecedora de um determinado assunto e vem, convidado pela fraternidade, para fazer uma troca de experiências, pregar algum retiro, dar palestras ou treinamentos.

Secretário

É alguém que durante a reunião ou explicitação faz todas as anotações necessárias para ficar registrado em ata. É muito importante anotar tudo o que foi discutido ou apresentado na reunião, pois se forma assim um registro. É a história da fraternidade que é preservada para toda a vida.

Espiritualizador

É alguém que presta o serviço de criar um clima de oração. Aquele que convoca a fraternidade ao encontro com Deus através da música, da oração espontânea, da meditação da Palavra e prepara as celebrações da reunião. Sempre num clima de muita partilha.

Recepcionista

É alguém que prepara o local da reunião. Providencia para que o local seja acolhedor, agradável, harmonioso, limpo e bem arrumado. Acolhe os participantes, dando-lhes as boas-vindas e deixando todos à vontade. Está sempre à disposição dos irmãos (ãs) para servi-los no que precisar. Faz a apresentação dos novos participantes e visitantes. Fica sempre atento ao animador para resolver problemas de urgência. Está sempre alegre e chega sempre antes de todos.

Cronometrista

É alguém que cuida do tempo, do horário de toda a reunião. Negocia o tempo de cada assunto, advertindo discretamente que o tempo já se esgotou. Esta liderança é importante para que a reunião não se prolongue muito, tornando-se cansativa.

Organograma de funcionamento das Subsecretarias

Secretário Fraterno

É o animador geral da fraternidade. Suas funções são basicamente essas: reunir-se com o seu secretariado para elaborar planos, revisar condutas, discutir propostas com a fraternidade, manter sempre o Assistente Espiritual e o Animador(a) Fraterno(a), informados sobre a fraternidade, dialogar com cada irmão, ouvir, receber queixas, reivindicações, estar atento aos problemas de cada um, acalentar, animar, consolar, entusiasmar. O secretário deve conhecer a cada irmão da fraternidade, isto é, precisa se aproximar profundamente de cada irmão, com espírito de bondade, humildade, compreensão, carinho, respeito e atenção.

Subsecretaria de Formação

É a subsecretaria encarregada da formação do jufrista. Sua função é desafiar a fraternidade para o aprofundamento de estudos básicos que contribuam para sua formação integral. Convoca para cursos e treinamentos, promove momentos especiais de reflexão, fornecendo-lhes as fontes necessárias. Levando sempre em consideração o zelo pelo cumprimento das Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil. O subsecretário de formação deve sempre quando oportuno participar de encontros de formação, cursos, obtendo assim maior embasamento para melhor desenvolver seu serviço.

Subsecretaria da Infância, Micro e Mini-Franciscanos

É a subsecretaria encarregada de assessorar as fraternidades da Infância, Micro e Mini Franciscanos no que se refere à formação, organização, inserção, lazer, atividades diversas. Levando em consideração o cumprimento das Diretrizes de Formação para da Infância, Micro e Mini Franciscanos do Brasil. É a subsecretaria encarregada de criar intercâmbio entre as fraternidades da Infância, Micro e Mini Franciscanos da região ou do Brasil.

Subsecretaria de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação

É a subsecretaria responsável pela luta do direito e respeito à vida. Sua função é estimular e propiciar condições aos jufristas, sobretudo nas fraternidades locais, para que sejam uma presença ativa no mundo, colaborando para a construção de uma sociedade justa e fraterna; promover o apoio a manifestações de defesa do meio ambiente e preservação de todas as formas de vida, buscando informações, promovendo campanhas de conscientização, debates e conferências com autoridades, grupos e pessoas comprometidas e atuantes nessa área. Forma para a cidadania, o apostolado do leigo na Igreja e no mundo.

Subsecretaria de Ação Evangelizadora

É a subsecretaria que deve proporcionar à fraternidade, conhecimento e aprofundamento na vivência litúrgica e do jovem na Igreja. Sua função é dar subsídios e orientações na preparação e execução de celebrações litúrgicas, círculos bíblicos, promovendo o engajamento da fraternidade nas equipes paroquiais de celebrações litúrgicas, e ainda na participação efetiva na vida litúrgica da comunidade.

Subsecretaria de Comunicação Social

É a subsecretaria que estimula e desenvolve a comunicação, o intercâmbio e o relacionamento entre fraternidades distritais, regionais e nacional e entre a Ordem Franciscana Secular-OFS, a Família Franciscana do Brasil - FFB, a Igreja e demais organismos e/ou entidades. Sua função é divulgar a fraternidade, sua vida, experiência, acontecimentos. É sempre um elo de ligação entre fraternidade distrital, regional e nacional. Esse subsecretário deve dar conhecimento ao Secretariado Fraterno, dos diversos níveis da Jufra, das correspondências e e-mails recebidos e, quando autorizado, responder oficialmente aos mesmos. E ainda, é responsável pela administração dos arquivos, livros de escrituração, pastas, documentos, fichários, atas, registros diversos e arquivamento da correspondência. Para que a história da fraternidade ou do Secretariado fique registrada.

Subsecretaria de Finanças

É a função que deve encontrar formas de suprir as necessidades financeiras da fraternidade ou do Secretariado. Deve ser um subsecretário(a) responsável e competente, criativo e suficiente para encontrar meios adequados de arrecadar recursos. É responsável por toda contabilidade da fraternidade.

6. CRISES NA FRATERNIDADE

Na fraternidade, é normal que às vezes surjam tensões, discussões entre os irmãos. O grande sinal de integração fraterna está na capacidade da fraternidade superar a crise da melhor forma possível. Aproveitando inclusive, das mesmas para crescer mais ainda. Na fraternidade, as crises podem surgir por vários problemas, mas cada fraternidade deve procurar identificar e resolvê-las, com diálogo e respeito uns com os outros. Citaremos apenas algumas:

Panelismo

É o perigo que ameaça a fraternidade diante de outros grupos, ou perante novos jovens que desejam entrar na fraternidade. O panelismo destrói profundamente o senso de Igreja, de diversidade de carismas. Quanto mais o grupo é antigo em sua formação emocional e mental, tanto mais se opõe e cria rivalidades diante de outros grupos ou pessoas, e não acolhe bem os novos jovens que desejam entrar na fraternidade. Os jufristas devem ser formados para a alegria de ceder lugar aos outros. Essa abertura em ceder o lugar ao outro, deve vir cheia de disponibilidade, amor, delicadeza e respeito. Os novos que chegam são como o pulmão sadio que respira ar novo e enche de vitalidade. Entendam os jufristas que esta abertura para os outros grupos ou pessoas, esse criar um clima em que todos sintam-se bem em contato com a gente, é uma exigência séria do fraternismo franciscano.

Caciquismo

Acontece quando os líderes ou quaisquer outros membros da fraternidade passam por cima das normas que regem a fraternidade, isto é, quando os subsecretários decidem programar algo sem dialogar previamente com o secretário fraterno e o conselho da fraternidade. Quando os secretários ou subsecretários não explicam claramente para a fraternidade os projetos que pretendem executar, não deixando o grupo questionar e dar opiniões sobre as propostas, e não colocam em votação para que ao menos a metade mais um dos membros aprovem. O ideal é conseguir o consenso de todos. O caciquismo pode ter como causa também a omissão dos membros da fraternidade em assumir suas tarefas, ficando assim tudo nas mãos de uma só pessoa.

Machismo

É o comportamento dos rapazes em relação às moças. Na JUFRA, ambos os sexos precisam aprender a caminhar num clima de grande respeito, pureza de sentimentos, pensamentos e atitudes. Devem aprender a cultivar amizades e afetividades. São irmãos e irmãs que abrem, uns para os outros, os caminhos do amor fraterno. Isto é o que dá força à fraternidade. Mas, quando acontece o contrário, isso se torna motivo de crise e impasse sério.

Fofoquismo

A fofoca é a arma dos fracos. Aquele que nada faz na vida, precisa se compensar desta frustração destruindo o que os outros fazem. As coisas, então, são levadas de boca em boca, com a finalidade de diminuir, destruir, desmoralizar o outro. É o veneno da vida de uma fraternidade. Combatemos o fofoquismo aprendendo a falar das coisas pela frente, face a face, com as pessoas que não gostam de participar de revisões de vida.

Namorismo

Problemas de namorados. Na JUFRA, à medida que os jovens forem se conhecendo, deixam de ser namorados e passam a ser irmãos e irmãs. Não podemos admitir na JUFRA o namorado que proíbe a sua namorada de relacionar-se com todos, dançar e conversar ou vice-versa. Também é muita imaturidade dos namorados que, nas reuniões, não se largam nunca, estão sempre perto um do outro, abraçados. Aconselhamos que antes de namorar, cuidem do coração e procurem cultivar amizades profundas. Essa reserva do coração nos jovens, embora custe sacrifício, tem grande importância na preparação para o matrimônio. É o sacrifício dos corações com grande capacidade de amar.

Comodismo

Inúmeras fraternidades entram em crise, por conta do comodismo ou da preguiça de alguns irmãos que não levam a sério o compromisso assumido. Deixando de participar das reuniões e dos encontros promovidos pela fraternidade, muitas vezes por motivos banais. Com isso, aos poucos a fraternidade vai se enfraquecendo, dando espaço para o desânimo, o ócio, etc. É necessário ter consciência na hora da decisão de se comprometer com o ideal franciscano. Todos são livres ao tomar esta decisão.

7. DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES JUFRA/OFS DO BRASIL – DMR

O Diretório das Mútuas Relações entre a JUFRA – Juventude Franciscana e a OFS – Ordem Franciscana Secular do Brasil, é um documento que oferece aos jufristas e aos irmãos da OFS as orientações necessárias para que sejam concretizados nas fraternidades de todos os níveis, local, regional e nacional, o mútuo relacionamento e cooperação.

O Diretório apresenta, os Documentos referentes ao recíproco relacionamento entre a OFS e a JUFRA para serem conhecidos, aplicadas as constatações deles tiradas, e as normas concretas para serem seguidas. E ainda explica vários pontos da caminhada formativa da OFS e da JUFRA, sobretudo em relação à aceitação e reconhecimento das etapas de formação da JUFRA, que diz: A OFS aceita como válido para o Tempo de Iniciação, a Formação Básica da JUFRA (FBJ). A OFS aceita como Tempo de Formação para admissão à Profissão a Etapa de Formação Franciscana (EFF).

De acordo com as constatações a partir dos documentos, o Diretório esclarece ainda: que a OFS tem como compromisso a Profissão da Regra. A JUFRA vincula-se à Regra como fonte de inspiração de vida cristã e franciscana. O jufrista pode emitir a Profissão da Regra da OFS, observando o que prescreve a Regra, as Constituições Gerais e o Ritual da OFS.

E que a JUFRA goza de organização própria, especifica e métodos de formação adequados à necessidade do mundo juvenil e de sua pedagogia. E é reconhecida como integrante da Família Franciscana. Tem, por isso, assistência espiritual, por parte da Ordem I e da TOR, e animação fraterna por parte da OFS.

O item III do Diretório estabelece: para que a caminhada da JUFRA com a OFS progrida sempre mais, as Fraternidades locais criarão espaço para os jovens, no acolhimento, na dinâmica das reuniões e garantindo-lhes tarefas concretas dentro da Fraternidade. Os membros das Fraternidades sejam conscientizados no sentido de que a Fraternidade pode ser organizada de diversas formas, inclusive em grupos, para melhor cultivar a vida fraterna (cf. Regra da OFS 21). Os jovens, por sua vez, sejam incentivados a acolherem os mais velhos e a se colocarem a serviço dos enfermos e idosos, no espírito de São Francisco e do Evangelho.

Os Secretariados Fraternos da JUFRA, em todos os níveis, solicitem aos Conselhos da OFS dos respectivos níveis, a designação de um irmão(ã) professo(a) para exercer o serviço de animação fraterna. Este irmão(ã) seja o elo entre a Fraternidade de OFS e a JUFRA;

A OFS acolhe com alegria e esperança a Juventude Franciscana (JUFRA) e se compromete a caminhar com os jovens franciscanos, acompanhando-os com o testemunho de uma vocação vivida com alegria e a ajudá-los em sua formação;

Ambas, a OFS e a JUFRA, comprometem-se a aceitar-se mutuamente; a trabalhar unidas através do intercâmbio de experiências e iniciativas, e a dar uma demonstração de amor e de fraternidade aos nossos povos.

Este documento obteve a sua atualização aprovada pelo XII CONJUFRA em Curitiba/PR, aos 21.02.2004. E foi confirmado sua aprovação com as alterações cabíveis, pelo XXIX Capítulo Nacional Ordinário da OFS, que aconteceu em São Paulo/SP, aos 04.03.2005.

8. DIRETRIZES DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

As Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil, foram aprovadas no IX Congresso Nacional da JUFRA realizado em São Cristóvão/SE em 1995. Lá constam as orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do(da) jufrista e, através dessas etapas o objetivo principal é levar o jufrista a um aprofundamento e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como a um discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

Dentre os objetivos específicos as Diretrizes de Formação pretendem: Levar o (a) jufrista a um compromisso de vida evangélica em fraternidade, segundo o carisma franciscano, criando condições para a profissão na OFS; Aprofundar a dimensão sociopolítico econômica, religiosa e cultural, capacitando o(a) jufrista a adquirir uma visão crítica da realidade e reconhecer-se como sujeito de transformação dessa realidade, tendo como referencial o Evangelho de Jesus Cristo; Conscientizar o(a) jufrista da necessidade de sua inserção no mundo, através da participação ativa, individual e coletiva na sociedade e comprometer o(a) jufrista com o processo de renovação da OFS, etc.

A JUFRA do Brasil tem atualmente em suas Diretrizes as seguintes ETAPAS: Etapa de Formação para Iniciantes, aprovadas no XII Congresso Nacional da JUFRA, em 2004; e desde 1995 a Formação Básica da Jufra–FBJ, Etapa de Formação Franciscana – EFF e Formação do Jufrista Professo.

1. Etapa de Formação para Iniciantes

É um período formativo inicial que visa preparar o(a) jovem iniciante na Fraternidade de JUFRA ou uma Fraternidade Iniciante de JUFRA, para o Encontro Inicial da Formação Básica – FBJ. Tem por objetivos levar o jovem iniciante a conhecer a JUFRA e a sua organização; a Espiritualidade Franciscana e a vida em fraternidade, criando condições para que possa despertar sua vocação para o ingresso na Fraternidade de JUFRA, através do Encontro Inicial da Formação Básica.

2. Formação Básica Da Jufra – FBJ

É um período formativo que visa preparar o(a) jovem para assumir seu futuro compromisso de jufrista diante de Deus e da comunidade, inspirado na Regra da OFS. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo. Tem por objetivos despertar o(a) jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

3. Etapa de Formação Franciscana – EFF

É um período de adequada e intensa formação franciscana que visa levar o(a) jufrista a um conhecimento mais profundo e a uma vivência concreta de vida franciscana secular. Inicia-se com um Encontro de caráter formativo. Tem por objetivos levar o(a) jufrista a participar da vida de fraternidade e a interiorizar a espiritualidade franciscana, estimulando-o(a) a professar numa fraternidade de OFS como realização de sua vocação.

4. Formação do Jufrista Professo

É um período formativo que se inicia com a profissão temporária da Regra da OFS, visando manter o (a) jufrista num processo de renovação franciscana constante, preparando-o(a) para a profissão definitiva. Tem por objetivos levar o(a) jufrista a um compromisso maior com o Carisma Franciscano, possibilitando a Profissão definitiva na OFS; manter o(a) jufrista professo(a) na OFS num processo formativo constante; promover o progressivo desligamento do(a) jufrista professo(a) do âmbito e da liderança da JUFRA e promover a progressiva inserção fraterna do(a) jufrista no âmbito do grupo de irmãos(ãs) professos(as) na fraternidade de OFS (CCGG 34; 97, 2; DMR III, 7).

Compete ao Secretariado Fraterno Regional a preparação e execução do Encontro Inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação. No caso de não haver um Regional estruturado, cabe a Subsecretaria de Área, com a colaboração do Regional da OFS, a preparação e execução do Encontro Inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

9. COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA

O compromisso francisclariano de vida é uma proposta feita àqueles que acreditam na importância de se comprometer com um ideal de vida. Não o fazemos àqueles que não acreditam nessa importância.

O compromisso francisclariano de vida ou profissão francisclariana consiste em três pontos essenciais: viver o evangelho de Jesus Cristo, viver em fraternidade, viver na prática o ideal francisclariano de vida. Ele inspira sua vida cristã na Regra da OFS.

Viver o Evangelho

Viver o Evangelho à maneira de Francisco e Clara é amar mais do que ser amado; compreender mais do que ser compreendido; acolher mais do que ser acolhido; consolar mais do que ser consolado; colaborar mais que esperar que os outros colaborem; levar amor onde há ódio; levar alegria onde há tristeza; pois é dando que se recebe; é perdoando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna! A maneira francisclariana de ler o Evangelho lança o homem ao encontro de Deus, na adesão ao Cristo do presépio e do Calvário, o Cristo da vida pública e da solidão do sacrário.

Viver em Fraternidade

É a principal marca do franciscano. O franciscanismo nasce como fraternidade. E a fraternidade para o franciscano é o objetivo primeiro. É o nosso primeiro ideal.

Viver na prática o ideal franciscano de vida

É resumido em:

- ✓ **Amar até o fim!** Fazer pelo outro aquilo que sua mãe faria por você.
- ✓ **Amar primeiro!** É não esperar que os outros venham ao seu encontro. É você ir ao encontro do outro primeiro.
- ✓ **Fazer bem feito!** Isto é, com perfeição, com amor e com alegria.
- ✓ **Constrói devagar o teu segredo!** É viver a vida saboreando todos os momentos, sem pressa e com muita paz.
- ✓ **Fazer poucas coisas!** É não querer abraçar o mundo de uma só vez. É ter poucas coisas, o necessário para se viver.

10. ROTEIRO PARA ELEIÇÃO DO SECRETARIADO FRATERNO LOCAL

O Secretário Fraterno e os demais membros do Secretariado são eleitos pelos irmãos da fraternidade, no Encontro Inicial da Formação Básica, quando o prazo de seu serviço estiver expirado, ou o atual pedir demissão. A eleição é feita preferencialmente por voto secreto, exigindo-se, para tanto, em primeiro ou segundo escrutínio, que o eleito alcance pelo menos a maioria absoluta dos votos (metade mais um). Não conseguindo maioria absoluta em primeiro ou segundo escrutínio, faz-se um terceiro, em que será considerado eleito aquele que conseguir maioria relativa ou simples.

O processo de eleição acontece da seguinte forma:

1) O dirigente faz um pequeno comentário sobre a importância da eleição, do seu significado, de cada serviço e da responsabilidade de votar nas pessoas certas para o serviço certo.

2) Escolhe dois irmãos da fraternidade para escrutinadores.

3) Solicita que os escrutinadores contem o número de votantes. Depois de contado, pede para que ninguém se ausente da sala sem comunicar.

4) O dirigente pede que os irmãos indiquem alguns nomes de candidatos ao serviço de Secretário Fraterno.

5) Indicados os candidatos, pergunta-se aos mesmos se eles aceitam o serviço se forem eleitos. Em seguida, passa-se ao processo de votação secreta e apuração dos votos.

6) Anuncia-se o resultado, declarando o eleito e quantos votos.

7) Segue o mesmo processo (a partir do item 4) para todos os outros serviços necessários do Secretariado Fraterno Local, até o final da eleição.

11. RITUAL PARA CELEBRAÇÃO DO COMPROMISSO DO JUFRISTA

MISSA

1. O Rito, que se descreve realiza-se dentro da missa, de acordo com a liturgia do dia.

2. Preparem-se todas as coisas necessárias para a Celebração Eucarística e para o Rito do Compromisso do Jufrista.

3. Reunido o povo e a Comunidade dos irmãos e irmãs, e tudo devidamente preparado, far-se-á entrada em solene procissão. Durante a procissão de entrada entoa-se um canto apropriado. Começa então a Missa, como de costume.

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

T. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

4. Depois da saudação do celebrante, um irmão da OFS, JUFRA ou o próprio Sacerdote faz uma exortação por estas palavras ou outras semelhantes:

Reunimo-nos em Fraternidade para participar do Sacrifício Eucarístico. Nesta celebração, vão fazer o Compromisso de Jufrista a vida evangélica, na Juventude Franciscana, os irmãos e irmãs (mencionar os nomes)

Na ação de graças a ser elevada hoje ao Pai, por Cristo, temos este novo motivo de gratidão:

O dom que Ele concede a estes jovens, chamando-os a viver, no meio do mundo, o espírito das bem-aventuranças, e o dom que ele nos faz, enriquecendo a Fraternidade com novos membros. Chamados a seguir a Cristo,que se ofereceu ao Pai como hóstia viva para a vida do mundo, Somos instantemente convidados, e hoje de um modo especial, A unir a nossa oferta à oblação de Cristo.

5. A Missa segue como de costume. Porém, o Ato penitencial pode realizar-se com maior amplitude. Pode-se fazer utilizando alguma simbologia.

6. Canto de louvor.

7. Liturgia Da Palavra

Na Liturgia da Palavra, tudo se faz como habitualmente, exceto:

a) A primeira leitura pode ser tomada da Missa do dia.

b) O Salmo pode ser cantado ou rezado.

c) O Evangelho pode ser tomado da missa do dia ou Marcos 1, 14-20, que fala da vocação dos primeiros apóstolos.

d) O padre faz a homilia e ao final inicia-se o Rito de Compromisso do Jufrista.

8. Rito de Compromisso do Jufrista

O Ministro da OFS, ou seu representante, pede que os jovens aspirantes, um por um, se apresentem, dizendo o seu nome:

Ministro/Representante: Apresentem-se os jovens que desejam realizar o Compromisso de Jufrista.

Jufristas: Eu, N. N., desejo viver na JUFRA, o Evangelho de Jesus Cristo e o Ideal Franciscano de Vida.

Em seguida, o Sacerdote abençoa os Taus e entrega a cada Jufrista.

Sacerdote: Recebe este sinal e que ele te indique o caminho que levou São Francisco de Assis a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em seguida, um dos Jufristas anuncia o compromisso assumido pela fraternidade.

Jufristas: Com a graça de Deus, hoje diante dos irmãos, quero me comprometer em seguir Jesus Cristo, a exemplo do Seráfico Pai São Francisco. Amém.

Em seguida, o Sacerdote entrega também o Evangelho a cada um dos irmãos jufristas.

Sacerdote: Recebe o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e que ele seja a Luz verdadeira que ilumine sua vida. Amém.

Jufristas: (Estendendo a mão direita sobre a Bíblia) Com a graça de Deus e com a benção dos Bem-aventurados São Francisco e Santa Clara de Assis, com a ajuda dos irmãos de Fraternidade, quero ouvir, meditar e seguir o Santo Evangelho todos os dias de minha vida jufrista. Amém.

Ministro/Representante: Sejam bem vindos entre nós. Eu os confio à orientação de um Formador que coordenará seus encontros fraternos de estudo e oração.

Pode-se saudar a cada um. Durante a saudação, pode-se cantar um canto de Fraternidade ou a Oração de São Francisco.

Segue a Missa como de costume até o final.

9. Profissão de Fé.

10. Oração dos Fiéis.

11. Liturgia Eucarística

12. Ritos Finais.

Pode ser feita a Bênção de São Francisco:

O Senhor nos abençoe e nos guarde. Amém!
Nos mostre a sua face e tenha compaixão de nós. Amém!
Volte para nós o seu rosto e nos dê a paz. Amém!

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

Ao final do Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA, não havendo a possibilidade de realizar uma celebração eucarística para o compromisso do Jufrista, convém que se faça uma Celebração da Palavra. O Presidente da Celebração, se puder ser o Padre Assistente, seja, de preferência, o (a) Ministro (a) da Fraternidade de OFS ou seu representante.

Preparem-se todas as coisas necessárias para a Celebração da Palavra e para o Rito do Compromisso do Jufrista.

Reunido o povo e a Comunidade dos irmãos e irmãs, e tudo devidamente preparado, far-se-á entrada em solene procissão. Durante a procissão de entrada entoa-se um canto apropriado.

Esta celebração poderá seguir o seguinte esquema

1. O Presidente:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam conosco.

T. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

2. Depois da saudação do Presidente, um irmão da OFS, JUFRA ou o próprio Presidente faz uma exortação por estas palavras ou outras semelhantes:

Reunimo-nos em Fraternidade para participar da Celebração da Palavra. Nesta celebração, vão fazer o Compromisso de Jufrista à vida evangélica, na Juventude Franciscana, os irmãos e irmãs (mencionar os nomes):

Nessa celebração queremos dar graças a Deus pelo dom que Ele concede a estes jovens, chamando-os a viver, no meio do mundo, o espírito das bem-aventuranças, e o dom que ele nos faz, enriquecendo a Fraternidade com novos membros.

3. Pode haver um Ato Penitencial realizado com maior amplitude. Pode-se fazê-lo utilizando, alguma simbologia.

4. Leitura dos Escritos de São Francisco (O Anônimo Perusino 6,25-27).

5. Salmo de Meditação (cantado ou rezado).

6. Canto de Aclamação ao Evangelho.

7. O Evangelho pode ser Marcos 1, 14-20, que fala da vocação dos primeiros apóstolos. Lucas 10, 1-9, "Ide. Eu vos envio" ou João 15, 1-8, "Meu Pai será glorificado, se derdes muito fruto".

8. O padre faz a homilia e na ausência dele quem preside faz uma explanação sobre a Palavra proclamada e ao final inicia-se o Rito de Compromisso do Jufrista.

9. Rito de Compromisso do Jufrista

Pode ser feito o mesmo ritual acima citado no item 8 Rito de Compromisso do Jufrista na Missa;

Segue a Celebração como de costume até o final.

10. Preces terminando com o Pai-nosso

11. Presidente: Rezemos, agora, a oração que o Senhor Jesus nos ensinou.

T. Pai Nosso . . .

P. Invoquemos também a proteção de Maria.

T. Ave Maria . . .

P. Glória ao Pai . . .

P. Rito da Paz: todos se saúdam com a saudação franciscana paz e bem durante a saudação pode-se cantar a oração de São Francisco.

12. Oração Conclusiva:

Onipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus que sois todo o bem, o sumo bem, a plenitude do bem, que só Vós sois bom, nós vos tributamos todo louvor, toda a glória e toda a ação de graças, toda exaltação e todo o bem. Assim seja! Assim seja! Amém!

13. O presidente encerra a celebração, invocando a bênção de Deus.

O Senhor nos abençoe e nos guarde. Amém!

Nos mostre a sua face e tenha compaixão de nós. Amém!

Volte para nós o seu rosto e nos dê a paz. Amém!

O Senhor nos abençoe e nos conduza à vida eterna. Amém!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém! Paz e Bem!

14. Canto final e abraço fraterno.

12. SUGESTÕES PARA FAZER REUNIÃO DA FRATERNIDADE PARA ESTUDO DOS TEMAS DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

1 - Para realizar bem as reuniões:

Cada jovem da fraternidade deve ser estimulado a sentir-se um animador de cada reunião e responsável por ela. Por isso, os diversos serviços devem ser assumidos nas reuniões por jovens diferentes.

Cuidados essenciais que se deve ter:

Ambiente: varrer o lugar, enfeitar com cartazes e mensagens de otimismo (equipe de recepção);

Coordenação: preparar junto com o animador da fraternidade o assunto a ser estudado, cuidando do material necessário e fazendo o grupo participar bem;

Memória: Anotada em livro de Atas, lembrar os irmãos do dia da próxima reunião, relembrar o assunto principal da reunião anterior fazendo perguntas, usando cartazes ou de outra forma criativa. Relembrar também o compromisso assumido;

Animação: preparar brincadeiras, cantos e dinâmicas para a reunião.

2 - Roteiro para reunião da fraternidade:

Colocamos aqui um roteiro que pode ser usado em todas as reuniões, que poderá ser mudado de acordo com a criatividade da equipe de coordenação.

- ✓ **Acolhimento** bem animado pela equipe de recepção;
- ✓ **Celebrar e rezar** com cânticos e orações criativas;
- ✓ **Memória** da reunião passada e revisão dos compromissos;
- ✓ **O assunto a ser estudado** deve ser preparado com antecedência utilizando várias dinâmicas: estudo em grupo, vídeo, encenações, gincana, poesia, música, etc.;
- ✓ **Assumir um compromisso** concreto para a vida pessoal e da fraternidade;
- ✓ **Lazer** bem animado com as brincadeiras preparadas, dinâmicas de grupo e um lanche fraterno;
- ✓ **Bênção final** com orações espontâneas e cânticos;
- ✓ **Despedida fraterna** com abraço da paz.

3 - Outras atividades:

A fraternidade deve ser criativa e organizar de vez em quando atividades para o grupo ou comunidade. Por exemplo:

- ✓ Fazer um mutirão para ajudar um necessitado ou a serviço da comunidade;
- ✓ Preparar uma dramatização para uma festa da padroeira;
- ✓ Estudar temas de acordo com o tempo da Igreja;
- ✓ Visitar uma fraternidade próxima;
- ✓ Organizar grupos de teatro, dança e música;
- ✓ Realizar passeios e excursões.
- ✓ Engajar-se em Serviços Pastorais: da criança, dos enfermos, carcerária, dos idosos da juventude, etc.

Conhecimento da Família Franciscana

"Francisco e Clara passaram e tudo ficou diferente, as pedras e as plantas, os astros e os animais, e também a gente. Viveram com simplicidade e traduziram para nosso tempo a plenitude de vida que Jesus Cristo veio trazer ao mundo!"

SINFRAJUPE.

1. ORDENS FRANCISCANAS

1ª ordem – São Francisco de Assis

Francisco nasceu em 1181 em Assis, pequena cidade da Úmbria, em Assis – Itália, região de grande doçura e inspiração. Filho de um rico comerciante de tecidos, Pedro Bernardone, que trazia seus produtos de vários mercados europeus, especialmente da França (daí o nome de Francisco), era um representante típico da classe emergente, a burguesia comercial e monetária. Francisco era o cabeça de uma sociedade de jovens libertinos, entregues às cantigas, aos jogos e grandes banquetes. Irrequieto e extremamente sensível, serve de caixa de ressonância dos projetos que ocupavam a cabeça dos jovens na época. Francisco tenta realizar cada um deles: o projeto burguês de ser rico, o projeto feudal de ser nobre cavalheiro, o projeto religioso de ser monge. Cada projeto destes apresenta sua utopia, seu ideal de perfeição e heroísmo. Francisco tenta todos eles: quis ser rico como seu pai, experimentou ser cavaleiro nas Apúlias e ensaiou por breve tempo ser monge. Mas distancia-se de todos eles, pois nenhum lhe falava à profundidade e o entusiasmava. Entra em crise existencial percebida por todos da cidade. Faz-se penitente como tantos em seu tempo. Vive nas florestas vizinhas e nas cavernas entregue à oração e à busca. Até que descobre seu próprio caminho.

A *Legenda Perusina*, um dos textos mais fidedignos, relata um episódio da vida já adulta que revela a intuição original de Francisco. Estão os frades seguidores reunidos para discutir os caminhos da comunidade, entre os quais alguns intelectuais. Tomam como referência as regras experimentadas de Santo Agostinho, de São Bento e de São Bernardo. Dirigem-se ao cardeal Hugolino (posteriormente o papa Gregório IX) para que ele persuada Francisco a inspirar-se em tais exemplos a fim de ter uma vida religiosa bem ordenada. Francisco ouviu tudo. Depois, tomou o cardeal pela mão e o conduziu diante da assembléia. Proferiu estas memoráveis palavras, chave para entender o seu projeto de vida: "Irmãos meus, irmãos meus, Deus me chamou a caminhar a via da simplicidade e me mostrou. Não quero, pois, que me nomeeis outras regras, nem aquela de Santo Agostinho, nem aquela de São Bernardo nem aquela de São Bento. O Senhor me revelou sua vontade de que fosse um *novo louco no mundo*: esta é a ciência à qual Deus quer que nos dediquemos". Morrem os heróis antigos, surgem a criatividade e a novidade.

Aqui está o caminho próprio de São Francisco: fora dos sistemas vigentes, fora do sistema burguês emergente; fora do sistema feudal decadente; fora do sistema religioso-monacal, imperante. É louco (*pazzus)* somente para estes sistemas, que abandona. Ele segue seu próprio caminho que o faz, no dizer de seu biógrafo Tomás de Celano, "um homem de um século novo", de um paradigma novo. Seu projeto é "viver segundo a forma do santo Evangelho", como o resume em seu testamento. A regra que deixou reza: "a regra e vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo". As palavras que seguem são um acréscimo, exigido pelas instâncias de controle religioso em Roma: "vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade". Francisco chama a sua opção também de "a via da simplicidade", pois toma os Evangelhos simplesmente como os encontra e os vive sem glosa.

Mas falta-lhe o contexto concreto no qual dará corpo ao seu projeto. E ele surgiu assim: Certo dia, depois de muitos jejuns e orações, iluminou-se-lhe a alma. Os amigos perceberam as mudanças e o interrogaram. E ele falou na linguagem do enamoramento: "estou pensando em tomar uma esposa, uma incomparável princesa" (2 Celano, 7). Era a dama pobreza. Converteu-se aos pobres. Muda de lugar social, abandona sua classe de origem e opta pelos mais pobres dos pobres, os leprosos. Não fundou nenhum lazareto ou obra assistencialista. Ele mesmo vai morar no meio deles, cuida deles, acaricia-os e come da mesma escudela com eles (cf. 1 Celano 17; 2 Celano 9).

É a partir desta opção pelos pobres que descobre o puro Evangelho como boa notícia e o pobre por excelência, Jesus Crucificado.

Começa reformando materialmente igrejinhas e capelas em ruínas. Depois se dá conta de que o edifício espiritual da Igreja deveria ser reconstruído a partir da simplicidade, da pobreza e do Evangelho. Assume a vida evangélica e apostólica: vai pelos caminhos, sempre em pequenos grupos de seguidores, pregando aos que encontram nos vícios, nas praças públicas e nos campos, em língua popular, os conteúdos

do Evangelho. Um novo estilo de Igreja surge, não aquela imperial e feudal dos papas e bispos, nem da estabilidade do lugar dos mosteiros (típicas da vida monástica), mas aquela da "peregrinatio evangelii" (da peregrinação do Evangelho), que nasce nas bases, no meio do povo e dos pobres, que une fé e vida, contemplação e ação, trabalho e celebração.

Esse enraizamento popular do Evangelho traduziu-se por uma reinvenção de símbolos religiosos: a celebração das missas fora das Igrejas, a recitação das horas canônicas no meio da natureza, a constante adoração eucarística nas igrejas, a representação do nascimento de Cristo pelo presépio, a meditação dos passos da paixão, da via-sacra e a leitura popular das Escrituras. Tudo isso foi introduzido pelo movimento pauperista franciscano. Importa recordar que São Francisco não foi um clérigo, mas um leigo que, por sua conta e risco, sem nenhum mandato institucional, mobilizou a base da cristandade e conferiu um novo rosto ao fenômeno cristão.

Em 1209 consegue do Papa em Roma a aprovação do seu caminho, o que foi definitivamente confirmado em 1223. Nasce a Primeira Ordem Franciscana. Multidões o seguem, homens e mulheres, como Clara de Assis, sua amiga e confidente, que funda com ele a Segunda Ordem Franciscana das Clarissas. Os leigos, que vivem em suas profissões e que se fascinam por seu modo de ser, quiseram se associar e assim surgiu a Terceira Ordem Franciscana Secular.

Cortesia, carinho, ternura são marcas registradas de sua prática a mais inclusiva possível, como se mostra nos seus relacionamentos para com Deus e Cristo, ressaltando as dimensões da misericórdia, do presépio, da cruz, da Eucaristia, para com Clara, sua companheira de experiência espiritual, para com os irmãos a quem aconselha serem mães uns dos outros, para consigo mesmo, denominando-se efetivamente de Poverello (pobrezinho) e Fratello (irmãozinho), e para com os elementos da natureza, chamando a todos de irmãos e irmãs. Esta matriz espiritual constitui a chave para um relacionamento benfazejo. O ecológico se realiza neste tipo de atitude vivida de forma tão consequente e exemplar por São Francisco.

Ao tempo de sua morte, em 1226, já se contam mais de 20.000 franciscanos da Ordem I em quase toda a Europa.

Iluminação bíblica:

- ✓ Mateus 19, 16-29
- ✓ Mateus 10, 7-10

Para refletir juntos:

1) De acordo com os textos bíblicos, o que mais chamou sua atenção? Por quê?

2) Quais as recomendações que Jesus dá aos discípulos?

3) O encontro e a experiência com Jesus levam a pessoa a ser missionário e à prática da caridade solidária. Você já fez esta experiência? Como fazer para que nossa vida seja missão e produza frutos?

4) Quais os projetos que Francisco tinha para sua vida? E você tem um projeto de vida? Compartilhe com os irmãos.

5) De que forma podemos assumir o projeto Evangélico de Francisco e Clara?

Dinamizando o tema: Benditas sejam estas mãos

Refletir sobre o despojamento de São Francisco, quando deixou tudo, ficando de mãos limpas para a abraçar o Projeto de Deus.

1. Iniciar com canto de louvor.

2. Leitura Bíblica: Marcos 8, 22-25

3. Reflexão: "Se os olhos são o espelho do corpo, as mãos são o espelho da alma" (Zélia Duncan) Jesus usou o toque das mãos para curar. Portanto, não precisamos ter receio em bendizer, abençoar e tocar as pessoas concretamente (ao invés de uma "imposição aérea" das mãos), proclamando as poderosas palavras da graça de Deus.

4. Bênção: Convide as pessoas para que formem dois círculos, um interno e outro externo (uma pessoa de frente para a outra, de mãos dadas). A pessoa que coordena lê a primeira frase e as outras repetem. Depois, as pessoas do círculo externo andam um passo a direita (para ficarem de frente para outra pessoa e formar um novo par, de mãos dadas). A pessoa que coordena lê então a segunda frase, as demais repetem e trocam de lugar; assim sucessivamente até a 13ª frase.

Bênção das mãos (Diann Neue)

Convite: Olhemos nossas mãos, descubramos o seu poder e sua ternura, e bendigamos as nossas mãos, são elas também que nos unem e por elas recebemos de Nosso Pai São Francisco, sua bênção, por meio delas Jesus multiplicou o pão e o peixe para alimentar multidões.

1) Benditos sejam os trabalhos de nossas mãos
2) Benditas sejam estas mãos que tocaram a vida
3) Benditas sejam estas mãos que criaram coisas belas
4) Benditas sejam estas mãos que contiveram a dor
5) Benditas sejam estas mãos que abraçaram com paixão
6) Benditas sejam estas mãos que plantaram novas sementes
7) Benditas sejam estas mãos que cerraram seus punhos com indignação
8) Benditas sejam estas mãos que levantaram colheitas
9) Benditas sejam estas mãos que se endureceram com o tempo
10) Benditas sejam estas mãos que se enrugaram e se feriram trabalhando pela justiça
11) Benditas sejam estas mãos que se deram e foram recebidas
12) Benditas sejam estas mãos que sustentaram as promessas do futuro
13) Benditos sejam os trabalhos de nossas mãos

5. Encerrar com um Canto.

Vivenciando o tema

✓ Promovam na fraternidade vigílias ao Santíssimo pelo menos uma vez por mês;

✓ Promovam encontros de espiritualidade, para refletir a palavra de Deus, sobretudo os Evangelhos;

✓ Sempre que for possível, ajudem os mais necessitados, tanto física como espiritualmente;

✓ Promovam gincanas ecológicas, tentando conscientizar as pessoas para a preservação da natureza e respeito pela vida;

✓ Promovam Missas ou Caminhadas pela Paz, hoje o nosso mundo é muito necessitado de paz e nunca é demais rezar e fazer algo para promovê-la.

2ª Ordem – Santa Clara de Assis

Clara, como personagem social, situa-se num momento crítico em que há rupturas e transformações na sociedade e na Igreja. O sistema feudal vive fases de estremecimento. As cidades estão em expansão e a burguesia emerge. Os nobres da Itália estão em franco declínio e as comunas entram em conflito entre si. A Igreja, desorientada perante a situação, continua a ver a si mesma e a sociedade a partir de sua própria riqueza e estrutura de poder. O mundo feudal desmorona, mas ela continua feudal, com suas posses, domínios e sistema de benefícios.

Em meio a essas mudanças sociais, nascem numerosos movimentos religiosos baseados no retorno à vida evangélica e apostólica, que acentuam a pobreza, a fraternidade, o testemunho e a pregação.

É este, resumidamente, o quadro do final do século XII e de todo o século XIII. É esta a época em que viveu Clara.

Italiana de Assis, na Úmbria, nasce em 1194. Filha dos condes Ortolana e Favarone de Offreduccio, vive a sua infância e juventude no seio de uma família de *maiores (nobres)*.

Mas Clara, de seu lugar social da nobreza, está atenta à realidade dos menos providos, dos excluídos dos programas do sistema feudal: reparte às escondidas com os pobres até mesmo o que lhe serve de sustento.

Provavelmente entre os anos de 1202 e 1205 a família de Clara teve de se refugiar em Perúgia, durante a guerra entre as duas comunas rivais, Assis e Perúgia.

Embora seja uma das santas mais bem documentadas da hagiografia medieval, é muito difícil determinar o momento preciso em que, na sua juventude, Clara sentiu-se chamada a uma vocação diferente. O que se pode afirmar, com base nas Fontes, é que o movimento franciscano, com seu ideal de vida pobre, teve um impacto sensível sobre ela. Em seu autêntico esforço de vida cristã, em seu idealismo, ela se sente tocada pela conversão de Francisco, filho do comerciante Pedro Bernardone.

Sua vocação, decididamente, será inspirada pelo nascente movimento. Porém, o novo caminho espiritual que Clara irá trilhar deverá traduzir seu ser feminino e se definirá, além disso, como próprio, original, único: marcantemente clariano.

A partir de 1210, Clara entra em contato pessoal com Francisco. Perfaz com ele uma longa jornada de encontros onde se aprofunda a partilha dos ideais. É uma relação de verdadeiros irmãos, numa reciprocidade profunda que converge no amor de Deus.

Amadurece sua decisão vocacional, que se conclui com a fuga do palácio da praça de São Rufino, na noite do domingo de Ramos de 1212, aos seus dezoito anos. Na capelinha de Santa Maria dos Anjos, Clara inicia um novo estilo de vida evangélica. Ali nasce a Ordem que levará o seu nome, quando Francisco corta os seus longos cabelos louros, como sinal de sua consagração definitiva ao projeto que Deus tem para ela.

Depois de uma breve permanência em dois mosteiros beneditinos da Úmbria, onde enfrentou a revolta da família por causa de sua decisão (e igualmente de sua irmã Inês que a segue logo após), Clara muda-se para São Damião, um pequeno mosteiro fora dos muros e nas proximidades de Assis.

Ali passará os seus quarenta e dois anos restantes de existência. Enclausurada, pobre, define com seus próprios passos as pegadas que as suas irmãs e companheiras deverão seguir. Com efeito, atraídas pelo gesto da nobre, rica e bela Clara, muitas jovens da época escolhem viver como "menores" neste caminho novo iniciado por esta "nova líder das mulheres".

Os testemunhos dados no Processo de Canonização são riquíssimos e comoventes acerca da vivência de Clara em São Damião. Testemunham sua definida opção contemplativa inebriada de alegria, seu serviço humilde e terno, sua pobreza radical, enfim, sua fibra de mulher que soube lutar por aquilo a que se propôs.

Nos seus contatos com bispos, cardeais e papas, deixa-se entrever a sua personalidade firme e consciente de um chamado evangélico a desenvolver. Frente às insistentes instâncias para que venha a aceitar a atenuação de sua opção, que a levou na aventura da pobreza radical, permanece fiel à experiência inicial de sua vida religiosa, e continua lutando até o final da existência, quando vê assegurada a aprovação de sua Regra, o carisma da pobreza absoluta.

Na história complexa das várias Regras vividas por Clara e por suas irmãs em São Damião desde 1212 até a aprovação da Regra própria em 1253, define-se com precisão e constância a presença de uma clausura austera. As Damianitas são conhecidas como "mulheres reclusas" e nos documentos da diplomacia eclesiástica esta denominação aparece pela primeira vez com as Clarissas, ratificando o que já era vivido anteriormente aos documentos, por Clara e suas companheiras. A clausura imposta a todas as comunidades femininas virá, só posteriormente, com a margem de quase um século de distância da experiência inicial das primeiras Clarissas.

Não há dúvida de que a vida de Clara foi realmente cheia de lutas. No seio de uma Igreja e de uma sociedade com seus profundos desafios, Clara deixou o vivo testemunho de alguém que opta pelo essencial, que faz uma mudança de lugar social e se põe entre os pequenos, vivendo como eles.

Esta troca, que se afirma como escolha sempre mais consciente e radical, tem consequências bem definidas para o seu contexto e vai influenciar grandemente a sua época. A Europa inteira é tocada pelo contágio de seu gesto e numerosas mulheres iniciam um tipo de vida inspirado naquele iniciado por Clara.

A força da personalidade de Clara encanta e ilumina. Isto porque traz a marca de uma profundidade e de um equilíbrio grandioso.

Clara demonstra ser, desde muito jovem, uma mulher firme e decidida. A determinação com a qual enfrenta oposições à sua decisão e posteriormente ao seu ideal de pobreza absoluta define estes traços de firmeza e decisão na psicologia clariana.

O seu perfil feminino, maternal e fraterno se delineia especialmente na sua capacidade extrema de compreensão, acolhimento, ternura, afeto. As Fontes revelam, em abundância, suas atitudes e sua postura amorosa, atenta e serviçal. Coloca-se como serva humilde de suas irmãs, lava seus pés, serve-as à mesa, levanta-se à noite para cobri-las, atende ao cuidado das enfermas.

Em sua feminilidade autêntica, bonita e elegante, possuidora de uma sensibilidade profunda, soube crescer em maturidade psicológica, integrando a radicalidade do amor a Deus com as mais puras expressões do puro amor humano.

Saberá, em razão disto, doar com equilíbrio e inteireza, até o extremo de suas forças físicas e morais, as suas potencialidades a serviço do ideal de sua juventude.

Clara se encerra em São Damião e ali se alargam para ela as portas de uma longa noite de contemplação. Abre-se a entrada para o mistério de Deus: neste mistério se "enclausura" e nele transparece então algo que os sentidos podem captar. Deste mistério de escondimento em Deus, a clausura material é apenas um sinal.

Entre aqueles simples muros, aquelas paredes estreitas, Clara viverá a liberdade da intimidade plena com seu senhor. É ali que ela abraça o mundo, acolhe todas as suas necessidades e as eleva na oração.

Quando em 1220, após a morte martirial dos primeiros irmãos menores no Marrocos, Clara sente o impulso missionário de dar também a sua vida como testemunho e anúncio do Evangelho, tem-se a certeza de que esta é a evidência e expressão do ardor apostólico que permeava a sua experiência contemplativa. Torna-se claro o íntimo liame e a profunda conexão que transborda límpida: sua vocação contemplativa e missionária a um só tempo.

Clara não escreveu muito, mas suas idéias são profundas. Possui uma maneira extremamente ardorosa de expressar suas concepções, condizente com a sua cultura e inteligência. O seu estilo é pessoal, feminino, próprio. Inegavelmente, está ligado à experiência contemplativa. Clara é fluente e límpida na expressão de seu pensamento e vai direto ao essencial, não se detendo em meias medidas.

Seus escritos estão plenos do que ela foi e viveu; neles se revela, em cada frase ou palavra, a pedagoga, uma mulher de Deus. Seu tom exortatório, afetivo e profundamente humano traduz uma experiência vivida no mistério da crescente plenitude que a faz despojada de toda segurança afora Deus.

A pedagogia de Clara como mestra espiritual, o segredo de sua vida de "sororidade" e contemplação apresentam-se como a busca de um seguimento evangélico sempre mais autêntico e transparente. É a isto que ela orienta suas filhas e irmãs, que com ela partilham a existência pobre e cheia de fadigas e lutas. Educava-as com tal pedagogia e fazia-as progredir em tão delicado amor que não há palavras para exprimir toda a sua dedicação.

Abrir-se ao Espírito é o ponto de partida na via da contemplação: o itinerário de oração de Clara faz emergir esta verdade de modo evidente. Não é basicamente um método, mas unicamente experiência, vida vivida inteiramente com Deus. A oração de Clara é um olhar contínuo, tanto da mente como do coração, para Deus. Uma contemplação ativa, unida ao serviço aberto, despojado e à atitude de pobre frente ao Senhor traçam um caminho de libertação dos condicionamentos humanos, para oferecer-se como um campo disponível à ação do Espírito.

Para se compreender o relacionamento de Clara com Francisco, importa considerar o sentido específico desta relação. Os termos do relacionamento não significam rompimento da ternura e do amor: Clara não tem receio de derramar sobre Francisco as primícias de seu afeto, porque é livre para o absoluto de Deus, e suas atitudes estão ordenadas a um amor maior.

Nesta relação transparece, portanto, uma limpidez em grau eminente. "Entre ambos existe amor e relações de ternura extraordinária, mas ao mesmo tempo uma transparência de intenções e convergência no amor de Deus contra toda e qualquer suspeita. Existe aí algo de misterioso, de eros e de ágape, de fascinação e de transfiguração".

Clara de Assis, "nova líder das mulheres", revela o seu itinerário humano e espiritual numa íntima conexão com a coragem profunda e dinâmica das mulheres novas da América Latina, em seu amor e na sua doação pelos pobres e pelo Cristo pobre.

A mesma opção definida pelo caminho da liberdade evangélica as une, superando oito séculos de distância. Clara é sinal profético para a mulher latino-americana, que redescobre a sua força de mulher evangelizadora quando, por amor de Jesus e dos irmãos, se faz uma entre os pequeninos, privilegiados e amados pelo Deus do Reino.

Iluminação Bíblica

- ✓ Mateus 5, 13-16
- ✓ Salmo 26

Para refletir juntos

1) Retire dos textos bíblicos, uma reflexão para sua vida pessoal e em fraternidade. Buscando para si o entendimento que Cristo é a nossa luz e que devemos partilhá-lo com todos os irmãos que ainda não viram essa luz.

2) Santa Clara, no início da sua conversão, enfrentou a revolta da sua família, por causa da decisão de seguir o caminho de Cristo. Como você reage diante de pessoas que questionam a sua fé?

3) Dos exemplos de Clara para a vivência da pobreza e oração, comente com os irmãos, o que mais chama sua atenção.

4) Como se revela a personalidade e a feminilidade de Clara?

5) Após a reflexão dos textos, que ações concretas podemos tirar para a nossa vivência diária?

Dinamizando o tema: Luz do Mundo

Material**:** uma vela para cada participante, ambiente escuro (ideal se for feito à noite ou em sala que possa ter as janelas fechadas), fósforo ou isqueiro, pedaços de papel, lápis ou caneta, durex ou barbante.

1. Sentados em círculo, sugerir que fechem os olhos e façam uma oração silenciosa por alguns minutos. Enquanto isso apague as luzes do ambiente.

2. Comentar sobre a escuridão do ambiente: É confortável ficar assim sentado no escuro? O que eles fazem quando acaba a luz?

3. O coordenador acende uma vela e lê o texto de Mateus 5. 14-16

4. Perguntas: O que quer dizer este texto? Adianta eu acender esta vela e colocá-la atrás de mim? (coloque a vela acesa atrás de você) Melhora se eu colocar a vela na minha frente e mais para o alto? (mostre a vela) E se cada um de nós tivesse uma vela, ficaria mais claro?

5. O coordenador levanta e dá a cada participante uma vela, mas não acende. Ficou mais claro? Não, por quê? O que falta?

6. Cristo disse que ele era a luz do mundo. De que luz ele está falando? Ele quer iluminar os cantos escuros do mundo, como? Através de sua Palavra, de seu amor, de sua morte na cruz.

7. O coordenador sugere que cada um acenda a vela do seu vizinho dizendo algo sobre Cristo e ele começa colocando a chama de sua vela na do vizinho do lado (atenção com os cabelos e com pingar cera derretida sobre as pernas), dizendo algo como: "Cristo te ama", cada participante deve fazer o mesmo, com o vizinho ao lado, falando uma frase diferente.

8. Agora ficou mais claro o nosso ambiente, claro com a luz de Cristo. E o que Cristo diz desta luz, ela deve ficar escondida? O que nós devemos fazer com esta luz?

Deixar um momento de reflexão e oração; acender as luzes da sala e apagar as velas. Pedir que todos falem sobre o que pensaram e sugerir uma atividade para levar a luz de Cristo para outros: Escrever num pedaço de papel o versículo ou a frase que lhe foi dita ao acender a vela. Atar o papel à vela, com durex ou barbante (de forma que possa ler o escrito); presentear esta vela aos pais ou a um amigo.

Vivenciando o tema

✓ Mantenham sempre o diálogo uns com os outros, sejam pacientes e bondosos com os irmãos;

✓ Façam reuniões de espiritualidade, com bastantes orações, cantos, etc., e pelo menos durante uma hora, uma vez por semana/mês façam Adoração ao Santíssimo;

✓ Ajudem os mais necessitados, façam mutirão de arrecadação de roupas, sapatos, alimentos; e ajudem também os que precisam de uma palavra de conforto e carinho;

✓ Promovam eventos com apresentação de cartazes, peças teatrais, poesias, cantos clarianos; há muita inspiração na vida dela pra isso.

3ª Ordem – Ordem Franciscana Secular/OFS

A pregação evangélica de São Francisco dirigiu-se a todos os homens e mulheres, também àquela maioria que recebe de Deus a vocação de assumir as responsabilidades da vida secular. Para todos os que sentiam o desejo de tomar a sério o Evangelho das bem-aventuranças nos seus lares, no trabalho profissional e nas relações sociais e civis, surgiu a terceira ordem para seculares.

Na grande obra de renovação de vida evangélica na Igreja, eles deveriam cumprir a missão de ser o fermento no meio da massa (Mt 13,33).

A primeira orientação dada por São Francisco é a Carta aos fiéis, de 1215, para clérigos (letrados da época), leigos, homens e mulheres. Hoje esta carta compõe o prólogo da Regra da OFS.

Sob o pontificado de Inocêncio III e, mais ainda, de Honório III, por iniciativa, principalmente, do Cardeal Hugolino, observa-se uma preocupação da Santa Sé por comunicar ao movimento penitencial uma maior coerência e até uma personalidade canônica definida, ao mesmo tempo em que se tende a imunizá-lo contra o contágio da heresia. A verdade é que este movimento estava adquirindo caracteres de um fato novo sob a ação renovadora de São Francisco e de sua Ordem. O cristão leigo dos povoados italianos participava das aspirações de um cristianismo mais radical. E é precisamente esta nota de secularidade que distingue as fraternidades de inspiração franciscana das anteriores (Lázaro Iriarte, OFMcap. História Franciscana, p. 538).

Duas coisas devemos salientar no conceito da Ordem Terceira: as características de uma Ordem e de uma escola.

1) Desde o início, a Igreja reconheceu-a como uma verdadeira Ordem, por ter ela nascido na mesma fonte e para o mesmo fim, quanto as duas primeiras Ordens de São Francisco.

2) Todas as três, segundo a inspiração do fundador, não deviam ter senão uma única finalidade que é o Santo Evangelho de Cristo e todas as três deviam servir ao único fim de renovação da vida cristã na Igreja.

Tratava-se de um único movimento evangélico, em que as três ordens se completavam e se exigiam mutuamente.

A terceira Ordem Secular era particularmente imprescindível na grande obra de restauração da Igreja.

Esta penetração far-se-ia através de uma Ordem organizada pela própria Igreja, mas entregue por ela aos cuidados dos Frades Menores. Nesta Terceira Ordem, os leigos recebiam o duplo apoio: o cultivo do Espírito de São Francisco e a disciplina de uma vida comunitária de leigos numa fraternidade de irmãos.

3) A Ordem Franciscana Secular é uma escola, mas não é como as outras escolas para um tempo determinado até a entrega do diploma. Não. Ela é uma escola permanente, pois o franciscano secular continua sempre um discípulo de Cristo.

É um cristão que vai toda a vida à escola de São Francisco para aprender a viver melhor o Evangelho. Esta escola não fica reservada a uma determinada idade. A tal sexo, a tal profissão, a tal classe social, a tal ambiente. Não. Todos têm acesso a esta escola de vida evangélica. O que lá se aprende é a vida ensinada pelo próprio Jesus Cristo no Evangelho e esta é uma só.

Há, porém, muitas escolas na Igreja que ensinam esta vida. Cada uma tem a sua maneira, seu método e seus caracteres distintos. A nossa escola é chamada franciscana, pois inspira-se no espírito e na vida de São Francisco, o santo da alegria, da pobreza, da humildade e do amor. Tendo esse espírito, o franciscano secular será sempre um apóstolo benquisto no próprio meio, irradiando o amor, a paz, a simplicidade evangélica de que ele se encheu na vida da fraternidade.

Levado pelo amor a Cristo e aos irmãos, ele ainda se porá a serviço das necessidades espirituais e materiais da comunidade, na medida de suas forças. Para não desanimar será necessário alimentar sempre a luz e reacender sempre o fogo do amor, frequentando a escola do Santo Evangelho como discípulo de Cristo e de São Francisco.

Organização a OFS

A OFS é organizada em Fraternidades Locais que são o núcleo mais importante de toda a organização. A Fraternidade Local é animada e dirigida por um Conselho e um Ministro.

As decisões mais importantes da Fraternidade são tomadas democraticamente com a participação de todos os irmãos(ãs) numa assembleia que chamamos de Capítulo.

O conjunto das Fraternidades Locais, representadas pelos seus respectivos Ministros, forma uma Fraternidade de nível superior chamada de Fraternidade Regional. Esta Fraternidade também é animada por um Conselho Regional e um Ministro. A Assembleia, o Capítulo Regional é composto por todos os Ministros das Fraternidades Locais, junto aos seus Vices e Assistentes Espirituais.

O conjunto das Fraternidades Regionais, representadas por seus Ministros, forma uma Fraternidade de nível superior chamada de Fraternidade Nacional, que também é animada por um Conselho Nacional e um Ministro. As decisões mais importantes são tomadas em conjunto por uma Assembleia ou Capítulo Nacional.

Por sua vez, os Ministros Nacionais de cada nação participam de uma Fraternidade Internacional, com sede em Roma, na Itália, que é animada por um Conselho Internacional e um Ministro.

Iluminação bíblica

- ✓ Romanos 12, 4-13

Para refletir juntos

1) Como é o relacionamento de sua fraternidade de JUFRA com a OFS?

2) Como a OFS está organizada?

3) Como nasceu a OFS de sua cidade? E da sua comunidade, faça um levantamento histórico e compartilhe com os irmãos.

4) É nossa missão de franciscanos levar o amor de Cristo aos irmãos e ainda nos colocar a serviço deles. Vocês fazem isso? Com que freqüência?

5) Qual a mensagem que o texto bíblico traz pra vocês hoje?

Dinamizando o tema: Auxílio Mútuo

Objetivo: Para reflexão da importância do próximo em nossa vida

Material**:** 01 Pirulito para cada participante.

Procedimento: Todos em círculo, de pé. É dado um pirulito para cada participante, e os seguintes comandos: todos devem segurar o pirulito com a mão direita, com o braço estendido. Não pode ser dobrado, apenas levado para a direita ou esquerda, mas sem dobrá-lo. A mão esquerda fica livre. Primeiro solicita-se que desembrulhem o pirulito, já na posição correta (braço estendido, segurando o pirulito e de pé, em círculo). Para isso, pode-se utilizar a mão esquerda. O mediador da dinâmica recolhe os papéis e em seguida, dá a seguinte orientação: sem sair do lugar em que estão, todos devem chupar o pirulito! Aguardar até que alguém tenha a iniciativa de imaginar como executar esta tarefa, que só há uma: oferecer o pirulito para a pessoa ao lado!!! Assim, automaticamente, os demais irão oferecer e todos poderão chupar o pirulito. Encerra-se a dinâmica, cada um pode sentar e continuar chupando, se quiser, o pirulito que lhe foi oferecido. Abre-se a discussão que tem como fundamento maior dar abertura sobre a reflexão de quanto precisamos do outro para chegar a algum objetivo e de que é ajudando ao outro que seremos ajudados.

Vivenciando o tema

- ✓ Participem, quando oportuno, de encontros e reuniões com os irmãos da OFS para conhecê-los e estreitar os laços entre a JUFRA e a OFS. Não esperem convite; perguntem aos irmãos sobre a OFS e vão se aproximando deles;

✓ Conversem com os irmãos mais velhos, com certeza eles tem muitas histórias para lhes contar; convidem-nos para as reuniões da fraternidade e compartilhem com eles suas experiências e expectativas.

2. JUVENTUDE FRANCISCANA/JUFRA – Histórico e Organização

Histórico

A Terceira Ordem Franciscana, como movimento leigo, sempre teve a preocupação de expandir seu carisma não somente entre os adultos, mas também entre adolescentes e jovens.

O Papa Sixto V, franciscano da I Ordem, em novembro de 1585, em Assis, instituiu a arquiconfraria dos Cordígeros para adolescentes de 9 a 14 anos de idade.

Cordígero é todo aquele que, por devoção, usa o cordão franciscano, costume dos que canonicamente professavam numa das três Ordens fundadas por São Francisco de Assis. Os Cordígeros costumavam usá-lo, embora não pertencessem canonicamente a nenhuma destas Ordens. Em 1922, Pio XI exortou as crianças a se fazerem Cordígeros e, nesta escola, a se prepararem para ingressar mais tarde na grande família da Ordem Franciscana Secular, vivendo a vida cristã à maneira do jovem Francisco de Assis.

Na época, os que desejavam ingressar nos Cordígeros, de ambos os sexos, assumiam o compromisso de serem apóstolos no ambiente familiar, colegial e social.

Os objetivos da vida cordígera eram:

- ✓ Aderir a Cristo dentro da espiritualidade franciscana;
- ✓ Colaborar com Deus na consagração do mundo;
- ✓ Desenvolver e orientar todas as capacidades e aptidões positivas da criança;
- ✓ Alimentar no adolescente o espírito de fraternidade cristã e de serviço.

Tudo isso levava o adolescente a assumir compromissos sérios e a usar de meios que o ajudassem a ser fiel às tarefas do Cordígero. Na sua vida tinha de assumir atitudes concretas que o distinguissem como franciscano, por isso era convidado a ser: alegre, simples, puro, forte, bondoso e generoso.

Os Cordígeros eram considerados integrantes da grande família franciscana, participando de sua espiritualidade comunitária, e por causa disso tinham a oportunidade de realizar-se plenamente como pessoa humana e cristã.

Através do movimento dos Cordígeros, a Ordem I e a OFS visavam envolver os adolescentes e os jovens em uma vida evangélica mais compromissada, sobretudo nessa faixa etária tão bela e ao mesmo tempo importante e delicada. Desse modo profeticamente antecipava os desejos atuais da Igreja quando afirma, dizendo: “Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único salvador, para que evangelizados, evangelizem e contribuam como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação” (Puebla, 1166).

A OFS, com sua experiência com os Cordígeros, sentiu a necessidade de organizar e oferecer algo mais adequado aos adolescentes que iam crescendo no movimento e não podiam ingressar e professar na Ordem por causa da falta da idade canônica e, ao mesmo tempo, permanecer num movimento de adolescentes.

"Até 1950, na Ordem Franciscana Secular, os jovens confundiam-se com os adultos no estilo e nas características de vivência no mistério da mesma vocação secular". Homens e mulheres entravam na Ordem a partir de 15 anos de idade e todos observavam o mesmo itinerário evangélico do carisma e pastoral da OFS.

Foi justamente a partir de 1950, no Congresso Internacional de Roma, que os jovens presentes manifestaram o desejo de se organizarem em grupo próprio, em harmonia e sintonia com a psicologia de sua idade, sua maneira de ser, suas aspirações e, ao mesmo tempo, que respondesse às exigências e às aspirações dos tempos.

Foi nesse ano que nasceu a JUFRA mundial no sentido jurídico. Já antes desse compromisso mundial houve várias tentativas isoladas, experiências de alguns anos, porém não reconhecidas oficialmente. A partir do congresso de Roma, a JUFRA foi recebendo organização no âmbito nacional de vários países, como: Itália, Espanha, Suíça, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Venezuela e mais tarde também o Brasil.

Estendeu-se também pela Ásia e África. Em pouco tempo torna-se um movimento mundial distinto da OFS, na sua organização e dinâmica de conduzir a descoberta do carisma franciscano no meio dos jovens de hoje.

Mais tarde surgiu a necessidade de incluir no conselho Internacional da OFS um representante da JUFRA, para facilitar o relacionamento e não perder a perspectiva e os horizontes do carisma franciscano secular, que por via de regra é essencial e vital para o andamento e caminhada do movimento e, sobretudo, dentro das novas experiências que a JUFRA estava fazendo.

A JUFRA no Brasil

As experiências mais antigas de uma JUFRA brasileira situam-se na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, lá pelos idos de 1946. Também em Petrópolis, Rio de Janeiro e Taubaté, Estado de São Paulo, foram feitas experiências que no passar do tempo desapareceram. Em 1954, em Belém do Pará, o Capuchinho Frei Alfredo Longhi organiza uma JUFRA que se torna conhecida em toda capital paraense pelo seu dinamismo e organização. Muitos jovens tornaram-se verdadeiros líderes de vida cristã franciscana, que ainda hoje são recordados com muita saudade e admiração. A JUFRA de Belém é uma das poucas que perseveraram até hoje através das novas gerações. Também na década dos anos cinquenta há conhecimento de uma JUFRA bastante florescente em Luzerna, no Estado de Santa Catarina.

O Capuchinho paranaense Frei Eurico de Melo, depois de uma temporada de estudo em Roma, volta ao Brasil entusiasmado pelas experiências da JUFRA da Itália e começa aqui no Brasil uma experiência com características próprias à realidade brasileira.

Frei Eurico, depois de um longo trabalho de preparação, em outubro de 1967 inicia oficialmente com um grupo em Ponta Grossa, na paróquia capuchinha do Bom Jesus e o denomina de JUFRA "Paz e Bem". No ano seguinte surgiu um novo núcleo na paróquia de São Cristóvão, também em Ponta Grossa, Paraná.

A experiência de Ponta Grossa aos poucos tornou-se conhecida e admirada pelo testemunho e dinamismo dos jufristas. Por isso a OFS nacional convida a JUFRA de Ponta Grossa

a enviar um representante seu à reunião anual do Conselho Nacional da OFS de obediência Capuchinha - na época ainda eram separadas - que aconteceu em janeiro de 1971, na cidade de Recife, Pernambuco.

A jufrista Ivone Berszoz, de Ponta Grossa, esteve presente a esse encontro, onde participou também o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei Pascoal Riwalski que, ao ouvir com admiração o depoimento da experiência positiva de Ponta Grossa pela jufrista Ivone, pediu que se organizasse melhor e fosse estendida a todo o Brasil. A jovem Ivone Berszoz, nesta reunião, foi nomeada Presidente Nacional da JUFRA do Brasil, voltando a Ponta Grossa com o encargo de organizar uma Equipe Nacional provisória para desenvolver um trabalho de expansão para todo o país.

A essa altura o interesse da OFS pela JUFRA começou a fazer-se sentir; por isso deu grande apoio a esse primeiro grupo de Ponta Grossa e pediu que todos os regionais do Brasil fossem visitados com o intuito de tornar a JUFRA uma realidade com organização nacional.

Após a reunião de Recife, Ivone voltou ao Paraná e comunicou o ocorrido nas decisões do Conselho Nacional da OFS aos jufristas. A partir disso, Frei Eurico de Mello e seus jovens de Ponta Grossa lançaram mãos à obra, num trabalho incansável de organização e planejamento para responder ao pedido da OFS quanto à implantação da JUFRA em âmbito nacional.

A primeira preocupação da Equipe Nacional provisória foi redigir um DOCUMENTO BÁSICO, que lhe daria o direcionamento para uma JUFRA unificada no Brasil.

A segunda preocupação foi a Formação dos futuros jufristas. De fato foi traçado um plano de formação que abrangeria três etapas: TBJ (Treinamento Básico da JUFRA), TIF (Treinamento de Iniciação Franciscana), e o TRF (Treinamento de Renovação Franciscana). Cada uma destas etapas com seu tirocínio de aprofundamento. Feito esse trabalho, logo foi divulgado, enviado a todos os regionais da OFS e aos núcleos de JUFRA já existentes.

Em seguida Frei Eurico e alguns jufristas percorreram o Brasil, dando treinamentos a jovens e Assistentes nos diversos Regionais, visando preparar formadores locais, elementos idôneos para uma formação sólida e segura aos futuros jufristas do Brasil.

A experiência foi válida porque serviu para conhecer as outras realidades culturais do Brasil, colhendo pareceres e opiniões dos outros, os quais serviram de enriquecimento aos planos de formação que devem levar em conta justamente as realidades culturais de cada região.

A JUFRA do Brasil começou a tornar-se realidade e a criar corpo, crescendo e expandindo-se em cada Regional da OFS. De fato, em fevereiro de 1972, num Congresso Nacional para Assistentes e

Dirigentes Regionais da JUFRA e OFS, estiveram presentes dez Regionais. Somente o Maranhão - Pará esteve ausente.

Tudo isso deu um grande impulso à organização e expansão da JUFRA no Brasil. A partir daí a JUFRA começou a organizar-se melhor em cada Regional, aumentando sempre mais o número de jovens que simpatizavam com o carisma de Francisco de Assis.

Cada Regional começou a ter o seu Secretariado Executivo, com seus Assistentes independentes da organização da OFS, isso devido à dinâmica e ao conteúdo de formação da própria JUFRA.

Organização e objetivos da JUFRA

A Juventude Franciscana do Brasil (JUFRA) é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, podendo aprofundar sua vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular (OFS), ou mesmo nas outras ramificações da grande Família Franciscana.

A JUFRA oferece aos jovens uma proposta de vivência cristã, que por vocação ou carisma, se comprometem com um ideal de vida inspirado na espiritualidade franciscana.

A JUFRA, cujo tempo de duração é indeterminado, tem por principais objetivos: religiosos, educacionais e sociais; cada um destes objetivos a fraternidade deverá trabalhar para melhor engajamento do irmão, fazendo-o despertar para um compromisso de vida evangélica, na fraternidade a qual pertence.

Dentre os itens que desenvolve os objetivos da JUFRA no Estatuto Nacional, podemos destacá-los dizendo que a fraternidade deverá levar os irmãos a se comprometerem com o ideal de vida cristão, inserindo-o na realidade atual, atentando às determinações da Igreja Católica Apostólica Romana e às determinações pastorais para a América Latina; a fraternidade deverá ainda motivar e vivenciar os valores franciscanos da: conversão evangélica (aderir totalmente à fé católica), contemplação ou vida de oração, pobreza de espírito (ser humilde), fraternidade, e inserção no mundo, ou seja, marcar presença nos locais onde estamos inseridos, fazer a diferença, não adianta dizer que é comprometido com os ideais da JUFRA e fazer as "mesmas coisas" que as outras pessoas fazem.

Nós, como jufristas comprometidos com o reino de Deus, devemos ter e trabalhar o sentido da pertença à Juventude Franciscana e a vida franciscana. Se optarmos por este caminho de vocação, vamos tentar vivenciá-lo em tudo. A ponto de um dia dizer como São Francisco: "é isso que quero, é isso que procuro, é isso que desejo do fundo do meu coração."

A JUFRA tem estilo e características próprias. Por isso, nessa fraternidade de jovens, os jufristas assumem todos os deveres e, por conseguinte, gozam de todos os direitos inerentes ao compromisso franciscano de vida secular.

E conforme o Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil, art. 6°, são direitos dos jufristas:

1- receber formação humana, cristã e franciscana, conhecimentos sobre a história da Igreja e sobre a influência que o franciscanismo secular exerceu e deve exercer na sociedade;

2- votar e ser votado para funções da JUFRA, desde que, pelo menos percorrendo a formação básica, esteja comprometido com a caminhada;

3- aceitar funções de direção da JUFRA, em espírito de serviço e colaboração, para a completa realização dos objetivos da Juventude Franciscana, previstos no Estatuto.

Conforme o Estatuto Nacional, art. 7°, são deveres dos jufristas:

1- participar dinamicamente das atividades da Fraternidade local, de Congressos, Assembleias e Encontros de formação, conforme os níveis;

2- comprometer-se com a implantação da Infância, Micro e Mini Franciscanos e da JUFRA, e assumir a formação em todas as Etapas, segundo Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil;

3 - não tomar qualquer deliberação em nome da JUFRA, sem o devido consentimento do órgão competente;

4 - cumprir, dentro dos prazos previstos, com as contribuições financeiras regularmente fixadas pela JUFRA;

5 - observar e cumprir o que determina o Estatuto Nacional da JUFRA.

A JUFRA destina-se a jovens que desejam conhecer e vivenciar o ideal franciscano de vida em toda a sua dimensão humana e cristã. E compreende associados de quatro níveis distintos: Infância Franciscana (Infância), Micro Franciscanos (pré – adolescentes), Mini – Franciscanos (adolescentes) e Jufristas (jovens de 15 – 30 anos).

A JUFRA se organiza em fraternidades de vários níveis:

1. LOCAL: unidade básica de vivência, onde o jufrista recebe formação cristã, franciscana e sóciopolítica, preparando-se para a inserção no meio onde vive e para o compromisso de jufrista, chegando até a profissão na Ordem Franciscana Secular.

2. REGIONAL: conjunto das fraternidades de um ou mais estados.

2.1. DISTRITO: cidade, paróquia ou diocese, onde se agrupam várias fraternidades da JUFRA; o distrito não constitui uma fraternidade, é simplesmente uma subdivisão territorial da Região, como elemento auxiliar de administração e coordenação, tem como coordenador(a) um(a) Subsecretário(a) Regional para o Distrito como seu porta voz, integrante do Secretariado Fraterno Regional.

3. NACIONAL: conjunto de todas as regiões da JUFRA do Brasil.

3.1. ÁREA: é uma subdivisão territorial dos regionais da JUFRA do Brasil, como elemento auxiliar de administração e coordenação, não constituindo uma Fraternidade, tem como coordenador(a) um(a) Subsecretario Nacional para a Área como seu porta voz, integrante do Secretariado Fraterno Nacional.

A Juventude Franciscana está presente em todos os Estados do Brasil, subdivididos de acordo com o Estatuto Nacional em 16 Regionais, sendo que atualmente está em experiência o Regional NE (Nordeste) B4 da Bahia, somando, no entanto 17 regionais que estão agrupados em 6 áreas – Norte, Nordeste A, Nordeste B, Centro Oeste, Sudeste e Sul. Contamos com aproximadamente 335 fraternidades, com mais de quatro mil jufristas, distribuídos de norte a sul do país, entre JUFRA, Mini JUFRA, Micro e infância Franciscana.

Iluminação bíblica

- ✓ Atos dos Apóstolos 4, 32-35
- ✓ Mateus 18, 19-20

Para refletir juntos

1) Quem foram os Cordígeros? E como surgiu a JUFRA no Brasil?

2) O que você sabe sobre a história de sua Fraternidade? Comente.

3) A JUFRA oferece um caminho de vocação cristã, você aderiu a esta proposta? Por quê?

4) Ser franciscano é uma forma de vida, e se optamos por este modo de vida, temos que vivenciá-lo. Nos locais que você freqüenta (casa, trabalho, escola, etc), você se identifica também como jufrista (franciscano) ou tem vergonha de dizê-lo?

5) Qual é a lição central dos textos bíblicos? Aplique-a na fraternidade.

DINAMIZANDO O TEMA: O Caminho Certo

Material**:** um mapa do mundo (xerocado) canetas, música de fundo.

Procedimento**:** Distribuir um mapa e uma caneta para cada participante. Cada um deverá colocar um X no mapa, indicando o lugar onde mora. Coloca-se um fundo musical bem suave solicitando que relaxem, fechem os olhos e imaginem qual o país ou cidade que gostariam de visitar. Como seria sua chegada neste local e quem gostaria de levar consigo. Após alguns minutos, todos deverão localizar no mapa o local de seu sonho, colocando um quadradinho. Para chegar ao lugar que escolheu, ele poderá passar por outros locais atraentes ou poderá ir diretamente. Pense, examine e desenhe a rota da sua viagem.

Reunir em grupos para comentar sobre a "viagem". Troca de sonhos!!

Voltando ao plenário, o orientador questionará quais os locais preferidos e (se tiver conhecimento) comentar o que sabe de positivo dos mesmos. Observar se a maioria iria diretamente ou através de desvios e se levaria acompanhante.

Reflexão**:** A vida é semelhante a uma viagem. Todos temos um objetivo. Nosso objetivo é a felicidade. Ela está no coração do homem e muitas vezes não percebe. O homem foi predestinado para a felicidade, só que alguns se encantam com os desvios perigosos, levam a vida ao léu, não procuram seguir a rota mais segura e não escolhem o meio de transporte adequado. O jovem é dotado de qualidades, de carisma, de beleza interior e exterior, basta apenas saber discernir o que é melhor e lutar com garra por seu ideal.

Vivenciando o tema

- ✓ Na fraternidade de JUFRA há diversas maneiras de manter convívio fraterno: nas reuniões usem sempre dinâmicas, cantos, orações bem reflexivas, se possível brinquem, é muito bom;
- ✓ Celebrem a vida uns dos outros, cada momento, cada irmão através de: encontros de formação, profissão na OFS, casamento, noivado, batizado, 1ª comunhão, crisma, aniversário, formatura;
- ✓ Promovam encontros de Formação e entrosamento com fraternidades diferentes para aumentar os conhecimentos, as amizades e trocar experiências;
- ✓ Além das reuniões com dinâmicas é importante também que se estude os documentos da JUFRA, assim vocês terão embasamento para opinar sobre o movimento que vocês participam.

3. CONHECIMENTO DA INFÂNCIA, MICRO E MINI FRANCISCANOS

As fraternidades de INFÂNCIA, MICRO e MINI Franciscanos são formadas por crianças, pré-adolescentes e adolescentes, que conforme as Diretrizes de Formação para os Mini, Micro e Infância Franciscana, as idades das crianças, pré-adolescentes e adolescentes devem ser fixadas pelos Congressos Regionais de acordo com a realidade de cada região. A idade de 15 anos para ingresso na JUFRA é o limite mínimo, podendo os Congressos Regionais elevarem esse limite até os 18 anos. A duração de tempo de permanência em cada fraternidade que é sugerida pelas Diretrizes é que as crianças tenham até oito anos (Infância), de nove até onze anos (Micro) e de doze até quatorze anos (Mini).

O Secretariado Fraterno local ou regional deve proporcionar às crianças, pré-adolescentes e adolescentes encontros que os levem a conhecer temas originados da Formação Franciscana, Religiosa e Humana, sobretudo às vidas de São Francisco e Santa Clara, propostos nas suas Diretrizes de Formação. E que a partir destes encontros, as crianças, os pré-adolescentes e os adolescentes façam um compromisso de viverem como irmãos.

As fraternidades devem fazer um planejamento, retiros espirituais e encontros conjuntos com a JUFRA e a OFS. E devem ser acompanhados por irmãos da JUFRA que chamamos de Subsecretários de INFÂNCIA e MICRO e MINI Franciscanos. Se possível devem também ter um Animador Fraterno (um irmão(ã) da OFS) e um Assistente Espiritual, que pode ser um frade da 1ª Ordem ou da TOR, uma freira ou um padre diocesano.

Os Mini Franciscanos têm uma coordenação que podemos chamar também de Secretariado Fraterno, na qual temos os seguintes coordenadores:

- ✓ **Secretário Fraterno:** (isto se não houver no local uma fraternidade de JUFRA; se houver, a nomenclatura muda para Subsecretário de Mini franciscanos): que é aquele que anima toda a fraternidade. É o responsável por manter toda a fraternidade unida. E pode organizar a fraternidade com as seguintes lideranças:
- ✓ **De Liturgia:** coordena os momentos de oração, está atento para a perseverança da fé de cada um da fraternidade.
- ✓ **De Lazer:** coordena os momentos de lazer e fortalece os laços de união entre os membros da fraternidade.
- ✓ **De Finanças:** cuida para que a fraternidade tenha os recursos financeiros necessários para manter os encontros.
- ✓ **De Comunicação Social:** coordena e cuida do arquivo das correspondências, registros e atas e a comunicação com outras fraternidades, grupos, aniversariantes e encaminha cartões em datas importantes.

Estas lideranças podem livremente ser adaptadas para as fraternidades de Micro e Infância Franciscana de acordo com a maturidade das crianças e pré-adolescentes.

Iluminação bíblica

- ✓ Marcos 9, 37 e 10, 13-16

Para refletir junto

1) Qual a importância de se ter uma fraternidade de Micro e Mini Franciscanos?

2) Como é o relacionamento da fraternidade de JUFRA com as fraternidades de Mini, Micro e Infância Franciscana?

3) Que trabalhos vocês têm em conjunto com os mini, micro e infância franciscana? Se nenhum, analise o que pode ser feito pra estreitar os laços entre as fraternidades?

4) Quais exemplos os textos bíblicos apresentam e o que pode ser aplicado em sua vida?

Dinamizando o tema: Afeto

Objetivo**:** observar que a JUFRA deve sempre receber os micros, mini franciscanos e as crianças, com carinho, alegria e respeito, e tê-los como nossos irmãos sem medo, nem indiferença.

Participantes**:** 7 a 30 pessoas

Tempo Estimado**:** 20 minutos

Material**:** Um boneco de pelúcia.

Descrição**:** Após explicar o objetivo, o coordenador pede para que todos formem um círculo e passa entre eles um boneco de pelúcia, ao qual cada integrante deve demonstrar concretamente seu sentimento (carinho, afago, etc.). Deve-se ficar atento a manifestações verbais dos integrantes. Após a experiência, os integrantes são convidados a fazer o mesmo gesto de carinho no integrante da direita. Por último, deve-se debater sobre as reações dos integrantes com relação a sentimentos de carinho, medo e inibição que tiveram.

VIVENCIANDO O TEMA:

Poema à Criança - Anabela Coteiro

Uma criança sozinha,
É uma ave ferida...
Pequena e pobrezinha,
Sem saber nada da vida.

Ajuda uma criança,
Tua ajuda não será vã...
Pois ela é a esperança,
Da sociedade amanhã.

A criança precisa de amor,
De carinho e amizade...
Para crescer sem dor
E acreditar na verdade.

Para de crianças cuidar,
Paciência tens que ter...
Para ensinar-lhe a brincar,
O verdadeiro viver.

Vivem crianças na rua,
Sem ninguém para as ajudar...
Passam fome, andam nuas,
E há quem passe sem olhar.

Aprendemos a cuidar de crianças,
Com empenho e dedicação...
Só queríamos realizar as mudanças;
Que trazemos no coração.

4. VIVÊNCIA DO CARISMA E DOS VALORES FRANCISCANOS

Refletir sobre o franciscano no mundo de hoje é apresentar-se para diversos questionamentos que partem deste tema. Além disso, cabe a todos uma crítica ao mundo de hoje, ao Brasil, ao Nordeste, a nossa estrutura de Igreja e de como ser franciscano nesta realidade.

Os estudiosos franciscanos acreditam que para ser fiel ao espírito de São Francisco é necessário primeiro estar atento para a realidade social, cultural, econômica, política e eclesial (Igreja) de nosso tempo. Atuar nestes campos com a força do carisma franciscano é um desafio para todo jufrista, mesmo porque vivemos numa sociedade cheia de divisões (ricos – pobres; opressores – oprimidos; etc.) que distancia-nos da igualdade, da fraternidade e da justiça.

O ser franciscano assume dentro da Igreja o compromisso de estar ao lado e com os pobres numa caminhada de libertação. Quando se fala de libertação refere-se a ação de libertar o pobre da fome, das injustiças, da falta de escola, de saúde, de segurança, de emprego e de tudo que é motivo de dor nos dias atuais.

Então existem eixos que organizam a experiência franciscana no encontro com Jesus Cristo no mundo de hoje, vamos ver quais são:

Penitência: Trata-se de um elemento essencial da vida cristã e especialmente da vocação franciscana. Os franciscanos seculares são chamados de "irmãos e irmãs da penitência". Penitência aqui não no sentido que em geral se dá à palavra penitência, como mortificação, mas penitência no sentido bíblico, como "conversão", ou, como diz a Regra da OFS, como "uma radical transformação interior, que consiste em conformar o seu modo de pensar e de agir ao modo de pensar e agir de Cristo".

Pobreza: Conforme a visão de São Francisco, pobreza é a capacidade de dar e dar continuamente. Dar a si mesmo, dar seu tempo, dar sua vida, dar seu amor. A pobreza não consiste apenas em não ter, isso é consequência. É deixar as coisas acontecerem, respeitar, não colocar sob o nosso domínio, não possuir. A pobreza consiste em estar junto do outro, ser solidário, defendê-lo, ajudá-lo. No entanto, o caminho franciscano é mais radical, busca identificação com o pobre. Vive com ele, sofre com ele.

Fraternidade: Francisco quer ser pobre para ser fraterno com todos. Ser irmão de todos, pois todos são filhos de Deus. Irmão do pássaro, das estrelas, da água, do fogo, do homem e da mulher, irmão até das angústias, da dor e da morte. A fraternidade é consequência da pobreza. Na medida em que se vai acumulando coisas, vai se criando barreiras entre as pessoas, e já não podemos ser totalmente amigos, irmãos.

Minoridade: Ser menor como pregava São Francisco não é um complexo de inferioridade nem a mania de estar sempre por baixo. Na verdade, é tornar-se igual a todas as criaturas racionais e irracionais. A perspectiva é ser pequeno para entender a grandeza do outro na sua dignidade. Ser menor é estar a serviço, aberto ao diálogo, à comunhão, à misericórdia. Amar é suportar quem lhe persegue e igualar-se aos pobres e pequeninos.

Cortesia: O franciscano é cortês. Mas o que é isso? Ser cortês é ser afável, educado, respeitar a todos mesmo que nos tratem mal. São Francisco dizia que devemos ser corteses porque Deus é cortês, dá o sol e a chuva a justos e injustos e a mesma atenção a todos.

Eclesialidade: Ser franciscano significa ter eclesialmente uma força a serviço, uma vontade pobre, fraterna, ser menor, cortês e fiel à Igreja nos distintos problemas, em tudo na vida. Estar inserido nos meios populares, enfrentar os conflitos sociais e assumir o processo de libertação no Brasil e no mundo.

Apostolicidade: Esta característica é fundamental no carisma franciscano. Quem está possuído do Evangelho, não pode guardá-lo só para si, deve transmiti-lo.

Francisco também envia seus confrades dois a dois, dando testemunho de pobreza, de oração e fraternidade. O nosso apostolado de Cristãos Franciscanos, deve ser exercido pelo testemunho de uma vida fraterna, de alegria, de paz, de otimismo e de oração. Deve ser um apostolado corajoso, voltado para os mais necessitados, os mais humildes, os "leprosos" e por fim todas as realidades. Amar sem distinção e por este amor universal e cósmico, cristificar nossa realidade e o mundo.

O jovem franciscano deve ser o mais audacioso, o mais corajoso, o que menos amor próprio tem na divulgação da mensagem evangélica no seu ambiente de estudo, trabalho, família, grupo de amigos, etc. Desta forma ele é um evangelizador.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 5, 1-12
- ✓ I Coríntios 12, 4-11

Para refletir juntos

1) Qual é a lição central das leituras bíblicas?

2) Faça uma análise da vivência pessoal, grupal e do apostolado da fraternidade.

3) Qual a nossa disponibilidade para realizar tarefas que nos são solicitadas?

4) Qual o testemunho que damos na comunidade?

5) A partir da reflexão do texto qual será a nossa prática pessoal e comunitária?

6) Quais os principais valores franciscanos para você? Por quê?

Dinamizando o tema: Cultivando Valores

Material**:** Flor feita em papel lustro, colorido, com 5 pétalas, quadrados de papel ofício, caneta, uma assadeira retangular com um pequeno vulcão, feito em alto relevo com algodão umedecido com álcool, e uma assadeira grande rasa com água, fósforo.

Procedimento**:** O orientador distribuirá uma flor, na qual cada um deverá escrever (na parte branca) seu nome no miolo e nas pétalas, alguns valores que julga possuir. Dobrar as pétalas de maneira que o nome e as qualidades fiquem ocultos e formem um círculo (dobrar as pétalas uma a uma sobre o miolo). Distribuir também o quadrado de papel para que cada um escreva, sem que o colega tome conhecimento, uma falha que sabe ter e que gostaria de não ter. Dobra bem. No centro estarão as duas assadeiras. O orientador acenderá o "vulcão" para que todos queimem suas falhas pedindo a Deus que os liberte das mesmas, e em seguida deverão colocar as flores dobradas (com as pétalas para cima) na água. As flores irão abrindo lentamente e todas as qualidades poderão ser lidas.

Reflexão**:** Quantos valores nossos jovens possuem! (Comentar alguns).

No momento atual estou conseguindo cultivar meus valores? Minha vida está semelhante a um jardim florido ou a um vulcão? Tento eliminar o que fere minha integridade e o que pode ferir ao meu próximo?

No Sermão da Montanha, Jesus nos deixou claro os valores que devemos cultivar: simplicidade, pureza, humildade, misericórdia, justiça, dentre outros. É importante cultivá-los, reconhecer quando falhamos e ter humildade de pedir a misericórdia de Deus.

Vivenciando o tema

✓ Procurem com maior frequência, vivenciar a pobreza, conhecer a realidade de cada comunidade, desapossar de algo e doar ao outro; E pessoalmente vivenciem a pobreza, despojando de si mesmo; de tudo que os impede de ser feliz (comodismo, falsidade, inveja, avareza, etc.);

✓ Sejam Cortezes com os outros, antes das missas recepcionem as pessoas distribuindo uma mensagem de paz, amor, conforto, etc;

✓ Na sua comunidade, promovam uma mini missão com os jufristas, através de círculos bíblicos, a fim de evangelizar aqueles que raramente vão a Igreja. (Apostolicidade)

5. REGRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO

O surgimento da Regra franciscana pode ser comparado à história de uma obra de arte. De uma simples e frágil inspiração, sob o cuidado e a afeição da natureza e do homem, nasce, cresce e se completa uma bela obra que encanta, inspira e anima o homem na busca do sentido da vida. O mesmo pode-se dizer da Regra. Ela é fruto do zeloso cuidado e da profunda afeição de Francisco e dos seus seguidores para com a inspiração originária que os atingiu. Assim, a Regra franciscana é a luz que orienta e conduz o fazer e o viver dos franciscanos a partir de uma profunda afeição interior para com o ideal originário de São Francisco; é a participação viva em tudo aquilo que Francisco e seus seguidores amaram profunda e intensamente.

A Regra deve ser como o vigor originário que faz o franciscano caminhar, crescer, viver e consumar-se na intimidade sempre nova e mais intensa com a Paixão, o Amor, a Fé de Jesus Cristo que feriu a cada um de nós e, principalmente, o íntimo mais íntimo dos fundadores de cada Ordem ou Congregação franciscana. A Regra ou a Vida franciscana é aquilo que assumimos como realidade, "a coisa", isto é, a causa mais cara e preciosa, que vale a pena abraçar por toda a vida e mesmo para além desta vida, a eternidade.

Abaixo um breve histórico de como surgiu a Regra da Ordem Franciscana Secular:

" Memoriale Propositi "

A primeira menção dos Irmãos da Penitência (franciscanos seculares) como corporação organizada acha-se na Bula de Honório III ao Bispo de Rimini (16 de dezembro de 1221), encarregando-o de protegê-los contra as autoridades civis que pretendem forçá-los a tomar as armas, sob o juramento, em defesa do município. De 1221 data a primeira redação do "Memoriale Propositi", que vem sendo considerado como a "primeira regra" da Ordem da Penitência de inspiração franciscana. Foi feita a revisão do texto em 1228. Ela foi confirmada e defendida por Gregório IX em 1230.

A Regra de Nicolau IV (1289)

Em 1284, o visitador Caro de Florença compôs uma Regra que o papa franciscano Nicolau IV, pela bula de 18 de agosto de 1289, impôs a todos os irmãos e irmãs da penitência, "presentes e futuros". A bula reconhecia São Francisco como o Fundador da Ordem da Penitência. A regra deixava quase intacto o texto do memorial de 1228, dispondo-o numa forma mais ordenada. O Papa fez acrescentar à Regra de Caro uma disposição pela qual, para o futuro, todos os "visitadores e informadores" deviam pertencer aos frades menores. A Ordem da Penitência ficava, assim, sob a direção da Primeira Ordem. Outra bula de Nicolau IV, de 1290, impunha a todos os membros da Ordem da Penitência de todo o mundo a aceitação dos Menores como visitadores e procuradores e dava como razão o fato histórico de ter sido São Francisco o fundador.

Misericors Dei Filius (1883)

Leão XIII, ainda como bispo de Perusa havia impulsionado, por todos os meios, a expansão da Ordem Terceira em todas as paróquias de sua diocese; este entusiasmo aumentou ao escalar o solo pontifício. Aproveitando a oportunidade do sétimo centenário do nascimento de São

Francisco, publicou, em 1882, a encíclica "Auspicato Concessum" que se constituiu um ardente elogio da Ordem Terceira e cálida exortação a propagá-la por toda parte.

O clarividente pontífice, todavia, prevendo que a velha instituição franciscana nunca chegaria a ser uma imponente força universal, agrupando todos os seculares de boa vontade, se não adaptasse às exigências da vida moderna o espírito que lhe deu origem, decidiu modificar a regra. Não se tratava apenas de modernizá-la, mas principalmente de fazê-la apta para acolher maior número de pessoas.

A nova Regra foi promulgada mediante a constituição apostólica "Misericors Dei Filius" de 30 de maio de 1884. O texto consta de três capítulos seguidos de outros três, em forma de apêndice, com as indulgências e os privilégios dos Terceiros. Mantém da antiga Regra, em forma simples, o que pode amoldar-se à vida de todo cristão fervoroso, e modifica ou completa tudo o que nela parecia antiquado ou excessivamente rígido.

Por isso é considerado o Papa renovador da Ordem Terceira. Estabelece um ano de noviciado (artigo 4º), acentua o caráter da profissão; dá um aspecto menos clerical às orações penitenciais e recomenda a Ordem Terceira a Bispos, Padres e Leigos. A hierarquia acolheu docilmente os apelos do Pontífice, o entusiasmo propagou-se entre o povo cristão e, em pouco tempo, os Terceiros chegaram a somar aproximadamente 450 mil.

Seraphicus Patriarcha - Papa Paulo VI – 1978

Por ocasião do Concílio Vaticano II, que pôs em plena luz a vocação do leigo na Igreja e orientou as organizações leigas, de compromisso cristão e de apostolado para uma autonomia progressiva, também se sentiu a necessidade de reconhecer a Fraternidade Franciscana Secular. O passo mais importante, porém, foi a redação da nova Regra e Vida para a Ordem Terceira, com a colaboração de expoentes terceiros de todo o mundo.

Esta Regra, que substituiu a de Leão XIII, foi aprovada por Paulo VI, com a bula de 24 de junho de 1978, de conteúdo profundamente franciscano, e genuinamente evangélico. Foi aprovada também pelo Papa João Paulo II, em 8 de dezembro de 1982, que nos deixou as seguintes palavras: "Estudai, amai e vivei a Regra da Ordem Franciscana Secular aprovada para vós pelo meu predecessor Paulo VI. Ela é um autêntico tesouro nas vossas mãos, sintonizada no espírito do Concílio Vaticano II e correspondente ao que a Igreja espera de vós. Amai, estudai e vivei esta nova Regra, porque os valores nela contidos são eminentemente evangélicos".

Regra da Ordem Franciscana Secular

No Prólogo contém a Exortação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência, que é a mesma Carta aos Fiéis que estabelece governo próprio. Mantém a assistência dos quatro ramos da Família Franciscana.

Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular.

Neste 1º Capítulo, a Regra da OFS apresenta a grande Família Franciscana no conjunto das Famílias espirituais suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja de Cristo. A Família Franciscana se subdivide em: Primeira Ordem: OFM, OFMCap., OFMConv; Segunda Ordem: Clarissas; Terceira Ordem Secular: OFS, JUFRA, PFF (Pequena Família Franciscana), (FSFS, Fraternidade Sacerdotal Franciscana Secular) e Terceira Ordem Regular – TOR (Irmãs e Irmãos).

Capítulo II – A Forma de Vida.

Apresenta a forma de vida dos franciscanos seculares. É um resumo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivido à luz do homem evangélico, São Francisco de Assis. Mostra como os franciscanos seculares podem viver hoje o Evangelho de Cristo como irmãos e irmãs da penitência, à maneira de São Francisco.

Capítulo III – A Vida em Fraternidade.

Não são meras normas a serem observadas. Para sobreviver como tal e animar a vida de seus membros, a Ordem Franciscana Secular, como qualquer associação, precisa de algumas normas jurídicas, que servem para melhor podermos viver a espiritualidade franciscana em fraternidade. Lá contém a seguinte organização: Fraternidade Local, Regional, Nacional e Internacional. A Fraternidade Local é a unidade mais importante na estrutura da OFS, nela se desenvolve a vocação franciscana, base para a vida apostólica na Igreja. No Brasil, a Fraternidade nacional tem sua sede no Rio de Janeiro e a Fraternidade Internacional em Roma, na Itália.

Iluminação bíblica

- ✓ João 15, 12-17
- ✓ João 13, 16 e 14, 6

Para refletir juntos

1) A Regra da OFS nos exorta a construir um mundo mais fraterno e evangélico, o que vocês têm feito para isso acontecer na sua vida e na fraternidade?

2) Qual a importância da Regra da OFS para a JUFRA?

3) A Regra nos diz que devemos viver o Evangelho como irmãos. Para vocês o que significa ser irmão, irmã?

4) Quais as mensagens que os textos bíblicos trazem? E o que pode ser aplicado nas nossas vidas?

Dinamizando o tema: Viver a Palavra de Deus

Material**:** uma tigela ou copo com água, um giz, uma pedra e uma esponja.

Esta dinâmica tem o objetivo de fazer os participantes perceberem a importância de viver e transmitir a palavra de Deus aos outros.

Procedimento**:** Coloque a tigela de água em local visível e vá mergulhando um a um os objetos e promovendo debate, sobre a reação de cada peça à água e comparando com a forma das pessoas vivenciarem a Palavra de Deus.

1. Água: fonte que restaura e purificação e que gera vida. Simboliza aqui a Palavra e o agir de Deus na sua vida.

2. Giz: feito de cal e que absorve para si toda água. Simboliza pessoas que recebem a Palavra de Deus, mas ficam só pra si, deixando de anunciar e testemunhá-la;

3. Pedra: material rústico que não deixa que nada penetre dentro de si. Pessoas que se fecham e não deixam que a Palavra de Deus as transforme e molde suas vidas como vaso nas mãos do oleiro;

4. Esponja: depois de molhada absorve uma certa quantidade de água, assim que apertá-la ela transmite o que tem de mais precioso dentro de si que é a água que purifica e restaura. É a pessoa que absorve, escuta a Palavra de Deus, e deixa que transforme e modifique sua vida; tornando também testemunha fiel do Reino de Deus.

Vivenciando o tema

- ✓ A Regra da OFS é muito rica, procurem meios para vivenciá-la no seu dia a dia, ali estão as orientações para vocês se tornarem excelentes franciscanos, leiam no Capítulo II, nº 4 e busquem maneiras práticas de viver o Evangelho de Cristo, e principalmente testemunhá-lo;
- ✓ Inspira muito também o texto que fala que devemos nos colocar a serviço dos irmãos. Procurem praticar isso particularmente e na fraternidade (Cap. II nºs. 14, 15 e 16 – Forma de Vida), caso não entendam, conversem com algum irmão professo da OFS para buscar orientações e trocarem experiências.

6. CONHECIMENTO DOS ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO

A maioria das biografias de São Francisco data de uma época em que os seus 'filhos' já então divididos em várias tendências - se empenhavam com grande paixão pela reta forma de sua vida. Cada uma dessas tendências teimava em apresentar o seu próprio conceito de vida franciscana como o único certo e válido, ou seja, como correspondente à figura do santo. Neste sentido, os escritos de S. Francisco nos prestam uma contribuição nunca assaz estimada, pois no caso é ele mesmo quem nos fala direta e pessoalmente. O trato carinhoso com esses escritos possibilita-nos sempre de novo obter uma imagem nítida da personalidade viva de São Francisco. A interpretação perseverante e paciente dos escritos do santo nos ajudará a resolver muitos enigmas que ainda envolvem a sua pessoa, esclarecer e retificar muitas opiniões dúbias e imprecisas que a deturpam.

Poder-se-ia estranhar, à primeira vista, que justamente dos escritos de São Francisco nos foi conservado tanto, pois ele gostava de designar-se como homem de poucas letras. Acontece, porém, que ele mesmo, em repetidas exortações, dera motivos para manuseá-los com carinho. Cotejem-se para tanto os capítulos finais da maior parte dos seus escritos: o santo costumava prevenir ali que não se modifique o conteúdo e exorta a fazer cópias, divulgá-las, guardá-las bem e gravá-las na memória. Estamos, pois, longe de errar ao admitirmos que São Francisco atribuía pessoalmente grande importância aos seus escritos. Os seus filhos cumpriram fielmente as orientações de seu pai. Passados uns trinta anos após a sua morte, foi sintetizada a primeira coletânea de seus escritos num códice manuscrito ainda existente. No decurso dos decênios seguintes, estas coletâneas tornaram-se sempre mais completas. Mais tarde, infelizmente, foram incluídos alguns escritos que certamente não são da autoria de São Francisco. Nos últimos decênios, quando refloresceu a moderna pesquisa sobre São Francisco, tratou-se de separar o joio do trigo, mesmo com relação aos escritos tradicionalmente atribuídos ao santo, tanto assim que podemos dispor hoje em dia, nas obras reconhecidas como autênticas, duma base segura para tentar atingir o pensamento original do santo patriarca.

Está acima de qualquer dúvida que São Francisco sabia ler e escrever o que para a época de então não era nada comum. Provam-no os autógrafos do santo ainda existentes.

Certamente Francisco ditou a maioria de suas obras a irmãos peritos na arte da escrita. Ele mesmo o confirma com relação à Regra não-bulada, quando diz no Testamento (cap. 4º): "E o fiz

escrever". O mesmo está comprovado quanto às "cartas de saudação e exortação" e a carta a Santo Antônio. Quanto ao breve Testamento, se diz expressamente que Francisco mandou vir o irmão sacerdote Benedito de Piratro para ditar-lhe o texto, mas de forma que nem lhe fornece o texto definitivo. Dá-lhe simplesmente as ideias, para que a seguir o irmão lhes imprimisse o conveniente cunho literário.

Como é que os Escritos de São Francisco chegaram até nós? Alguns têm uma documentação muito antiga, outros constam de coleções medievais. E outros foram descobertos há bem pouco tempo. Nós não devemos ter os escritos como um programa apresentado por São Francisco, nem devemos entendê-lo abstratamente, porque ele não era um intelectual. Pois tudo que Francisco escreveu foi o transbordamento do que ele sentia diante de Deus e das pessoas. Cada um dos escritos tem que ser lido, meditado, rezado e assimilado por todos nós.Só assim poderemos entrar em contato com a experiência viva de São Francisco, pois o melhor conhecimento que se pode adquirir sobre São Francisco e o seu movimento é com o coração: buscando a transformação da própria vida.

Os Escritos considerados de São Francisco são: **1. Exortações (são 3**): Admoestações, Testamento e Cântico "Ouvi, pobrezinhas!". **2. Textos de proposta de vida fraterna ou legislativos (são 6):** Regra não-bulada, Regra bulada, Regra para os Eremitérios, Forma de Vida para Santa Clara, Última vontade para Santa Clara e Fragmentos de outra Regra não-bulada**. 3. Cartas (são 11):** 1ª Carta aos Fiéis, 2ª Carta aos Fiéis, 1ª Carta aos Custódios, 2ª carta aos Custódios, 1ª Carta aos Clérigos, 2ª Carta aos Clérigos, Carta a toda a Ordem, Carta a um Ministro, Carta aos governadores dos povos, Carta ao Frei Leão e Carta a Santo Antônio. **4. Orações (são 10):** Oração diante do Crucifixo, Exortação ao Louvor de Deus, Louvores para todas as Horas, Ofício da Paixão, Exposição sobre o Pai Nosso, Bênção a Frei Leão, Louvores a Deus Altíssimo, Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria, Saudação às Virtudes e Cântico do Irmão Sol. **5. Fragmentos em outros livros:** Bênção a Frei Bernardo, Bênção a Santa Clara, Testamento de Sena, Ditado da Verdadeira e Perfeita Alegria, Carta a frei Jacoba, Carta aos Bolonhenses, Carta aos frades franceses e Carta a Santa Clara sobre o jejum.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 12, 1-3
- ✓ João 15, 12-15

Para refletir juntos

1) Qual a importância de conhecer os Escritos de São Francisco?

2) Os Escritos de São Francisco é o transbordamento do que ele sentia diante de Deus e das pessoas. O que mais chamou sua atenção dos comentários abordados acima? Comente com os irmãos.

3) Quais os exemplos e mandamentos principais dos textos bíblicos? O que mais chamou sua atenção?

Dinamizando o tema: DNA/Herança Genética

Objetivo**:** Nas reflexões dos Escritos encontramos toda a vida de São Francisco, desde o nascimento até sua morte. Com esta dinâmica vamos tentar descrever também a nossa própria vida e os traços de personalidade herdados da nossa família.

Material**:** 1 Folha para cada participante, canetas, lápis de cor ou giz de cera, música ambiente. Procedimento**:** O coordenador reflete com o grupo as características genéticas que herdamos de nossos parentes mais próximos. Às vezes, um comportamento ou atitude revela uma característica do avô, do pai, da tia... Este exercício irá promover no grupo uma apresentação grupal a partir das qualidades da árvore genealógica de cada um. Entregue uma folha para cada um. Dobre-a em 4 partes e nomeie as partes com sendo A, B, C e D.

Coloque música ambiente. **Na parte A**, o participante deverá desenhar livremente como ele enxerga os avós maternos (colorindo bem o desenho) e ao lado de cada um vai anotar uma qualidade e uma falha que percebe em cada um dos avós maternos. **Na parte B**, o participante deverá desenhar livremente como ele enxerga os avós paternos (colorindo bem o desenho) e ao lado de cada um também vai anotar uma qualidade e uma falha que percebe em cada um deles. **Na parte C**, o participante deverá desenhar Pai e Mãe e seguir o exercício anotando a principal qualidade que nota nos pais e também a principal falha. **Na parte D**, ele deverá fazer um auto-retrato (como ele se vê) e observando as qualidades e falhas da família, deverá anotar que características herdou e de quem herdou. Escrever também na folha o nome e a idade.

Ao término dos desenhos, o coordenador orienta o grupo a sentarem-se em trio e comentar sobre suas heranças.

Análise**:** A análise deste jogo se dá pela valorização que damos à nossa história de vida pessoal baseada nos valores e comportamentos familiares; da percepção que temos do espaço social chamado Família.

- ✓ Que personagem da família foi mais fácil desenhar?
- ✓ Dentre as qualidades que você herdou, qual foi mais confortável anotar? Por quê?
- ✓ Que característica você nota em seus familiares e você ainda não possui? Deseja possuir?
- ✓ Que sentimentos este exercício trouxe à tona?
- ✓ Que herança é mais fácil herdar? Características ou valores financeiros?

Vivenciando o tema

✓ Leiam e reflitam os escritos e as biografias de São Francisco e tirem algo de concreto para a sua vida e da fraternidade;

✓ Através dos escritos é possível entrarmos em contato com a experiência de vida de S. Francisco, sua personalidade, suas intenções, seus sentimentos, busquem perceber isso e você poderá encontrar nele uma proposta de transformação de vida;

✓ Busquem promover reuniões ou encontros de formação para estudo dos escritos. Se possível convidem um frade, irmã ou professo da OFS para tirar suas dúvidas em relação a algum texto;

7. DOCUMENTOS BÁSICOS DA JUFRA

A Juventude Franciscana do Brasil é orientada por seus documentos, os quais dão embasamento para a caminhada do jufrista durante todo o período que este permanece nas fraternidades de JUFRA, Mini-JUFRA, Micro-JUFRA e Infância Franciscana. Tais documentos

foram escritos ao longo dos anos, por jufristas, com colaboração e orientação da OFS e assistentes espirituais, sendo que todos eles obtiveram aprovação através dos Congressos Nacionais da JUFRA e também pelo Conselho Nacional da OFS.

Os documentos que hoje temos foram surgindo pela necessidade de melhor organizar o movimento jufrista, que aos poucos vai se desenvolvendo por todo o país. Os atuais Documentos que a JUFRA do Brasil que tem como fonte de inspiração e orientação são: Regra e Vida da OFS, Manifesto da JUFRA do Brasil, Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil, Estatuto da Animação Fraterna, Diretrizes de Formação da JUFRA, Diretrizes de Formação da Infância, Micro e Mini franciscanos, Diretório das Mútuas relações entre a OFS e a JUFRA do Brasil, Regimento Interno da JUFRA do Brasil e atualmente o documento internacional – JUFRA, Caminho de Vocação.

A seguir, apresentaremos um breve resumo e histórico de alguns destes documentos:

Manifesto da Juventude Franciscana do Brasil

No 1º Congresso Nacional da JUFRA realizado em Ponta Grossa-PR de 12 a 20/12/1972, foi votado e emendado o texto dos Documentos Básicos da JUFRA, e entre eles o MANIFESTO DA JUFRA, que apresenta a espiritualidade do movimento jufrista. Nos dois primeiros Congressos Extraordinários da JUFRA que aconteceram em Conceição do Mato Dentro-MG e Vitória da Conquista-BA, foram reelaborados e estudados na época, os Documentos da JUFRA, que são: Manifesto da Juventude Franciscana, Itinerário Evangélico de Formação e Esquema Funcional, sendo que atualmente somente o Manifesto está vigorando, os demais foram aos poucos tendo os textos alterados e implantados em outros documentos, como, por exemplo, o Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil. Isto aconteceu devido à necessidade de adaptá-los de acordo com a realidade atual. E, finalmente, no 7º Congresso Nacional que aconteceu de 03 a 07/02/1989, em Ponta Grossa-PR, foi aprovado de forma definitiva o Manifesto da JUFRA, que apresenta toda a espiritualidade da JUFRA do Brasil e que nos leva a refletir a nossa fé, vontade e compromisso, indicando de forma bem clara, tudo aquilo que acreditamos, tudo aquilo que queremos e tudo aquilo que nos comprometemos a realizar e viver, declarando nossa vontade de construir a justiça e a paz em nosso meio, com testemunhos conscientes da nossa proposta de vida cristã e franciscana frente aos problemas do mundo, assumindo concretamente as Diretrizes Pastorais da Igreja. Esta é a vida que os jovens da JUFRA se propõem a viver, confirmando sempre que acreditam no Amor que vem de Deus, que está em nós e nos irmãos, e que, sendo guiados por São Francisco e Santa Clara de Assis, reafirmamos nossa vontade de seguir o caminho de Cristo.

Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil

De acordo com os arquivos da JUFRA do Brasil, o Estatuto Nacional em 06 de fevereiro de 1989 no VII CONJUFRA, substituiu o antigo Esquema Funcional da JUFRA do Brasil. No decorrer dos anos, em 1999, tivemos a necessidade de atualizá-lo, então no III CONJUFRA Extraordinário que aconteceu em Brasília-DF, este foi aprovado e entrou em vigor experimentalmente, até que, em fevereiro de 2004, no XII CONJUFRA que aconteceu em Curitiba-PR, o Estatuto foi aprovado definitivamente pelos jufristas do Brasil lá representados.

O Estatuto está dividido em 06 capítulos e 26 artigos e nele constam todos os regulamentos da JUFRA, com as devidas orientações para as fraternidades tirarem suas dúvidas em relação à organização geral da JUFRA do Brasil.

Capítulo I – da natureza, denominação, objetivos, sede e foro – neste capítulo consta o que é JUFRA, quais seus principais objetivos e em quais documentos há inspiração para concretizar seus objetivos.

Capítulo II – dos associados, admissão e integração na JUFRA – este capítulo mostra quem são os associados da JUFRA, faixa etária e como é feita a inserção nas fraternidades dos 04 níveis – Infância, Micro e Mini franciscanos e na JUFRA.

Capítulo III – dos direitos e deveres dos associados – este esclarece de forma bem clara e sucinta quais os direitos e deveres dos jufristas do Brasil, os quais devem ser bem observados e respeitados, pois somente através da obediência a eles é possível construir uma JUFRA forte, com base concreta para se manter no dia-a-dia.

Capítulo IV – da organização, do governo e da administração – mostra a organização geral da JUFRA em todos os níveis local, regional, distrital, área e nacional; mostra também os órgãos de administração e governo da JUFRA – Congresso Nacional e Regional, Assembleia Local e o Secretariado Fraterno Nacional, Regional e Local. O Congresso é o órgão máximo da JUFRA com poderes para legislar, deliberar e eleger que são presididos em nível nacional pelo Ministro Nacional da OFS e nível regional pelo Secretario Nacional da JUFRA ou delegados; quem são os convocados com direito a voz e voto; a Assembleia Local – é o encontro que deve ser convocado pelo menos uma vez por ano para avaliar a caminhada da JUFRA; e o Secretariado Fraterno – em vários níveis é o órgão executivo, dirigente e representativo da JUFRA, esclarece o tempo de mandato das funções em todos níveis local, regional e nacional, inclusive as funções básicas de cada membro do secretariado formado a partir da eleição do secretário(a) fraterno(a). Diz também os critérios exigidos para o candidato a se eleger secretário(a) fraterno(a) em nível regional e nacional e os procedimentos a serem tomados em caso de vacância do cargo.

Capítulo V – do Patrimônio, contabilidade e do orçamento – neste capítulo é demonstrado como é constituído o patrimônio da JUFRA, quais os critérios para serem vendidos ou negociados; a contabilidade da JUFRA é regida de acordo com a legislação em vigor no Brasil; e ainda a maneira que as fraternidades devem proceder para obter a receita da JUFRA nos diversos níveis.

Capítulo VI – disposições gerais e transitórias – este mostra que o exercício de qualquer função dentro da JUFRA não é remunerado de forma nenhuma; fala das deliberações a respeito da alteração e reforma deste Estatuto; e ainda como é considerada extinta a personalidade jurídica da JUFRA do Brasil, e que cada regional é responsável pela promulgação de seus estatutos de acordo como Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil.

Diretório das Mútuas relações entre a OFS e a JUFRA

É um documento que oferece aos jufristas e aos irmãos da OFS as orientações necessárias para que seja concretizado nas fraternidades de todos os níveis, local, regional e nacional, o mútuo relacionamento e cooperação entre ambos.

O Diretório apresenta os Documentos referentes ao recíproco relacionamento entre a OFS e a JUFRA para serem conhecidos, aplicados as constatações deles tiradas, e as normas concretas para serem seguidas. E ainda explica vários pontos da caminhada formativa da OFS e da JUFRA, sobretudo em relação à aceitação e reconhecimento das etapas de formação da JUFRA, que diz: A OFS aceita como válido paro o Tempo de Iniciação, a Formação Básica da JUFRA (FBJ). A OFS aceita como Tempo de Formação para admissão à Profissão a Etapa de Formação Franciscana (EFF).

De acordo com as constatações a partir dos documentos, o Diretório esclarece ainda: que a OFS tem como compromisso a Profissão da Regra. A JUFRA vincula-se à Regra como fonte de inspiração de vida cristã e franciscana. O jufrista pode emitir a Profissão da Regra da OFS, observando o que prescreve a Regra, as Constituições Gerais e o Ritual da OFS.

A JUFRA goza de organização própria, específica e métodos de formação adequados à necessidade do mundo juvenil e de sua pedagogia. E é reconhecida como integrante da Família Franciscana. Tem, por isso, assistência espiritual, por parte da Ordem I e da TOR, e animação fraterna por parte da OFS.

O item III do Diretório estabelece: para que a caminhada da JUFRA com a OFS progrida sempre mais, as Fraternidades locais criarão espaço para os jovens, no acolhimento, na dinâmica das reuniões e garantindo-lhes tarefas concretas dentro da Fraternidade. Os membros das Fraternidades sejam conscientizados no sentido de que a Fraternidade pode ser organizada de diversas formas, inclusive em grupos, para melhor cultivar a vida fraterna (cf. Regra da OFS 21). Os jovens, por sua vez, sejam incentivados a acolherem os mais velhos e a se colocarem a serviço dos enfermos e idosos, no espírito de São Francisco e do Evangelho;

Os Secretariados Fraternos da JUFRA, em todos os níveis, solicitem aos Conselhos da OFS dos respectivos níveis, a designação de um irmão(ã) professo(a) para exercer o serviço de animação fraterna. Este(a) irmão(ã) seja o elo entre a Fraternidade de OFS e a JUFRA;

A OFS acolhe com alegria e esperança a Juventude Franciscana (JUFRA) e se compromete a caminhar com os jovens franciscanos, acompanhando-os com o testemunho de uma vocação vivida com alegria e a ajudando-os em sua formação;

Ambas, a OFS e a JUFRA, comprometem-se em aceitar-se mutuamente; a trabalhar unidas através do intercâmbio de experiências e iniciativas, e a dar uma demonstração de amor e de fraternidade aos nossos povos.

Este documento obteve a sua atualização aprovada pelo XII CONJUFRA em Curitiba-PR, aos 21.02.2004. E foi confirmada sua aprovação com as alterações cabíveis, pelo XXIX Capítulo Nacional Ordinário da OFS, que aconteceu em São Paulo-SP, no dia 04.03.2005.

Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil

Foram aprovadas no IX Congresso Nacional da JUFRA realizado em São Cristóvão-SE em 1995. Lá constam as orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do(da) jufrista, e através dessas etapas o objetivo principal é levar o jufrista a um aprofundamento e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como a um discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

Dentre os objetivos específicos, as Diretrizes de Formação pretendem: Levar o (a) jufrista a um compromisso de vida evangélica em fraternidade, segundo o carisma franciscano, criando condições para a profissão na OFS; Aprofundar a dimensão sociopolítico-econômica, religiosa e cultural, capacitando o(a) jufrista a adquirir uma visão crítica da realidade e reconhecer-se como sujeito de transformação dessa realidade, tendo como referencial o Evangelho de Jesus Cristo; e ainda, conscientizar o(a) jufrista da necessidade de sua inserção no mundo, através da participação ativa, individual e coletiva na sociedade e comprometendo-se com o processo de renovação da OFS, etc.

A Jufra do Brasil tem atualmente em suas Diretrizes as seguintes ETAPAS: Etapa de Formação para Iniciantes, aprovadas no XII Congresso Nacional da Jufra, em 2004; e desde 1995 a

Formação Básica da Jufra – FBJ, Etapa de Formação Franciscana – EFF e Formação do Jufrista Professo.

✓ **Etapa de Formação para Iniciantes:** É um período formativo inicial que visa preparar o(a) jovem iniciante na Fraternidade de JUFRA ou uma Fraternidade Iniciante de JUFRA para o Encontro Inicial da Formação Básica – FBJ. E tem por objetivos levar o jovem iniciante a conhecer a JUFRA e a sua organização; a Espiritualidade Franciscana e a vida em fraternidade, criando condições para que possa despertar sua vocação para o ingresso na Fraternidade de JUFRA, através do Encontro Inicial da Formação Básica.

✓ **Formação Básica da Jufra – FBJ**: É um período formativo que visa preparar o(a) jovem para assumir seu futuro compromisso de jufrista diante de Deus e da comunidade, inspirado na Regra da OFS. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo. E tem por objetivos despertar o(a) jufrista para a vivência franciscana, levando-o (a) uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

✓ **Etapa de Formação Franciscana – EFF**: É um período de adequada e intensa formação franciscana que visa levar o(a) jufrista a um conhecimento mais profundo e a uma vivência concreta de vida franciscana secular. Inicia-se com um Encontro de caráter formativo. E tem por objetivos levar o(a) jufrista a participar da vida de fraternidade e a interiorizar a espiritualidade franciscana, estimulando-o(a) a professar numa fraternidade de OFS como realização de sua vocação.

✓ **Formação do Jufrista Professo:** É um período formativo que se inicia com a profissão temporária da Regra da OFS, visando manter o(a) jufrista num processo de renovação franciscana constante, preparando-o(a) para a profissão definitiva. E tem por objetivos levar o(a) jufrista a um compromisso maior com o Carisma Franciscano, possibilitando a Profissão definitiva na OFS; Manter o(a) jufrista professo(a) na OFS num processo formativo constante; Promover o progressivo desligamento do(a) jufrista professo(a) do âmbito e da liderança da JUFRA e promover a progressiva inserção fraterna do(a) jufrista no âmbito do grupo de irmãos(ãs) professos(as) na fraternidade de OFS (CCGG 34; 97, 2; DMR III, 7).

Compete ao Secretariado Fraterno Regional a preparação e execução dos Encontros Iniciais, bem como o acompanhamento de cada etapa da Formação. E no caso de não haver um Regional estruturado, cabe a Subsecretaria de Área, com a colaboração do Regional da OFS, a preparação e execução dos Encontros Iniciais, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

Iluminação bíblica

✓ Mateus 13, 1-23 – O semeador

Para refletir juntos

1) O que você mais gostou neste texto bíblico? Por quê?

2) Através de parábolas Jesus repassou aos discípulos os ensinamentos mais aprofundados para repassarem aos outros. O que você aprendeu com esta parábola do semeador?

3) Qual a proposta do Manifesto da Juventude Franciscana? É possível viver essa proposta?

4) De acordo com as Diretrizes como está dividida a Formação da JUFRA do Brasil? Na sua Fraternidade você dá prioridade à Formação?

5) Como anda a relação da sua fraternidade de JUFRA com a OFS? E o que deve melhorar no relacionamento entre sua fraternidade de JUFRA com a OFS?

Dinamizando o tema: Entrevista

Objetivos**:**

1) Obter conhecimentos, informações ou mesmo opiniões atuais a respeito do tema.

2) Utilizar melhor os conhecimentos de um especialista sobre o tema.

3) Obter mais informações em menos tempo.

4) Tornar o estudo do tema, mais dinâmico.

Componentes**:**

1) Coordenador (O próprio coordenador do grupo)

2) Entrevistado (Pessoa versada no tema de interesse do grupo, pode escolher qualquer um dos documentos)

3) Auditório (os demais participantes do grupo)

Passos**:**

1) coordenador apresenta em breves palavras, um tema, deixando várias dúvidas sobre o mesmo. (proposital)

2) Coordenador levanta com o grupo, a possibilidade de completar o conhecimento através de entrevista jusnto a pessoas que são estudiosas do assunto.

3) O grupo define o entrevistado.

4) O grupo, orientado pelo coordenador prepara as perguntas para a entrevista.

5) Convite ao entrevistado

6) Representante do grupo faz as perguntas.

7) Auditório vai registrando as respostas.

8) Coordenador possibilita comentários sobre as respostas dadas pelo entrevistado.

9) Coordenador faz uma síntese de todo o conteúdo.

10) Discussão sobre o assunto.

11) Grupo (auditório) apresenta verbalmente, suas conclusões.

Avaliação**:**

1) Para que serviu a dinâmica?

2) O que descobrimos através da entrevista?

3) O que gostaríamos de aprofundar sobre o assunto?

Vivenciando o tema

- ✓ Promova estudos dos Documentos da JUFRA para melhor conhecer as normas e orientações do movimento o qual participa, seja através das reuniões da fraternidade ou encontros, em caso de dúvida procurem alguém mais experiente da JUFRA ou da OFS para explicá-los.
- ✓ Formar um irmão é despertá-lo para a educação, para o amor, para a oração, para a vida, seja através de atividades concretas na sociedade ou através de estudos, encontros, celebrações, etc., busquem fazer essas práticas em suas fraternidades.

REFERENCIAS

AVELINO, Maria Verônica . **História da JUFRA na XIIª Região (RN/PB)**. 2ª edição, Natal-RN. 1996.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Grito da Terra Grito dos Pobres**. S. Paulo: Ática, 1995.

CADERNOS FRANCISCANOS Nº 2. **O Feminino no Franciscanismo**. Petrópolis: CEFEPAL. 1991.

CADERNOS FRANCISCANOS Nº 4. **Franciscanos Falam do Feminino**. Petrópolis: CEFEPAL, l992..

DOCUMENTOS BÁSICOS. **Juventude Franciscana**. 1ª edição, 1989.

EQUIPE XIIª REGIÃO (RN/PB). **Módulo São Francisco de Assis**, Natal , 1991.

GARAGIOLA, João de Deus, OFM. **Juventude Franciscana (20 anos de História no Brasil**). Petrópolis: CEFEPAL. l99l.

NOTAS DE AULA. **Encontro de Espiritualidade Franciscana**. CEFEPAL, Petrópolis, 1994.

SEC. EXEC. NACIONAL DA JUFRA DO BRASIL. **Formação da JUFRA do Brasil 1ª Etapa**. Campo Grande / MS, 1994

SILVEIRA, I. OFM. REIS, O. **São Francisco de Assis (Escritos e Biografias)**. Petrópolis: CEFEPAL, 1988.

Site: www.catequisar. com.br **– dinâmicas – volume 02 e 04**. pesquisa dia 29/09/2006, 22:49hs

Novo Testamento e Salmos. **A Boa Semente.** Brasília, Editora Pelicano, 1997

Escritos de São Francisco de Assis. Vozes: Petrópolis-RJ, 1981;

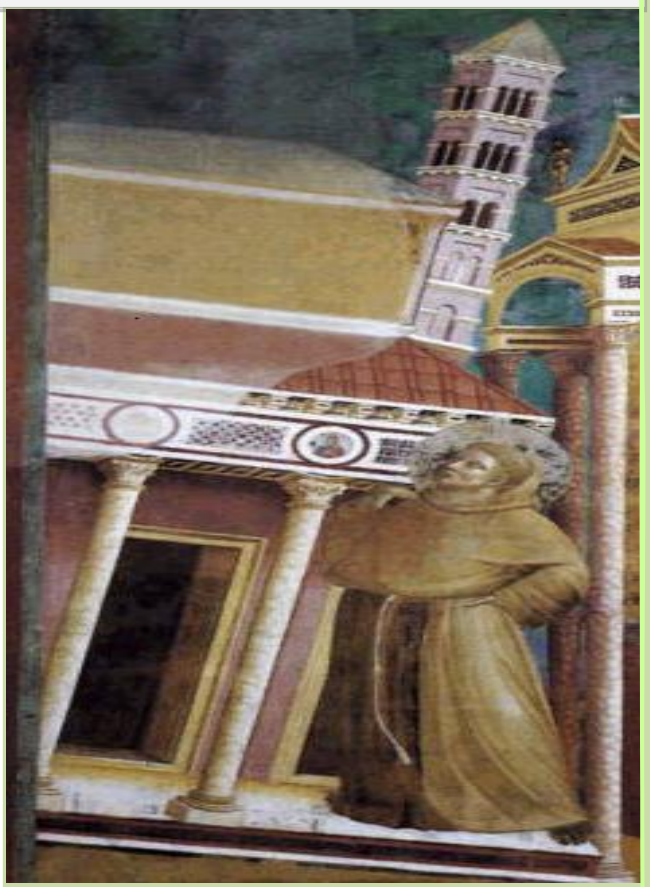
Estatuto Nacional da JUFRA, aprovado no XII CONJUFRA. Curitiba-PR, 2004;

BORGES, Giovanna Leal. **Dinâmicas de Grupo – Redescobrindo Valores**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

Fontes Franciscanas 1. **São Francisco de Assis. Escritos**. São Paulo. Editora Mensageiro de Santo Antonio. 1999.

BECKHÄUSER, Frei Alberto, OFM. **Comentário Espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Conhecimento da Igreja



Afresco de Giotto di Bondone

"Na verdade este é o homem que, por sua obra e sua doutrina, haverá de sustentar a Igreja".

Tomás de Celano, Vida II, 17.

1. PROJETO DE DEUS

A história de Deus na Bíblia leva-nos a descobrir a nossa história. Através do Gênesis no primeiro capítulo, percebemos que o Projeto de Deus se expressa através do seu ato criador. Deus criou o mundo em perfeita harmonia.

O projeto de Deus é que todos nós, possamos desenvolver ao máximo a nossa dimensão espiritual: relação com Deus, relações profundas e gratificantes com os demais, liberdade, inteligência, criatividade artística, etc.

O maior presente que Deus deu ao homem é Jesus Cristo, que com suas palavras, suas obras e sua pessoa nos revela o plano que Deus tem para nós. Esse projeto Jesus mesmo o chamou O Reino de Deus, concedido a nós pela Salvação.

A Igreja, Povo de Deus

A Igreja tem por finalidade "proclamar o alegre anúncio que Jesus Crucificado e Ressuscitado é o Senhor". (*Múnus Régio, profético e sacerdotal de Jesus*).

A Constituição Dogmática Lumen Gentium, Luz dos Povos, no cap. I descreve que: "O primeiro sujeito de toda ação pastoral é a própria Igreja que é 'Sacramento de Salvação' a serviço a toda a humanidade".

Um pouco mais adiante fala sobre o Projeto que Deus realizou e realiza na sua Igreja: "Assim estabeleceu congregar na santa Igreja os que crêem em Cristo. Desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada, quando, segundo se lê nos santos Padres, todos os justos desde Adão, 'do justo Abel até o último eleito', serão congregados junto ao Pai na Igreja universal (LUMEN GENTIUM, 1, 2)."

O Pai Eterno, por livre e mistério desígnio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação da vida divina. E, caídos em Adão, não os abandonou, ofereceu-lhes sempre os auxílios para a salvação, em vista de Cristo, o Redentor, "que é a imagem de Deus, o primogênito de toda a criatura". A todos os eleitos o Pai, desde a eternidade, "conheceu e predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele fosse o primogênito entre muitos irmãos".

As várias imagens da Igreja

No Antigo Testamento a revelação do Reino se propõe muitas vezes sob figuras. Da mesma forma também agora nos é dado a conhecer a natureza íntima da Igreja por várias imagens. Tiradas quer da vida pastoril ou da agricultura, quer da construção ou também da família e dos esponsais, são preparadas nos livros dos profetas.

A Igreja é um *redil* do qual Cristo é a única e necessária porta. É também a grei da qual o próprio Deus prenunciou ser o pastor. Suas ovelhas, embora governadas por pastores humanos, são,

contudo, incessantemente conduzidas e nutridas pelo próprio Cristo, o bom Pastor, que deu sua vida pelas ovelhas.

A Igreja é a *lavoura* ou o campo de Deus. Nesse campo cresce a oliveira antiga, cuja raiz santa foi os Patriarcas e na qual foi feita e se fará a reconciliação dos Judeus e dos Gentios. Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como vinha eleita. Cristo é a verdadeira videira, que dá vida e fecundidade aos ramos, quer dizer, a nós que pela Igreja permanecemos n'Ele e sem o Qual nada podemos fazer.

A Igreja é santa em sua origem, doutrina e frutos. Ela permanecerá até o fim dos séculos, pois tem como Pastor e ápice o próprio Cristo.

Pedro foi a pedra fundamental na edificação da Igreja, assumindo o chamado de Cristo. Uma construção continuada até aqui pelos seus Apóstolos. Essa construção recebe vários nomes: casa de Deus na qual habita a sua família, morada de Deus no Espírito, tenda de Deus entre os homens e principalmente templo santo, que representado em santuários de pedra, é louvado pelos Santos Padres e, não sem razão, comparado na Liturgia como a Cidade Santa, a nova Jerusalém.

A Igreja é chamada também "Jerusalém celeste" e "nossa mãe". É ainda descrita como a *esposa* imaculada do Cordeiro imaculado. Cristo "amou-a e por ela se entregou, para santificá-la", associou-a a Si por uma aliança indissolúvel e incessantemente "a nutre e dela cuida", tendo-a purificado, a quis unida e sujeita a Si no amor e na fidelidade, enfim cumulou-a para sempre de bens celestes para que compreendamos a caridade de Deus e de Cristo para conosco, que ultrapassa todo o conhecimento.

Nova aliança e novo povo

O Reino nunca é imposto. Deus propõe seu plano, convida, e é o homem quem aceita ou recusa Jesus.

Para que Deus reine efetivamente no coração de cada homem e no coração da história, são necessárias a aceitação e a cooperação livre, voluntária e inteligente do homem.

Quando Deus fez uma Aliança com seu povo, selou para sempre um compromisso de libertação e preparação para aquela nova e perfeita aliança que se estabeleceria em Cristo, e para transmitir uma revelação mais completa através do próprio Verbo de Deus feito carne. "Eis, virão dias diz o Senhor, em que eu farei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá... Gravarei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o Meu povo... Todos me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor". Foi Cristo quem instituiu esta nova aliança, isto é, o novo testamento em seu sangue, chamando de entre judeus e gentios um povo, que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo Povo de Deus. Na verdade os que crêem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível, mas incorruptível pela palavra do Deus vivo, não da carne, mas da água e do Espírito Santo, são finalmente constituídos "em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido... que outrora não eram, mas agora são povo de Deus".

Deus convocou e constituiu a Igreja, a fim de que ela seja para todos e para cada um o sacramento visível desta edificante unidade. Devendo estender–se a todas as regiões da terra, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo em que ultrapassa os tempos e os limites dos povos. Andando, porém, através de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus prometida pelo Senhor, para que na fraqueza da carne não decaia da perfeita fidelidade, mas permaneça digna esposa de seu Senhor e, sob a ação do Espírito Santo, não deixe de renovar–se a si mesma, até que pela cruz chegue à luz que não conhece o ocaso.

Em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça. Aprouve, contudo, a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse. Escolheu por isso a Israel como o Seu povo. Estabeleceu com ele uma aliança. E instruiu-o passo a passo. Na história deste povo de Deus se manifestou a si mesmo e os desígnios da Sua vontade. E santificou-o para Si. Tudo isso, porém, aconteceu em preparação e figura para aquela nova e perfeita aliança que se estabeleceria em Cristo, e para transmitir uma revelação mais completa através do próprio Verbo de Deus feito carne.

Iluminação bíblica

✓ Gênesis 1, 1 – 31

Para refletir juntos

1) Na sua opinião, a nossa Igreja tem cumprido com todo o Projeto de Deus?

2) A nossa Igreja é hierarquizada? Você acha que toda essa organização hierarquizada da Igreja, faz parte do Projeto de Deus?

3) Estamos abertos à novidade de Jesus e do Reino, ou somos daqueles que acham que já conhecem perfeitamente o Evangelho?

4) Baseado no texto você contribui com o Projeto de Deus na sua Igreja?

Dinamizando o tema: Ontem – hoje – amanhã

Objetivo**:** Resgatar momentos pessoais que poderão servir de base para analogia com as mudanças da Igreja.

Material utilizado**:** Folhas de papel em branco e lápis.

Desenvolvimento**:** Cada participante recebe três folhas em branco e um lápis. Na primeira folha deverá registrar as lembranças de quando tinha entre 11 e 15 anos e representá-las com símbolos, desenhos ou imagens:

Primeira folha: Ontem

Como eu era.

O que sentia.

Do que mais gostava.

O que me revoltava.

Pelo que lutava.

Como era minha família.

Na segunda folha: Hoje

Como eu sou.

O que sinto.

No que acredito.

No que deixei de acreditar.

O que me revolta.

Na terceira folha: Amanhã

Para onde estou indo.

O que quero mudar em mim, na minha vida.

O que quero transmitir para os adolescentes, igual ou diferente do que já vivi.

Cada participante conta brevemente suas expressões.

Recolhem–se os papéis que são agrupados em conjuntos: Ontem – Hoje – Amanhã. Formam–se três grupos, cada um dos quais recebe um dos três conjuntos. O primeiro grupo deverá, com os dados recebidos, fazer uma representação; o segundo grupo, uma história; e o terceiro, uma música. Após as apresentações, realiza– se um debate.

Vivenciando o tema

- ✓ Convidar o Padre para falar sobre o Projeto de Deus na Igreja, ou promover um debate edificante com o mesmo.
- ✓ Trabalhar a música: A edificar a Igreja (Agnus Dei).

2. JESUS CRISTO E SEU PROJETO

O objetivo principal de todo trabalho de evangelização é despertar o jovem a fazer a opção pessoal por Jesus Cristo e seu projeto de vida. O jovem que entra na JUFRA muitas vezes não foi evangelizado, não tem base de fé sólida. Esta fé antes de ser um ato de acreditar numa mensagem é, sobretudo, encontrar-se com uma pessoa, sem este encontro pessoal com Deus e seu projeto, não há fé. Este Deus se revela na pessoa de Jesus Cristo, sendo Jesus o rosto de Deus.

"Cometemos o erro de achar que todo jovem que está no grupo de jovens já fez sua opção pessoal por Jesus Cristo e seu projeto". Ele está em busca disso.

A missão e o múnus do Filho

Objetivo – Ajudar a perceber a missão do filho de Deus e a encarar a sua missão franciscana.

O que é missão – Ato de enviar

O que é múnus – Função que alguém tem obrigação de exercer.

Cântico – O Deus que me criou me quis me consagrou (Zé Vicente)

Deus nos enviou o seu Filho. O qual foi predestinado a restaurar, salvar o mundo, através do amor e nos escolheu para sermos seus irmãos. Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou na Terra o Reino dos céus, revelou-nos seu mistério e por sua obediência realizou a redenção. O Reino de Cristo, através do poder de Deus, cresce visivelmente no mundo. E este começo e crescimento são ambos significados pela entrega total de Cristo para nos salvar, onde foi crucificado e morto numa cruz. "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim". E a obra da nossa redenção é percebida sempre que o sacrifício da cruz se celebra sobre o altar. Assim como a unidade dos fieis é significada e realizada pelo sacramento do pão eucarístico, onde Cristo se entrega por nós para que nos entreguemos a ele e aos irmãos. É o Cristo que vem como pão e satisfaz todas as necessidades e nos dar respostas a todas as angústias. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, do qual procedemos, por quem vivemos e para quem tendemos.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 4, 14-21

Para refletir juntos

1) Como entendemos a missão de Cristo?

2) Como poderíamos cultivar a nossa missão?

3) Com base no texto bíblico, quais os obstáculos que mais nos impede de exercer a missão, que Cristo nos confiou?

Vivenciando o tema - O Reino de Deus

Propósito – Realizar uma mini missão com toda a fraternidade convidando também os franciscanos que conhecem em uma comunidade carente para visitar. Revendo a minha vida cristã com mais seriedade.

Objetivo – Fazer com que os jufristas sejam participantes do Reino de Deus.

Cântico – Momento Novo (Zé Vicente)

O mistério da Santa Igreja manifesta-se na sua fundação. Pois o Senhor Jesus iniciou sua Igreja pregando a boa-nova, isto é, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras havia séculos: "Porque se completou o tempo e o Reino de Deus está próximo". Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. Pois a palavra do Senhor é comparada à semente, semeada no campo: os que a ouvem com fé e são contados no número da pequena grei de Cristo receberam o próprio Reino; depois, por sua própria força a semente germina e cresce até o tempo da messe. Também os milagres de Jesus comprovam que o Reino já chegou à terra: "Se expulso os demônio pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o Reino de Deus".

Sobretudo, porém, o Reino é manifestado na própria Pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio "para servir e dar a sua vida em redenção por muitos".

Mas como Jesus, que padeceu a morte na cruz pelos homens, ressuscitou, apareceu como constituído Senhor e Cristo e Sacerdote para sempre e derramou sobre seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai. Por isso a Igreja, enriquecida com os dons de seu Fundador e observando fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o Reino

de Cristo e de Deus, de estabelecê-lo em todos os povos deste Reino constituiu na terra o germe e o início.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 12, 22-33

Para refletir juntos

1) Por que não assumimos nossa responsabilidade diante do Reino de Deus?

2) A Aquisição de bens torna-se um obstáculo na busca pelo Reino de Deus? Justifique.

3) O que eu vou fazer a partir de hoje para implantar o Reino de Deus no mundo?

Vivenciando o tema - A Igreja corpo místico de Cristo

Propósito – Onde posso levar o Reino de Deus no Mundo de hoje? Relacione local(ais) possível(eis) para uma evangelização aonde poucas pessoas vão; Realizando um mutirão para anunciar o Reino de Deus onde é pouco levado – (Hospital, Delegacia, Presídios, Casas de acolhimento de Idosos, Crianças com câncer, Aids, praças de prostituição, moradores de rua, etc.).

Objetivo – Despertar que a comunidade é o Corpo de Cristo, favorecendo o autoconhecimento e a valorização deste corpo.

Cântico – O Chamado (Adriana)

Cristo venceu a morte, ressuscitou, remiu e transformou o homem numa nova criatura. Ao comunicar o Seu Espírito, fez de Seus irmãos, misticamente, os componentes de Seu próprio Corpo.

Através dos sacramentos, podemos nos unir a Cristo de modo misterioso e real. Pelo batismo configuramo-nos com Cristo: "Com efeito, em um só Espírito fomos batizados todos nós para sermos um só corpo". Alimentando-nos do corpo do Senhor, através da eucaristia, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. "Sendo um só o pão, todos os que participam deste pão único formamos um só corpo".

Na edificação do corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Um só é o Espírito que, distribui Seus vários dons segundo suas riquezas e as suas necessidades dos ministérios. O mesmo Espírito, unificando o corpo por Si e Sua força e pela conexão interna dos membros, produz e estimula a caridade entre os fiéis. Por isso, se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; ou se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele .

A Cabeça deste corpo é Cristo. Ele é a imagem de Deus invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas. Ele é antes de todos. E todas as coisas n'Ele subsistem. Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja. Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, de maneira que tem a primazia em todas as coisas. Pela grandeza de Seu poder, domina as coisas do céu e da terra. E por Sua supereminente perfeição e operação enche todo o corpo das riquezas de Sua glória.

Cristo mesmo distribuiu continuamente os dons dos ministérios no seu corpo que é a Igreja, através dos quais, nos prestamos mutuamente os serviços para a salvação de tal forma que, vivendo a verdade na caridade, em tudo cresçamos n'Ele que é a nossa Cabeça.

Cristo ama a Igreja como Sua Esposa, tornando modelo do marido que ama sua mulher como seu próprio corpo, mas a Igreja está sujeita à sua Cabeça. "Porque n'Ele habita

corporalmente toda a plenitude da divindade", enche com Seus dons divinos a Igreja que é Seu corpo e Sua plenitude, para que ela se desenvolva e chegue à completa plenitude de Deus.

Iluminação bíblica

- ✓ 1 Coríntios 12, 12-14; 27-28

Para refletir juntos

1) A Imagem do Corpo é usado para falar da unidade, diversidade e solidariedade, que caracteriza a comunidade cristã. Como estamos formando o corpo da JUFRA diante do nosso carisma?

2) Todas as pessoas são diferentes entre si, cada um com sua originalidade contribui de maneira indispensável para o crescimento de todos. De que maneira nós estamos contribuindo?

3) Qual a lição central dos trechos bíblicos?

Vivenciando o tema - O Espírito Santificador da Igreja

Propósito – procure na sua comunidade um serviço que seja necessário e que mereça sua atenção e dedicação.

Objetivo – Descobrir que o Espírito Santo continua a obra de Cristo inspirando, animando e fortalecendo a vida e os membros da Igreja .

Cântico – Quando o Espírito de Deus soprou

Após consumada, a obra que Deus confiou ao Filho, foi-nos enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes a fim de santificar perenemente a Igreja para que todos os que acreditam pudessem se aproximar do Pai por Cristo num mesmo Espírito. Por meio do Espírito o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que em Cristo ressuscitem seus corpos mortais. O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo. Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total. Unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-a e dirigi-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com Seus frutos. Pela força do Evangelho Ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a a união consumada com seu Esposo. Pois o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: "Vem".

Iluminação bíblica

- ✓ Gálatas 5, 13-26

Para refletir juntos

1) Qual o papel do Espírito Santo na vida do Cristão?

2) Conforme a leitura nós somos uma fraternidade que ajuda uns aos outros a crescer na vida Cristã?

3) De acordo com a leitura bíblica, façam um paralelo entre pessoas que agem impulsionadas pelo Espírito Santo e entre pessoas que agem segundo o pecado.

Vivenciando o tema - Universalidade e Catolicidade do único Povo de Deus

Propósito – dentre os ensinamentos da leitura bíblica, foram citados alguns dons, escolha um deles e tente colocá-lo em prática no decorrer desta semana.

Objetivo – Ajudar os jufristas a perceber que a Igreja é um corpo, Jesus Cristo seu fundador é a cabeça e nós seus membros, somos responsáveis neste corpo.

Cântico – Vem eu mostrarei (Valdeci Farias e Josmar Braga)

Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os tempos, para que se cumpra a vontade de Deus. Deus enviou seu filho para congregar os povos que estavam dispersos.

Todos os fiéis que estão dispersos pela terra, entram em comunhão com os demais no Espírito Santo, e assim "aquele que ocupa a sede de Roma sabe que os da Índia são membros seus". O caráter universal da igreja se dá pela difusão do amor de Cristo, através dos povos, em todos dos lugares do mundo, sem distinção de ninguém. A todos foi anunciado o Reino de Cristo neste mundo, onde nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário, fomenta e assume as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purifica-os, reforça-os e eleva-os.

O Povo de Deus não é só a reunião dos diversos povos, mas em sua estrutura interna é também composto de várias ordens. Pertencem também ao povo de Deus todas as igrejas que atribuem um vínculo de íntima comunhão com as riquezas espirituais. Na comunhão eclesiástica há legitimamente Igrejas particulares gozando de tradições próprias, que presidem a assembleia universal da caridade, protegem as legítimas variedades e ao mesmo tempo vigiam para que as particularidades não prejudiquem a unidade, mas antes estejam a seu serviço. Daí, finalmente, entre as diversas partes da Igreja há vínculos de íntima comunhão com relação às riquezas espirituais, aos operários apostólicos e aos subsídios temporais.

Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal. A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer, enfim, todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus.

IGREJA – Assembleia de fiéis ou reunião dos convocados por Deus, comunidade dos Cristãos convocados por Cristo.

CATÓLICA – Que está em todo lugar, presente por toda parte.

APOSTÓLICA – Foi fundada por Jesus Cristo na pessoa dos apóstolos principalmente pelo príncipe dos apóstolos, Pedro, o primeiro PAPA da Igreja.

ROMANA – Porque foi em Roma que o apóstolo Pedro, fundou e edificou a Igreja onde morreu nesta cidade, tendo como sucessores os PAPAS.

Iluminação bíblica:

- ✓ Atos dos Apóstolos 2, 42-47

Para refletir juntos

1) Qual é exatamente a missão da Igreja de Jesus Cristo?

2) Diga concretamente qual a responsabilidade que você como jufrista, sente que deve assumir no seu ambiente secular?

3) O que o texto bíblico diz para nós hoje?

Vivenciando o tema - A índole missionária da Igreja

Propósito – Em seu ambiente pesquise nomes de pessoas que testemunhem com sua vida a justiça e a verdade. E diga por que você constatou isso.

Objetivo – Despertar no jufrista a missão de Jesus que foi proclamar e defender a vida e esta somente é possível quando ela é assumida com os outros.

Cântico – Vai trabalhar

Como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos dizendo: "Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto eu vos mandei. E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo". Este solene mandamento de Cristo de anunciar a verdade salvadora, a Igreja o recebeu dos Apóstolos com ordem de cumpri-lo até os confins da terra. A Igreja continua incessantemente a enviar os pregadores, até que as Igrejas nascentes sejam plenamente constituídas e continuem elas mesmas o trabalho de evangelizar. Pois pelo Espírito Santo é ela compelida a cooperar, para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constituiu Cristo como princípio de salvação para todo o mundo. Pregando o Evangelho, a Igreja atrai à fé e à confissão da fé os ouvintes, dispõe-nos ao batismo, arranca-os da escravidão do erro e incorpora-os até à plenitude. A Igreja trabalha de maneira tal que tudo o que de bom se encontra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e culturas. Por sua parte, incumbe a cada discípulo de Cristo o dever de disseminar a fé. Se qualquer um pode batizar os que crêem, compete, contudo, ao sacerdote realizar a edificação do Corpo de Cristo pelo sacrifício eucarístico, cumprindo as palavras de Deus que falou pelo profeta: "Do nascer do sol até o ocaso, é grande meu nome entre as nações, e em todo lugar se sacrifica e oferece ao meu nome uma oblação pura". Assim a Igreja reza e trabalha ao mesmo tempo, para que a plenitude do mundo todo entre no grêmio do Povo de Deus, Corpo do Senhor e Templo do Espírito Santo.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 28, 16-20

Para refletir juntos

1) Jesus veio para que os homens tivessem vida e vida em abundância, sua existência foi uma luta constante pela vida. Como estou anunciando tudo que constrói a vida e denunciando tudo o que impede a realização da vida?

2) Uma das coisas mais bonitas que Jesus nos ensinou foi que Deus é nosso PAI. Como estamos trabalhando para que o ensinamento que Jesus, nos deu neste evangelho seja cumprido? E o que está faltando para cumpri-los?

Vivenciando o tema - Eucaristia Nova Vida

Propósito – Fazer um gesto concreto pelo qual me torno semelhante à Igreja que Cristo fundou, dando testemunho de vida Cristã.

Material**:** círculos de papel para representar hóstias, 1 tronco brotando, 1 cálice vazio, 1 texto bíblico sobre a eucaristia, canetas e lápis.

Procedimento**:** formar um círculo com os participantes, colocando no centro deste um tronco brotando, um cálice vazio e um texto sobre a eucaristia. Ler o texto bíblico. Comparar o tronco brotando com a nova vida em Cristo que a eucaristia nos proporciona. O galho foi cortado, mas a nova vida brotou. Nós, pelo pecado, cortamos as alianças com Deus, mas pelo arrependimento e pela eucaristia podemos ter uma vida nova. Distribuir uma "hóstia" para cada participante, para que escrevam o que no dia-a-dia favorece nosso crescimento e nos leva a fortificar nossa aliança com Deus. Todos colocarão as "hóstias" no cálice sem se identificar. O coordenador poderá ler todos os papeis, tecendo um comentário se a maioria acha que está crescendo espiritualmente ou está com dificuldades.

Reflexão**:** muitas vezes participamos das celebrações eucarísticas, mas não nos conscientizamos da importância destas. Não procuramos reviver, nesta hora, tudo o que Jesus passou e seu imenso amor pela humanidade. Para recebermos o sangue e o corpo de Cristo é importante vasculhar o nosso interior para retirar tudo o que não combina com os ensinamentos de Jesus, para que Ele encontre em nós uma morada digna.

3. A CAMINHADA DA IGREJA

Quadro histórico: Os imperadores de 33 a 81 d.C.

Quando Jesus morreu, o imperador romano era Tibério, e Pôncio Pilatos era o procurador na Palestina. Tibério reinou até o ano 37, quando morreu. Depois subiu ao poder Calígula. Queria ser adorado como um Deus e pretendia colocar sua estátua no Templo de Jerusalém, para que fosse adorado pelos judeus. Não conseguiu realizar o seu projeto e morreu em 41. O próximo imperador foi Cláudio. Apesar de ser mais tolerante, baixou um decreto em 49, expulsando os judeus de Roma. No meio dos expulsos estava o casal Áquila e Priscila. Eles deixaram Roma e foram morar em Corinto, onde encontraram Paulo, formando uma equipe de pastoral (At 18,2). Cláudio morreu em 54. O Sucessor de Cláudio foi Nero, que ficou famoso na história das primeiras comunidades cristãs. Espalhou em todo o império romano o culto ao imperador. Exigiu ser adorado como Deus e considerava-se grande artista. Em 64 compôs uma peça e achou que ela deveria ser cantada diante de uma cidade em chamas. Mandou queimar parte da cidade de Roma e acusou os cristãos de terem praticado tal ato. Foi aí que começou a primeira perseguição organizada aos cristãos. Em 64, Nero baixou um decreto que proibia ser cristão. Quem insistisse era preso, torturado ou mandado para um estádio de espetáculos. A perseguição dos cristãos terminou com a morte de Nero em 68. Nesse tempo, Vespasiano estava na Palestina lutando contra os judeus. Ao saber da morte de Nero, voltou a Roma e assumiu o poder, apoiado por seu exército. Morreu em 79. Tito substituiu seu pai Vespasiano. Foi ele quem, na guerra contra os judeus, destruiu o Templo de Jerusalém, no ano 70. Tito reinou até o ano 81. O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito aí pelo ano 80, durante o reinado de Tito.

A história sagrada continua nas comunidades

A Igreja estava se espalhando pelo mundo. Nascida no seio do judaísmo, parecia estar sempre mais longe do mundo dos hebreus. Nos anos 80 e 85, já tinham morrido os grandes apóstolos. Surgiam então muitas perguntas para uma comunidade formada, em sua maioria, por pagãos convertidos. Serão, de fato, as comunidades de hoje continuação do antigo povo escolhido por Deus, de que nos fala o Antigo Testamento? As comunidades de hoje continuam a caminhada de Jesus, que nunca se separou do mundo dos judeus? Em seu livro, cuja primeira parte é o Evangelho e a segunda, os Atos dos Apóstolos, Lucas responde a essas perguntas. Procura mostrar que a História Sagrada continua. Jesus é o Messias. O Espírito Santo animou os apóstolos para serem "testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" (At 1,8). Em sua missão, eles criaram comunidades inicialmente em Jerusalém, e em seguida em todos os lugares. Assim, as atuais comunidades cristãs estão ligadas intimamente ao povo do Antigo Testamento e a Jesus. As comunidades estavam enfrentando outros problemas. De um lado, os judeus consideravam os cristãos como hereges e traidores. De outro lado, aumentavam a oposição dos romanos para com os cristãos.

O Império Romano dava liberdade a todas as religiões. A única condição era que todos respeitassem os deuses romanos e prestassem culto ao imperador. O imperador era considerado um Deus, acima e dono das leis. A religião encobria desse jeito a mais dura opressão. Os romanos começaram a considerar perigosos os cristãos, quando descobriram que esse grupo de homens e mulheres se declarava inimigo dos deuses de sua pátria e do culto ao imperador. O perigo aumentava, pois os cristãos estavam se espalhando pelo mundo e a religião e o culto do imperador eram o elo de união de todos os povos sob o império. A nova seita criava então uma fenda, uma rachadura no edifício compacto do império. Por isso, os cristãos, que não aceitavam o culto aos deuses e ao imperador, eram considerados ateus e subversivos da "ordem imperial".

Pedro e Paulo foram condenados e mortos por isso. Surgia então o problema: como ajudar os cristãos nessa situação? Além disso, o fervor da primeira comunidade às vezes diminuía e os cristãos deixavam-se seduzir por Satanás (At 5,3). O livro dos Atos dos Apóstolos é para todos os tempos e muito atual para o nosso. Devemos lê-lo de uma vez, com o mesmo interesse com que lemos as recordações de nossa família, pelas quais compreendemos de onde viemos e por que viemos.

Diante da situação em que se encontrava a comunidade, Lucas proclama que Deus continua presente nas comunidades cristãs. Deus, no Antigo Testamento, acompanhou o povo hebreu; em seguida manifestou-se plenamente na vida, morte e ressurreição de Jesus. Hoje, continua com sua ação presentes nas comunidades, que nasceram da fé no Ressuscitado. Os fatos que são contados, as atividades dos apóstolos mostram que o plano de Deus está se realizando.

No centro da pregação dos apóstolos está Cristo Jesus. Ele é a grande notícia que muda a história dos homens. Os primeiros cristãos lembravam-se de Jesus – Homem de Nazaré, e acreditavam que ele é o filho de Deus, cuja volta estavam aguardando. Naquela época as comunidades tinham os responsáveis (Pedro, João, Paulo, Tiago) que foram "homens que entregaram suas vidas para o serviço a comunidade de Cristo" (At 15,26). Homens que produzem o estilo, a maneira de viver, de pregar, de sofrer e de morrer de seu Mestre. Homens e mulheres que, apesar das dificuldades e perseguições, enxergam para onde vai a caminhada da Igreja, do mesmo jeito que Moisés, pois "foi pela fé que deixou o Egito, sem temer o furor do rei, e resistiu como se visse o invisível" (Hb 11,27).

A oração tem papel muito importante na vida das primeiras comunidades. Essa imagem da vida dos primeiros cristãos é apresentada às Igrejas de todos os tempos como ideal, modelo e estímulo.

Sem dúvida, o personagem principal, determinante, é o Espírito Santo. É a força que gera a comunidade cristã. O Espírito Santo faz com que as pessoas se entendam, superando as divisões mesquinhas, o racismo, os preconceitos. Para ser cristão não é preciso abandonar a própria cultura. A Igreja é a humanidade nova, contrária à torre de Babel, pois nasce da ação do Espírito (At 2,1-12). Ele acompanha a ação da Igreja. Em clima de oração e reflexão sobre a palavra de Deus, a comunidade percebe, pela influência do Espírito (At 13,1-3).

Prosseguindo entre as tentações e tribulações da caminhada, a Igreja é apoiada pela força da graça de Deus, que lhe foi prometida pelo Senhor, para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza humana, mas permaneça digna esposa do seu Senhor e, com o auxilio do Espírito Santo, não cesse de se renovar a si própria até que, pela Cruz, chegue a luz que não conhece o acaso".

Na sua caminhada a Igreja procura reencontrar a união de todos os que professam a própria fé em Cristo, para manifestar a obediência ao seu Senhor que orou por esta unidade, antes do seu sacrifício. Assim a Igreja vai avançando na sua peregrinação anunciando a paixão e morte do Senhor até que ele venha. A caminhada da Igreja especialmente na nossa época, está marcada pelo sinal do ecumenismo: os cristãos procuram as vias para reconstruir aquela unidade que Cristo invocava do Pai para os seus discípulos nas vésperas da sua paixão: "para que todos sejam uma coisa só".

Iluminação bíblica

- ✓ Atos dos Apóstolos 1, 1 – 8

Para refletir juntos

1) O texto nos remete fatos históricos da caminhada da Igreja Católica em geral. Quais desses fatos mais chamaram a sua atenção?

2) Qual a lição central da leitura bíblica?

3) A Igreja católica contou com grandes pessoas, que tiveram atitudes corajosas, tornaram a nossa Igreja conhecida no mundo inteiro e sobretudo respeitada. Hoje qual a sua colaboração para a difusão do Reino de Deus na sociedade em geral?

4) Dos diversos desafios e dificuldades que os apóstolos, os profetas, os discípulos enfrentaram, por causa do anuncio do Reino de Deus, faça uma analise pessoal como franciscano e reflita se hoje você seria capaz de enfrentar esses desafios.

Vivenciando o tema

- ✓ Reúna a fraternidade com outros grupos paroquiais e façam um levantamento histórico da caminhada da sua Igreja local, pode ser através de gincanas, concursos, etc. Com isso vocês poderão montar uma exposição na comunidade;

- ✓ Promovam juntos, visitas às famílias seja para conversar ou reunir para falar da palavra de Deus, divulguem o Evangelho, questionem se são engajados, procurem motivá-las a participar da

Igreja, hoje nosso mundo está precisando muito disso; tenham fé e coragem e faça sua fraternidade se movimentar, divulgando o amor de Cristo.

✓ Juntos em fraternidade, façam reuniões para estudo da história da nossa Igreja, lá vocês terão uma visão mais ampla de como surgiu e o que fez ao longo dos anos da Igreja Católica, é muito interessante.

Dinamizando o tema- Ser Igreja

Material: 1 balão (bexiga) para cada participante.

Entregar um balão a cada irmão e pedir que brinquem com eles, mas não os deixem cair. Ir tirando devagar os irmãos do círculo, um a um e perceber como aumenta a dificuldade dos últimos para deixar tantas bexigas/balões no ar.

Depois de terminada a dinâmica, incentivar o debate e explicar aos irmãos que a Igreja está dentro de cada um, e que todos devem participar, pois cada um tem um lugar especial na Igreja. A Igreja, assim como as bexigas, não podem se sustentar no ar, isto é, de pé, sozinha ou com poucas pessoas, ela precisa de todos nós para percorrer sua caminhada de Evangelização.

4. A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

A Igreja Latina como participante da modernização

Os últimos 50 anos marcaram as sociedades latino-americanas com a aparição de uma burguesia industrial dinâmica, nacionalista e modernizadora. A tarefa urgente consistia em superar o atraso técnico em que nos encontrávamos mediante uma rápida modernização de toda estrutura produtiva. Precisávamos urgentemente iniciar o combate ao feroz e espantoso subdesenvolvimento.

A Igreja participou ativamente desse programa desenvolvimentista. Ocorreu uma inusitada abertura da Igreja ao mundo. Os problemas principais não eram somente os doutrinários: combate à penetração protestante, o secularismo do estado e os litúrgico-disciplinares, mas agora os ligados à sociedade: justiça, participação e desenvolvimento integral para todos.

Neste período, a Igreja participou de todos os grandes debates em torno da educação, do desenvolvimento econômico, da formação de sindicatos e da reforma agrária. O secularismo emergia agora como um valor teológico.

A Igreja se modernizou em suas estruturas, adaptada à mentalidade funcional da modernidade, secularizou-se em muitos de seus símbolos, simplificou a liturgia e tornou-a adequada ao espírito do tempo.

O discurso da Igreja se fez mais profético no sentido de denunciar os abusos do sistema capitalista e a marginalização do povo. Neste aspecto não apresentou uma perspectiva alternativa, mas sim reformista. Não exigia outro tipo de sociedade, mas senão uma intensa participação dentro dela, uma vez que essa estava inserida e ligada ao sistema liberal moderno do capitalismo avançado e tecnológico.

Este é o modelo de Igreja mais vigente na América Latina. Praticamente a grande maioria assimilou o Concilio Vaticano II, modificando-se em termos de mentalidade teológica (teoria) e de

presença e participação no mundo (prática). Os intelectuais, antes em sua grande maioria anticlericais, agora passaram a ter na Igreja uma aliada. E a Igreja por sua vez tentará evangelizar os diversos grupos situados dentro da sociedade a partir dos valores e da ótica da própria modernidade.

A Igreja que nasce da fé do povo

A comunidade é lugar privilegiado, pois é aí que se celebra a fé, lugar de reflexão e de celebração da vida, dos dons que cada um recebeu de Deus. Ela também é uma célula política da sociedade, é o lugar onde se ajuízam eticamente, à luz de Deus e de sua palavra, as situações humanas de um povo ao mesmo tempo santo e pecador.

A comunidade eclesial significa mais que um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza. Ela é um lugar novo e original para se viver a fé cristã, onde os cristãos se organizam ao redor da palavra de Deus, dos sacramentos e onde há o exercício dos ministérios desempenhados pelos leigos (mulheres e homens). Onde o poder é distribuído de maneira diferente, agora muito mais participado, evitando-se dessa forma qualquer tipo de centralização e dominação.

A comunidade eclesial é o lugar de exercício da democracia real do povo, onde tudo é conjuntamente discutido, refletido, participado e decidido e onde também se exercita o pensamento crítico.

Agora a temática essencial desta Igreja é a mudança social na direção de uma convivência mais justa, direitos humanos garantidos e interpretados como direito das grandes maiorias pobres, justiça social, libertação integral, passando, sobretudo pela libertação sócio-históricas e pelo serviço concreto aos pobres, excluídos e marginalizados do mundo moderno. Essa Igreja compõe a vitalidade da mesma Igreja de Cristo que vive e sofre seu mistério pascal na periferia das grandes nações e nas veneráveis Igrejas européias. Oxalá ela represente um chamado a toda Igreja, para que seja mais evangélica, mais serviçal aos pobres, excluídos e marginalizados e seja, principalmente, um sinal de salvação entre os povos.

O Sonho Franciscano de uma Igreja Ameríndia

Os 500 anos de Evangelização das Américas suscita reações opostas

Há muitos aspectos a levar em consideração quando se analisa a atuação dos franciscanos na América. A presença franciscana no Novo Mundo que já dura mais de 500 anos e como se realizaram e se desenvolveram as relações entre os primeiros frades e os indígenas que, de repente, se confrontaram entre si.

Por ocasião da celebração do jubileu em 1992, surgiram não somente perguntas sobre a maneira como funcionavam as missões na América. Tratava-se também de uma avaliação critica de confrontação entre povos indígenas antigos e tradicionais, como, por exemplo, os asteca, maias, quetchuas, mapuche, guarani, inclusive suas religiões, e o choque com a cultura espanhola.

O número de habitantes do continente americano, na época da chegada dos espanhóis, era muito superior ao dos próprios conquistadores. Apesar disso, a população indígena foi rapidamente subjugada. Cristóvão Colombo, ao chegar na América, em 1492, encontrou uma população estimada de 50 a 100 milhões de habitantes. Dois séculos depois, essa população achava-se bastante reduzida, chegando, em algumas regiões, a um décimo da que existia antes. Essa drástica redução

da população nativa estava intimamente relacionada à violência da conquista que resolveu pelo extermínio a resistência dos nativos em aceitar o domínio espanhol e às doenças trazidas pelos europeus, contra as quais os nativos não tinham imunidade, o que lastimavelmente resultou na morte de muitos indígenas.

É muito diferente entender a história da conquista das Américas, quando se pertence ao grupo daqueles que chegaram de longe nos seus navios para ocupar estas terras, ou quando se faz parte dos povos que foram invadidos sem compreender o que estava acontecendo com eles. Como membros da família franciscana, vamos dar preferência à visão que tiveram os indígenas.

De inicio, a "utopia franciscana" foi bem recebida pelas culturas americanas autóctones (nativas). Isto fomentou nos franciscanos a esperança de verem surgir uma cultura e uma Igreja alternativas, autenticamente índio-franciscanas.

O encontro com o "outro" - uma ameaça

Quase sempre, os povos europeus ao encontrarem outros povos, sentiam-se questionados na sua própria maneira de pensar e de viver. Isto os levava a um sentimento de insegurança, que os conquistadores europeus procuravam superar, rebaixando a cultura dos povos recém-descobertos.

Diante das situações novas e desconhecidas, os fez sentir como heróis que superam uma prova. Um fechamento contra os outros a nível cultural e religioso, nem chegando a travar relações com estes diferentes. *"Se eu sou superior ao outro, então é ele que tem que mudar; é ele que tem que seguir o meu exemplo e atender ao que eu digo".*

Esse tipo de atitude não era exclusivo dos espanhóis. Gregos e romanos agiam da mesma maneira, pois, para eles, todos os outros povos eram "selvagens e bárbaros", muitas vezes descritos como seres assustadores e até monstruosos.

No século XVI, o teólogo espanhol Juan Gines de Sepúlveda ensinou em seus livros ser legítimo subjugar povos pagãos por serem inferiores. Era opinião dele que, *"os espanhóis dominem os bárbaros do Novo Mundo e das Ilhas além mar com plenos direitos. Tais são bárbaros e inferiores aos espanhóis na inteligência, virtude e humanidade, como crianças são inferiores a adultos, mulheres a homens, seres cruéis e brutos a pessoas bem educadas... como os macacos são inferiores a pessoas humanas".*

Uma das provas da inferioridade descrita por ele era o fato dos índios não darem valor ao dinheiro, nem acumulavam tesouros e não tinham noção do sentido da propriedade particular.

O encontro franciscano com os "outros"

É impressionante constatar como certos missionários franciscanos eram capazes de romper com aquela atitude. Essa ruptura faz parte essencial do carisma franciscano. Francisco e Clara não queriam possuir nada; queriam ser peregrinos e estrangeiros neste mundo. Essa atitude despojada capacitava os franciscanos a descobrirem nos "outros" certos valores que a maioria dos conquistadores espanhóis nunca chegaram a perceber.

A maioria deles interpretava a conquista das Américas no seu tempo, como uma obra de Deus. O demônio, na figura dos reformadores tinha começado a seduzir as almas católicas na Europa, para que abandonassem a fidelidade ao papado.

Os franciscanos pensavam encontrar um sinal especial da providência de Deus que lhes confiava o recém-descoberto continente como um novo campo de missão. Foram capazes de descobrir valores culturais (língua, teatro, escrita), que pareciam antivalores à sociedade européia em geral. ...Faz parte essencial da espiritualidade franciscana abrir-se a culturas desconhecidas. Essa atitude capacitava muitos frades menores a deixarem-se instruir, a verem-se a si mesmos como pobres, prontos a receber o enriquecimento dos outros.

Os franciscanos ficaram admirados ao ver um tão grande número de almas, como nunca antes tinham visto reunidos em só lugar. ...O povo ficava admirado de ver os franciscanos usando hábitos tão esfarrapados, em grande contraste com o vestuário vistoso e elegante que os soldados espanhóis que tinham encontrado até então.

Os índios comentavam: "Que pobre gente é esta? Que roupas tão miseráveis estão usando? Não parecem cristãos como os cristãos que vieram da Espanha!"

Através dos contatos pessoais, os missionários descobriram uma série de qualidades positivas nos povos indígenas. A vida perto da natureza, a falta de qualquer sentimento de ganância, a inclinação quase natural de partilhar com outros o pouco que se possuía, o sentido de solidariedade, estas eram algumas das características que os franciscanos mais admiravam nos indígenas.

Ao confrontar o estilo de vida dos indígenas com o dos europeus, os frades chegaram à conclusão de que os índios estavam vivendo mais perto do ideal franciscano do que os cristãos educados no ambiente burguês da Espanha do século XVI. Isto suscitava nos frades a esperança de poderem fundar no Novo Mundo uma comunidade cristã segundo o modelo vivido pela Igreja primitiva de Jerusalém.

No dia-a-dia, os franciscanos partilhavam a vida dos indígenas. Quando eram interrogados estes tomavam o partido dos frades, quando perguntavam sobre suas atitudes, diziam: "porque os frades andam de maneira pobre e descalços como nós; comem as mesmas coisas que nós comemos e falam de maneira meiga conosco".

Na utopia índio-franciscana: uma alternativa

Os frades tinham uma visão muito diferente da dos outros europeus e disso não fizeram nenhum segredo. Respeitavam os costumes e a índole dos povos. Queriam fundar uma Igreja indígena com estruturas próprias e sacerdotes e bispos nativos. Deviam viver pobremente e não ter o direito de cobrar o dízimo ou impostos.

Mas a Igreja ocidental exigia que fosse respeitada como a única norma universalmente válida determinada pelo Concilio de Trento (1545-1563). Com isso o sonho franciscano foi contrariado. A possibilidade de uma autêntica inculturação estava fora de cogitação. Na opinião de alguns franciscanos a religião indígena foi sempre e continuará sendo uma idolatria.

O Anseio da Cristianização em vez Hispanização

Os primeiros missionários franciscanos recusaram-se a permitir que a cristianização das culturas indígenas coincidisse com uma hispanização. Muitos frades chegaram a recusar-se a ensinar a língua espanhola aos índios. Desobedeciam as ordens da Coroa Espanhola neste ponto, mas depois foram obrigados a obedecer tais ordens.

Muitos frades não admitiam que o conceito espanhol fosse equiparado com o termo cristão. Os índios vêem, e continuam vendo todos os dias, espanhóis que levam uma vida debochada, que caçam índios com cães e os maltratam, que lhes roubam suas filhas e esposas, que lhes tomam tudo que possuem e cometem ainda outras atrocidades; *e quando esses espanhóis são chamados de cristãos, vivem e agem desta maneira, então prefiro ser índio, como me chamam, e não cristão*. É esta a causa porque os índios chegam a ter ódio e repugnância ao nome cristão e, em seguida, também, ao nome de Jesus Cristo, do qual é derivado.

As Origens da Visão Franciscana

Foram certas correntes teológicas da época que facilitaram a atitude positiva dos primeiros franciscanos frentes às culturas indígenas da América. Essas correntes têm sua origem no movimento da Reforma européia. O espírito profético, que as caracteriza, as fez questionar a igreja polarizada pelo poder e que se considerava a si mesma como absoluta e singular. Na Europa, essa atitude de auto-suficiência provocava a reação dos Reformadores (Martinho Lutero).

Ao encontrarem-se com outras culturas indígenas, os frades sentiram-se comprometidos com sua maneira de pensar, queriam conduzir os índios a um esperado futuro comum, sem acomodação da cultura indígena às circunstâncias européias.

O Espírito do Tempo e Intolerância

No século XVI, nenhum povo europeu concebia a ideia de ter que respeitar a religião de outros povos. Também os astecas destruíam os templos e santuários de povos que eles conseguiram subjugar, queimando-lhes os objetos sagrados e obrigando-os a aceitar a religião asteca.

Os franciscanos vindos da Espanha não agiam de maneira de diferente. Surgiu uma situação ambígua para os franciscanos no Novo Mundo. De um lado, eles demonstravam uma tolerância bastante ampla a nível cultural, defendendo os direitos dos índios e exigindo que se respeitasse a sua identidade políticocultural. Tiveram até a ideia de duas repúblicas separadas para espanhóis e indígenas, com suas respectivas estruturas próprias. De outro lado, mostraram-se absolutamente intolerantes a nível religioso.

A Violência e Inquisição

A violência exercida pelos franciscanos era dura, sobretudo quando se tratava de destruir a idolatria do poder político. O pleno poder derivava de Bula Papal, o Papa Adriano VI (1522) outorgava aos franciscanos toda autoridade papal no âmbito espiritual e temporal. Alguns frades consideravam essa autorização uma carta branca que lhes conferia o direito de obrigar até as autoridades políticas a ajudá-los na perseguição e na condenação de idolatras - Inquisição.

Uma carta escrita pelo bispo franciscano de Yucatán – 1563 revela:

...acontece que entre os padres não há eruditos, nem entendem os índios, nem tem amor ao próximo ou a Deus, para suportar a miséria e os erros deles.

Sem procurar informações ou provas, os frades torturavam os índios, pendurando-os em cordas, amarrando grandes pedras aos seus pés. Derramam cera escaldante na barriga, a outros lhes dão chicotadas, perfurando-lhes as mãos e os pés como foi feito com Jesus Cristo.

Para ficarem livres eles confessavam tudo que lhes vinha na cabeça, por medo de serem torturados. Por causa dessas confissões os padres lhes deram penitências muito pesadas,

chicotadas, serviços pesados nas casas dos espanhóis. Organizavam os autos-de–fé, onde os índios eram batizados e vestidos de penitentes.

Recebiam chicotadas e tinham a cabeça raspada e eram condenados a 3, 6 ou 10 anos de escravidão. Estou relatando isto para que Vossa Majestade saiba que esses miseráveis usaram a tortura em vez de ensinar a doutrina da Fé. E em vez de mostrar aos infelizes o verdadeiro Deus, os levaram ao desespero. Em vez de acolhê-los no seio da Santa Mãe Igreja de Roma.

Queriam fazer entender que não é possível pregar a Lei de Deus sem aplicar a tortura, todos esses acontecimentos nos causaram grande espanto e susto. Como tínhamos recebido o batismo há pouco tempo e não estávamos ainda bastante instruídos na fé, não sabíamos o que tudo isso significava.

Ao voltarmos aos nossos súditos, para pedir por eles clemência e justiça, os franciscanos prendiam-nos e levaram-nos acorrentados como escravos ao convento de Mérida, onde muitos de nós morríamos, lá éramos informados de que seríamos queimados, sem saber o porquê.

Apesar de nossa tristeza e fadiga, amávamos os padres e dávamos-lhes de presente o que necessitavam. Construímos para eles muitos conventos, equipados com sinos e decorações, tudo pago por nós e por nossos súditos. Em recompensa por nossos serviços, subjugavam-nos, tirando-nos até nossos domínios, herdados de nossos antepassados. Coisas semelhantes nunca tínhamos sofrido antes, nem no tempo em que ainda éramos pagãos.

A Defesa da Cultura dos Povos Subjugados

As inúmeras obras dos frades dão testemunho de um trabalho abrangente em defesa da cultura indígena. Chegaram a escrever em várias línguas indígenas, publicaram livros, editaram petições e requerimentos às autoridades políticas e animaram os próprios índios a escreverem crônicas muito bem feitas. A recusa dos franciscanos de ensinar a língua espanhola aos índios mostrava aos conquistadores que os franciscanos não lhes eram totalmente disponíveis.

O franciscano Jacob de Testera disse aos espanhóis: "*se vocês não fizeram nada para aprender a língua deles e não se informar sobre a miséria que sofrem, então calem a boca ou, antes, encham a própria boca com pedras e lama".*

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 10, 5-12
- ✓ Atos dos Apóstolos 8, 26-35

Para refletir juntos

1) Qual sua opinião sobre o trecho que diz que os índios da América estão vivendo mais perto do ideal franciscano,do que os cristãos da Espanha no Século XV?

2) Há mais de 500 anos os franciscanos estão presentes na América Latina. Apontem e comentem os pontos positivos e negativos da contribuição franciscana para a inclusão dos índios no Cristianismo.

3) Com relação a evangelização inculturada, a Igreja no Brasil, salienta quatro exigências para que ela aconteça de fato: serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão. Reflitam sobre esses pontos em fraternidade a fim de desenvolvê-los.

4) Qual a relação existente entre a mensagem que dos textos bíblicos e o tema estudado?

Dinamizando o tema: O amor vence barreiras

Material: Uma folha para cada irmão.

Desenvolvimento: Cada pessoa receberá uma folha. A mesma deverá ter 3 ou 4 riscos bem irregulares feitos a caneta, impossíveis de serem desmanchados.

Será dado um tempo de 15 a 20 minutos, para que cada irmão esboce uma planta de uma cidade ou condomínio fechado.

Terminado o trabalho, fazer uma pequena exposição, observando o que fizeram e os comentários sobre os riscos existentes no papel.

Questionar se atrapalharam totalmente a estrutura ou se foi possível contorná-la, aproveitá-la, tornando-a parte do esquema.

Reflexão: Apesar do mundo ter sido idealizado perfeito, o homem deturpou muita coisa. Hoje, o que está sendo colocado em nossas mãos é uma sociedade sobrecarregada de injustiças sociais.

Seria mais fácil se tivéssemos a oportunidade de começarmos do nada, construindo os princípios de uma sociedade fraterna e justa. Entretanto não é isso que nos é oferecido e sim uma oportunidade de transformar o que já existe.

Erros que não podem ser apagados não só na sociedade como em nossas vidas. É preciso tentar melhorar! É mais difícil – não existe fórmula pronta, mas o importante é conseguirmos transformar o mal no bem, contornando as situações com otimismo e persistência. Com amor no coração renovaremos o mundo!

Vivenciando o tema

- ✓ Procure dar abertura a todos para o diálogo, respeitando a tudo e a todos, vivenciando o amor e a alegria numa relação fraterna sem distinção;
- ✓ Busquem, a partir do estudo, respeitar uns aos outros, independente de qualquer coisa, tornando-se irmãos de todos como São Francisco;
- ✓ Todos temos a missão de promover a justiça e a paz, de ser solidários e estar sempre, dentro das nossas possibilidades, a serviço dos mais necessitados e excluídos da sociedade.

5. A IGREJA NO BRASIL

A Igreja Católica Apostólica Romana, Instituição religiosa de grande presença social, política e cultural no Brasil, chega ao país no descobrimento e lança profundas raízes na sociedade a partir da colonização. Ordens e congregações religiosas assumem os serviços nas paróquias e dioceses, a educação nos colégios, a evangelização indígena e insere-se na vida do país. A principal religião no Brasil desde o século XVI tem sido o Cristianismo, e, predominantemente a Igreja Católica Apostólica Romana, que foi introduzida por missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras do Brasil.

Por volta do século XVIII, o Estado controlava a atividade eclesiástica na colônia por meio do padroado. Arcando com o sustento da Igreja e impedindo a entrada no país de outros cultos, em troca de reconhecimento e obediência. Com isso, o Estado nomeia e remunera párocos e bispos e concede licença para construir igrejas. Confirma e executa as sentenças dos tribunais da Inquisição. Em contrapartida, controla o comportamento do clero, pela Mesa de Consciência e Ordens, órgão auxiliar do Conselho Ultramarino.

Em 1707, com as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, elaboradas por bispos em uma reunião em Salvador, a hierarquia da Igreja conquista mais autonomia. As constituições uniformizam o culto, a educação, a formação do clero e a atividade missionária. Não impedem, porém, o agravamento dos conflitos entre colonos e padres em torno da escravidão dos índios, que desembocam no fechamento da Companhia pelo Marquês de Pombal em 1759. Nas décadas de 1860 e 1870, a Santa Sé, em Roma, decreta regras mais rígidas de doutrina e culto. Bispos brasileiros, como Dom Ângelo de Macedo Costa, Bispo de Belém do Pará e Dom Vital de Oliveira, Bispo de Olinda, acatam as novas diretrizes e expulsam os maçons das irmandades. Isso não é aceito pelo governo, muito ligado à maçonaria, dando início à chamada, Questões religiosas, culminando com o encarceramento e trabalhos forçados destes bispos em 1875.

Em sete de janeiro de 1890, logo após a proclamação da República, é decretada a separação entre Igreja e Estado. A República acaba com o padroado, reconhece o caráter leigo do Estado e garante a liberdade religiosa. Em regime de pluralismo religioso e sem a tutela do Estado, as associações e paróquias passam a editar jornais e revistas para combater a circulação de idéias anarquistas, comunistas ou protestantes. A partir da década de 30, o projeto desenvolvimentista e nacionalista de Getulio Vargas influencia a Igreja no sentido de valorização da identidade cultural brasileira. Assim, a Igreja expande sua base social para além das elites, abrindo-se para as camadas médias e populares. A Constituição de 1934 prevê uma colaboração entre Igreja e Estado. São atendidas as reivindicações católicas, como o ensino religioso facultativo na escola pública e a presença do nome de Deus na Constituição. Nessa época, o instrumento de ação política da Igreja é a Liga Eleitoral Católica (LEC), que recomenda aos candidatos que se comprometem a defender os interesses do catolicismo. Contra a ascensão da esquerda, a Igreja apóia a ditadura do Estado Novo em 1937. São do período os círculos operários católicos, favorecidos pelo governo para conter a influência da esquerda.

Em 1952 é criada a Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que coordena a ação da Igreja no país. No final dos anos 50, a Igreja preocupa-se com questões sociais geradas pelo modelo de

capitalismo no país, como a fome e o desemprego. Em 1960, a Juventude Universitária Católica (JUC), influenciada pela Revolução Cubana, declara sua opção pelo socialismo. Pressões de setores conservadores da Igreja levam os militantes da JUC a criar um movimento de esquerda, a Ação Popular (AP). Na época, a Igreja está dividida quanto às propostas de reformas de base do presidente João Goulart.

Com o Regime Militar de 1964 crescem os conflitos entre Igreja e Estado. A partir de 1968, com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), há uma ruptura total diante da violenta repressão – prisões, torturas e assassinatos de estudantes, operários e padres e perseguições aos bispos. Na época, a Igreja atua em setores populares, com as Comunidades Eclesiais de Base. Inspiradas na Teologia da Libertação, elas vinculam o compromisso cristão e a luta por justiça social. Os abusos contra a ordem jurídica e os direitos humanos levam a Igreja a se engajar fortemente na luta pela redemocratização, ao lado de Instituições da sociedade civil.

Com a contribuição da CNBB a Igreja Católica do Brasil, busca cada vez mais desenvolver ações, sobretudo formativas, desenvolvendo subsídios para conscientização e formação envolvendo o povo em geral. Todo ano desde 1964 a Igreja do Brasil lança a Campanha da

Fraternidade – CF que é uma atividade ampla de evangelização desenvolvida num determinado tempo, normalmente na Quaresma, para ajudar os cristãos e as pessoas de boa vontade a viverem a fraternidade em compromissos concretos no processo de transformação da sociedade a partir de um problema específico que exige a participação de todos na sua solução. A Campanha da Fraternidade tem por objetivos permanentes despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum, educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho de Cristo.

Além da Campanha da Fraternidade, há também atualmente os Projetos Nacionais de Evangelização que apresentam inúmeros subsídios de formação e orientação a todas as paróquias do país, buscando envolver e comprometer todos os grupos, movimentos e o povo em geral na sua difusão e concretização nas comunidades paroquiais.

O Brasil é considerado o maior país católico no mundo, com aproximadamente 74 por cento de sua população declarada como católica. E nós como franciscanos estamos inseridos desde o início neste número e devemos nos envolver sempre mais colaborando e nos comprometendo com atitudes reais e concretas para difusão do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para que nossa Igreja cresça muito mais alicerçada no amor, na fé, na partilha e respeito às imensas diversidades religiosas que hoje existem no nosso país.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 5, 1-11
- ✓ Atos dos Apóstolos 11, 19-21

Para refletir juntos

1) Quais as principais características da Igreja no Brasil nas diferentes épocas citadas no texto?

2) Quais foram as mudanças que ocorreram, a partir do compromisso da Igreja com os mais pobres e excluídos, através das Campanhas da Fraternidade até hoje lançadas?

3) Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem para nós hoje?

4) Para você, qual o papel do (a) leigo (a) na Igreja?

Dinamizando o tema: O barco

Material: Uma folha em branco para cada um.

Descrição: Somos chamados por Deus à vida, e esta nossa vida nós podemos representar como um barco que navega em alto mar. (fazer o barco de papel).

1. Há momentos da nossa vida que este mar se mostra calmo, mas em muitos momentos nós navegamos por entre tempestades que quase nos leva a naufragar. Para não corrermos o risco de naufragar é preciso equilibrar bem o peso de nosso barco e, para isso, vejamos o que pode estar pesando dentro desse barco.

2. O barco pesa do lado direito. São as influências do mundo. Ex: ambição, drogas, televisão, inveja, etc.

3. Vamos tirar de dentro do nosso barco tudo isso para que ele se equilibre novamente. (Cortar a ponta do lado direito do barco)

4. Navegamos mais um pouco e de repente percebemos que o outro agora é que está pesado, precisamos tirar mais alguma coisa deste barco. Deste lado do barco está pesando: egoísmo, infidelidade, impaciência, desamor, falta de oração, etc. (Cortar a ponta do lado esquerdo do barco)

5. Percebemos agora que existe uma parte do barco que aponta pra cima, é a nossa fé em Jesus que nós queremos ter sempre dentro do nosso barco. Esta nossa fé nós vamos guardar e cuidar com carinho para nos sustentar na nossa jornada. (Cortar a ponta de cima do barco e colocar em algum lugar visível)

6. Vamos abrir este nosso barco e ver como ficou (Abrindo parece uma camisa)

7. Está é a camisa do Cristão, somos atletas de Cristo! Como bom atleta que somos temos que usar muito essa camisa para que nosso time sempre vença (colocar alguma coisa sobre o nosso dever de ser cristão).

8. Depois de suarmos esta camisa, nós podemos ter certeza disto. (Abrir a camisa e mostrar a cruz sinal da certeza da nossa Salvação)

9. Só conseguiremos esta salvação se assumirmos a proposta de Cristo. (Olhando através da cruz podemos ver nosso próximo e entender suas necessidades)

10. Como vamos nos manter firmes nesta caminhada de cristão não deixando que nosso barco afunde? Temos que nos alimentar e aqui está o único e verdadeiro alimento para nossa alma, que nos faz fortes e perseverantes. (Esta pontinha do barco que guardamos - mostrar e perguntar o que é. Resposta: Eucaristia - esta é a certeza de que Jesus estará sempre dentro do nosso barco para enfrentar conosco qualquer tempestade).

Obs.: Os quatro pedaços de papel que retiramos da ponta do barco são os remos. Nós usamos dois remos e os outros dois remos são de Jesus que está sempre em toda nossa caminhada nos ajudando.

Vivenciando o tema

✓ Todos somos responsáveis a dar continuidade à prática de Jesus, através do anuncio do Reino de Deus e a buscar a Salvação em Jesus Cristo;

✓ Assumir a missão de evangelizar de tal forma que supere a ruptura entre o Evangelho e as culturas entre fé e vida, sem desanimar diante dos obstáculos;

✓ Sejamos testemunhas de fé, fraternidade e amor entre os povos, visando superar tudo que atrapalha a difusão do Reino de Deus.

6. AÇÃO PASTORAL (EVANGELIZADORA) DA IGREJA

A Igreja Católica no Brasil, através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a cada quatro anos, define as suas diretrizes para a ação evangelizadora e pastoral. Essas diretrizes são uma resposta da Igreja no Brasil, aos desafios de sua missão, que é EVANGELIZAR.

Nossa Igreja Católica tem acumulado ricas experiências no campo do planejamento pastoral e de sua ação evangelizadora, particularmente a partir do Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). Contudo, as mudanças no cenário religioso, no confronto com as demandas existenciais, as fortes transformações de ordem econômica, política e cultural, estão pedindo novas

respostas da ação evangelizadora e encaminhamentos pastorais mais pertinentes. A humanidade se encontra numa situação cheia de contrastes e incoerências. Os tempos modernos trouxeram inegável progresso na consciência de direitos humanos, na compreensão da necessidade de construir um mundo melhor para todos. No entanto, o comportamento humano nem sempre corresponde a esse progresso. Vemos injustiça na distribuição de bens, violência contra as pessoas e a natureza, busca desenfreada de crescimento a qualquer preço, condenando imensas multidões ao abandono e a exclusão social. Estas mudanças rápidas e profundas precisam ser enfrentadas com uma ação missionária e profética da Igreja.

A proposta do projeto nacional de evangelização da Igreja conforme o documento 72 da CNBB nos diz que há muito o que fazer tanto entre os participantes da Igreja como entre aqueles que estão distantes ou são indiferentes. Nem sempre se trata apenas de desconhecimento das verdades da fé, embora isso também exista e precise de urgente solução. Muitas vezes usamos uma linguagem que não atinge as pessoas, ou falhamos no acolhimento. Há despreparo em muitos agentes cheios de boa vontade. Eles merecem receber o que precisam para realizar a missão que tão generosamente querem abraçar. As pessoas precisam ser acompanhadas nas diversas fases da vida, num clima de solidariedade fraterna, de companheirismo, com um relacionamento que seja o próprio retrato da atenção que Jesus dava as pessoas e do amor com que Deus vê cada um dos seus filhos e filhas.

Assim, em todo o trabalho da Igreja, tem-se em vista as dimensões: 1) comunitário-participativa; 2)missionária; 3) bíblico-catequética; 4) litúrgica; 5) ecumênica e de diálogo inter-religioso; 6) sócio-transformadora.

Conforme lembra o documento *Novo millennio ineunte*, a Igreja deve viver uma dupla fidelidade a Cristo: por um lado, fidelidade às origens, à tradição recebida, ao que o Espírito já fez germinar sobre a base dos apóstolos e profetas da primeira geração cristã; por outro lado, fidelidade à tarefa missionária, de anunciar o Evangelho a novas gerações e enfrentar novos desafios.

Nos últimos tempos, cresceu a consciência de que o encontro do Evangelho com as pessoas, sem perder seu caráter individual e único, acontece no contexto da cultura.

Desde então, se tornou comum o uso na Igreja do termo inculturação, para indicar uma dimensão intrínseca da evangelização.

A igreja continua ressaltando quatro "exigências intrínsecas da evangelização": o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão.

O Concílio Vaticano II colocou, conscientemente, o ministério da Palavra de Deus em primeiro lugar. Assim a proclamação da Palavra na liturgia tornou-se para os fiéis a primeira e fundamental escola de fé.

A celebração litúrgica é o momento mais visível da comunidade eclesial. A liturgia é fonte e vértice da vida da Igreja. Isso é especialmente válido para a celebração eucarística. "A eucaristia edifica a Igreja, e a Igreja faz a eucaristia" (João Paulo II).

Se as fontes da vida da Igreja são a Palavra e o Sacramento, a essência da vida cristã é o amor, o amor-doação, o amor que vem de Deus mesmo, a caridade, que o apóstolo Paulo aponta como o mais alto dos dons.

O amor cristão tem duas faces inseparáveis: faz brotar e crescer a comunhão fraterna entre os que acolheram a Palavra do Evangelho e leva ao serviço dos pobres, ao cuidado para com os sofredores, ao socorro de todos os que precisam, sem discriminação. O Papa João Paulo II reafirmou a opção preferencial da Igreja pelos pobres.

A Igreja no Brasil afirma que, levados pela caridade, os cristãos são também impulsionados pelo Espírito a participar da vida política, para que a própria organização da

sociedade seja cada vez mais impregnada de valores evangélicos. Esta participação política, motivada pela fé, pode assumir diferentes formas, desde o interesse pelos problemas sociais, que é compromisso de todo cidadão, até a filiação a partidos e a aceitação de cargos eletivos. Os cristãos poderão, assim, dar sua contribuição para o aprimoramento da cidadania.

Diante dos desafios que enfrentamos, dentre as diversas mudanças que ocorrem diariamente no mundo, tanto a nível social, como econômico e pessoal, o desprezo pelo que é tradicional, a inversão de sentido da experiência religiosa, qual deve ser a nossa reação?

Cuidado particular merecem os jovens, considerando-se a situação que encontram na sociedade de hoje. Ela lhes apresenta uma oferta imensa de experiências potenciais e de conhecimentos, mas não lhes fornece recursos adequados para satisfazer suas aspirações. Além disso, muitas vezes os desvia para caminhos ilusórios de busca do prazer. Os jovens "são um grande desafio para o futuro da Igreja, que deve torná-los, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social". (João Paulo II)

O objetivo da Ação Evangelizadora e Pastoral da Igreja no Brasil é EVANGELIZAR proclamando a Boa-Nova de Jesus Cristo, caminho para a santidade, por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão, à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, formando o povo de Deus e participando da construção de uma sociedade justa e solidária, a caminho do Reino definitivo.

Os desafios atuais são, como foram citados, numerosos e complexos. Procurando a fidelidade à missão que Cristo confiou à Igreja e a docilidade ao seu Espírito, e visando evitar a dispersão da ação evangelizadora, a Igreja destaca três âmbitos de ação: pessoa, comunidade e sociedade. Para cada âmbito indica-se: um desafio principal, uma reflexão cristã e pistas de ação.

Promover a dignidade da pessoa

Desafio

O desejo de autonomia das pessoas é uma das características da modernidade. Tal desejo se manifesta por uma série de atitudes como a reivindicação dos direitos individuais, a participação nos destinos da sociedade, a liberdade de escolha e decisões da própria pessoa, liberta de padrões e de regulamentos.

Há uma situação cultural de individualismo, que tem aspectos positivos, enquanto promove a individualidade, e que não deve ser confundida com egoísmo, atitude moral negativa, que rompe os laços de solidariedade com o próximo.

Proposta Cristã

Antes de tudo, adesão à pessoa de Jesus Cristo e ao seu Evangelho, acolhida do Dom gratuito que vem de Deus. A fé tem também uma dimensão ética; comporta desdobramentos éticos, morais. Mas ela é, fundamentalmente, confiança em Deus que se revela e nos fala, "como amigos".

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 5, 43-45

Vivenciando o tema

A Igreja aponta alguns aspectos que merecem atenção, os quais poderemos colocar em prática através da nossa fraternidade a serviço dos irmãos: A acolhida e orientação; atenção às necessidades básicas; serviços de terapia e aconselhamento; serviços especiais em favor dos idosos, dos migrantes e crianças;

Renovar a comunidade

Desafio

Temos uma organização social que acentua o isolamento dos indivíduos, incentiva um comportamento que leva ao egoísmo e coloca as pessoas numa competição estressante.

Renovar a comunidade não significa voltar à comunidade natural ou à comunidade tradicional. Nosso esforço será criar condições para que as pessoas possam viver relações de solidariedade e de fraternidade que permitam sua maior realização, no contexto atual.

Proposta Cristã

O Novo Testamento não usa o termo "fraternidade" em abstrato, mas frequentemente fala dos discípulos de Jesus como "irmãos". Porque existe um só Pai de toda a humanidade, todos somos chamados a ser irmãos ou irmãs. É irmão aquele que se reconhece como tal, que reconhece a Deus por Pai e aos outros como irmãos e irmãs. Esta fraternidade se baseia no Dom do Espírito, que nos faz filhos e filhas do Filho.

A fraternidade cristã é aberta e quer acolher a todos os seres humanos e não faz discriminação. "Deus não faz acepção de pessoas". Todos os povos são chamados a formar a única família de Deus. A fraternidade vai além dos vínculos de sangue ou de raça. Pedro nos diz no livro dos Atos: "Deus me mostrou que homem algum é profano ou impuro". O fato de sermos pecadores não elimina a fraternidade. Também os pecadores são irmãos.

Iluminação bíblica

- ✓ Atos dos Apóstolos 10, 28 e 34
- ✓ Atos dos Apóstolos 2, 42-47

Vivenciando o tema

Apontamos algumas sugestões de serviços que a fraternidade pode desenvolver com vistas a um relacionamento mais humano e humanizador:

1) Promover meios de educar para que um relacionamento correto e respeitoso;
2) Educação à solidariedade e à fraternidade;
3) Promover ou engajar-se em serviço de prevenção de HIV e assistência a soropositivos;
4) Dar especial atenção ao problema da violência e da droga,
5) Manter ou promover uma educação crítica para o uso dos meios de comunicação de forma adequada.

Construir uma sociedade mais solidária

Desafio

A sociedade brasileira é hoje uma das mais desiguais do mundo. Nas últimas décadas, a renda do um por cento mais rico se manteve igual à dos cinquenta por cento dos mais pobres. O Brasil, entre 173 países, ocupa o 73°, com base no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). É um dos países que menos distribui sua renda de forma justa e igualitária.

São gravíssimos os problemas como a Reforma Agrária, a Previdência Social, o aumento da violência e da criminalidade, principalmente em consequência do tráfico de drogas, a corrupção que envolve os principais líderes do governo em todos os níveis, desemprego, falta de moradia adequada e saneamento básico, entre outros problemas.

Proposta Cristã

Participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da Ação Evangelizadora no Brasil. A amplitude dos desafios a enfrentar impõe distinguir ao menos três linhas de ação, que se completam mutuamente: Iniciativas e práticas solidárias; Reivindicação de políticas públicas; Participação política e reflexões prospectivas.

Iluminação bíblica

- ✓ Atos dos Apóstolos 2,4 e 4,31

Para refletir juntos

1) A nossa Igreja nos aponta vários caminhos para o engajamento e ação frente a problemas do mundo e da nossa comunidade em si. O que vocês tem feito para colaborar com esses apontamentos?

2) O que podemos fazer de concreto, como fraternidade, para ajudar os doentes, os que sofrem, os pobres e injustiçados, e os que vivem distante da Igreja a se aproximarem de Jesus?

3) Através da Subsecretaria de Ação Evangelizadora as fraternidades tem total possibilidade de melhor se envolver com a missão cristã e de obter subsídios de formação para os irmãos se encaminharem no serviço. A sua fraternidade já trabalha essa subsecretaria? Busquem com vigor animar a vocação evangelizadora e missionária dos jufristas.

Dinamizando o tema - Vivência Cristã

Objetivo: Dinâmica Vocacional - Analisar a nossa vivência Cristã.

Material: Antiácido efervescente Ex: Eno, Sonrisal.

Descrição:
1. Um copo ou vidro transparente cheio de água e com tampa.

2. A 1ª pessoa traz o *(Antiácido efervescente)* e coloca-o em cima da tampa.

3. A 2ª pessoa coloca o outro *(Antiácido efervescente)* com o envelope invólucro fechado dentro do copo.

4. A 3ª pessoa abre o *(Antiácido efervescente)* do envelope e coloca-o dentro da água para se misturar.

5. Analisar: como vim participar desta reunião/encontro?

6. Para que vim?

7. Como é minha participação dentro da comunidade?

8. Analisar três tipos de cristãos:

- ✓ O que fica por fora, não participa e até atrapalha a entrada dos outros. É o cristão que renunciou o seu Batismo.
- ✓ O 2º entrou, mas fechou-se, até estorva. Fica no seu próprio mundo. É corpo morto, estraga até o visual, não se envolve. Fica boiando. Pode também ser o que gosta mais de se aparecer.
- ✓ O 3º se abriu, penetrou, envolveu-se totalmente. Questiona, provoca revolução momentânea, desfaz-se, consome-se para curar, para salvar. Foi até o fundo, depois subiu, ficou leve. O sonrisal não deixa de ser sonrisal, não perde a sua identidade e toma todo o conteúdo, as dimensões da água. E a água se torna curativa.

Reflexão**:**

- ✓ Na minha vida que Sonrisal eu sou?
- ✓ Às vezes deixamos os outros permanecerem como o 1º e o 2º?
- ✓ Ainda encontramos cristãos parecidos como o 3º Sorrisal?

Vivenciando o tema

- ✓ As fraternidades, comunidades e instituições empenhem-se com todas as suas forças no serviço da cidadania, na luta contra a exclusão, a miséria e a violência;
- ✓ Engajem-se em ações socais e políticas nos diversos níveis e instituições;
- ✓ Acompanhem o trabalho do Legislativo e Executivo municipal, estadual e federal;
- ✓ Trabalhem por uma mudança de mentalidade, visando a superar o excessivo apego aos bens materiais e ao consumismo;
- ✓ Tentem realizar trabalhos voluntários em parceria com Organizações Não-Governamentais (ONG's), Pastorais Sociais e todas as forças vivas da sociedade.

7. O JOVEM E A IGREJA

Existem em todo o Brasil e no mundo, centenas e milhares de jovens, trabalhando em suas comunidades e participando ativamente das diversas pastorais da nossa Igreja. Trata-se de um trabalho feito com amor e dedicação, sem medir esforços e sacrifícios.

É perceptível a disponibilidade e a generosidade dos jovens. Estes jovens encontram-se entre nós e nos lugares mais distantes, onde precisa-se da libertação trazida por Jesus.

Ainda hoje, Jesus Cristo continua sendo o grande líder das novas gerações. No meio de tantos egoísmos e ódios, divisões e guerras intermináveis, os jovens vêem no seu seguimento o único caminho que leva a conquista da fraternidade e da paz.

No caminhar dos jovens do terceiro milênio, há claramente algo profundamente religioso e profético, um novo jeito de ser e fazer Igreja.

A presença dos jovens nas diversas pastorais, em manifestações, como o grito dos excluídos, seu jeito de vestir, suas mensagens escritas nas camisetas, transmite mensagens de fé e de amor à vida.

Em muitos casos, o jovem brasileiro é místico e possui um jeito todo especial de se relacionar com Deus, sem se ligar necessariamente às instituições religiosas. Há jovens abertos a todas as experiências, recolhendo o que lhe interessa de todas as religiões, com as quais entram em contato. Misturam elementos das religiões cristãs e africanas, das seitas e filosofias esotéricas. Sentem-se atraídos pelos valores de paz, de bem-estar pessoal, segurança, integração com o universo e iluminação interior. "Eles não recorrem a esta ou àquela, mas a esta e àquela experiência religiosa. Não há proselitismo, mas sincretismo, sem preocupação de dissimular".

Alguns, embora provenientes de famílias de prática religiosa, rejeitam a religião por influência de ambientes e culturas onde o sentido religioso é substituído pelos ídolos do prazer, do poder, do lucro e do consumismo. Muitos jovens são indiferentes à religião, porque nasceram em famílias e contextos culturais onde os valores e o sentido da vida são estranhos à dimensão religiosa.

Outros se afastam porque a luta pela sobrevivência é tão desumana e injusta que os valores religiosos não têm significado em sua experiência de vida. E há uns poucos que se mostram sensíveis ao fenômeno religioso, mas não ultrapassam a religiosidade superficial, emotiva, milagreira, com curas e ameaças de castigo divino.

Finalmente, há jovens empenhados em várias confissões cristãs. Aprofundam o mistério cristão, procuram coerência de vida manifestando-a no compromisso apostólico, na generosidade de múltiplos serviços e vocação, na busca da justiça e fraternidade e num sentido dinâmico e vivo de pertença às suas comunidades de fé.

A Igreja sempre demonstrou interesse e abertura para com os jovens. No passado, a Igreja evangelizou muitos jovens através da Ação Católica. Os jovens católicos se organizavam em grupos de jovens a partir de seu ambiente social e do trabalho. Muitas lideranças leigas no Brasil foram frutos da Ação Católica. Muitos bispos, religiosos (as), monges descobriram sua vocação e a alimentaram a partir da Ação Católica. Também a história social e política do Brasil cresceram a partir da organização e envolvimento dos jovens cristãos da Ação Católica na política, nos sindicatos urbanos e rurais e no movimento estudantil.

Com o golpe militar de 64, os jovens cristãos da Ação Católica foram presos, torturados e mesmo mortos. Infelizmente, nem sempre a Igreja os defendeu e acolheu como devia. Isso levou a Hierarquia a terminar com a experiência da Ação Católica no Brasil em 1966.

Hoje, existe uma grande massa de jovens que vai à missa e outras celebrações, sem maior comprometimento com a Igreja, e sem que a Igreja os atinja e os forme em maior profundidade.

Os jovens que participam ativamente na Igreja são catequistas, estão nas equipes de preparação para a Crisma, nas equipes de liturgia, nas pastorais sociais, nos grupos e movimentos. O momento de preparação para a Crisma tem sido. em muitos lugares, ocasião privilegiada para a formação e inserção dos jovens na comunidade eclesial.

As opiniões dos jovens sobre a Igreja e seu papel na sociedade são muito divergentes. Alguns acham que ela se identifica com o Papa, os bispos, os padres. Para esses a Igreja quer dizer

missa, sacramentos, normas. Por outro lado, há os que percebem a Igreja como povo se organizando, se conscientizando e dando testemunho de fé e disponibilidade com ações coerentes, consequentes e corajosas. Os jovens que pensam assim são muito críticos, quando percebem que alguns segmentos da hierarquia são muito autoritários e incoerentes, ligados à classe dominante, longe do povo pobre.

A juventude busca uma Igreja com rosto jovem, dinâmica, ardorosa na evangelização e sensível aos anseios de libertação dos pobres e oprimidos. Participam com alegria e satisfação nas celebrações que falam a sua linguagem, seu ritmo e apresentam os símbolos de sua vida. Contudo, muitas vezes, para eles a missa é monótona e repetitiva. O sermão é vazio, desligado da vida e dos problemas concretos, parecendo uma continuação das repressões e coerções paternas.

Na juventude engajada na comunidade eclesial a relação com a Igreja se dá em três vertentes: os movimentos, os grupos isolados e a Pastoral Orgânica.

Os movimentos têm origens e características diversas. Podem ser vistos em dois grandes grupos: os movimentos apostólicos e os movimentos eclesiais. Entre os movimentos apostólicos existem aqueles que já de longa data reúnem jovens em torno do ideal de associações voltadas para o testemunho e ação caritativa social, por exemplo, a JUFRA, a Legião de Maria e os Vicentinos. Outros inspirados pelos movimentos dos cursilhos e de casais, se apóiam na preocupação de formar o jovem através de encontros de fins de semana, como, por exemplo, o grupo Shalom. Os ligados a movimentos familiares têm como característica a busca permanente de engajar os jovens em alguma ação apostólica em nível paroquial ou nas periferias pobres. A Pastoral de Juventude (PJ) é o nome empregado para designar o conjunto orgânico da ação da Igreja entre os jovens, tendo nos próprios jovens, protagonistas de sua evangelização e evangelização de outros jovens; os grupos de base como instrumento pedagógico; a espiritualidade encarnada fazendo a síntese fé-vida como motor e marco teórico próprio, como elemento de unidade. Num constante processo de amadurecimento e revisão das experiências, a PJ tem se constituído, a partir da prática refletida em cursos, encontros e assembleias paroquiais, diocesanos, regionais e nacionais.

Para os jovens hoje, não basta somente ir à Igreja ou participar dos sacramentos. É preciso contribuir com a comunidade de fé. Contribuir concretamente, colocando-se à disposição nos serviços e ministérios da comunidade.

Iluminação bíblica

- ✓ I Coríntios 12, 12-30 (A comunidade é o Corpo de Cristo).

Para refletir juntos

1) De que forma os jovens hoje, podem contribuir com a Igreja, Comunidade de Fé?

2) Como se realiza, na vida, o sentido de ser Igreja?

3) O que nos impede de realizar, na vida, o sentido de ser Igreja?

4) Qual exemplo o texto bíblico nos apresenta? E o que podemos aplicar na nossa vida, tanto individual como em fraternidade?

Dinamizando o tema: Desenho

Objetivo: refletir que sozinhos não somos e nem fazemos nada, mas quando nos unimos a outras pessoas somos e fazemos mais. Perceber que são necessárias a unidade e a comunicação, como base para uma caminhada sadia na vida da Igreja.

Material: 2 folhas de papel para cada participante, canetas hidrocor, fita adesiva, cola e tesoura.

Procedimento: Cada irmão da fraternidade deve desenhar em uma folha de papel uma parte do corpo humano, sem que os outros saibam. Após todos terem desenhado, pedir que tentem montar um boneco (na certa não iram conseguir, pois terão vários olhos e nem uma boca...).

Em seguida em outra folha de papel, pedir novamente que desenhem as partes do corpo humano (só que dessa vez em grupo) eles devem se organizar, combinando qual parte cada um vai desenhar. Em seguida, após desenharem, devem montar o boneco. Terminada a montagem, cada membro deve refletir e falar como foi montar o boneco, agora em unidade.

Vivenciando o tema

- ✓ Procurar viver sempre na alegria de ser filho de Deus, participando da Igreja, colaborando com o seu crescimento;
- ✓ Busquem participar ou contribuir com as pastorais sociais, equipe de liturgia, Crisma, catequese, na sua paróquia ou comunidade, como franciscano prestando serviço voluntariamente;
- ✓ Como jovem igreja que somos, procurem sempre dar testemunho comportando-nos nos diversos lugares que frequentarmos, com atitudes e gestos coerentes que nosso carisma pede, fazendo a diferença na sociedade.

8. A IGREJA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A Igreja tem um papel extremamente importante para a transformação da sociedade, pois faz parte da sociedade civil e tem o compromisso de colocar em prática o mandamento do amor dado por Deus e, com isso, buscar promover a cidadania, a paz e a justiça que todos desejam e que Deus nos oferece através de seus ensinamentos do Evangelho. Mas, para que haja transformação no mundo, antes é preciso partir de cada pessoa a transformação individual, mudança de valores, atitudes, ações, conversão. Algo que não é fácil na atual sociedade que vivemos.

Se as ações de transformação social não vierem acompanhadas pela transformação pessoal, não poderemos conseguir produzir uma sociedade justa, unida e de paz, mas somente uma mudança estrutural limitada, sem compromisso com o processo de desenvolvimento que incluam todos nessa mudança. A verdadeira transformação social necessita de indivíduos que estejam ativamente comprometidos com o processo de transformação pessoal em suas vidas e estejam trabalhando para alcançá-las, porque uma sociedade justa precisa de indivíduos que lutam para colocar em prática a justiça em suas vidas e ações pessoais.

Em termos de políticas públicas, o Estado tem uma responsabilidade particular que não pode ser entregue a outros. Ele é responsável pela promoção do bem comum e da defesa dos direitos de todos os cidadãos. Mas todos sabemos que muito pouco é feito para que isso aconteça.

O Brasil ocupa a 11ª posição mundial entre os países industrializados e em nenhum outro lugar do mundo o abismo entre ricos e pobres é tão grande. O crescimento econômico e do PIB de um país, portanto, não significam, automaticamente, maior desenvolvimento. O Brasil não é um país pobre e sim um país injusto.

Diversos dados mostram quanto é grande a desigualdade social no Brasil. Contudo, existem inúmeras iniciativas para lutar contra a pobreza e a desigualdade, mostrando e conscientizando as pessoas e as entidades qual o seu papel no processo de transformação do mundo, dentre elas citamos:

O Fórum Social Mundial (FSM) que é um poderoso grito de denúncia do neoliberalismo, sistema excludente que ameaça a dignidade e a liberdade da humanidade. O programa Bolsa Família do Governo Federal que visa apoiar as famílias mais pobres e garantir o direito à alimentação e tem como critério que as crianças estejam regularmente frequentando a escola.

O Projeto do Milênio que foi instituído pelo secretario geral da ONU, em 2002, para desenvolver um plano de ação global concreta para que o mundo reverta o quadro de pobreza, fome e doenças opressivas que afetam bilhões de pessoas. Este Plano Global propõe soluções diretas para que os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - que são Erradicar a extrema pobreza e a fome; Atingir o ensino básico universal; Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; Reduzir a mortalidade infantil; Melhorar a saúde materna; Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; Garantir a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento – sejam alcançados até 2015, estes objetivos foram assumidos na ONU em setembro de 2000, por todos os chefes de Governo de todos os países, e representam o maior projeto histórico para reduzir a desigualdade no mundo.

Por outro lado, a Igreja Católica tem desenvolvido diversas ações colaborando com os mais diversos setores da sociedade civil e política, enfrentando com dificuldade muitas situações a fim de transformá-las. Para isto conta com a coragem de muitos cristãos que assumiram seu compromisso na construção do Reino de Deus, por um mundo melhor. Tais ações como: as Campanhas da Fraternidade, que representam um grande momento de mobilização e conscientização de toda a Igreja em favor de algum tema prioritário do contexto atual; as Pastorais Sociais, que representam uma significativa participação da Igreja nos movimentos sociais, e trazem para dentro da Igreja uma maior sensibilidade e atenção às contradições e aos conflitos da sociedade; o Grito dos excluídos, que promove todo ano expressões religiosas, sociais e artísticas para sensibilizar e mobilizar comunidades cristãs e organizações da sociedade, que juntos denunciam as desigualdades sociais existentes, buscam alguma melhoria para o povo em geral; entre outras mobilizações.

São muitas as causas, mobilizações, serviços que necessitam da participação da Igreja. De certa forma, ela está inserida em todas essas iniciativas, agindo, opinando nas decisões e posicionamentos, algo que sempre foi de suma importância para o desenvolvimento do país e do seu povo. No evangelho de São Lucas nos são mostradas as atitudes amáveis de Cristo para com os pobres, os humildes, marginalizados, os mendigos, os leprosos. Cristo dá vida nova a eles, incluindo-os novamente na sociedade, sendo para todos Aquele que dá a vida. E nós, como membros da Igreja, sobretudo da Família Franciscana, temos nas mãos um imenso trabalho. Cabe a cada um refletir sobre seu papel na sociedade e na Igreja e buscar ter uma iniciativa, seja através do testemunho de vida ou atitudes concretas, sendo sinal de vida para os outros, e assim, quem sabe poderemos realmente mudar ou melhorar a sociedade, o mundo onde vivemos.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 5, 12-14.17-26

Para refletir juntos

1) A sua paróquia/igreja local é comprometida com a causa dos necessitados? E o que sua fraternidade tem feito para ajudar?

2) Vocês têm consciência de que para o mundo melhorar é necessário a nossa ajuda de cristãos para isso acontecer? Faça uma auto-análise do que vocês têm feito pessoalmente para que o amor, a paz, a concórdia, seja realidade nas nossas vidas e do próximo.

3) Durante o período que vocês estão frequentando a fraternidade de JUFRA, o que já mudou nas suas vidas desde que foi recebido na primeira reunião? Partilhe com os irmãos.

4) Qual a lição central dos textos bíblicos?

Dinamizando o tema: Árvore da Vida e Árvore da Morte

Objetivo: Refletir sobre os sinais de vida e morte no bairro, na sociedade comunidade, na família, na fraternidade.

Material: Um galho de árvore seco, um galho de árvore verde, caneta ou pincel e pedaços de papel.

Como Fazer:

1. Em pequenos grupos descobrir os sinais de vida e morte que existem no bairro, na família, na sociedade...

2. Depois, diante da árvore seca e verde vão explicando para o grupo o que escreveram e penduraram na árvore.

3. No intervalo das colocações pode-se cantar algum refrão.
4. Iluminar com a palavra de Deus e em grupo refletir: Iluminados pela prática de Jesus, o que fazer para gerar mais sinais de vida e enfrentar as situações de morte de nosso bairro, sociedade, etc.
5. Fazer a leitura de João 15,1-8. Depois cada participante toma um sinal de morte da árvore e faz uma prece de perdão e queima. Em seguida cada um pega um sinal de vida e leva como lembrança e desafio.

Vivenciando o tema

- ✓ Seja aquela pessoa que luta por mudanças, se seu ambiente é perverso e opressor e não condiz com os nossos carismas cristãos e franciscanos;
- ✓ Busque a conversão da sua vida constantemente no dia-a-dia;
- ✓ Promovam ações voltadas para o social, ajudando aqueles que pouco ou nada tem, sobretudo nos tempos fortes da nossa liturgia, Natal, Páscoa, dia de São Francisco (com missas pela paz, caminhadas ecológicas, etc). busquem praticar atitudes que possam fazer alguma diferença nas vidas das pessoas mais excluídas e nas suas também.

9. ESTUDO BÁSICO DA BÍBLIA

A palavra “Bíblia” vem do grego “biblos”, que significa “livro”. Daí o diminutivo “biblíon” = livrinho, que no plural fica “Bíblia”.

O próprio nome da Bíblia nos diz que ela é o LIVRO por excelência. Mas é um livro feito por muitos livros. A Bíblia está dividida em duas grandes partes: o Antigo Testamento (que se abrevia AT) ou Velho Testamento e o Novo Testamento (que se abrevia NT). Correspondem às duas grandes etapas da história do Povo de Deus: a Antiga Aliança (antes de Jesus) e a Nova Aliança (a partir de Jesus).

A Bíblia é uma coleção ou uma biblioteca. Ela contém ao total 73 livros de épocas e de estilos diferentes. O Antigo Testamento contém 46 livros e o Novo Testamento contém 27 livros.

ANTIGO TESTAMENTO

O Pentateuco

Os primeiros cinco livros do Antigo Testamento são chamados "Pentateuco". É uma palavra grega que significa "cinco livros". Esses cinco livros são também chamados "Torá" (que significa a Instrução, a *Lei*) porque em sua parte principal esses livros continham textos legislativos inseridos numa moldura histórica. (A Lei da Antiga Aliança). Os livros do Pentateuco são:

- ✓ Gênesis (Gn) = o livro que traz reflexões sobre as origens do mundo, do homem, do pecado, do Povo de Deus;
- ✓ Êxodo (Ex) = a saída. Reflete sobre a saída do povo hebreu do Egito sob a liderança de Moisés;
- ✓ Levítico (Lv) = chama-se assim porque traz as leis do culto e as obrigações dos sacerdotes e levitas;
- ✓ Números (Nm) = chama-se assim porque começa com a contagem do Povo de Israel;
- ✓ Deuteronômio (Dt) = segunda lei. É o livro que relata novamente a promulgação da lei da Aliança. Convida à conversão e fidelidade.

Livros Históricos

São 16 livros que narram histórias do povo e seus líderes, como, por exemplo, Josué, Juízes, Samuel, os Reis.

Os livros históricos são: Josué, Juízes, Rute, os dois Livros de Samuel, os dois Livros dos Reis, os dois Livros das Crônicas ou Paralipômenos, os Livros de Esdras e Neemias, Tobias, Judite e Éster, e por fim os dois Livros dos Macabeus.

Algumas edições da Bíblia reúnem os quatro livros de Samuel e Reis sob o único título de "Livro dos Reis". Assim: O 1º. Livro de Samuel = O 1º. Livro dos Reis; O 2º. Livro de Samuel = O 2º. Livro dos Reis; O 1º. Livro dos Reis = O 3º. Livro dos Reis; O 2º. Livro dos Reis = O 4º. Livro dos Reis. Nessas edições, o 1º. e o 2º. Livro das Crônicas é chamado: 1º. e 2º. Livro dos Paralipômenos.

Livros Sapienciais

Ou de Sabedoria. São 7 livros. Neles encontramos a expressão da sabedoria e dos sentimentos do povo: ditados, poesias, cantos, orações, etc. São eles: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes (Coélet), Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico (Sirac).

Livros Proféticos

São 18 livros. Trazem a vida e a mensagem dos profetas. São eles: Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Como foi conservado e multiplicado o AT?

Naquela época escrevia-se em folhas de Papiro (depois costuradas para formar rolos) ou em pedaços de couro ou pergaminho (depois ajuntados em forma de livro). O texto original era copiado muitas vezes.

Conhecemos hoje muitas cópias desses antigos manuscritos. Eles transmitiram o texto hebraico do Antigo Testamento e suas traduções mais antigas, gregas e latinas. Só no século XV as Bíblias começaram a ser impressas e aí introduziu-se a divisão em capítulos e versículos, que usamos até hoje.

NOVO TESTAMENTO

Como já vimos, o livro lido nas primeiras comunidades cristãs era o Antigo Testamento. O Novo Testamento ainda não estava escrito. Jesus não escreveu nem mandou escrever nada. Nem os apóstolos e discípulos tinham gravador para registrar as palavras de Jesus.

Os apóstolos começaram a pregar. Transmitiam oralmente o que Jesus tinha feito e ensinado. Daqui e dali surgiram resumos. Tais resumos serviram de base para os Evangelhos que foram escritos mais tarde, a partir do ano 70, ou pouco antes.

Nas comunidades cristãs também se refletia sobre o ensinamento dos apóstolos e alguns deles, principalmente Paulo, colocaram por escrito suas orientações através de "cartas" ou "epístolas". Assim surgiram os livros do Novo Testamento.

Os Evangelhos

São os quatro livros que vêm logo no começo do nosso Novo Testamento.

A palavra "Evangelho" é de origem grega e significa a *Boa Nova*, Boas notícias. Os Evangelhos proclamam como Boa Nova que Jesus é o Cristo o Salvador. Os Evangelhos são escritos que contam a boa nova da vinda entre os homens daquele que se fez "filho do homem", a fim de que possamos nos tornar "filhos de Deus". Narram as ações e palavras de Jesus. Antes de ser um livro, o Evangelho foi uma palavra pregada: antes de ser lido, ele foi ouvido. Como o Senhor Jesus tinha falado, assim falaram os apóstolos depois de sua morte. Mas eles não se contentaram em transmitir sua doutrina; acrescentaram-lhe um testemunho sobre sua vida e suas ações: o que ele fez, o que ele ensinou.

Assim temos, nos quatro Evangelhos, pontos de vista diferentes sobre a vida e a mensagem de Jesus. Os autores dos Evangelhos são considerados Mateus, Marcos, Lucas e João. Eles colocaram, por escrito, tradições vindas desde os apóstolos e reflexões das comunidades cristãs. Por isso, eles são chamados evangelistas.

Atos dos Apóstolos

Este é um livro, que de certa forma é a continuação do Evangelho de Lucas, pois o autor é o próprio Lucas. É a história do desenvolvimento da Igreja primitiva desde a ascensão de Cristo até a prisão de Paulo e o começo de seu trabalho apostólico em Roma. Podemos ver neste livro o começo da era do Espírito Santo. Quando Jesus partiu para o Pai, convocou todos os seus discípulos para uma grande campanha de missões por todo o mundo sob o poder do Espírito Santo. Neste livro vemos claramente que a natureza da Igreja e do cristão, é ser missionário.

Cartas de São Paulo

São atribuídas a Paulo quatorze cartas. Delas, nove são dirigidas a comunidades cristãs. Paulo fundava comunidades e, de vez em quando, voltava para ajudá-las, animá-las e resolver problemas. Quando não podia ir pessoalmente, enviava umas longas cartas. As nove cartas dirigidas a uma comunidade são: Carta aos Romanos, duas Cartas aos Coríntios, Carta aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses e duas Cartas aos Tessalonicenses.

Seguem as três cartas chamadas "Cartas Pastorais". Estas cartas não são dirigidas a comunidades, mas a seus líderes ou "pastores". Daí o nome de "Cartas Pastorais". São elas: A primeira e segunda carta a Timóteo, e a carta a Tito. Há ainda uma carta dirigida a um cristão, chamado Filêmon.

A última é uma carta dirigida, em geral, aos Hebreus. Esta e, provavelmente, algumas das outras cartas não foram escritas por Paulo pessoalmente, mas por discípulos dele.

As cartas que São Paulo escreveu pessoalmente são mais antigas que os Evangelhos. A mais antiga é a primeira carta aos Tessalonicenses, escrita em 51, que é também o mais antigo livro do NT.

Paulo morreu em 64 (ou 67), antes que fosse escrito o primeiro Evangelho, que foi o de Marcos.

Epístolas Católicas

Católico significa universal. E este nome Epístolas Católicas, se dá aos sete escritos que se apresentam sob forma de cartas, dirigidas não a uma comunidade particular, mas a um conjunto de Igrejas, ou seja, a todas as Igrejas cristãs. Estas cartas são: carta de São Tiago, duas cartas de São Pedro, três cartas de São João e carta de São Judas.

Apocalipse

O *Apocalipse* (palavra grega que significa revelação) é obra do apóstolo João, que o escreveu sob forma de uma carta dirigida às Igrejas da Ásia Menor. A situação dos cristãos da Ásia naquela época era uma das mais críticas, pois tinham que suportar perseguições e estavam tomados de angústia, perdendo a esperança de um dia encontrar a independência religiosa.

Este livro é considerado pela maioria dos leitores, como o mais difícil de compreender e o mais misterioso de toda a Bíblia. Traz uma mensagem de reconforto e de encorajamento e, ao mesmo tempo, um manifesto contra o paganismo reinante, anuncia a inevitável oposição do mal e do bem sobre a terra, e prediz a vitória de Deus, decisiva e certa.

O autor usa uma linguagem simbólica, mas que é entendida pelos cristãos. Exemplo de alguns simbolismos usados: o cordeiro simboliza o Cristo; a mulher, a Igreja cristã; a fera (cap. 17) simboliza Nero; Babilônia, a Roma pagã; as vestes brancas, a vitória; entre outros.

O Apocalipse não deve ser tomado como uma história contemporânea escrita no tempo futuro (verbo), nem é uma revelação clara e definitiva do futuro: é uma mensagem sobrenatural (velada em símbolos, representando tanto o passado, como o presente e o futuro), concernente a um período indefinido que separa a ascensão de Jesus de sua volta gloriosa.

COMO PROCURAR UM TEXTO?

Os livros da Bíblia estão divididos em capítulos e versículos para facilitar a procura e a citação de uma frase. Quando você lê, por exemplo, a indicação "Ex 5,12", o primeiro número indica o capítulo. Neste caso, é o livro do Êxodo, capítulo 5. O número depois da vírgula indica o versículo. Neste caso, é o versículo 12. Na Bíblia, o número dos capítulos está indicado com um número grande; os versículos com números pequenos.

É importante saber distinguir o valor dos diversos SINAIS DE PONTUAÇÃO:

A vírgula (,) separa o capítulo do versículo. Ex.: At 13,1.

O ponto (.) indica um salto entre os versículos. Ex.: Rm 8, 1.5.24 (Carta aos Romanos, capítulo 8, versículos 1,5 e 24).

O hífen (–) indica que se deve ler desde um versículo até outro, sem omitir os intermediários. Ex.: Tg 2, 1– 4.

O ponto e vírgula (;) separa citações, dentro do mesmo livro ou de um livro para outro. Ex.: Ap 2, 4; 3,1 (Apocalipse, capítulo 2, versículo 4 e capítulo 3, versículo 1).

Um esse (s) indica o versículo imediatamente seguinte ao número que o procede. Ex.: Ef 1, 3s (Efésios, capítulo 1, versículos 3 e 4).

Dois esses (ss) designam os dois versículos imediatamente seguintes. Ex.: Col 4, 4ss (Colossenses, capítulo 4, versículos 4, 5 e 6).

Quando não se indica o versículo é porque se trata do capítulo inteiro. Ex.: Lc 3.

LIVRO INSPIRADO POR DEUS

Na redação dos livros sagrados, Deus escolheu homens, dos quais se serviu fazendo-os usar suas próprias faculdades e capacidades, a fim de que, agindo Ele próprio neles, escrevessem, como verdadeiros autores, tudo e só aquilo que Ele próprio quisesse (Vat.II). A inspiração bíblica supõe uma ação divina sobre a inteligência (iluminação, revelação) e uma moção divina sobre a vontade (impulso acolhido com liberdade), que leva alguém a escrever aquilo e somente aquilo que Deus deseja comunicar aos homens.

Assim sendo, Deus torna-se o autor principal, e certos homens, autores secundários da Bíblia. Esses homens são instrumentos livres, conscientes e ativos. Eles imprimem ao texto sagrado o seu próprio estilo. Para nós católicos a tradição divino-apostólico-eclesiástica tem como inspirados por Deus os 73 livros que compõem a nossa Bíblia. Quando a Bíblia ensina verdades religiosas e morais não pode errar. Tratam-se de verdades divinas, às quais corresponde na Igreja e

em cada homem a aceitação interior e exterior baseada na fé em Deus. O objetivo da inspiração bíblica é religioso, pois ensina-nos aquilo que o homem não pode compreender por sua inteligência, ensina-nos sobre o plano de amor e a salvação que Deus tem para nós.

Portanto, a Bíblia não é um estudo sobre ciências como geografia, história ou astronomia. Para entendermos a Palavra de Deus, é necessário conhecermos os ambientes e os costumes dos povos aos quais pertenciam os escritores bíblicos. Esse conhecimento é importante para percebermos o sentido religioso da Bíblia. Entendido o conjunto que compõe determinado livro, como: país, costumes, situação social, política e econômica, situação geográfica e estilo de redação, perceberemos, então, com melhor clareza, a mensagem que Deus quer transmitir a nós homens e mulheres, que passamos pelos mesmos problemas e crises dos escritores sagrados. Por isso, podemos descobrir que textos bíblicos iluminam fatos semelhantes de nossa vida cotidiana.

INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

É necessário interpretar a Bíblia para saber qual é, exatamente, o pensamento do autor sagrado, qual é a verdade revelada por Deus e o seu autêntico sentido. Eis o grande e mais difícil problema de quem a lê. É comum ouvir dizer que "cada um lê e interpreta a Palavra de Deus como quer, ou melhor, como pessoalmente e interiormente lhe inspira o Espírito Santo". É o conhecido princípio do livre exame. A consequência disto é o surgimento das diferentes crenças ou seitas. Para nós católicos, "existe uma autoridade credenciada por Cristo para interpretar, autenticamente e com autoridade infalível, a Bíblia. Para nós a Igreja hierárquica – Papa, Bispos em comunhão entre si – gozam da assistência divina para a exata interpretação da Bíblia" (Vat. II).

COMO LER COM PROVEITO A BÍBLIA

Interpretar a Bíblia sem olhar a realidade da vida de ontem e de hoje é o mesmo que manter o sal fora da comida, a semente fora da terra, a luz debaixo da mesa. É como galho sem tronco, olhos sem cabeça, rio sem leito.

Por que a realidade da vida é tão importante para a gente poder entender a Bíblia? É porque a Bíblia não é o primeiro livro que Deus escreveu para nós. O primeiro livro é a natureza, criada pela Palavra de Deus; são os fatos, os acontecimentos, a história, tudo que existe e acontece na vida do povo; é a realidade que nos envolve; é a nossa vida. Deus quer comunicar-se conosco através da realidade da vida. Por meio dela, ele nos transmite a sua mensagem de amor e de justiça.

Mas nós, homens e mulheres, por causa dos nossos pecados, organizamos o mundo de tal maneira e criamos uma sociedade tão torta, que já não é mais possível perceber claramente o apelo de Deus que existe dentro das nossas vidas. Por isso, Deus escreveu um segundo livro que é a Bíblia.

Ora, o segundo livro não veio substituir o primeiro. A Bíblia não veio ocupar o lugar da vida. Ao contrário, a Bíblia foi escrita para nos ajudar a entender melhor o sentido da vida e a perceber mais claramente a presença da Palavra de Deus dentro da nossa realidade.

Por isso, quem lê e estuda a Bíblia, mas não olha a realidade do povo oprimido de ontem e de hoje, nem luta pela justiça e pela fraternidade, é infiel à Palavra de Deus e não imita Jesus Cristo. É semelhante aos fariseus que conheciam a Bíblia de cor, mas não a praticavam.

O estudo da Bíblia deve ser feito com muita seriedade e disciplina. Considere a leitura que você faz da Bíblia como uma conversa sua com Deus. Devemos ser generosos e nunca avarentos na interpretação da Bíblia. Isto quer dizer: ler não só nas linhas, mas também nas entrelinhas. Em todos os textos sempre tem duas coisas: as coisas ditas abertamente nas linhas e as coisas ditas veladamente nas entrelinhas. As duas vêm do autor do texto, e as duas são igualmente importantes.

Como descobrir o que o autor diz nas entrelinhas? Usando a inteligência, o coração e a imaginação, perguntando sempre:

1) Quem é que está falando no texto e a quem?

2) O que ele está querendo dizer e por quê?

3) Em que situação ele está falando ou escrevendo?

4) Qual o jeito que ele usa para dar o seu recado?

5) De que lado ele está e qual o interesse que ele defende?

Estas e outras perguntas ajudam a gente a puxar a cortina e a perceber o que existe nas entrelinhas do texto bíblico. E isto exige estudo e não depende só da nossa boa vontade.

As introduções de cada livro da Bíblia, as notas ao pé das páginas, as referências para outros textos bíblicos, os mapas geográficos, que você encontra na sua Bíblia, foram feitos para ajudá-lo na descoberta do sentido certo e exato que existe nas linhas e nas entrelinhas do texto da Bíblia.

Convém lembrar ainda o seguinte: nadar se aprende nadando. O conhecimento da Bíblia se adquire através de uma prática constante de leitura, se possível diária.

Iluminação Bíblica

- ✓ II Timóteo 3, 14-17
- ✓ II Pedro 1,19-21
- ✓ João 20,31

Para Refletir Juntos

1) O que as leituras bíblicas vêm nos dizer hoje? E qual lição podemos retirar para nossa vida?

2) O que é Pentateuco?

3) Com que frequência vocês lêem a Bíblia?

4) Qual sua opinião sobre o texto acima que fala da interpretação da Bíblia?

Dinamizando o tema: Palavra iluminada

Material: Uma vela e trechos selecionados da Bíblia que tratem do assunto a ser debatido.

Descrição**:** A iluminação do ambiente deve ser serena de modo a predominar a luz da vela, que simboliza Cristo iluminando os nossos gestos e palavras. Os participantes devem estar sentados em círculo de modo que todos possam ver a todos. O coordenador deve ler o trecho bíblico inicial e comentá-lo, sendo que a pessoa a sua esquerda deve segurar a vela. Após o comentário do trecho, a pessoa que estava segurando a vela passa a mesma para o vizinho da esquerda. Em seguida esta pessoa realiza a leitura de outro trecho da bíblia indicado pelo coordenador e faz seus comentários

sobre o trecho. Este processo se realiza sucessivamente até que o coordenador venha a segurar a vela. Então, o coordenador lê uma última passagem bíblica que resuma todo o conteúdo abordado nas passagens anteriores. Após a leitura desta passagem, os integrantes do grupo devem buscar a opinião do grupo como um todo, baseado nos depoimentos individuais, sobre o tema abordado.

Quando o consenso é alcançado apaga-se à vela. Por último, pode-se comentar a importância da Luz (Cristo) em todos os atos de nossas vidas.

Vivenciando o tema

- ✓ Fazer círculos bíblicos nas casas, comunidade, evangelizando e ensinando aos irmãos que desconhecem os ensinamentos bíblicos;
- ✓ Nas reuniões da Fraternidade sempre fazer leitura de algum texto bíblico e refletir sobre o mesmo, pode ser o Evangelho do dia;
- ✓ Procurar sempre ler a bíblia, pois é dever do franciscano saber interpretá-la, mas sobretudo, vivenciar os ensinamentos de Deus contidos nela.

REFERENCIAS

BOFF, Leonardo. **Nova Era: A Civilização Planetária**. São Paulo: Ática, 1994.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, **Constituições, Decretos, Declarações**. 26ª ed. Petrópolis: Vozes. 1997. CNBB. **Juventude Caminho Aberto, Campanha da Fraternidade**. Brasília: Editora Salesiana. Dom Bosco, 1992.

_____ **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. Brasília: 1995.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. Brasília, 2003.

MESTERS, C. **Um Projeto de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____ . **Bíblia Livro Feito em Mutirão**. São Paulo: Paulinas, 1982.

TONUCCI, P. **Das Comunidades de Ontem às Comunidades de Hoje**. São Paulo: Paulinas, 1990.

FRIEDMANN, Adriana. **Dinâmicas Criativas: Um caminho para a transformação de grupos**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2004, pág. 67 – 68.

ROSER, Antonio González. **A verdade sobre Jesus Cristo**. 1ª ed. Paraíba: Marcone, 1992, pag. 48 – 62.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – REGIONAL NE3. **Crisma Sacramento da Decisão:** Conhecer e assumir o Projeto de Deus. 3ed. Paulo Afonso: Fonte de viva, 2000, pág. 42 – 48.

Notas de estudo da Escola Paulo Apóstolo. Tema: **RCC e Igreja II**, ministrada em Campina Grande/ PB, no dia 26 de novembro de 1998.

Novo Testamento e Salmos. **A Boa Semente.** Brasília, Editora Pelicano, 1997.

Bíblia Sagrada. 109ª Edição, revisada por Fr. João José Pedreira de Castro, OFM e equipe auxiliar. Editora Ave Maria. São Paulo. 1997.

BORGES, Giovanna Leal. **Dinâmicas de Grupo – Redescobrindo Valores**. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. **Dinâmicas de Grupo – Crescimento e Integração**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

Livro do Curso Básico do Carisma Missionário Franciscano. **O Sonho Franciscano de uma Igreja Ameríndia**. caderno nº 18. FFB, 2003.

Tema: **A Igreja Católica no Brasil**, origem: Wikipédia, a enciclopédia livre na internet. Pesquisa dia 05/07/2006. 00:42hs.

CNBB. **Projeto Nacional de Evangelização**(2004-2007). Queremos ver Jesus Caminho, Verdade e Vida. Orientações gerais. 2003.

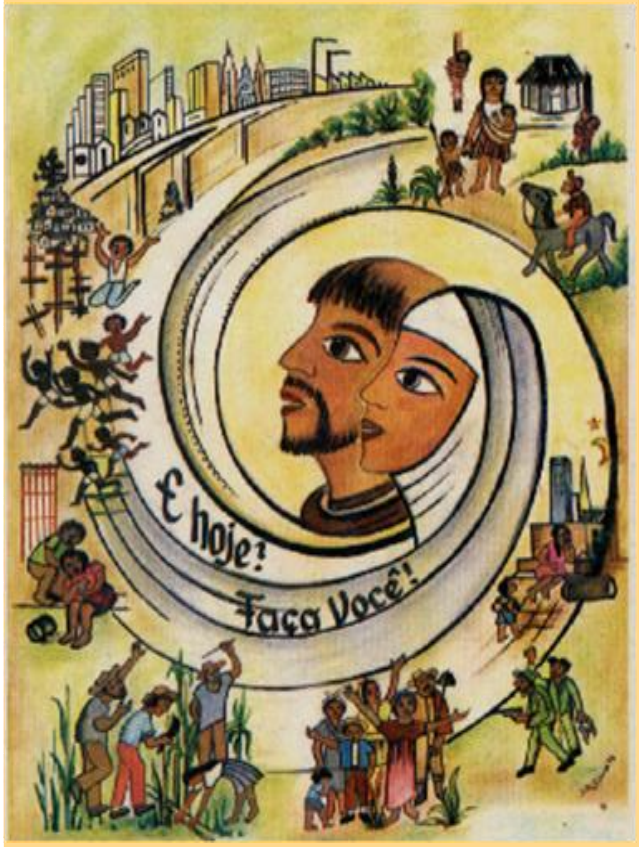
Site: www.portalbrasil.net/religiao_catolisismo.htm. Pesquisa dia 05/07/2006. 01:15hs.

Site: www.catequisar. com.br **– dinâmicas – volume 02 e 04**. pesquisa dia 29/09/2006, 22:49hs.

Subsídio da CNBB, **Evangelização e Profetismo: Novos Desafios para a Missão da Igreja**. 56ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente, Brasília-DF, fev. 2005.

Site: www.pnud.org/milenio - Assunto: **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Pesquisa dia 31/01/2007. 16:07hs

Conhecimento Humanístico



"Abre, pois os teus olhos e inclina o ouvido de seu espírito, desata teus lábios e dispõe teu coração para que em todas as criaturas vejas, ouça e ames a Deus".

S. Boaventura.

1. VIVÊNCIA GRUPAL

O QUE É GRUPO?

O grupo é um certo número de pessoas reunidas com um objetivo. Os seres humanos se agrupam por vários motivos, isso acontece por forças naturais da realidade social, possível com base em forças naturais do ser humano. Agrupam-se, de modo geral, por vários motivos que agora vamos expor, levando em conta uma dessas cinco fontes de atração interpessoal:

1. Afetividade Sexualizada: Duas pessoas de sexo diferente se unem para as alegrias da vida conjugal. É o grupo dos namorados, dos noivos, dos esposos. A força que os une é o afeto sexualizado.

2. Consanguinidade: Aqueles que nascem do grupo conjugal sentem entre si um tipo de atração que os une de maneira muito forte. A força é o sangue comum. É o grupo familiar: irmãos e irmãs, pais e filhos, avôs e avós.

3. Afinidade: Pessoas, mesmo de sexo diferente, sentem-se atraídas por um sentimento que não é o sexo nem o sangue. Com base nesse sentimento, formam o grupo de amizade, que nasce da afinidade. Os que possuem afinidades entre si são pessoas cujas "vibrações psíquicas" vibram num mesmo ritmo. Por isso sentem-se atraídas umas para as outras por uma força poderosíssima, profundamente coesiva, que é a *amizade*. Formam o grupo dos amigos.

4. Raça e pátria: A experiência de pátria e de raça também se transforma em força coesiva que une pessoas. Pessoas de mesma pátria, sobretudo quando se encontra em pátria estranha, sentem profunda força que as une entre si.

5. Interesses: Pessoas cujos interesses são comuns, de igual modo, tendem a se aproximarem e se agruparem. Os que gostam do esporte unem-se aos que sentem o mesmo gosto. Os que gostam da arte procuram os que praticam a arte. Os que trabalham na mesma firma, na mesma indústria, etc., unem-se e convivem, embora essa seja uma forma de união entre pessoas muito superficial.

Todos esses cinco tipos de agrupamentos entre pessoas derivam de forças naturais que nascem com os seres humanos.

O QUE É GRUPO FRATERNO

O grupo fraterno é um lugar de crescimento e de amadurecimento pessoal e comunitário. Seria errado buscar no grupo fraterno uma compreensão de fracassos na vida familiar e ou afetiva. O grupo fraterno é um lugar e nele há pessoas que podem nos ajudar, para juntos buscarmos soluções, de haver intercomunicação de experiências e vivências, mas não compensações. A personalidade do grupo cresce, na medida em que se intercomunica vivencialmente.

Na vivência grupal, devemos salientar mais o "nós", esquecendo um pouco do "eu", somente assim haverá um grupo integrativo, uma fraternidade onde o principal é o irmão.

De acordo com o estatuto Nacional: "A Juventude Franciscana do Brasil, é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular".

A JUFRA não é um grupo, mas um movimento de engajamento cristão e franciscano organizado em fraternidades: local, regional e nacional. Neste tema nos denominaremos grupo fraterno que é o mesmo que fraternidade. Somos um movimento de jovens que buscam viver a espiritualidade de São Francisco e de

Santa Clara, se unem para vivenciar este ideal de vida, e quer a fraternidade por opção. Toda a nossa caminhada deve então, ser questionada em cada passo, em cada ação, para sentirmos se estamos respondendo a este chamado à fraternidade.

Procure colocar em prática o *minorismo*, que é, espírito de serviço pronto, humilde e disponível. Isto é também fundamental para a nossa vida franciscana. Não há fraternidade sem minoridade. O grupo fraterno deve estar sempre disposto a servir, e o seu campo principal de serviço, é o próprio ambiente onde ele vive, as necessidades do meio. O pobre, o sofredor, o abandonado, o perseguido e o oprimido, são os nossos irmãos que merecem, todo o nosso cuidado e o nosso esforço.

No contexto grupal, cada um situa-se no grupo a partir de seu departamento, que é o seu canal de participação, de treinamento, e de exercício de fraternismo, de minorismo e da inserção no mundo. O grupo fraterno como um todo, deve sentir-se situado, vivo e atuante dentro do franciscanismo e numa comunidade onde habita.

Os principais valores a serem treinados na fraternidade são: a disponibilidade, a simplicidade, a amizade, a alegria, a fraternidade e outros valores que o grupo fraterno sinta ser importante treinar.

Os contra valores a evitar são principalmente*: O* Caciquismo – modo de ser daqueles que pisam por cima das normas que regem a fraternidade, que planejam por conta própria, não consultam ninguém, decidem pelo grupo, não dão explicações. Machismo – modo de ser onde se exagera a afirmação do masculino. A última palavra, palavra decisiva, fazendo impor-se a força masculina. Fofoquismo – é a arma dos covardes, que não tem coragem de enfrentar o irmão "face a face", ficam inventando conversas nas costas dos outros. É causa de desmoronamento de muitas fraternidades. Namorismo – gente que proíbe que seu namorado(a) se relacione com os outros, etc.

O Grupo Fraterno é entendido como um conjunto de pessoas que:

a) São interdependentes na tentativa de realização de objetivos comuns;

b) Visam a um relacionamento interpessoal e fraterno.

A tentativa de realização desses objetivos cria, no grupo fraterno, um processo de relação entre pessoas que se influenciam reciprocamente.

Num grupo fraterno, cada uma das pessoas ajuda as outras e é apoiada por elas, mas também surgem dificuldades causadas pelos membros, quer diretamente, quer por projeção sobre os outros de seus problemas pessoais.

O DESENVOLVIMENTO DE UM GRUPO FRATERNO

A democracia caracteriza-se por depositar confiança no grupo. O desenvolvimento de nossa fraternidade depende de um processo democrático.

Acredita-se que os seguintes suportes são fundamentais para uma confiança no desenvolvimento de uma fraternidade:

1. Os grupos fraternos têm, dentro do alcance de suas capacidades, a faculdade de:

a) reconhecer, definir e resolver seus problemas comuns;

b) satisfazer suas necessidades comuns;

c) trabalhar conjuntamente.

2. A ação do grupo fraterno está baseada no consenso geral do grupo, conseguido mediante a participação de todos os seus integrantes, de comum acordo e com suas aptidões diferenciais para contribuir. Acredita-se que as atividades dos grupos fraternos são mais aceitáveis e produtivas quando se desenvolvem pelo grupo como um todo, do que quando é apenas a opinião de um só indivíduo ou de um subgrupo.

3. A produtividade do grupo fraterno pode melhorar muito mediante esforços, tanto da totalidade de seus membros como dos elementos, individualmente, para:

a) melhorar as capacidades de relacionamento interpessoal;

b) desenvolver melhor a dinâmica de grupo;

c) valorizar continuamente os serviços para alcançar os objetivos esperados.

POR QUE NOS REUNIMOS

Quando participamos de um grupo fraterno, nos comprometemos a ser solidários com os objetivos de nosso grupo, a participar de reuniões. Isso nos leva a tomar uma consciência mais nítida para assumir e desempenhar os objetivos do grupo, mesmo que estejamos em desacordo parcial com os métodos ou meios de ação.

As reuniões nos permitem:

a) trocar nossas ideias e experiências com os outros membros da fraternidade;

b) participar ativamente da vida de nossa fraternidade;

c) comprometer-nos pessoalmente com os serviços e resultados de decisões tomadas em equipe;

d) assumirmos o meio em que estamos inseridos para uma formação coletiva e uma vida fraterna.

O JOVEM DENTRO DO GRUPO FRATERNO

A participação num grupo fraterno leva o jovem a:

1. Adotar determinada atitude em relação a outros membros do grupo, deixando de lado certos aspectos pessoais;

2. Desempenhar relações sociais horizontais que implicam igualdade de condições;

3. Sentir que o grupo fraterno se estrutura em torno de lideranças;

4. Perceber que, cada pessoa é particular:

   a) pelo seu modo de pensar;

b) pelas suas percepções;

c) pela sua própria natureza.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas: 6, 12-16 - Escolha dos Doze Apóstolos;
- ✓ Salmo: 133 (132) – União Fraterna
- ✓ Atos dos Apóstolos 2, 42-47 – Primeiro Retrato da Comunidade

Para refletir juntos

1) Como devemos agir dentro de um grupo fraterno?
2) Qual é a função de um grupo fraterno?
3) Como podemos colocar em prática a nossa vivência grupal?
4) Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem pra vocês hoje?

Dinamizando o tema: **Objetivos Individuais x Objetivos do Grupo**
Material: Lápis e papel para os integrantes. O coordenador pede aos integrantes que pensem nas atividades que gostariam de fazer nos próximos dias ou semanas (viagens, ir bem numa prova, atividades religiosas, profissionais, familiares, etc.).

Procedimento: cada integrante deve iniciar um desenho que represente o seu desejo na folha de ofício.
Após apenas trinta segundos o coordenador pede para que todos parem e passem a folha para o vizinho da direita, e assim sucessivamente a cada trinta segundos até que as folhas voltem à origem. Então cada integrante descreve o que gostaria de ter desenhado e o que realmente foi desenhado.

Logo após o coordenador faz todos refletir com as seguintes conclusões a serem analisadas pelo coordenador e pelos irmãos da fraternidade:

a) Importância de conhecermos bem nossos objetivos individuais e coletivos;

b) Importância de sabermos expressar aos irmãos da fraternidade nossos desejos e nossas dificuldades em alcançá-los;

c) O interesse em sabermos quais os objetivos de cada participante da fraternidade e de que maneira podemos ajudá-los;

d) A importância do trabalho em grupo para a resolução de problemas, etc.

Vivenciando o tema

- ✓ No momento do estudo na fraternidade, busquem cantos, orações, preces para nossos irmãos, dinâmicas e brincadeiras, sobretudo aqueles que estão relacionados ao tema.

Como fazer crescer a Fraternidade

Que todos compareçam às reuniões, mesmo que o tempo seja ruim. Se vierem poucos, valorizar a estes e trabalhar com os que estão sem ficar chorando a ausência: poucos e bons fazem mais do que muitos indecisos.

1) Nunca chegar atrasado, e se não der para chegar em tempo, pede-se desculpa ao grupo: todos merecem respeito, tanto o que chega como os que já estão na reunião.
2) Durante o encontro não ficar procurando falhas nem nos dirigentes nem no comportamento dos companheiros.
3) Aceitar sempre participar de comissões, trabalhos, ou dar a opinião, porque realizar é melhor do que ficar criticando ou tirando o corpo fora.
4) Tanto no grupo como nas comissões em que se está, tomar parte sempre, para não ser apenas uma figura de enfeite; ou como disse alguém no final de uma reunião: "hoje ninguém foi vaca de presépio (muda e parada)".
5) Se alguém pede nossa opinião sobre um assunto importante, procurar dizer sempre alguma coisa (sem repetir o que já foi dito), mesmo que o assunto não seja simpático.
6) Nossas maneiras de ver de "como deveriam ser as coisas", devem ser externadas durante os encontros e não depois deles.
7) Ninguém faça apenas o absolutamente necessário, mas procure ajudar, interessar e encorajar mais ainda. As críticas também são formas de ajuda, desde que sejam construtivas e puxem para o melhor.
8) Procurar ver sempre nos encontros, festinhas ou outros movimentos uma oportunidade de confraternização e não desperdício de tempo e dinheiro.
10) Não viver se queixando disto ou daquilo, enjoando os companheiros e com as mesmas doenças e conversas, mesmo os problemas e fofocas, mas viver interessado no crescimento do grupo e de cada pessoa.

2. DINÂMICA DE GRUPO

A expressão dinâmica de grupo refere-se aos meios pelos quais os grupos podem ser organizados e guiados. E também a um conjunto de procedimentos que possibilite manter a ordem no grupo, para obtenção do sucesso de seus objetivos.

Dinamys é uma palavra grega que significa, força, energia, ação. Dinâmica de Grupo está diretamente ligada às forças que condicionam e influenciam a vida de um grupo.

Vivemos num mundo, marcado pela massificação, onde se criam espaços padronizados, é necessário criar espaços onde as pessoas possam desabrochar, dialogar, onde se busque ultrapassar as formas de relacionamento marcadas pelas "máscaras", pela agressividade, pela competição, desrespeito e pela dominação. Mas isto só poderá acontecer através da experiência do outro, da vivencia grupal, num clima de liberdade, de aceitação, de diálogo, de encontro, de comunicação, de comunhão, aí se encontra o sentido da dinâmica de grupo.

Para que se desenvolva uma boa dinâmica de grupo é preciso desfazer, em primeiro lugar, alguns mitos e preconceitos a respeito de liderança, em seguida trata-se de conhecer as formas de

liderança que atuam nos grupos, bem como técnicas para descobrir lideranças e, finalmente, estratégias para desenvolver formas positivas de liderança.

A dinâmica promove a participação de todos. A dinâmica de grupo permite que as pessoas envolvidas passem por um processo de ensino-aprendizagem onde o trabalho coletivo é colocado como um caminho para se interferir na realidade modificando-a. A experiência do trabalho com dinâmica promove o encontro de pessoas onde o saber e o fazer é construído junto, em grupo. O conhecimento e a experiência deixam de ser individualizado e passa a ser de todos, coletivizado.

Você poderá aplicar a dinâmica de grupo, através de brincadeiras, debates, jogos, dramatizações, técnicas participativas, oficinas vivenciais e um ambiente descontraído, discutir temas complexos, polêmicos e até estimular que sejam externados conflitos (do indivíduo e do grupo), buscando estimular os participantes a alcançar uma melhoria qualitativa na percepção de si mesmo e do mundo e, consequentemente, nas relações estabelecidas consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

ELEMENTOS DE UMA DINÂMICA

Objetivos: Quem vai aplicar a dinâmica deve ter claro o que se quer alcançar.
Materiais-Recursos: Que ajudem na execução e na aplicação da dinâmica (TV, vídeo, som, papel, tinta, canetas, mapas...). Outros recursos que podem ser utilizados em grupos grandes são o retroprojetor, slides, data show, exposições dialogadas, além de técnicas de teatro, tarjetas e cartazes.

Ambiente-Clima: O local deve ser preparado de acordo, para que possibilite a aplicação da dinâmica (amplo, fechado, escuro, claro, forrado, coberto, etc.), onde as pessoas consigam "entrar" no que está sendo proposto.

Tempo determinado: Deve ter um tempo aproximado, com início, meio e fim.

Passos: Deve-se ter clareza dos momentos necessários, para o seu desenvolvimento, que permitam chegar ao final de maneira gradual e clara.

Número de participantes: Ajudará a ter uma previsão do material e do tempo para o desenvolvimento da dinâmica.

Perguntas e conclusões: Que permita resgatar a experiência, avaliando: o que foi visto; os sentimentos; o que aprendeu; os momentos das sínteses finais, dos encaminhamentos, permitem atitudes avaliativas e de encaminhamentos.

TIPOS DE TÉCNICAS/DINÂMICAS

a) Técnica Quebra Gelo

- ✓ Ajuda a tirar as tensões do grupo, desinibindo as pessoas para o encontro;
- ✓ São recursos que quebram a seriedade do grupo e aproximam as pessoas.

b) Técnica de Apresentação

✓ Ajuda a apresentar-se uns aos outros. Possibilitando descobrir: quem sou, de onde venho, o que faço, como e onde vivo, o que gosto, sonho, sinto e penso... Sem máscaras e subterfúgios, mas com autenticidade e sem violentar a vontade das pessoas.

c) Técnica de Integração

✓ Permite analisar o comportamento pessoal e de grupo. A partir de exercícios bem específicos, que possibilitam partilhar aspectos mais profundos das relações interpessoais do grupo;

✓ Ajuda a sermos vistos pelos outros na interação de grupo e como nos vemos a nós mesmos. O diálogo profundo no lugar da indiferença, discriminação, desprezo, vividos pelos participantes em suas relações.

d) Técnicas de Animação e Relaxamento

✓ Tem como objetivo eliminar as tensões, soltar o corpo, voltar-se para si e dar-se conta da situação em que se encontra, focalizando cansaço, ansiedade, fadigas etc. Elaborando tudo isso para um encontro mais ativo e produtivo;

✓ Devem ser usadas quando necessitam romper o ambiente frio e impessoal ou quando se está cansado e necessita retomar uma atividade. Não para preencher algum vazio no encontro ou tempo que sobra.

e) Técnica de Capacitação

✓ Deve ser usada para trabalhar com pessoas que já possuem alguma prática de animação de grupo;

✓ Facilita e clareia as atitudes dos animadores para que orientem melhor seu trabalho de grupo, de forma mais clara e livre com os grupos;

✓ Quando é proposto o tema/conteúdo principal da atividade, devem ser utilizadas dinâmicas que facilitem a reflexão e o aprofundamento, são geralmente, mais demoradas;

f) Litúrgicas

✓ Possibilitam aos participantes uma vivência e uma experiência da mística, do sagrado.

✓ Facilitam o diálogo com as leituras bíblias, com os participantes e com Deus.

✓ Ajudam a entrar no clima da verdadeira experiência e não somente a racionalização.

DINÂMICA DE GRUPO FRATERNO

Como a JUFRA se reúne:

A JUFRA é um grupo fraterno, e para que tenha um bom desenvolvimento, há necessidade que haja distribuição dos trabalhos. Um grupo fraterno, entre outras coisas, precisa saber reunir-se, e, em reunião, precisa saber conduzir um assunto de maneira ordenada, proveitosa, eficiente, racional. Ao saber reunir-se denominamos Dinâmica de Reunião.

No âmbito da dinâmica de reunião um grupo fraterno tem suas exigências elementares, sua maneira de fazer uma boa reunião. Trataremos aqui das exigências fundamentais para se fazer uma boa reunião:

Animador

O grupo fraterno, antes de tudo, precisa de alguém que lhe preste o serviço de iniciar e encerrar a reunião, organizando, disciplinando, propondo objetivos, estimulando a participação de todos no questionamento e na manifestação de opiniões, comandando os demais líderes, facultando a palavra aos que a solicitam, buscando soluções para impasses diversos, cuidando do grupo para que proceda de maneira racional, coerente, lógica, e sem perder tempo. Sem o animador o grupo não inicia a reunião, ou termina a reunião, ou durante a reunião, todo mundo pode falar ao mesmo tempo, ou então só falam os "linguarudos" e os tímidos ficam calados, ou então não se procede de maneira ordenada, não se evolui, fica-se patinando no mesmo lugar, ou as emoções tomam conta dos raciocínios. O que faz o animador?

a) Animador é aquele que anima a reunião, normalmente é o Secretário Fraterno;

b) Distribui o uso da palavra, quando esta não está com outro líder;

c) Estimula e controla a participação de todos especialmente quando se trata de questionar um assunto ou opinar sobre o mesmo;

d) Evita dispersão de tempo e atenção;

e) Mantém o grupo dentro da pauta em estudo;

f) Toma providências para que tudo funcione e ande ordenadamente;

g) Fica atento, em especial aos demais líderes, ajudando-os, quando necessário, em especial ao recepcionista e cronometrista;

h) O bom animador fala alto e devagar, pensa baixo e depressa.

Recepcionista

O grupo precisa de alguém que cuide de seu bem estar, do sentir-se à vontade, descontraído, que providencie pelas necessidades mais simples dos participantes. O serviço do recepcionista não aparece tanto, mas é de fundamental importância. Que faz o recepcionista?

a) Prepara o lugar da reunião. Providencia para que o lugar seja acolhedor, agradável, harmonioso e confortável. A sala deve estar bem arrumada, arejada, limpa, etc.;

b) Acolhe os participantes de maneira informal a medida em que vão chegando ao local da reunião. Isto supõe que o recepcionista chegue antes ao local. Acolhe os participantes de maneira formal quando a reunião começa;

c) Cuida do bem estar dos participantes, atende-os em suas necessidades: material didático, água, etc., acolhe os que chegam atrasados;

d) Faz apresentação dos novos participantes, dos visitantes, coloca-os à vontade;

e) Durante a reunião fica atento ao animador, e procura resolver os problemas de emergência;

f) Procura desinibir, quebrar o gelo, cria ambiente de integração grupal;

g) Despede os participantes, convida-os para a próxima reunião, faculta a palavra aos que tiverem avisos ou comunicações.

Cronometrista

O grupo precisa de alguém que lhe preste o serviço de cuidar do tempo, do horário, administrar a distribuição do tempo com inteligência, equilíbrio, bom senso, de acordo com a importância das coisas e as possibilidades dos participantes. Compete ao cronometrista:

a) Administração geral do tempo;

b) Negociar o tempo a ser empregado pelos titulares das lideranças. Planeja a distribuição do tempo de acordo com o seguinte roteiro:

- ✓ Recepcionista
- ✓ Animador
- ✓ Espiritualizador
- ✓ Explicitador
- ✓ Questionamentos
- ✓ Opiniões
- ✓ Comentários
- ✓ Avisos: Próxima programação
- ✓ Conclusão (oração final)

c) No início da reunião apresenta o planejamento elaborado, pede emendas e submete a proposta a aprovação do grupo;

d) Se for solicitado, e se ele mesmo, o cronometrista, julgar oportuno, pede prorrogação de tempo.

e) Adverte discretamente, os titulares das lideranças, quando o seu tempo está para terminar, em especial se tratando do explicitador.

Espiritualizador

O grupo fraterno precisa de alguém que lhe preste o serviço de criar um clima de encontro com Deus. Porque para sermos fraternos, é necessário que estejamos abertos a uma relação com

Deus através da experiência da oração pessoal e comunitária. O Espiritualizador, é aquele que conduz o grupo a criar uma disposição para oração. O Espiritualizador pode levar o grupo a este clima, de diversas formas, tais como:

a) Fazendo uma prece em nome dos participantes;

b) Convidando os participantes a recitarem uma prece;

c) Convidando o grupo ao canto religioso;

d) Fazendo uma meditação sobre determinado tema;

e) Convidando algum membro a fazer uma prece pelo grupo;

f) Recitação de Salmos, textos bíblicos, sobretudo o Evangelho, leitura de livros de orações franciscanas;

g) Celebração Eucarística, Adoração ao Santíssimo, etc.

***Secretária* (o)**

Na JUFRA é essencial que cada fraternidade de todos os níveis, Infância, Micro, Mini e JUFRA, tenha uma(um) secretária(o), pois só assim a fraternidade constrói a sua história, e para isso precisa de alguém que registre o conteúdo e acontecimentos de cada reunião ou encontros. A (o) secretária(o) compete:

a) Ler a programação de lideranças para a reunião;

b) Registrar o conteúdo, sucintamente, e demais acontecimentos e compromissos resultantes da reunião;

c) Planejar a próxima reunião distribuindo as lideranças.

A distribuição de todas estas lideranças, utilizando estas formas dinâmicas de organização, proporcionará a JUFRA melhor andamento das reuniões. Além disso, é importante também para a JUFRA que a fraternidade celebre de forma dinâmica todos os momentos da vida dos irmãos, pois celebrar é momento de festejar os avanços, as limitações e desafios. É o que alimenta a fé e dá forças para resistir na caminhada.

AVALIAÇÃO DA FRATERNIDADE

A fraternidade de JUFRA deverá fazer revisão/avaliação da vida em fraternidade periodicamente, devendo este período ser estabelecido pelos irmãos participantes locais.

Para se fazer uma avaliação pode se utilizar as mais variadas dinâmicas, porém, atentando para todos os aspectos da vida em fraternidade, tais como:

a) Cumprimento do planejamento da fraternidade, ver sugestões para mudança;

b) Relacionamento entre irmãos;

c) Participação na comunidade de fé e na comunidade social;

d) Participação na vida das famílias dos irmãos;

e) Relacionamento com a OFS e com os Frades Franciscanos;

f) Trabalho do Secretário Fraterno Local e suas subsecretarias;

g) Outros (a critério da fraternidade local).

A correção fraterna aqui chamada de avaliação tem como finalidade estabelecer novos critérios para o crescimento da fraternidade e volta aos ideais franciscanos. "para que no fim de cada discussão, não haja vencidos ou vencedores, mas sim irmãos". (Oração da Fraternidade - Devocionário Franciscano).

Iluminação bíblica

- ✓ 2 Coríntios 8, 7-8 – O exemplo de Cristo

Para refletir juntos

1) De acordo com o texto bíblico o que vocês podem fazer para se sobressair nas atitudes e gestos para levar a mensagem de Cristo aos irmãos?
2) Que importância você dá para o uso de dinâmicas na reunião?
3) Por que as dinâmicas facilitam o trabalho coletivo e superam o individualismo?

4) Para que se encontre o sentido da dinâmica de grupo é necessário ultrapassar diversas formas de relacionamento marcadas pelas 'máscaras'. Na fraternidade há diversas possibilidades para que isso aconteça, o que vocês têm feito para que a sua fraternidade não faça uso dessas 'máscaras'?

5) Você conhece alguma dinâmica? Partilhe com a fraternidade.

Dinamizando o tema: Dinâmica do Amor

Objetivo Moral: Devemos desejar aos outros o que queremos para nós mesmos.

Procedimento: Para iniciar você poderá ler um texto ou contar a história do "Coração partido" - Certo homem estava para ganhar o concurso do coração mais bonito. Seu coração era lindo, sem nenhuma ruga, sem nenhum estrago. Até que apareceu um velho e disse que seu coração era o mais bonito, pois nele havia. (pois nele havia o q?) Houve vários comentários do tipo: "Como seu coração é o mais bonito, com tantas marcas?" O bom velhinho, então explicou que por isso mesmo seu coração era lindo. Aquelas marcas representavam sua vivência, as pessoas que ele amou e que o amaram. Finalmente todos concordaram, o coração do moço, apesar de lisinho, não tinha a experiência do velho." Após contar o texto distribuir um recorte de coração (papel dobrado ao meio e cortado em forma de coração), revistas, cola e tesoura. Os participantes deverão procurar figuras que poderiam estar dentro do coração de cada um. Fazer a colagem e apresentar ao grupo. Depois cada um vai receber um coração menor e será instruído que dentro dele deverá escrever o que quer para o seu coração. Ou do que quer que seu coração esteja cheio.. O meu coração está cheio de... No final o instrutor deverá conduzir o grupo a trocar os corações, entregar o seu coração a outro. Fazer a troca de cartões com uma música apropriada, tipo: Coração de Estudante, Canção da América ou outra.

Vivenciando o tema

- ✓ Busquem promover encontros ou reuniões somente com uso de jogos, dinâmicas, brincadeiras, para maior integração dos irmãos e de outras fraternidades;
- ✓ Promovam momentos de espiritualidade, lazer e confraternizações;

✓ Mensagem para refletir e vivenciar:

Se você ...

Se VOCÊ procurar viver bem com todos, tratar as pessoas como gente, dizer sempre a verdade, perdoar os que lhe fazem mal;

Se VOCÊ sabe descobrir o que há de bom em cada pessoa, em cada dia, em cada situação, experimentar a alegria de servir e comunicar essa alegria aos demais;

Se VOCÊ está voltado para os outros, especialmente para os mais necessitados e divide com eles o que você tem, o que você é, VOCÊ ESTÁ CONSTRUINDO UM MUNDO IRMÃO, VOCÊ ESTÁ FAZENDO O AMOR EXISTIR NO MUNDO.

3. LIDERANÇA

Ser líder significa influenciar pessoas ou grupos de forma profunda provocando modificações de atitudes, idéias de valores espontânea e conscientemente. O líder influi na personalidade colaborando com o seu desenvolvimento ou, negativamente, bloqueando esse desenvolvimento. Liderança é a capacidade de inspirar, motivar e movimentar pessoas a atingirem e superarem metas, ultrapassando aquilo que aparentava ser seus limites. É a habilidade de tornar a visão do futuro clara e atraente para todos.

O líder, principalmente franciscano, não deve ser aquele que dirige um grupo como se tivesse dirigindo um automóvel, levando-o para onde sua vontade quer. É importante que ele sinta a fraternidade, a acompanhe, atento para suas possibilidades e necessidades, esteja capacitado a despertar o conhecimento desses fatores, sem exercer imposição. Tomar consciência do que se passa à nossa volta e dentro de nós é garantia de um caminhar seguro para a maturidade.

COMO SURGE UMA LIDERANÇA

a) Explicação Psicológica: Liderança não nasce feita, em geral é questão de oportunidade e de preparação adequada; sem isto, surgirão crises as mais diversas. Todas as pessoas têm condições de exercerem alguma liderança. Há, no entanto, pessoas que desenvolvem este dom, outras não conseguem fazê-lo. Assim, é verdade que todos nós, com a devida preparação e motivados por um ideal que valha a pena, podemos liderar.

b) Explicação Sociológica: O líder é aquela pessoa capaz de ajuntar pessoas em torno de si, onde trabalha e discute com elas democraticamente. Esta liderança tem capacidade de juntar as ideias e formar uma ideia comum (chegar ao consenso) e tornar o grupo coeso. Isto favorecerá uma ação conjunta e bem pensada.

TIPOS DE LIDERANÇA

Existem três tipos básicos de líderes:

1) Aqueles que fazem as coisas para as pessoas – Ex. 34.1-10;

2) Aqueles que fazem as coisas em lugar de outra pessoa (Paternalistas);

3) Aqueles que fazem coisas através de pessoas – (democráticos) Lc. 9, 1-6.

Há também três tipos de pessoas:

1) Aquelas que fazem as coisas acontecerem – são líderes e motivadores;

2) Aqueles que vêem as coisas acontecerem – interessados mas não envolvidos;

3) Aqueles que não sabem ou não entendem o que está acontecendo.

a) Liderança Autocrática: O líder deseja principalmente ser obedecido pelo grupo. É ele que determina a política administrativa e considera que a responsabilidade da decisão deve caber a uma pessoa somente (ele).

b) Liderança Democrática: O líder procura ouvir as ideias e sugestões dos irmãos da fraternidade, consultando e conversando com todos. Os componentes do grupo são motivados no sentido de estabelecerem a política administrativa do grupo fraterno. A atribuição do líder é mais de um moderador de opiniões.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE LIDERANÇA

As pessoas, geralmente, vão para onde são guiadas ou para onde lhes é permitido ir pela sua liderança, a despeito da qualidade daquele líder. Um líder fraco levará seu povo somente até o ponto onde ele pessoalmente é capaz de ir:

Sua força pessoal pode ser a força motriz para seu povo;

Suas limitações pessoais podem também ser fator que limita seu grupo;

Um líder exige realização e não necessariamente conformação. Jesus nos diz o que fazer e não como fazer. Cada geração tem uma maneira diferente de realizar a mesma tarefa.

RESPONSABILIDADE DA LIDERANÇA

- ✓ Desenvolver pessoas e o potencial das mesmas;
- ✓ Ter confiança nas pessoas, e as pessoas nos seus líderes;
- ✓ Habilidade para liderar, dirigir, motivar, avaliar o potencial e o desempenho das pessoas;
- ✓ Providenciar supervisão do trabalho e responsabilidade pelo fracasso;
- ✓ Dividir o trabalho global do grupo em pequenas unidades práticas de trabalho.

ELEMENTOS BÁSICOS DE UM LÍDER

- ✓ Boa liderança é a arte de conseguir fazer as coisas através de pessoas;
- ✓ Ela é uma arte que requer conhecimento e habilidade;
- ✓ Sua função é conseguir os objetivos e com que as coisas sejam feitas;
- ✓ Boa liderança é a arte de combinar ideias, pessoas, coisas, recursos, tempo, fé e amor para alcançar os objetivos predeterminados.

COMPETÊNCIAS LIGADAS AO PAPEL DO LÍDER

✓ Saber se comunicar. Os liderados precisam entender quais são os valores, a missão e a visão que devem seguir;

✓ Resolver conflitos - com ética, senso de justiça e responsabilidade;

✓ Entender as necessidades e deficiências de cada liderado; estimular os pontos fortes e desenvolver os pontos fracos;

✓ Ser muito criativo na busca de soluções diferentes e saber estimular a criatividade dos liderados;

✓ Dar e receber feedback;

✓ Tomar as decisões nos momentos certos;

✓ Ter total controle sobre a comunicação oral e escrita;

LIDERANDO NA HORA DA CRISE

Dentro das fraternidades nunca deve haver conflitos, nem sentimentos que separem os irmãos da direção que são comprometidos em seguir, mas sabemos que apesar de todos os ensinamentos que obtemos, sempre tem aqueles irmãos difíceis de lidar, que contaminam as fraternidades com sentimentos mesquinhos gerando conflitos e impedindo a fraternidade de crescer no ideal cristão e franciscano.

A liderança deve ocorrer em todos os momentos, nas horas boas e ruins. Mas é no momento da crise, quando chega a tempestade e o barco insiste em afundar, que o papel do líder torna-se ainda mais necessário. "Ele precisa passar segurança ao grupo e criar um espaço para ouvir a opinião de todos".

O líder jufrista na hora do conflito precisa administrar e gerir as diferentes personalidades dos irmãos. Ele deve estar sempre pronto a ser o primeiro alvo. Conversar em busca de um consenso que satisfaça a todos. Liderar na crise é resolver os problemas dos outros. Líderes estão sempre em vigília. Liderar é repassar as glórias ao grupo quando o sucesso bate à porta. E dar o passo à frente na hora de assumir os fracassos.

Confira algumas formas erradas de ver um problema:

- **Ignora:** O líder sabe que há um problema, mas disfarça, finge que não é com ele e que a dificuldade não existe. Uma frase muito comum neste caso é "Isso não é um problema. No momento, temos coisas mais importantes para nos preocuparmos".

- **Barganha:** O líder quer resolver o problema na base da troca. Na verdade, a troca não garante nada e não está relacionada com a solução do problema.

- **Guerra:** Esta é a opção mais usada por líderes autocráticos - se é que tirania e abuso de poder combinam com o exercício da liderança. "Como sou eu que mando aqui, quero que faça a minha vontade e pronto" é um exemplo de argumento.

Para se eliminar um conflito, primeiramente tem-se que reconhecer que ele existe, depois busca-se o apoio de todos, estando disposto a resolvê-lo, nem que para isso precise abrir mão de alguns pontos para obter um resultado comum. A melhor forma de resolver um problema é

eliminando-o o mais rápido possível. O líder tem de construir um clima de confiança entre as partes envolvidas no conflito. Ambas devem buscar soluções sensatas, e se sentirem satisfeitas ao final do processo. "Pessoas que trabalham bem os conflitos tendem a construir bons laços de amizade, se tornam amigas".

Na fraternidade o diálogo e o respeito devem ser primordiais na hora de resolver um problema. Todos devem opinar e juntos buscarem uma solução que beneficie a todos. E que tudo que for discutido sirva para crescimento e amadurecimento da fraternidade aumentando os laços de amizade e irmandade. Tendo sempre como direção os ensinamentos que nos são dados pela espiritualidade franciscana. Se numa fraternidade tem conflitos é porque está faltando oração, trabalhos em comum, respeito pelo carisma. E na JUFRA isso deve ser muito bem trabalhado para evitar a queda da fraternidade.

QUALIDADES DO LÍDER

1) Ambição e Ideal: Ambição aqui dirigida não mais ao nosso "eu" mas ao "outro"; torna-se meta profunda, IDEAL CRISTÃO que estimula as nossas atitudes, que estimula o desenvolvimento do nosso potencial, a nossa liderança.

2) Competência: O líder precisa "estar por dentro" do assunto e do ambiente. Saber das aspirações, dos desejos e dos sonhos do grupo. Saber o que o grupo quer, e ter capacidade para conduzir o grupo nesse sentido. É essencial o líder estar sempre buscando aprimorar seus conhecimentos em todos os ramos, a fim de desenvolver cada vez mais a sua competência.

3) Visão: A visão do líder possibilita a fraternidade não sair do foco, projeta o que quer ser, aonde querem chegar, o líder tem que comunicar suas idéias e está por dentro das coisas e dos fatos para melhor possuir uma visão de conjunto e de particularidades.

4) Iniciativa: O líder necessita possuir capacidade de "partir para a ação", de estimular esta ação no grupo. Puxando o grupo fraterno, e outras vezes empurrando-o. Ter iniciativa de buscar e percorrer novos caminhos, ser criativo, em função do próprio grupo.

5) Serenidade: O líder jufrista deve passar para o grupo a paz em todos os momentos, tem que saber enfrentar os obstáculos e emergências com a devida calma e segurança, mesmo quando existe certa dose de incerteza.

6) Segurança: Evidentemente um líder inseguro, não pode estar sereno. Ele deve conhecer suas possibilidades, suas limitações, bem como as do grupo. Necessita estar bem alicerçado em sua capacidade, em sua fé, em seu ideal. Um líder inseguro perde terreno e pode gerar insegurança.

7) Confiança: Precisamos confiar nos outros. Não conhecemos tudo, não somos capazes de fazer tudo sozinhos. Precisamos acreditar na capacidade do grupo. Pois nos grupos todos têm uma capacidade particular de cumprir qualquer função, e o líder precisa confiar para que o grupo cresça e o irmão se sinta valorizado.

8) Simpatia: é qualidade que todo líder precisa ter, sendo agradável, cumprimentar todo mundo, compreender o grupo, as pessoas. Um grau mais avançado da simpatia será a EMPATIA (um estado de identificação profunda entre duas pessoas, em que uma pessoa se sente tão dentro da outra que chega a perder temporariamente a sua própria identidade).

9) Autenticidade: O líder deverá apresentar uma postura daquilo que ele prega, ser coerente nos seus atos, transparente, verdadeiro. Não pode aparentar, usar máscaras. Se possui personalidade agressiva, deverá aprender a controlar essa agressividade, canalizando-a para que favoreça o exercício da liderança, mas não poderá bancar o tímido. O lema é: melhorar, sim, iludir, nunca.

10) Comunicação: É de suma importância que saibamos nos comunicar. Na maior parte do tempo o líder de grupo se comunica verbalmente, assim então ele precisa estar preparado para expressar aos outros: idéias, pensamentos e sentimentos de forma que todos entendam. O ato de se comunicar não se restringe às palavras, todo nosso ser pode se comunicar, através do olhar, dos gestos, das atitudes, do tom de voz, da postura.

Todo o trabalho com nossas lideranças possui a intenção de formar líderes franciscanos para Evangelizar, levando o outro a perceber que Deus está presente na experiência diária da vida de cada um, promovendo o crescimento dos irmãos e que este encontre sua libertação no Cristo, sendo orientando a viver conforme o Evangelho. Fazendo com que a fraternidade permaneça unida nesse ideal, sendo exemplo de vida e testemunho autêntico do carisma franciscano na comunidade e na sociedade.

Em síntese, LIDERANÇA CRISTÃ é trabalho de despertar e conduzir o homem para Deus e para tudo o que dele recebeu. É fazer com que o outro descubra o verdadeiro amor, o Deus que se encontra inserido em cada um de nós e no mundo.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 16, 13-19 – Pedro exprime sua fé em Jesus
- ✓ Marcos 6, 30-34

Para refletir juntos

1) De acordo com o primeiro texto bíblico vemos que Jesus – Nosso grande líder – também preparou e escolheu o líder para governar sua igreja. Pedro, diante de suas dificuldades, aprendeu e liderou a nossa Igreja. Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem pra vocês hoje?

2) Que tipo de liderança temos em nossa fraternidade?

2) Estamos desempenhando corretamente a nossa função de líder fraterno?

Dinamizando o tema: Dinâmica "dos problemas"

Material: balões, tira de papel.

Procedimento: Formação de um círculo, um balão vazio para cada participante, com um tira de papel dentro (que terá uma palavra para o final da dinâmica).

Dicas de palavras ou melhores ingredientes: amizade, solidariedade, confiança, cooperação, apoio, aprendizado, humildade, tolerância, paciência, diálogo, alegria, prazer, tranquilidade, troca, crítica, motivação, aceitação, etc.

O facilitador dirá para o grupo que aqueles balões são os problemas que enfrentamos no nosso dia-a-dia (de acordo com a vivência de cada um), desinteresse, intrigas, fofocas, competições, inimizade, etc.

Cada um deverá encher o seu balão e brincar com ele jogando-o para cima com as diversas partes do corpo, depois com os outros participantes sem deixar o mesmo cair. Aos poucos o facilitador pedirá para alguns dos participantes deixarem seu balão no ar e sentarem, os restantes continuam no jogo. Quando o facilitador perceber que quem ficou no centro não está dando conta de segurar todos os problemas peça para que todos voltem ao círculo e então ele pergunta:

1) a quem ficou no centro, o que sentiu quando percebeu que estava ficando sobrecarregado;

2) a quem saiu, o que ele sentiu.

Depois destas colocações, o facilitador dará os ingredientes para todos os problemas, para mostrar que não é tão difícil resolvermos problemas quando estamos juntos. Ele pedirá aos participantes que estourem os balões e peguem o seu papel com o seu ingrediente, um a um deverão ler e fazer um comentário para o grupo, o que aquela palavra significa para ele.

Vivenciando o tema

Abaixo alguns dos maiores atributos que uma liderança deve ter para alcançar com sucesso o seu objetivo.

Disposição para tentar o que não foi tentado antes: É o estilo de liderança positiva daquele que ousa nas tarefas e se vale de oportunidades não tentadas anteriormente.

Auto Motivação: Cada pessoa deve se auto-motivar, pois o líder que não consegue se auto-motivar não tem a menor chance de motivar os outros.

Uma percepção aguda do que é justo: O estilo de liderança segundo o qual todos são tratados de forma justa e igual sempre cria uma sensação de segurança.

Perseverança nas Decisões: Um líder eficaz decide depois de ter feito suficientes considerações preliminares sobre algum problema. Um líder eficaz decide e mostra sua convicção e crença na decisão ao manter-se fiel a ela, sabendo, no entanto, reconhecer quando erra.

Uma personalidade positiva: As pessoas respeitam tal qualidade. Ela inspira confiança e também constrói e mantém todos os liderados entusiasmados.

Empatia: O líder deve possuir a capacidade de colocar-se no lugar de seu pessoal, de ser capaz de ver o mundo pelo lado das outras pessoas. Ele não precisa concordar com essa visão, mas deve ser capaz de entender como as pessoas se sentem e compreender seus pontos de vista.

Domínio dos detalhes: O líder bem sucedido entende e executa cada detalhe do seu trabalho e, é evidente, dispõe de conhecimento e habilidade para dominar as responsabilidades inerentes à sua posição.

Duplicação: O líder de sucesso está sempre procurando maneiras de espelhar suas habilidades em outras pessoas. Dessa forma ele faz os outros evoluírem e é capaz de "estar em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo". Um dos maiores atributos de um líder é a capacidade de desenvolver outros líderes. Pode-se julgar um líder pelo número de pessoas em que ele refletiu os seus talentos e fez evoluir.

Uma profunda crença em seus princípios: A expressão "A menos que batalhemos por alguma causa, nos deixaremos levar por qualquer causa" resume bem a importância de ter-se uma causa pela qual valha a pena viver e trabalhar. Nós temos uma causa que é trabalhar pela difusão do Carisma Franciscano no mundo, portanto acreditem neste ideal e nunca deixem de lutar por ele.

4. OS PROBLEMAS DOS JOVENS NO MUNDO DE HOJE

A juventude é um dos grupos mais numerosos da sociedade latino-americana. Tem um rosto bem concreto: mulheres e homens, indígenas, negros, mestiços e brancos, estudantes, trabalhadores, sendo a maioria empobrecida e sofrida. E dentro desta grande diversidade enfrentam inúmeros problemas inerentes a sua vivência no mundo, buscando concretizar seus ideais de vida.

VISÃO GERAL DA JUVENTUDE

O modo de ser jovem

Os jovens, sobretudo os entre 15 e 24 anos, podem ser entendidos a partir da sociedade na qual vivem e de seu momento histórico. O modo de ser jovem depende, fundamentalmente, de sua família, das condições sócio-político-econômicas e das transformações culturais que os envolvem. Por juventude entende-se, de modo convencional, a etapa da vida na qual se deveria desenvolver o conjunto de potencialidade práticas, intelectuais, psicológicas, afetivas, espirituais e morais do homem. É idade de transição, de definições e maturação das grandes opções.

Não são todos iguais

Os jovens não são todos iguais. É difícil falar-se em juventude brasileira diante da diversidade de situações. O que há em comum é a idade e o fato de terem pouco espaço na sociedade. Há grande diferença, por exemplo, entre um jovem do interior da Amazônia e um da Baixada Fluminense; um jovem rural do sul e um do nordeste; de uma cidade média e de uma metrópole. Do ponto de vista social, a maior diferença é estabelecida pela situação da classe social à qual pertence o jovem.

O jovem no contexto de hoje

É preciso levar em conta o contexto em que vive o jovem hoje. A economia passou a ser o grande valor para o homem moderno e ocupa lugar central na sociedade. Com isso, tornaram-se importantes todos os meios para adquirir maior domínio, maior capacidade, maior controle. No Brasil, a modernização na economia e na produção agravou a questão social. Aumentaram as desigualdades sociais, criando novos mecanismos de acumulação de riquezas, excluindo deste processo a maioria da população.

Diante do sistema de valores

Frases do tipo: “Sou livre e não devo satisfação a ninguém”, ou “religião nenhuma coibirá minha liberdade” são constantemente ouvidas. O mais triste não são as frases em si, mas a forma como a sociedade atual utiliza esse tipo de artifício para tornar os jovens ainda mais escravos do consumismo desenfreado e da preocupação exagerada com o “Eu”. Quando isso ocorre, acabam se escravizando pelo vício e falsa imagem de liberdade.

Influência no jovem

Além das grandes transformações no campo econômico, com repercussões na ordem política, cultural e religiosa, com evidente agravamento da questão social, o jovem recebe influência

da família, da escola, dos meios de comunicação e das diferentes culturas locais onde mora e da classe social a que pertence.

Para refletir juntos

1) Quais as diversas realidades em que os jovens se encontram? O que você como jovem identifica como um dos seus maiores problemas atualmente? E o quê está fazendo para transformar este problema em solução?

O JOVEM COMO PESSOA

Capacitação

A pessoa, no seu desenvolvimento, passa por várias fases. Em cada uma delas precisa alcançar metas físicas, espirituais, mentais e sociais e ser capaz de executar algumas tarefas. Começando a se desenvolver, o adolescente busca seu espaço, quer se afirmar na família e no seu grupo. Precisa estabelecer, neste período, o seu papel como pessoa humana.

Contestação

A juventude é, essencialmente, fase de negação - de crise e de crítica. Exige-se coerência dos outros, mesmo em alguns casos sem tê-la. Revisam todos os valores que lhes foram ensinados na infância, com frequência recusando-os ou negando-os. Contestam toda e qualquer autoridade e o que está estabelecido. A imagem que pode ajudar a compreender a juventude é a imagem de alguém que, para arrumar o armário, depois de acrescentar algumas gavetas e prateleiras, tirasse tudo de dentro, jogasse no chão e fosse, aos poucos, recolhendo o que pareceria ter valor e sentido.

As contradições

A busca de si mesmo, a negação e a recusa do que lhe parece convencional, a contestação, a falta de esperança manifestam-se através da agressividade e insegurança. Com a percepção aguçada, sensíveis a tudo que os rodeia, são capazes de viver grandes amizades, grandes paixões (muitas vezes não manifestadas, nem concretizadas) e, proporcionalmente, grandes decepções. Além disso, sua recente descoberta do mundo faz com que se angustiem com os dramas, as misérias, as tristezas. Sonham muito e buscam o prazer. Querem se sentir úteis, mas não sabem como. Querem se organizar, mas não têm paciência.

Necessidade de companhia e amizade

Nesta fase de mudanças, há necessidade da companhia e amizade de jovens da mesma idade, com interesses e aspirações semelhantes. Quanto mais afinidade o jovem encontrar no grupo, tanto mais condições ele terá para enfrentar as pressões dos adultos e da sociedade (jovens da mesma classe, religião ou etnia têm mais facilidade de se entenderem e crescerem juntos). É na relação com os outros que o jovem se descobre pessoa responsável, capaz de tomar decisões e sujeito da própria história. Por tudo isso, a juventude é o momento de buscar o novo: valores, referências, projetos, relações - caminho aberto!

Iluminação bíblica

- Mateus 19, 16-17

Para refletir juntos

1) Como um jovem que vive em comunidade, a JUFRA nos mostra o caminho de busca do Cristo através de São Francisco, nos molda, nos proporciona viver melhor e fazer com nos compreendamos mais. No decorrer da sua caminhada como franciscano o que já mudou na sua vida? Partilhe com os irmãos.

2) Retire do texto bíblico uma mensagem para sua vida pessoal e em fraternidade.

O JOVEM E A AFETIVIDADE

A afetividade e sexualidade são aspectos importantes na vida do jovem. A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor – sentimento único que traz no seu núcleo um outro, também complexo e profundo: o medo da perda. Quanto maior o amor, maior o medo da separação, da perda e da morte, o que acaba desencadeando outros sentimentos, tais como o ciúme, a raiva, o ódio, a inveja, a saudade.

A afetividade é mistura de todos esses sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar a pessoa uma vida emocional plena e equilibrada. Muitas vezes somos movidos pelo impulso em direção ao prazer. Por isso, ao viver um sentimento doloroso, como a raiva ou o medo, é natural reagirmos impulsivamente destruindo o objeto ou a situação que provocou tal dor. Entretanto, ao fazê-lo não temos consciência de estar também destruindo a fonte do prazer do amor. É neste momento que o sujeito precisa de uma pessoa que cuide dele, sendo esta uma pessoa já cuidada, que vai estabelecer os limites necessários impedindo-o de destruir a sua fonte de amor.

O cuidador deve impor os limites necessários, com autoridade, mas sem ser autoritário. Estabelecer um limite é oferecer à criança ou ao jovem a fronteira até onde eles podem ir ou não, em determinado momento. Um jovem sadio, normal, vai reagir ao limite com crises. E é nesse momento de restrição que o indivíduo terá a oportunidade de aprender que pode suportar frustrações.

A arte de cuidar implica apresentar corretamente os momentos de fragilidade e frustração por que passa o indivíduo a ser cuidado para dar-lhe uma referência. Para os jovens, as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a formação da identidade. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus desejos.

Namoro

Com a moda do "ficar", que pressupõe a troca de carinhos por um período curto, sem compromisso de namoro, sem o compromisso do dia seguinte, a compreensão de namoro é diferente

do que foi nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Etori Amorim, o "ficar" é próprio dos adolescentes que ainda estão centrados em si e têm uma forte necessidade de se auto-afirmar.

"Namorar é uma coisa boa", afirmam psicólogos, podendo contribuir, inclusive, para a formação da personalidade a medida em que a paixão experimentada pelos namorados produz energia e entusiasmo pela vida. Alimentando a auto-estima o namoro pode ajudar a conduzir o jovem ao equilíbrio emocional.

O namoro existe essencialmente pra duas pessoas se conhecerem melhor, criarem uma intimidade maior entre si e, finalmente, decidirem se querem ou não assumir um relacionamento mais firme.

São poucos os jovens que conseguem estabelecer, no namoro, um tempo de conhecimento, crescimento e experiência de amor recíproco, levando-os buscar, no casamento, a vivência a dois, estabelecendo novas relações, e que a família seja sinal de um projeto novo de sociedade.

A afetividade portanto, consiste em poder fazer com que o jovem receba de nós o contato físico, verbal, a relação de cuidados, mas isso também implicará conflitos, envolvendo amor e raiva. Nós temos raiva de quem amamos, temos ciúmes de quem amamos. Amor sempre envolve conflito. Tanto no âmbito familiar ou no escolar, deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável.

Iluminação bíblica

- 1 João 3, 18 – 24

Para refletir juntos

1) De que modo o jovem poderá buscar o sentido de santidade na descoberta da afetividade e da sexualidade?

2) Como vocês reagem quando seus pais ou responsáveis lhes estabelecem um limite proibindo-os de fazer algo?

3) O que há no texto bíblico que eu mais preciso aplicar em minha vida?

O JOVEM E A FAMÍLIA

Família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. É o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. É na família que se aprende a linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade -- amor acompanhado de medo, raiva, ciúme. Sim, brigamos mais com quem mais amamos; temos medo de perder as pessoas que mais amamos. Quando falta a um jovem essa estrutura familiar (ausência de pai e mãe), outras pessoas (parentes ou mesmo a sociedade) poderão assumir o papel de cuidadores, respeitando as necessidades desse ser em formação: alguém que lhe proporcione a oportunidade de viver muito amor, acompanhado de medos, raivas e ciúmes. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acreditam no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para vôos mais altos, e o resultado

disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O jovem que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu vôo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência. Vários estudos e pesquisas têm demonstrado que jovens problemas são fruto de famílias que, independentemente do nível socioeconômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações. Os problemas que causam o desmoronamento das famílias é encontrado na falta de diálogo com os filhos, os jovens estão em constante busca de auto-afirmação e quando não encontra na família apoio, acompanhamento para partilhar isso, procura passar mais tempo fora de casa, aprende mais com os amigos, na escola, faculdade, no trabalho e através dos meios de comunicação. É preciso que os pais acompanhem melhor a linguagem e as novas ideias dos filhos, para não entrarem em conflito com eles. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão tão necessário e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para sermos cidadãos sociáveis.

Iluminação bíblica

- ✓ Efésios 6, 1 – 4

Para refletir juntos

1) Quais as problemáticas pelas quais as famílias estão passando hoje em dia? Vocês acham que os diversos conflitos existentes na sociedade, e que influenciam a relação familiar, com o envolvimento dos jovens com drogas, más companhias, gravidez na adolescência, etc., é consequencia de uma má educação do filho pelos pais? Ou não? Por quê?

2) Diferenciem nas suas opiniões os relacionamentos entre uma família que valoriza e realiza o diálogo entre pais e filhos e a que não existe isso. Dê seu testemunho sobre o assunto.

3) Qual a lição central da leitura bíblica?

O JOVEM E A EDUCAÇÃO

Situações diversificadas

Com relação à educação formal, ou escolaridade, encontramos situações bastante diversificadas; jovens que só estudam; jovens que estudam e trabalham; jovens que não podem estudar devido à crescente miséria e marginalidade na qual se encontram.

Qual educação?

Não podemos aceitar qualquer tipo de educação. A educação não pode ser vista como algo isolado e distante da vida das pessoas, um engajamento chato e sem utilidade.

Rubem Alves, educador, afirmou: “Aprender tem que ser como saborear uma comida gostosa e não ter que engolir uma comida deteriorada”.

É necessário que se relacione o que se está aprendendo com os conhecimentos e as experiências diárias; que se incentivem as pessoas a perguntar e apresentar as questões que as envolvam, permitindo-lhes que entre em contato com as situações concretas da vida, que possibilitem transferir conteúdos e experiências importantes para outras circunstâncias.

Transmissão de saber acumulado

A educação não se confunde com a mera adaptação do indivíduo ao meio. Se fosse assim, seria apenas reprodução de conteúdos e de culturas. Educação de qualidade abrange criação e renovação da cultura, envolvendo o ser humano em todos os seus aspectos. Ela começa na família, continua na escola e se prolonga por toda a existência humana. As escolas devem ter consciência de que é uma instituição afetiva que complementa a família. Sem essa consciência, criaremos um bando de sujeitos que aprenderam, mas não sabem usar o que aprenderam porque estão afetivamente empobrecidos. O jovem só vai gostar da escola quando houver afetividade, quando sentir que cuidam dele. "*A escola, quando trabalha em parceria com a família, consegue atingir os objetivos a que se propõe".*

Sistema educacional

Apesar de esforços um tanto isolados, o descaso e abandono da educação por sucessivas políticas governamentais ainda levam as escolas públicas ao sucateamento. Faltam bons professores (devido aos baixos salários), bibliotecas e laboratórios, agravando a situação nas periferias e zonas rurais... A escola particular vive situações críticas para manter seu padrão. Em geral as administrações públicas, em todos os níveis, aplicam pouco do orçamento para a educação.

Alfabetização

Constata-se ligeira melhoria no quadro de alfabetização da juventude, ainda assim, quase 4% dos jovens são analfabetos. Infelizmente, o sistema de alfabetização perpetua a alienação, a dominação e a opressão. O sistema educacional funciona como autêntico funil. Dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), colhidos em 2002, referentes a jovens de 15 a 24 anos (exceto os da área rural da Região Norte, incluindo Tocantins), afirmam que apenas 1,9% dos jovens trabalhadores possuía curso superior completo. Cerca de 31,5% possuíam ensino médio completo ou superior incompleto, e outros 25,9% o ensino médio incompleto.

Escola formadora de pessoa

Há, contudo, escolas que desenvolvem o espírito e a ação de grupo, fortalecendo os processos solidários de convivência e de trabalho, a partir do contexto social em que estão inseridas, sensíveis às lutas que se travam na sociedade, por mais solidariedade e justiça. A escola que oferece programas de vivência voluntária desde cedo consegue formar um jovem consciente e que aprende a cuidar de si e dos outros. O jovem une-se a ela, e, fundamentalmente, colabora com a comunidade, construindo valores básicos para toda a sua educação.

Papel educador dos movimentos populares

Os inúmeros movimentos populares têm sido instâncias de educação para o jovem. Possibilitam a formação da consciência crítica, criam canais para modificar as relações sociais.

Esses movimentos têm tido um papel estratégico na construção de um novo projeto de nação e constituem um novo espaço de educação do jovem.

É muito importante hoje se adquirir conhecimentos e está aberto a mudanças, que pode ajudar na sua educação tanto a nível profissional como pessoal. A JUFRA através das formações transforma-se para nós numa grande educadora. Se estivermos atentos saberemos ao longo da nossa caminhada saborear cada tema estudado e sempre aprender algo de novo para nossas vidas. A JUFRA em certas situações nos dá rumo, apontando o caminho certo a seguir, nos abre para o diálogo e colocação de pontos de vista.

Iluminação bíblica

- ✓ Romanos 15, 1 – 5

Para refletir juntos

1) Em que aspecto educacional a participação na fraternidade já lhe ajudou melhorar sua vivência na família, trabalho, escola, faculdade?

2) Você acha que a JUFRA é uma educadora de pessoas? Por quê?

3) O que o texto bíblico diz para nós hoje? Façam uma reflexão pessoal e em fraternidade.

O JOVEM E A SOCIEDADE

Modernização e inovação tecnológica

O processo de modernização e de inovação tecnológica em nosso país está privilegiando apenas algumas camadas sociais. A maioria dos jovens está fora deste processo. Grande parcela da população continua sem atendimento em suas necessidades básicas. Isso se confirma devido a uma desigual distribuição de renda, estando o país situado entre as primeiras economias mundiais e um dos últimos em relação aos indicadores sociais. A juventude, grande parte da população, não escapa das consequências desta situação.

Migrações para a cidade

A falta de terra para quem nela trabalha, a inadequada política agrícola e o sonho acalentado pelos meios de comunicação provocam o esvaziamento do campo e o consequente "inchaço" das cidades. Não tendo dinheiro suficiente, os migrantes vão morar em favelas e vilas irregulares, onde faltam os serviços básicos: água, esgoto, escola, saúde e transporte. Nas grandes cidades, a maior porcentagem de jovens e crianças está nas periferias e nas zonas centrais deterioradas.

Marginalização social e violência

A violência no Brasil começa no campo: é a eventual violência do governo e dos latifundiários contra os posseiros, os indígenas, os sem-terra, os líderes dos trabalhadores rurais, os bóias-frias. Na cidade há a violência institucionalizada pelos policiais contra os pobres, principalmente os negros. Há, também, a violência de criminosos grupos de extermínio. Quase metade das mortes de jovens do sexo masculino é causada por homicídios. Toda essa violência é

decorrente da marginalização social e da miséria. A maior parte dos presidiários é composta por jovens. A mulher é vítima da violência física e sexual em casa e nas ruas. É escandaloso o número de crianças e adolescentes abandonados e desamparados.

Prostituição

A prostituição é um jogo sujo, hoje, nas ruas e esquinas das cidades brasileiras. A jovem envolvida é atingida mental e fisicamente, enquanto o jovem se embrutece para nem sequer sentir a culpa moral que carrega. São muitas as causas que geram a prostituição: machismo, desintegração da família, sobrevivência, promiscuidade, os meios de comunicação que promovem o erotismo, a pornografia e o prazer. A prostituição é também favorecida pela dupla moral (hipocrisia) que impera na sociedade e afeta as famílias.

Drogas

O uso e o tráfico das drogas cresceu muito nos últimos anos. Tanto os jovens pobres, quanto os ricos se drogam e participam da rede de tráfico. Existem muitas causas para que um jovem comece a se drogar: o medo, o vazio existencial, a falta de perspectivas para sua vida, o desafio da sobrevivência, a revolta contra sua situação, e até mesmo o desejo de aventuras e sensações alucinantes.

É claro que ninguém espera, e muito menos deseja, que um membro da família, ou um amigo, venha a se envolver com drogas. Mas infelizmente, isso pode acontecer. O problema, muitas vezes começa com drogas lícitas como o álcool, o cigarro, os medicamentos e outros produtos que aparecem entre as principais causas de morte evitáveis.

Consequências

Há muitos tipos de drogas. De drogas "leves" e legalizadas como o álcool e o fumo, até drogas "pesadas" como a heroína, o LSD, o *crack*, a cocaína a maconha e o *ecstasy*. Algumas causam dependência física, outras dependência psíquica ou as duas juntas. Dificilmente o jovem entra ou sai sozinho da droga. Geralmente, vai no embalo do grupo ou do ambiente de *shows*. Precisa de ajuda, apoio e compreensão para se libertar.

Racismo e preconceitos

O racismo e os preconceitos estão muito presentes em nossa sociedade. Não apenas contra os negros, mas também os indígenas e os jovens das classes populares. Os índios são vistos como preguiçosos ou folclóricos. Os de classes populares como assaltantes e criminosos, principalmente os da raça negra. Há também a marginalização do jovem homossexual e do aidético. Preconceitos e discriminações são reproduzidos em todos os âmbitos de convivência do jovem.

Nossa sociedade ocidental é organizada por uma concepção de igualdade que, a partir de um olhar ingênuo, pode representar a noção de democracia e de igualdade de oportunidades. No entanto, o que se percebe ao longo do tempo é que muitas vezes trata-se de uma pseudo-igualdade revestida e escondida numa concepção na qual predomina o individualismo ao invés do reconhecimento e valorização da pessoa. Isto conduz a um acirramento das disputas entre pessoas e grupos, favorecendo a demarcação de territórios, a imposição dos “mais fortes” sobre os “mais fracos” e a desvalorização das diferenças. Daí uma organização econômica, política e social que

aceita e reforça preconceitos e atos discriminatórios como se estes fossem naturais. Para lembrar alguns: as classes sociais, o racismo, as mais diversas intolerâncias etc.

Força dinamizadora na sociedade e na Igreja

A história mostra que o jovem, quando se une a outros jovens, torna-se a força mais dinamizadora da sociedade. Assim, a juventude, como grupo social e liderada por jovens comprometidos, é capaz de forçar a sociedade a realizar mudanças em curto prazo. Estes mesmos jovens estão nos movimentos sociais, na luta pela terra, defesa dos Direitos Humanos, transporte e emprego. Muitos jovens surgidos de movimentos e pastorais da Igreja assumem militâncias fundamentais nos vários organismos sindicais e movimentos populares e alternativos.

Hoje nos deparamos com inúmeras situações que podemos optar. Fomos chamados por Cristo e estamos aqui na JUFRA. Para a sociedade devemos ser espelho de pessoas que tem uma vocação a seguir, que fazem a diferença e que apesar de estarmos inseridos no meio e fazermos parte dele não precisamos ser igual a eles. Há muita diversidade de culturas, costumes, abertura cada vez maior para tudo que você quiser com facilidade de envolver-se com drogas, prostituição, falta de compromisso no namoro, com os estudos, entre outros, tudo isso faz parte da nossa realidade mundial. Mas para nós precisa ser algo superável, precisamos ter sempre autocrítica e firmeza nas atitudes cristãs que assumimos, ficar atento para não se deixar envolver com coisas e atitudes que vão contra nosso carisma, porque '*ao mundo cabe a nós salvá-lo ou nos perdermos com ele"*. É livre a sua opção! E lembrem-se a "à*queles a quem muito foi dado, muito será esperado*".

Iluminação bíblica

- ✓ Filipenses 4, 2 – 9

Para refletir juntos

1) Na sua opinião que fatores contribuem para o alto índice de homicídios entre as principais causas das mortes de jovens do sexo masculino?

2) Comentem os vários fatos que problematizam a nossa sociedade e busquem maneiras concretas de anemizar tais situações pelo menos na sua comunidade ou a paróquia.

3) Quais os trabalhos a fraternidade tem feito socialmente na comunidade/paróquia?

4) Quais as principais recomendações o texto bíblico nos traz hoje?

O JOVEM E O MUNDO DO TRABALHO

Ingresso no mercado de trabalho

A injusta distribuição de renda faz com que jovens e muitas crianças tenham que ingressar no mercado de trabalho para sobreviverem e ajudarem na manutenção de suas famílias. Sem experiência e sem capacitação profissional, mais de um milhão de jovens entram a cada ano no mercado de trabalho, sujeitando-se a qualquer tipo de serviço e salário e aumentando a quantidade de pessoas concorrendo ao mesmo emprego. Isso colabora para o aumento do exército de desempregados, favorece o aviltamento dos salários, a pressão dos patrões contra a organização no

mundo do trabalho. Os mais velhos sentem-se cada vez mais ameaçados pela presença dos jovens e, no lugar de relações solidárias, acirra-se a competitividade.

Jovem trabalhadora

As mulheres estão ainda mais sujeitas às dificuldades do mercado de trabalho. Nesse quadro a situação da jovem trabalhadora é gritante, principalmente da jovem negra. Ao sair da estrutura de dominação machista da família, entram para estruturas machistas no emprego – o patrão, o chefe, o companheiro de trabalho. Caso fiquem grávidas, muitas vezes, são dispensadas (apesar das leis proibitivas). As casadas têm mais dificuldade em conseguir emprego. As jovens trabalhadoras exercem as mesmas funções que os homens, mas recebem salários mais baixos. São submetidas muitas vezes a perseguições sexuais precisando escolher entre serem objetos sexuais dos superiores ou ficarem desempregadas. Embora já estamos no 3º milênio, é ridículo inúmeros empregadores manterem essa postura discriminatória, tratando seus empregados na rédea e desrespeitando seus direitos.

No atual mercado competitivo para se conseguir uma colocação faz-se necessário estar bem qualificado com cursos, conhecimentos específicos, sobretudo, da área que quer atuar. Um dos grandes fatores que elevam os índices de desemprego no Brasil e outros países é a pouca qualificação das pessoas. E estes fatos atingem principalmente a parte mais pobre da população, que sem condições de buscar meios para se qualificar, a cada dia fica à margem da exclusão social, sem perspectivas nenhuma de vida. Hoje é urgente se criar políticas públicas de inclusão das pessoas no mercado de trabalho. E também valorizar aqueles que já estão trabalhando, com salários dignos do seu esforço, que o faça manter seu sustento e de sua família.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 17, 7 – 10

Para refletir juntos

1) Qual as situações de emprego dos jovens de seu bairro ou cidade? E o que pode ser feito para superar situações de desrespeito e discriminação no ambiente de trabalho? Dê seu parecer.

2) Qual sua opinião na questão de “hoje é muito importante adquirir conhecimentos e qualificação profissional, para estar à frente, conquistando espaços no mercado competitivo”.

3) Que lição vocês podem tirar do texto bíblico?

O JOVEM E A POLÍTICA

Política é o conjunto de ações pelas quais os homens/mulheres buscam uma forma de convivência entre os indivíduos, grupos, nações que ofereçam condições para realização do bem comum. Tomar a sério a política, nos seus diversos níveis – local, regional, nacional e mundial – é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha que lhes é proporcionada, para procurarem realizar juntos o bem da cidade, da nação e da humanidade. A política é uma maneira exigente de viver o compromisso cristão a serviço dos outros

Segundo pesquisas de opinião, os jovens são os que se sentem mais marginalizados nas decisões políticas, mas também, os que têm maior vontade de participar. A sua presença nas atividades não institucionalizadas de intervenção na vida pública, tais como assinar manifestos, abaixo-assinados, frequentar reuniões de associações de bairro ou manifestações de rua, tende a ser tão ou mais significativa do que a dos mais velhos. O jovem acredita no poder de mudança do voto e o considera um exercício de cidadania.

Conquista de voto

A conquista de voto aos 16 anos foi resultado da mobilização da juventude. Ela representa um importante espaço de participação política e de responsabilidade no exercício da cidadania. Ao mesmo tempo há o perigo de manipulação e desilusão devido à prática política clientelista. Esta prática tem gerado apatia e descrédito na juventude, pois os partidos deixaram de organizar seu público, discutir com ele as políticas alternativas, abdicando de suas funções propriamente educativas. A participação consciente através do voto exige educação política. Para exercer plenamente a sua cidadania o jovem deve participar do processo antes, durante e depois das eleições, pois não adianta eleger os candidatos e não acompanhar a atuação deles. Existem muitos mecanismos de cobranças nos quais o cidadão pode exercer o seu papel. É exercendo este direito que se aprende. Fazendo a nossa parte, estaremos dando um passo decisivo para a construção de um país mais justo e fraterno.

Semeando o futuro

Atualmente, muitos jovens participam de movimentos estudantis, de associações de bairros, de partidos políticos, de sindicato, do grupo de lazer ou de esportes, de conjuntos musicais e vocais, da Pastoral da Juventude, de movimentos apostólicos, de grupos artísticos e culturais, de grupos ecológicos e pacifistas. Que através desses movimentos os jovens possam contribuir para que nossa sociedade adquira consciência de que todos temos um papel vital a desempenhar, oferecendo gratuitamente uma liderança criativa a fim de lutar por justiça, paz e uma vida mais digna e igualitária para todos.

Iluminação bíblica

- ✓ Marcos 10, 42-45 e Mateus 7, 13 – 20

Para refletir juntos

1) Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem pra vocês hoje?

2) Qual deverá ser o papel do jovem eleitor cristão frente ao tentador convite de trocar seu voto por favores?

3) Dê sua opinião sobre o comentário: “Quem tem fé, sobretudo fé cristã e católica, tem mais e não menos razões, condições e instrumentos para fazer política”.

Dinamizando o tema: Ser fermento na construção do mundo

Material utilizado: Caixas de fósforos, 1 por participante (poderão ser cheias, pois serão reaproveitadas). Papéis coloridos, tesoura, caneta, cola e fundo musical.

Desenvolvimento: Distribuir caixas de fósforo (vazias ou cheias) e um pequeno papel para todos os participantes. Pedir que pintem, enfeitem, coloquem o nome e colem na frente de cada caixa.

Colocar um fundo musical para que efetuem o trabalho. Terminada esta parte, o orientador indicará uma mesa, onde deverá ser construído um edifício utilizando-se todas as caixas.

Se o número de participantes for grande, provavelmente haverá queda antes da conclusão da obra. Observar as atitudes e convocá-los a tentar calmamente construir o edifício, se preocupando com a base sólida para que a construção chegue ao final.

Reunir em grupos e questionar sobre o trabalho: Se tiveram êxito, qual foi o motivo, se falharam tentar descobrir o porquê.

Reflexão: Nosso papel na construção do mundo é fundamental. Onde estivermos colocados não importa, seja no alicerce ou no telhado, cada um tem a responsabilidade de fazer bem sua parte. Devemos ser fermento na construção do mundo, e, para isso, é necessário não escolhermos o melhor lugar, mas sim onde somos necessários.

Também é importante lembrar que só a organização e a união serão capazes de construir um mundo melhor. Enquanto não nos conscientizarmos de que somente juntos, passo a passo, alcançaremos a vitória, estaremos dando voltas e mais voltas, sem conseguirmos atingir o objetivo maior que é a felicidade universal.

Vivenciando o tema

- ✓ Procurar conhecer as atividades das Comunidades Eclesiais de Base, das Pastorais Sociais e as ações concretas da Pastoral da Juventude.
- ✓ Participar de uma reunião do grupo “Fé e Política” mais próximo.
- ✓ Assistirem juntos uma sessão da Câmara de Vereadores de seu município.

Sou Eu, Sou Jovem

Sou eu sou jovem...

Também já fui criança e não fujo da regra.

Aprendi a ser menino, menina da forma que se prega.

Saio de manhã, ando, passeio, grito e há quem me ouça.

Luto por uma cultura, vivendo por um futuro.

Não sou de porcelana nem sou tão fácil como louça.

Hoje ouço sobre política, amanhã sou imposto a critica.

Sou eu, sou jovem...

Talvez cresça sã, uma jovem inteligente,

Ou conheça as drogas e morra de forma indigente.

Procuro resposta nessas regras do social

Mesmo quando um grande me force a viver calado

Porque cidadão que tenta ser cidadão,

É humilhado de forma racial.

Sou eu sou jovem

Procurando uma solução.

Eu também amo e quero ser amado.

Pois, jovem que é jovem ainda tem um coração.

Sou negro, sou branco, índio ou mulato.

Sou jovem político e não sou um fraco.

Sou eu sou jovem...

Posso ser deficiente, cego ou não,

Sou eu e o que importa é que não estou na solidão...

Sou jovem e luto por mais oportunidade,

Danço, canto, cultivo independente de idade.

Sou a cara da juventude mesmo sem vaidade.

Sou jovem gritando,

Quero vida, quero liberdade!

5. PERSONALIDADE

'Às vezes, nem eu mesmo sei quem sou. Às vezes, sou "o meu queridinho ou minha queridinha", Às vezes, sou "moleque mal criado, menina mal criada". Para mim tem vezes que sou rei ou rainha, Herói voador, heroína voadora, Cow-boy lutador, cow-girl lutadora, Jogador campeão, jogadora campeã. Às vezes, sou pulga, sou mosca também, que voa e se esconde de medo e vergonha. Às vezes, sou Hércules, Sansão vencedor, de peito de aço, Goleador! Mas o que importa, o que pensam de mim? Eu sou quem sou, eu sou eu, sou assim, sou menino, sou menina'.

Todos nós já ouvimos falar, provavelmente muitas vezes, em "PERSONALIDADE". Ou é um pai que, orgulhoso, diz que seu filho tem uma personalidade "forte", ou alguém que, ressentido, diz que seu colega "não tem personalidade".

O que estas pessoas estariam querendo significar com esta palavra? Pode ser que o pai esteja dizendo que seu filho exerce uma influência marcante sobre os amigos dele e a outra pessoa, quem sabe, está afirmando que o colega não sustenta suas opiniões em todas as situações.

O que parece comum, nestes exemplos, e também sempre que a palavra personalidade é usada na linguagem informal, é a referência a um atributo ou característica da pessoa, que causa

alguma impressão nos outros. Isto também é válido quando se ouve falar em "personalidade tímida" ou "agressiva", etc.

Este significado implícito é derivado, provavelmente, do sentido etimológico da palavra.

Personalidade se origina da palavra latina "PERSONA", nome dado à máscara que os atores do teatro antigo usavam para representar seus papéis ("per-sona" significa "soar através").

O sentido original do termo está, pois, bastante relacionado ao sentido popular porque se refere à aparência externa, à impressão que cada um causa nos outros.

O QUE É PERSONALIDADE?

A personalidade é usada erroneamente para designar habilidades sociais (capacidade de tomar decisões rápidas), ou até mesmo para se referir à impressão marcante que alguém causa a partir de uma característica considerada como central (timidez, inteligência), e ainda para anunciar a presença de alguém importante, ilustre – senso comum.

Há quem diga que a personalidade traz traços bons ou ruins. A psicologia, por ter base científica não faz usos destas características.

De um modo geral, a personalidade refere-se ao modo relativamente constante e peculiar de perceber, pensar, sentir e agir do indivíduo. A definição pode incluir ainda, as habilidades, atitudes, crenças, emoções, desejos, o modo de comportar-se, inclusive os aspectos físicos do indivíduo.

Compreender a personalidade humana é compreender o ser na sua totalidade.

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

A configuração única da personalidade de um indivíduo desenvolve-se a partir de fatores genéticos e ambientais.

Os fatores genéticos exercem sua influência através da estrutura orgânica e do processo de maturação. Os fatores ambientais incluem tanto o meio físico como social e começam a influenciar a formação da personalidade já na vida intra-uterina.

No mesmo instante em que o óvulo é fecundado, isto é, no momento da concepção, o ser humano recebe a totalidade de sua herança genética. Nada poderá ser acrescentado. Mas a partir do momento da fecundação, este projeto de indivíduo se encontra necessariamente sob a influência de um ambiente, o útero materno, habitat primário dos mamíferos. Portanto, do ponto de vista da genética, nem tudo aquilo com que nascemos é hereditariedade.

TEORIA PSICANALÍTICA DE FREUD

A partir do estudo do comportamento anormal, usando o estudo de caso, Freud constrói uma sistemática e bem acabada teoria para explicar a personalidade normal e anormal.

Para Freud, a personalidade é composta por três grandes sistemas: *o id, o ego e o superego.*

Id - O id é a única fonte de toda energia psíquica (libido). É de origem orgânica e hereditária. Apresenta a forma de instintos inconscientes que impulsionam o organismo. Há dois tipos de instintos: de vida, tais como fome, sede e sexo; e os de morte, que apresentam a forma de agressão. O id, que constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se "localizam" as pulsões de vida e de morte.

O *id* não tolera a tensão. Se o nível de tensão é elevado, age no sentido de descarregá-la. O princípio de redução de tensão, pela qual o *id* opera chama-se princípio do prazer. O *id*, no entanto, não conhece a realidade objetiva, por isso não pode satisfazer as necessidades do organismo. Surge, então, o *ego.*

Ego - Existe porque são necessárias transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade.

Para realizar suas funções, isto é, procurar satisfazer objetivamente as necessidades do *id*, o *ego* tem o controle de todas as funções cognitivas como perceber, pensar, planejar e decidir.

O ego, que é o sistema que estabelece o princípio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as "ordens" do superego. O ego procura "dar conta" dos interesses da pessoa e é regido pelo princípio da realidade, que com o princípio do prazer, rege o funcionamento psíquico. Na verdade, o ego é um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscar a satisfação considerando as condições objetivas da realidade. As funções básicas do ego são: percepção, memória, sentimentos, pensamentos e o superego, que se origina com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade.

Superego - É o representante interno das normas e valores sociais que foram transmitidas pelos pais através do sistema de castigos e recompensas impostos à criança.

Com a formação do *superego*, o controle dos pais é substituído pelo autocontrole. O *superego* nos pune (através do remorso, do sentimento de culpa) quando fazemos algo de errado, e também nos recompensa (sentimos satisfação, orgulho) quando fazemos algo meritório.

As principais funções do *superego* são: inibir os impulsos do *id* (principalmente os de natureza agressiva e sexual) e lutar pela perfeição.

De uma maneira geral, o *id* pode ser considerado o componente biológico da personalidade, o *ego*, o componente psicológico e o *superego* o componente social.

Os três sistemas da personalidade não devem ser considerados como manequins independentes que governam a personalidade. Cada um deles tem suas funções próprias, seus princípios, seus dinamismos, mas atuam um sobre o outro de forma tão estreita que é impossível separar os seus efeitos.

O comportamento do adulto normal é o resultado da interação recíproca dos três sistemas, que, em geral, não colidem e nem têm objetivos diversos.

A moral e os ideais são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais. Estes três sistemas são constitutivos da personalidade com caráter universal, de toda a raça humana. Para Freud a personalidade é formada por volta dos 4 ou 5 anos.

Piaget coloca que ela começa a se formar muito mais tarde, entre 8 e 12 anos, e que está relacionada com as vivências concretas do indivíduo no seu meio social, cultural, religioso.

A interioridade do indivíduo expressa-se nos seus comportamentos e no seu modo de estar no mundo. "A capacidade de estabelecer relações afetivas, por si só, não diz muito do indivíduo, é necessário compreender, também, quais são os seus objetos de afeto, como é a expressão deste afeto, o que não é expresso e por quê".

Reich utiliza a palavra caráter para designar personalidade, mas os teóricos em geral preferem não usar este termo devido à diversidade de usos existentes (aspecto moral).

Níveis de consciência

Um conteúdo mental qualquer pode estar, para Freud, em um dos três níveis de consciência: *Consciente, Pré-consciente e Inconsciente.*

A personalidade, à medida que se desenvolve, enfrenta uma série de problemas e situações novas às quais se deve adaptar ou com as quais deve conviver. Estes problemas geram estados psicológicos conhecidos com o nome de *Conflitos, Frustrações e Ansiedades.*

Alguns imaginam que a diferença entre a pessoa normal e a anormal reside no fato de que as primeiras não têm os problemas citados acima, enquanto as últimas, sim. Isso, contudo não é verdade. Os conflitos, as frustrações e as ansiedades estão presentes na vida de todo e qualquer ser humano. Até determinado grau, esses problemas são inerentes à vida e indicam até normalidade. Independentemente de

quem somos e da quantidade e qualidade de nossas energias psíquicas, haverá sempre motivos não satisfeitos, barreiras a superar, escolhas a fazer, adiamentos a tolerar e objetos e situações a temer. Ajustamento designa precisamente a tarefa realizada pela personalidade para superar esses problemas ou conviver com os mesmos.

Conflito - Estamos diante de um conflito quando há dois motivos incompatíveis querendo assumir a direção de nosso comportamento. Denomina-se conflito o estado psicológico decorrente da situação em que a pessoa é motivada, ao mesmo tempo, para dois comportamentos incompatíveis. Se a pessoa pudesse atender aos dois motivos, não haveria conflito. O conflito nasce precisamente da necessidade de se fazer uma escolha, uma opção. A satisfação de um motivo leva automaticamente ao bloqueio e frustração do outro. O psicólogo Kurt Lewin define conflito como sendo o resultado da oposição de duas forças igualmente fortes.

Frustração - Fala-se muito em frustração. Às vezes, quando queremos nos referir a alguém pejorativamente, dizemos que é um frustrado. Mas o que significa frustração ? Entende-se por frustração o estado emocional que acompanha a interrupção de um comportamento motivado.

Deduzimos no entanto, que todos nós sofremos frustrações e, neste sentido, somos todos frustrados. Ninguém pode evitar por completo as frustrações uma vez que nem todas as nossas necessidades e desejos são satisfeitos. A saúde mental não depende de enfrentarmos ou não enfrentarmos frustrações. Depende sim da forma como as enfrentamos. A quantidade de frustrações também parece ser significativa: tanto a ausência de frustrações como o excesso, são desaconselhados.

Ansiedade - Ansiedade é um estado psíquico muito semelhante ao medo. Este, caracteriza-se por ser uma reação de defesa do organismo diante de um perigo real. O medo é a reação do organismo que busca manter sua integridade física ou psíquica. Já a ansiedade é um medo vago, sem fundamento lógico, irracional ou desproporcional ao objeto causador. A ansiedade

é um estado afetivo caracterizado por sentimento de apreensão, inquietude e mal estar. Pode ser também sensação de impotência para fazer algo ou tudo. As pessoas tomadas pela ansiedade, com frequencia sentem medo de um perigo vago e desconhecido, mas para elas inevitável.

A ansiedade é um sinal de alarme dirigido ao EU. Serve para advertir a presença de um perigo, de um impulso ou ideia inadmissíveis, para que o EU possa responder com medidas adequadas ou mobilizar suas defesas.

A ansiedade é algo inerente à condição humana. Até um determinado ponto, a ansiedade é sinal de vitalidade e serve para despertar e motivar o organismo. Sua função é útil para a sobrevivência, já que põe o organismo de sobreaviso quando aparece algo ameaçador para a estabilidade e integridade emocional do sujeito.

Iluminação bíblica

- ✓ Lucas 15, 11-32 – Os dois filhos

Para refletir juntos

1) Qual a mensagem que o texto bíblico traz pra vocês hoje?

2) Personalidade e comportamento são a mesma coisa? Dê sua opinião.

3) De que maneira a personalidade de um indivíduo pode influenciar em seus relacionamentos com as outras pessoas?

4) Como conviver em uma sociedade onde as pessoas apresentam uma vasta diversidade de personalidade?

Dinamizando o tema

Procedimento: escrever o nome de três animais e três características para cada um deles, depois explica o resultado de acordo com o texto abaixo.

Primeiro Bicho

Representa como você se vê. Esqueça se foi uma ovelha, um cavalo, um iguana ou uma abelha. O que importa são as características que você destacou. É comum as pessoas terem uma opinião sobre as outras. Só que às vezes, os outros não consideram que cada pessoa é também um monte de coisas. Muitas vezes também não percebem como os outros se sentem, nem se dão contas de que mudam. Você deve pensar se isso tem a ver. Se os amigos concordam ou não, é outro problema.

Segundo Bicho

Representa como você é visto (a) pelos outros. As pessoas podem pensar um monte de coisas legais de você, mas também tem opiniões negativas. Alguma surpresa ruim? Pode ser desagradável saber que as pessoas acham você teimoso (a), devagar, dissimulado (a), fingido (a), estourado (a), hipócrita. Não dramatize, considere que há opiniões que simplesmente não batem com o que você é de verdade, porque cada um tem seu jeito de ser, e é difícil mesmo que todo

mundo te entenda às mil maravilhas. Mas vale a pena ver se não há aqui um toque interessante para você.

Terceiro Bicho

Representa como você é, lá no fundo. Tem o lado legal que é mais fácil de ser aceito. Mas se não é bem assim, você fica inclinado (a) a achar que o teste deu errado. Mas quem disse que você se conhece tão bem assim? O mais importante é você ir descobrindo quais são suas reações. A gente tem medo, inveja, ódio, preconceito, raiva ou, ao contrário, uma capacidade de ser solidário (a), amigo (a), carinhoso (a). Essas coisas, às vezes, ficam meio escondidas. Se você é pego (a) desprevenido (a), deixa à mostra quem és de verdade.

Vivenciando o tema:

Poderão assistir aos filmes e refletir sobre os mesmos:

- ✓ Doces momentos do passado. Direção Carlos Saura (Espanha, 1981)
- ✓ O pescador de ilusões. Diretor Terry Gilliam (EUA, 1991)

REFERÊNCIAS

A família e as drogas. **Missão Jovem**, Florianópolis, mai. 2001, p. 8.

AMORIM, Etori. Os adolescentes e o namoro. **Missão Jovem**, Florianópolis, p. 5, jun. 2005.

CNBB. Campanha da Fraternidade 1992 (Manual): Juventude Caminho Aberto. São Paulo: Salesiana, 1992. p. 39-59.

Como Educar Hoje? Missão Jovem, Florianópolis, jun. 2003.

HAERTER, Leandro, SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. **As diferenças nos unem?** Mundo Jovem, Porto Alegre, ago. 2005.

KREIN, José Dari. **Só a ação coletiva garante trabalho para todos**. Mundo Jovem, Porto Alegre, mai. 2005.

LEITE, Robson Campos. **A falsa liberdade.** Missão Jovem, Florianópolis, p. 10, mar. 2005.

NAMORO: **Quantidade ou qualidade**, Missão Jovem, Florianópolis, jun. 2003.

NOGUEIRA, Roberto Correa. **O que é a família?** Missão Jovem, Florianópolis, p. 8, set. 2004.

O Preço Do Seu Voto. Missão Jovem, Florianópolis, set. 2004.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, mar. 2003.

BOCK, Ana M. Bahia, **Psicologias**, Saraiva, 1995, São Paulo.

CNBB - **Manual da Campanha da Fraternidade. S**. Paulo: Editora Salesiana. 1992.

CNBB - **Fraternidade e polític**a: justiça e paz se abraçarão: Texto-base/CNBB. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1996 – Campanha da Fraternidade.

FRITZEN, S. J. **Relações Humanas Interpessoais**. Petrópolis: Vozes. 1992.

MINICUCCI, A. **Técnicas do Trabalho de Grupo**. São Paulo: Atlas. 1992.

Sec. Exec. Nac. da JUFRA - **Formação da JUFRA do Brasil**, 1ª Etapa. 1994.

Sec. Exec. Reg. da JUFRA XIIª Região - **Curso de Formação, Metodologia, liderança e Dinâmicas de Grupo**. 1991.

PISANE, E. M. **Psicologia Geral**. 8ª Ed. Porto Alegre: Vozes. 1989.

BORGES, Giovanna Leal. **Dinâmicas de Grupo – Redescobrindo Valores**. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

Novo Testamento e Salmos. **A Boa Semente.** Brasília, Editora Pelicano, 1997.

Site: www.mundojovem.pucrs.br, Poema: **Sou eu sou jovem**, de Sheeron Clys – Manaus/AM por correio eletrônico, 2º lugar – Manifesto Cultural pela Cidadania. Área Missionária de Sta. Helena. Pesquisado dia 05/07/2006 11:02hs.

Site: www.catequisar. com.br **– dinâmicas – volume 02 e 04**. pesquisa dia 29/09/2006, 22:49hs.

Conhecimento Sócio-Político

"Não vim para ser servido mas para servir" (Mt. 20,28), diz o Senhor. Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E se a privação do cargo de superior os perturba mais que a privação do encargo de lavar os pés, amontoam para si tanto mais riquezas com perigo para sua alma.

Admoestações, 4.

1. ESTRUTURA DOS SISTEMAS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS

Existem na história vários sistemas econômicos, políticos e sociais, os quais foram e são de suma importância para a sociedade se auto regular no contexto do dia-a-dia. A rigor, cada sociedade tem sua forma particular de organização, que é resultado da interação sociedade-natureza, ou seja, depende de cada sociedade de sua natureza, saber que normas, sistemas, regulamentos vai adotar.

Estrutura é a forma como algo é composto, é um conjunto de elementos que compõem alguma coisa, sociedade, empresa, por exemplo.

Sistema é um conjunto de elementos interconectados em que transformações ocorridas em uma das partes influenciarão todas as outras. Vindo do grego sistema significa combinar, ajustar, formar um conjunto.

A estrutura desses sistemas econômicos, políticos e sociais do Brasil reúne diversos acontecimentos, fatos, normas, regulamentos, leis, forma de governo, entre outros que contribui direta ou indiretamente para o desenvolvimento ou não da nação e das pessoas.

O Sistema econômico reúne o conjunto de relações que caracterizam a vida econômica de uma determinada sociedade, distingue-se pela natureza das relações sociais de produção, do rendimento do trabalho e da propriedade. Todo sistema econômico tem como princípio de coordenação o mercado. Através do mercado e com o uso do dinheiro, os produtores, comerciantes, competem entre si, e dessa forma o mercado aloca recursos e determina a distribuição de rendas, dando possibilidade das pessoas adquirirem bens ou serviços.

O Sistema político é o modo como um grupo de pessoas se organiza para sobreviver e prosseguir como comunidade num determinado espaço físico, mutável em função de condicionantes econômicos e sociais. E abrange poder e reação, movendo-se por uma dinâmica que envolve atores individuais e coletivos, organizados e não organizados. Um sistema político bem organizado necessita ser regulado por princípios morais e éticos que garantem que o povo, que é titular do poder público numa democracia, possa se sentir realmente representado. Algo que não acontece no nosso país, que urge por uma reforma no sistema político dilacerado pela corrupção e falta de vontade política de nossos representantes.

O Sistema Social é constituído por todas as manifestações do comportamento dos indivíduos e dos grupos. E é representado por todos os movimentos sociais, Pastorais Sociais, ONG's, Associações, entre outras, que contribuem direta e indiretamente para o desenvolvimento de conscientização, mobilizações, das pessoas e dos grupos dos seus direitos e deveres como cidadãos.

Se cada um de nós for analisar a conjuntura do Brasil, tanto social, política e economicamente, vamos perceber que há uma grande interação entre esses sistemas, um complementa o outro. Quando uma sociedade respeita seus indivíduos, garantindo-lhes moradia, educação, saúde, segurança, justiça, emprego para todos, direitos e dignidade respeitados, de forma concreta que os satisfaça, podemos dizer que temos um sistema estruturado. Quando não há isso, significa que temos que tomar iniciativas, atitude, para conseguir mudanças.

Mas as iniciativas são decorrentes de cada um, governo, empresas, pessoas. E isso remete a um tema muito debatido em vários setores: a responsabilidade social. De quem é a culpa, se não há estrutura adequada dos nossos sistemas? Minha, sua, do governo? De ninguém em particular, mas de todos nós, todos somos responsáveis, quando nos omitimos, não lutamos, quando calamos, quando devíamos falar.

Trabalhar a responsabilidade social é necessário para que haja melhor distribuição de emprego e renda. Muitos dados no Brasil mostram que há uma imensa diferença social que exclui e não dá muito espaço aos menos favorecidos. É muito importante que haja uma conscientização das pessoas que o nosso país só poderá crescer se houver inclusão de todos. A responsabilidade social engloba vários segmentos que necessitam que todos trabalhem em conjunto para juntos construir uma sociedade melhor e mais saudável. E isso pode ser trabalhado dentro de vários setores, como a saúde, segurança, educação, meio ambiente e outros. É importante que haja envolvimento de todos os setores para que isso aconteça.

Enquanto pessoa, cada um deve buscar um ideal de vida e lutar por ele, saber quais são as idéias que vão dirigir a sua vida, trabalhar com ética e agir, ajudar nos processos de inclusão, responsabilizando-se pela sua melhoria e dos outros.

Hoje, o mundo precisa que todos pensem globalmente; cada pessoa deve saber identificar posturas impróprias que não condizem com a moral e a ética e definir seus próprios valores, espalhando o bem e sendo socialmente responsável pelo crescimento da justiça, da paz e do bem para o mundo, onde quer que esteja. Abrir-se para os outros e perceber que o pouco que faço é muito para quem nada tem ou espera ter.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 20, 1-16

Para refletir juntos

1) Na sua opinião quem estabelece as regras do jogo da vida social, política e econômica hoje?

2) A atual estrutura do sistema econômico, é favorável aos mais necessitados? Por quê?

3) Diante de sistemas políticos baseados na corrupção que sempre asseguram aos poderosos a certeza da impunidade, vocês acham que há consciência, mobilização do povo em relação a isso, para que haja mudança? Dê exemplo de casos.

4) Qual a relação existente entre o tema estudado e o texto bíblico? Retire uma mensagem.

Dinamizando o tema: A maleta

Objetivo: Conscientizar sobre a estrutura da sociedade que reforça a defesa dos interesses particulares, não estimulando o compromisso solidário.

Material: uma mala com fechadura, chave da mala, dois lápis sem ponta, duas folhas de papel em branco, dois apontadores iguais.

Desenvolvimento: forma-se duas equipes.

1. A uma equipe entrega-se a mala, dois lápis sem ponta e duas folhas de papel em branco dentro da mala.
2. À outra equipe entrega-se a chave da mala e dois apontadores iguais.
3. O coordenador pede que as duas equipes negociem entre si o material necessário para cumprimento da tarefa que é a seguinte: ambas deverão escrever: “Eu tenho Pão e Trabalho”.
4. A equipe vencedora será a que escrever primeiro e entregar a frase para o coordenador.

5. A frase deve ser anotada no quadro ou em cartaz numa letra grande e legível.

Reflexão**:** 2 Coríntios 9, 6-9 e Salmo 146

Vivenciando o tema

✓ Participar como franciscano de movimentos que contribuem com ações concretas, coerente com o nosso carisma, para um maior envolvimento e conscientização social e política dos irmãos;

✓ Colocar-se como responsável pela difusão da paz , do amor, e da preservação da natureza, hoje tão ameaçada;

✓ Busquem ler e se antenar de tudo que acontece diariamente na sociedade, sobretudo no que diz respeito à manutenção dos nossos sistemas econômicos, políticos e sociais. Para poder saber se posicionar frente a tantos acontecimentos e mudanças;

1. CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

Obter conhecimento da realidade brasileira atualmente torna-se necessário para não ficarmos alienados, mas sim atentos e participantes de tudo que acontece hoje no Brasil e nos locais onde estivermos. Todos os dias são noticiados milhares de fatos e acontecimentos que influenciam direta ou indiretamente em nossa vida. Na atual conjuntura, é imprescindível obtermos conhecimentos, sobretudo para poder opinar sobre determinados assuntos que fazem parte do nosso dia-a-dia, seja em casa, no trabalho, escola, faculdade, Igreja, para não ficarmos à margem e sim atuantes, lutando por um mundo, uma sociedade melhor, onde todos podem ser incluídos tendo assim seus direitos respeitados.

Alguns desses direitos nos são garantidos pela Constituição Federal de 1988, no que diz respeito aos direitos sociais que incluem: educação, moradia, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados (art.6º). Mas a realidade brasileira explode numa imensa contradição com esses ideais proclamados pela CF/88, pois todos sabemos que vivemos num país marcado por uma profunda desigualdade social, que é fruto de uma persistente política oligárquica e da mais escandalosa concentração de renda nas mãos dos mais ricos que são a minoria da população, enquanto a maioria da população - que são os pobres - lutam para sobreviver, em muitos casos com a metade de um salário mínimo ou até menos por mês. O Brasil é um dos países que tem a pior distribuição de renda do mundo.

Dados reais mostram que a sociedade brasileira evolui e se transforma. O país se desenvolve e produz mais riqueza, mas o flagelo da pobreza e da miséria continua. Fenômeno inaceitável num país dotado de muitos recursos e riquezas. Vários Brasis coexistem no mesmo país, os contrastes entre uns e outros aumentam e se tornam mais brutais. Há uma crise civilizacional, uma crise de sentido e de valores. O mercado promete o bem estar e o desenvolvimento para todos, mas na realidade, muitos vivem no trabalho, na vida social, na família, uma maior insegurança e fragilidade.

Não faltam estatísticas para tentar dar conta da pobreza e a miséria no Brasil. Muitas instituições científicas desempenham um importante trabalho sofisticado de análise e interpretação. Às vezes, os resultados das pesquisas nos surpreendem, indicam situações ainda mais desiguais e injustas do que imaginávamos. E não podemos esquecer, além da descrição fria dos números, a

realidade dos rostos e olhares marcados pelas derrotas da vida, pela insegurança, o medo, a desconfiança.

Para nos situarmos em algumas realidades do Brasil, destacamos as que mais refletem a nossa conjuntura atual. A situação do trabalho no Brasil, que deveria ser uma fonte de integração e coesão social, revela muitas contradições e impasses na nossa sociedade, onde o desemprego aumenta regularmente, a situação salarial é também muito injusta e deixa boa parte dos trabalhadores na pobreza. Apesar de alguns avanços a situação dos trabalhadores continua desigual, negros e pardos ganham menos que os brancos com o mesmo nível de instrução. E as mulheres recebem em média, menos que os homens para o mesmo trabalho. Muitos trabalhadores caem na informalidade, sem mais proteção social. No mercado de trabalho, a concorrência entre trabalhadores para conseguir ou guardar um emprego é feroz. As transformações do mundo de trabalho são tão rápidas e profundas que os sindicatos dificilmente conseguem se adaptar.

Outro fator que reflete a situação do Brasil e o impede de crescer é o flagelo da corrupção. Infelizmente, muitas vezes este mal social corrompe primeiro as pessoas responsáveis, políticos ou empreendedores privados, gente em muitos casos, sem escrúpulos, sem moral. A corrupção tira dos mais pobres os escassos recursos a eles destinados, e tira do conjunto da população mais necessitada os investimentos sociais indispensáveis para que sua vida possa melhorar. A luta pelo fim da corrupção deve ser uma prioridade, na perspectiva da luta contra a exclusão, pois os pobres são as principais vítimas dos desvios dos fundos públicos para interesses privados.

A devastação ambiental e a emissão de gases na atmosfera, que contribuem para o aquecimento global do planeta, chamam a atenção da opinião pública internacional. Diariamente, é retirada boa parte de nossos recursos naturais, em prejuízo da flora, fauna e dos habitantes locais que sofrem e têm seus locais invadidos pelos grandes empresários que devastam, sem nenhuma preocupação com o equilíbrio ambiental, tendo como prioridade somente o aumento de seus lucros. A depredação acelerada do meio-ambiente e das condições de habitalidade do planeta ameaça a vida da atual e futura gerações.

Outro fator relevante da nossa sociedade são as condições de vida de tantos jovens sem trabalho, sem formação profissional e sem perspectivas de vida digna ou esperança de poder criar uma família. As condições de vida de muitas crianças nas ruas, sem família, sem receber atenção, carinho, sem saúde e escola, são inaceitáveis. São como um forte grito ao céu em prol da vida e justiça. Também o é a vida de muitas jovens adolescentes já prostituídas ou já exploradas no trabalho, para conseguir condições mínimas de sobrevivência. Gritam também para a justiça os idosos com uma baixa aposentadoria e sem saúde; presos amontoados, sem juízos legais, em condições infra-humanas; a população indígena espoliada de suas terras e de suas tradições e culturas e ainda as vítimas das drogas, do HIV/AIDS e de outras doenças graves, que constituem um número bem expressivo em meio à população brasileira e que precisam de assistência social e de um sistema de saúde adequado, que os respeite e supra suas necessidades.

Para a Igreja, essa situação é um imenso desafio, no qual pode se questionar sobre ela mesma, sobre sua capacidade de se abrir concretamente aos pobres de espírito e aos pobres materialmente, e de como desempenhar a sua missão de evangelização e sua atuação na sociedade. Cabe a cada um de nós realmente avaliarmos diariamente o nosso papel de franciscanos na sociedade. A mensagem de São Francisco e, sobretudo a do Evangelho, deve chegar aos ouvidos das pessoas para juntos melhorarmos nosso país, nossa cidade e comunidade, pois todos nós, independente dos níveis de formação, temos capacidade para fazer isso acontecer, basta querer. Basta deixar a luz de Deus invadir nossa vida e com vigor, sem medo, ir até o outro. Lembrem-se irmãos: àqueles a quem muito foi dado, muito será esperado.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 13, 24-30

Para refletir juntos

1) Em qual das situações citadas no texto acima (desemprego, injustiça, preconceito, dependência química, abandono,etc.) vocês já passaram ou estão passando? Partilhe com os irmãos.

2) O que a Fraternidade pode fazer para ajudar os irmãos?

3) Na sua opinião quais as causas dos problemas da realidade brasileira? E o que podemos fazer para melhorar essa realidade?

4) Façam uma análise entre o texto bíblico e o tema estudado e retirem uma mensagem para aplicação concreta em suas vidas.

Dinamizando o tema: Rezando Imagens

Objetivo: Rezar a realidade como tal e a realidade de cada um.

Ambiente: De preferência a capela ou um lugar que ajude o recolhimento.

Passos Metodológicos

1. Espalhar muitas figuras, fotografias, paisagens, da realidade social, política e religiosa da juventude;

2. Momento de silêncio para todos visualizarem esta realidade;

3. Escolher uma destas imagens e fazer uns minutos de silêncio refletindo sobre a questão: o que esta imagem significa para mim?

4. Em grupos de três pessoas fazer a partilha em forma de reflexão e terminar com uma oração.

5. Fazer a partilha, em plenário, num clima de oração e perdão.

6. Terminar com um canto, ou uma oração comum.

Vivenciando o tema

- ✓ Estejam sempre dispostos a praticar o bem, a partilhar com os irmãos o amor, a alegria, uma palavra de conforto, contribuindo assim para a transformação da nossa sociedade;
- ✓ Promovam nas reuniões da fraternidade ou encontros, estudo de temas da conjuntura atual do Brasil, vinculando-os aos ensinamentos dos Evangelhos, dessa forma os irmãos poderão se tornar um cristão mais forte e mais capacitado para testemunhar a fé em Jesus Cristo.

3. MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DEFINIÇÃO

Num sentido amplo, comunicação é entrar em relação, estabelecer laços, colocar algo em comum. E aí usar todos os recursos possíveis, desde a Internet, a TV, o rádio, o vídeo, o cinema, o jornal, a revista, o boletim, o livro, até a comunicação direta, no relacionamento pessoal, via pregação, o diálogo, a catequese, liturgia e os mais diferentes grupos, onde se dá a partilha da palavra com intuito de comunicar e evangelizar.

Podemos entender por Meios de Comunicação Social, o espaço em que se realiza o processo de relacionamento e no qual a comunicação é trabalhada.

PARA O BEM OU PARA O MAL?

Os comunicadores têm, ou deveriam ter, consciência de que trabalham com recursos técnicos poderosíssimos, que são capazes de atingir instantaneamente milhares de pessoas e de exercer influência decisiva sobre suas vidas.

A comunicação tem o poder tanto de enriquecer como de empobrecer culturalmente um indivíduo ou uma sociedade, na medida em que se *rouba* ou se desenvolve a capacidade de pensar, de escolher e de decidir; na medida em que se *faz a cabeça* do receptor ou se desenvolve seu espírito crítico. Ela pode ser um serviço de superação de injustiças sociais, como pode servir à promoção duma sociedade de consumo, de individualismo, tirando aos poucos a liberdade de escolha própria, de mudança pessoal e social e até de personalidade, fazendo o receptor da mensagem dançar conforme a música que o comunicador quer. A influência é tão grande que hoje se diz: "O povo será aquilo que a comunicação quiser que ele seja".

Em certos aspectos, os progressos tecnológicos dos meios de comunicação venceram o tempo e o espaço, permitindo a comunicação imediata e direta também entre pessoas divididas por enormes distâncias. Este desenvolvimento exige uma grande oportunidade para servir o bem comum e "constitui um patrimônio que deve ser salvaguardado e promovido". Mas como bem sabemos, o nosso mundo está longe de ser perfeito e verificamos quotidianamente que a rapidez da comunicação nem sempre consegue criar um espírito de colaboração e de comunhão no âmbito da sociedade. Iluminar as consciências dos indivíduos e ajudá-los a desenvolver o próprio pensamento não é uma tarefa fácil. A comunicação autêntica deve basear-se na coragem e na decisão; é preciso procurar difundir as verdades fundamentais e o significado profundo da existência humana, pessoal e social. Desta forma, os meios de comunicação podem contribuir construtivamente para a difusão de tudo o que é bom e verdadeiro [1]".

MCS NO BRASIL

Numa real comunicação, os interesses devem ser comuns. A comunicação humana é essencialmente dialogal. Comunicar é reconhecer e considerar o produtor e o receptor da mensagem. Segundo alguns relatos da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para crianças e adolescentes, que aconteceu no Brasil, vivemos em uma sociedade midiática onde cada canal de comunicação se vale de sons, imagens, movimentos, cores, expressões, símbolos e sofisticadas tecnologias. Por

entreterem, informarem e propagarem produtos, imagens e ideias, os meios de comunicação acabam influenciando regras e modos de agir e de pensar, redefinindo – entre outras coisas – o tempo e o espaço do saber e do conhecimento.

A presença e a influência dos meios de comunicação no Brasil estão cada vez mais visíveis. Praticamente todos os domicílios brasileiros possuem TV e rádio. Embora ainda seja objeto de poucos, o computador também está presente em boa parte dos lares. Apesar de poucos possuírem computadores em casa, o acesso à Internet é cada vez maior pelos jovens. A Internet é um canal aberto para o mundo todo, no qual você encontra tudo o que quer, e depende de cada um o que vai buscar e o que vai deixar influenciá-lo.

A partir destes campos de comunicação popular e comunitária, é possível se proporcionar um apoio importante ao desenvolvimento das identidades culturais próprias de cada pessoa, que ainda poderá utilizar a comunicação social como uma ferramenta para a reivindicação política, econômica e social de grupos locais e pequenas comunidades.

OS "MCS" E A FAMÍLIA

Os MCS abrem e invadem as portas das famílias, participando diretamente das mesmas. Com efeito, estas informações, imagens, sons, entram na família pela TV, rádio, jornal, que são mais que simples visitantes, são quase membros da família. Anunciadores, locutores, apresentadores, atores, entram em casa com toda uma bagagem ideológica, simbólica, capaz até de mudar comportamentos e pensamentos. Atuam com enorme poder na estruturação da personalidade das crianças e dos jovens. As crianças são, talvez, as mais atingidas, porque estão diante de uma série de informações, introduzidas com velocidade feroz no seu processo de formação; são indefesas diante do mundo veiculado pelos MCS. Nessa situação, a educação dos pais é desafiada pela dominação ideológica capitalista que abordam os seus filhos. Mesmo assim, em colaboração com os pais, os meios de comunicação social e as indústrias do espetáculo podem servir de apoio na difícil, mas nobre e satisfatória vocação de educar as crianças e jovens, apresentando modelos edificantes de vida humana e de amor.

Neste sentido, Jesus Cristo é o comunicador por excelência, porque se identifica com a pessoa humana para revelar-lhe as coisas do Pai. Ele é a Palavra de Deus que se fez carne para falar de dentro da realidade. Ele realiza um diálogo com os homens e mulheres. A sua vida foi escutar os apelos dos oprimidos para amplificá-los até o Pai-Nosso. A comunicação que Deus estabeleceu em Jesus Cristo com a humanidade busca a libertação dos pobres e a construção da fraternidade humana. Ele se comunica através de parábolas, partindo de fatos da vida, para transmitir a mensagem, despertar a adesão e provocar a transformação da realidade.

Este diálogo iniciado por Deus é que deve continuar hoje no mundo pela Igreja e os meios de comunicação que ela possui. Ela só poderá prestar um real serviço ao povo de Deus, à medida em que estiver profundamente inserida na vida do povo, à medida em que mergulhar no povo, na sua cultura, nos seus fracassos, nas suas lutas e nas suas esperanças e à medida em que ela se identifica com os anseios populares.

O nosso grande desafio sério e urgente é perceber como estamos nos relacionando com estes meios. A formação da consciência crítica, a capacidade de interpretar a informação, a mensagem, de desvendar suas intenções ideológicas e contraditórias. Além de ser ministério e tarefa da Igreja, é nossa também.

"O chamado a sermos fiéis à comunicação de Deus em Cristo é um chamado a reconhecer a sua força dinâmica dentro de nós, que depois se alarga aos outros, para que este amor se torne

realmente a medida dominante do mundo". Papa Bento XVI (cf. Homilia para a Jornada Mundial da Juventude, Colônia, 21 de Agosto de 2005).

Iluminação bíblica

Mateus 13,1-23 – Parábola do Semeador

Canto**:** Toda Bíblia é Comunicação.

Para refletir juntos

1) Quais os principais meios de comunicação social? E quem detém o monopólio dos meios de comunicação social no nosso país?

2) Qual a influência dos meios de comunicação na família?

3) Como utilizar a comunicação para construção de uma sociedade mais justa e fraterna?

4) A Internet também pode ser utilizada como fonte de evangelização? Justifique.

5) Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem pra vocês hoje?

Dinamizando o tema: "Diálogo Perfeito"

O responsável do encontro escolherá um assunto relacionado ao tema do encontro; convidará três irmãos da fraternidade a sair do ambiente do encontro; pedirá para que eles se reúnam brevemente e organizem um repasse do assunto sugerido para o restante da fraternidade, sendo que cada um terá um tempo limite para expor a sua parte; enquanto eles se reúnem, o responsável do encontro combina com o restante da fraternidade a se comportarem de maneira diferente no momento da exposição, da seguinte forma: quando o primeiro irmão estiver expondo a sua parte, todos ficarão confirmando e repetindo tudo que ele falar; na segunda pessoa, todos ficarão negando e discordando dos seus argumentos expostos, já no terceiro, todos irão ficar conversando umas com as outras, sem dar nenhuma atenção para quem está falando na frente; no final, os três escolhidos não vão estar entendendo nada do que está acontecendo e consequentemente, ficarão insatisfeitos com aquela situação de desrespeito; nesse momento, o responsável do encontro acalmará os ânimos dos irmãos escolhidos e explicará para todos que é apenas uma brincadeira com a seguinte moral:

"Em qualquer grupo de pessoas, somente existirá um verdadeiro diálogo, quando houver um mútuo respeito entre elas nos momentos de falar e de escutar, enfatizando a realidade da fraternidade, onde deverá existir sempre um diálogo verdadeiro no respeito, compreensão e sinceridade para com todos. Tanto é preciso saber falar como escutar uns aos outros para o bem comum".

Vivenciando o tema

- ✓ Jornal da JUFRA – todos os membros do Secretariado Fraterno Local fazem um artigo a respeito do seu serviço ou de algum tema relacionado a ele. Juntam-se os artigos e formam um boletim informativo e formativo da fraternidade, com fins de distribuí-los pelas outras fraternidades da JUFRA e na suas respectivas comunidades. A periodicidade de criação do boletim ficará a critério da fraternidade local.

4. DIMENSÃO SOCIAL DO EVANGELHO

Os Evangelhos têm uma dimensão social tão profunda que, deixá-la de lado ou negá-la, significa desfigurar completamente o anúncio e a prática de Jesus Cristo, razão de nossa fé. Fazer uma opção de fé cristã sem assumir um compromisso social na linha da busca da justiça, da solidariedade, da supressão das situações de miséria, da justa distribuição dos bens, da defesa da vida, da opção pelos pobres, da organização dos trabalhadores em defesa dos seus direitos fundamentais, é uma opção de fé incompleta, capenga, insuficiente. Fazer uma opção de fé e colocar-se contra este compromisso é uma opção de fé falsa. É uma idolatria.

É por isso que, ao longo dos anos, a Igreja em todas as suas instâncias (desde as pequenas comunidades até o Papa), vem refletindo, elaborando e publicando um Ensino ou Doutrina Social da Igreja. Este Ensino social é um esforço para ligar a vivência do Evangelho com os problemas sociais concretos vividos pelos homens, especialmente pelos pobres e oprimidos. É a aplicação da Palavra de Deus na realidade concreta dos homens. É o esforço da Igreja para iluminar com a luz do Evangelho as situações vividas pela sociedade. O Ensino Social da Igreja não é apenas uma teoria, uma interpretação. Ele oferece princípios de reflexão, critérios de julgamento e diretrizes de ação.

Os princípios de reflexão nos ajudam a olhar a realidade concreta em que vivemos. Olhamos e analisamos a realidade com os olhos da fé, a partir da vida concreta da pessoa humana, como filho de Deus e centro da criação, orientados pela busca da verdade.

Os critérios de julgamento nos ajudam a distinguir e clarear qual é a vontade de Deus, qual o julgamento cristão diante desta realidade. O Projeto do Reino de Deus é o grande critério de julgamento, detalhado nos princípios do Ensino Social da Igreja. Nele, o cristão confronta a realidade concreta com a proposta do Reino. A fome, a miséria, a concentração da renda e da terra, a exploração do homem pelo homem estão de acordo com o Projeto de Deus? Estes critérios de julgamento ajudam a ver o que há de graça e desgraça na vida concreta das pessoas na sociedade.

Mas não fica por aí. Não se pode ficar de braços cruzados. É preciso partir para ação concreta, colocar as *mãos na massa.* Trabalhar para construir uma sociedade justa, humana e fraterna. Por isso há diretrizes de ação. É o já conhecido método Ver, Julgar e Agir. Muitos cristãos preferem nem ver. Outros usam o ver, julgar e adiar. O momento da prática nunca chega. "Soou a hora da ação: estão em jogo a sobrevivência de tantas crianças inocentes, o acesso a uma condição humana de tantas famílias infelizes, a paz do mundo e o futuro da civilização." (Papa Paulo VI – Populorum Progressio, nº 80).

DESAFIO ÀS FRATERNIDADES

"E Jesus perguntou aos apóstolos: Quantos pães tendes? Ide ver." (Mc 6,38). Os apóstolos constataram que tinham cinco pães e dois peixes.

Este é o principal desafio às nossas fraternidades. Na verdade o grande milagre que Jesus alcançou do Pai foi de fato a abertura dos corações à partilha, isto é, cada um se alimentou e dividiu com quem estava próximo o que tinha, por isso deu para todo mundo e ainda sobrou. É preciso fazer acontecer a partilha e a solidariedade numa sociedade dilacerada pela acumulação, pela injustiça e pela fome.

Para as fraternidades que aceitam este desafio lançado por Jesus no Evangelho de Marcos e que procuram organizar-se diante dos problemas sociais concretos que sentem e enfrentam, o Ensino Social da Igreja pode dar uma importante contribuição:

1. Ajudando a fundamentar e a enriquecer as suas lutas e organizações. As comunidades percebem, no contato com o ensino Social da Igreja, que sua luta e sua organização para construir estruturas sociais justas, é o verdadeiro caminho da Igreja. Conseguem uma capacidade muito maior para ligar o Evangelho e a Tradição da Igreja com a sua prática do dia-a-dia no campo social, nos movimentos populares, na luta sindical e política por melhores salários, por terra, saúde, etc. Estudando o ensino Social da Igreja, as comunidades encontram no Evangelho a luz que torna mais firme as suas lutas e organizações.

2. Ajudando a conscientizar que a dimensão social não pode faltar na vida dos cristãos, o que está no Ensino Social da Igreja é o mínimo que se exige de um cristão no campo social. Divulgar o Ensino Social da Igreja nas comunidades tem o objetivo de deixar claro a todos os cristãos que não se pode viver a fé cristã à margem de uma prática social inspirada no Evangelho.

3. Ajudando as fraternidades a ter uma visão mais ampla em suas lutas concretas, dá um sentido de solidariedade que ultrapassa os limites da fraternidade, da própria região, do próprio país. Tem-se uma visão da conjuntura mundial e das estruturas de injustiças que se organizam a nível internacional. E, também, da necessidade dos oprimidos de se organizarem solidariamente, em dimensões cada vez mais amplas, para vencerem estas estruturas. Ao mesmo tempo, o cristão que se engaja na luta concreta de sua comunidade encontra um sentido de comunhão com todos os que se empenham pelos mesmos objetivos em qualquer parte do mundo.

4. Ajudando as fraternidades a se capacitarem para a ação no campo social. O Ensino Social da Igreja é orientado para prática. Desafia os cristãos e as fraternidades a se prepararem para atuar de maneira eficaz, transformando as estruturas que contradizem o Evangelho. Capacitar as fraternidades para isto, tanto do ponto de vista teórico como prático, é o desafio do Ensino Social da Igreja.

5. O Pontifício Conselho "Justiça e Paz", da Cidade do Vaticano, em junho de 2004, publicou o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, dedicado ao Santo Padre o Papa João Paulo II, chamado "Mestre de Doutrina Social e testemunha evangélica de justiça e paz". Este Compêndio já foi traduzido e lançado no Brasil pelas Edições Paulinas e contém todos os documentos fundamentais para atualização sobre a dimensão social do Evangelho à disposição de todos os cristãos.

Iluminação bíblica

- ✓ Mateus 7,24 e 2 Timóteo 3,16-17

Para refletir juntos

1) Como franciscanos, temos o compromisso de anunciar e praticar a dimensão social do Evangelho. O que vocês têm feito para que isso aconteça?

2) Citem e comentem algumas ações sociais praticadas por Jesus, São Francisco e Santa Clara.

3) Quais ações sociais vocês praticam hoje? Onde?

4) Qual a lição central dos textos bíblicos?

Dinamizando o tema: Palavra que transforma

Material: uma bolinha de isopor, um giz, um vidrinho de remédio vazio, uma esponja e uma vasilha com água.

Desenvolvimento: Primeiro se explica que a água é a palavra de Deus e que os objetos somos nós, depois se coloca a água na vasilha, e alguém mergulha o isopor, após ver o que ocorre com o isopor, mergulhar o giz, depois a vidro de remédio e por último a esponja.

Então refletimos:

- ✓ Como a Palavra de Deus age em minha vida?
- ✓ Eu estou agindo como o isopor que não absorve nada e também não afunda ou aprofunda?
- ✓ Ou estou agindo como o giz que guarda a água para si sem partilhar com ninguém?
- ✓ Ou ainda, estou agindo como o vidrinho que tinha água só para passar para os outros, mas sem guardar nada para si mesmo?
- ✓ Ou agimos como a esponja absorvendo bem a água e mesmo espremendo continuamos com água?

Vivenciando o tema

- ✓ Ler diariamente um texto do Evangelho e colocá-lo em prática;
- ✓ Na Fraternidade, procurar estudar e analisar a realidade social atual, a fim de traçar um plano de ação concreta, passando da Fraternidade para a sociedade;
- ✓ Visitar as pessoas, seja nas casas, hospitais e anunciar a elas o Evangelho de Jesus Cristo, colocando em prática a partilha, o amor, a alegria e a paz, atos estes muito praticados por S. Francisco, e que nós como seus imitadores temos esta missão.

REFERENCIAS

ALMANAQUE ABRIL 98. São Paulo: Abril. 1998.

MÜLLER, N. Frei. **Areópagos da Modernidade, in Cadernos Franciscanos nº 12. O Franciscano e a Terra**. Petrópolis: Vozes/FFB. 1998, p. 101-106.

GUIMARÃES, R. M. Pe. GÖRGEN, S. Frei. **Ensino Social da Igreja Desafios às Comunidades**. Petrópolis: Vozes. 1992.

PRIMIERI, S. Frei. **OFS Formar para a nova sociedade**. Garibaldi: São Miguel.1992. p. 63; 95-104.

Novo Testamento e Salmos. **A Boa Semente.** Brasília, Editora Pelicano, 1997

(1) Mensagem para O Dia Mundial das Comunicações, no Dia de São Francisco de Sales, Patrono dos Jornalistas, do Papa Bento XVI no dia 28/05/2006.

Subsídio da CNBB, **Evangelização e Profetismo: Novos Desafios para a Missão da Igreja**. 56ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente, Brasília-DF, fev. 2005.

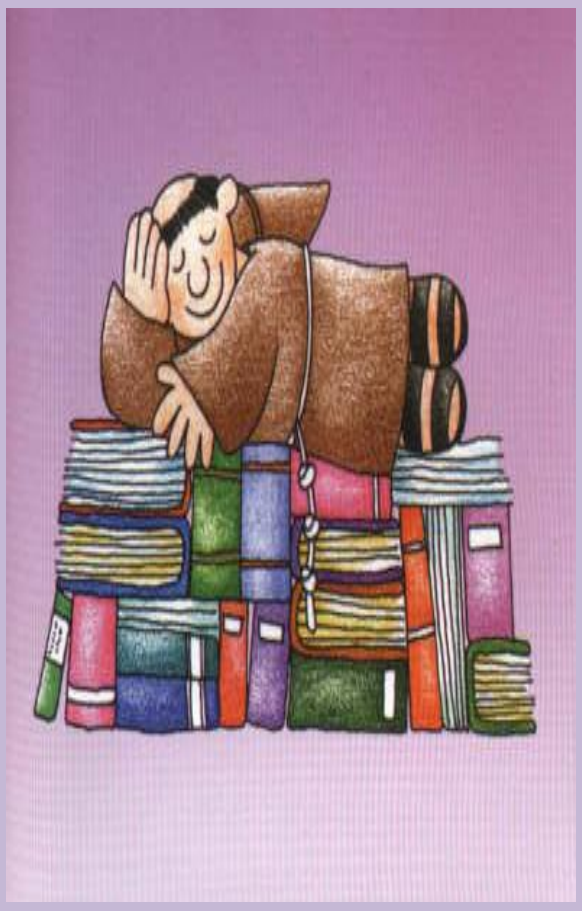
Site: www.bresserpereira.com.br – assunto pesquisado: **O Sistema econômico brasileiro**, artigo de Luiz Carlos Bresser Pereira. No dia 24/01/2007 às 16:42.

Site: www.catequisar. com.br **– dinâmicas – volume 02 e 04**. Pesquisa dia 29/09/2006, 22:49hs

Assunto: **Estrutura social e política**, pesquisa dia 24/01/2007 às 17:00, origem Wikipédia, enciclopédia livre.

Pontifício Conselho Justiça e Paz **– Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Tradução da CNBB. São Paulo. Paulinas, 2005.

ANEXOS
DOCUMENTOS E MODELOS DE CARTAS



SUMÁRIO

Manifesto da Juventude Franciscana---------- 161
Estatuto Nacional da Juventude Franciscana do Brasil---------- 164
Diretrizes de Formação da Juventude Franciscana do Brasil---------- 174
Regimento Interno da Juventude Franciscana do Brasil---------- 180
Estatuto da Animação Fraterna à Juventude Franciscana---------- 188
Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA do Brasil---------- 193
Diretrizes de Formação da Infância, Micro e Mini Franciscanos---------- 200
Estatuto para a Assistência Espiritual e Pastoral à OFS---------- 204
Orientações de Evangelização para Juventude Franciscana---------- 213
Orientações Economico-Financeiras para Juventude Franciscana---------- 217
Orientações para Eleições Regionais---------- 222
Modelo de Ata de Fundação da Fraternidade---------- 227
Modelo de Relatório da Formação Básica da JUFRA---------- 228
Modelo de Relatório da Etapa de Formação Franciscana---------- 229
Modelo de carta para solicitação do animador fraterno---------- 230
Modelo de carta para solicitação do asistente espiritual---------- 231

MANIFESTO DA JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

ORIGEM

No 1º Congresso Nacional da JUFRA realizado em Ponta Grossa-PR de 12 a 20/12/1972, foi votado e emendado os textos dos documentos básicos da JUFRA, e entre eles o MANIFESTO que apresenta a espiritualidade do movimento jufrista. Nos dois primeiros Congressos Extraordinários da JUFRA que aconteceu em Conceição do Mato Dentro-MG e Vitória da Conquista-BA, foram reelaborados e estudados os documentos da JUFRA, que são: Manifesto, Itinerário Evangélico de Formação e Esquema Funcional, dos quais está vigorado até hoje somente o Manifesto, os demais foram aos poucos sendo alterados os textos e implantados em outros documentos como por exemplo o Estatuto Nacional, isto para adaptar a nossa realidade. E finalmente no 7º Congresso Nacional que aconteceu de 3 a 7/02/1989 em Ponta Grossa-PR, foi aprovado de forma definitiva o Manifesto, que apresenta toda a espiritualidade da JUFRA do Brasil e que nos leva a refletir a nossa fé, vontade e compromisso, indicando de forma bem clara, tudo aquilo que acreditamos, tudo aquilo que queremos e tudo aquilo que nos comprometemos em realizar e viver.

INTRODUÇÃO

Em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo, este documento contém o Manifesto da Juventude Franciscana do Brasil.

Nós, jovens jufristas, cremos no amor que é a essência da vida, que se exprime de maneira vertical, no relacionamento com Deus, que colocamos acima de tudo e, de maneira horizontal, no relacionamento com os irmãos, de modo especial com os empobrecidos e oprimidos (I Jo 4, 20-21).

Queremos viver este compromisso de vida no contexto da Igreja da América Latina e da realidade presente, com seus grandes desafios à fé cristã, guiados pela vida e pela mística que São Francisco de Assis viveu, no cumprimento de nossa missão de leigos da Igreja.

1 – Cremos que o AMOR é total, universal, permanente, prático, alegre, sacrificado, puro, humilde, generoso, sincero e compreensivo, e constitui o TUDO, ao redor do qual nos propomos construir com entusiasmo um mundo mais humano, onde haja fraternidade, justiça e paz.

2 – Cremos no Deus de Amor que deixou sua condição divina e encarnou-se na condição humana, na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele que continua em nosso meio como enviado do Pai, animando a Igreja com o Espírito Santo e oferecendo sua palavra como Caminho, Verdade e Vida.

3 – Cremos no Cristo pobre, humilde e crucificado que se identifica com os empobrecidos, marginalizados e oprimidos de nossa sociedade.

4 – Acreditamos no ideal franciscano de vida e o propomos como forma de atual de viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e de fazer presentes e efetivos no mundo os verdadeiros valores cristãos, oferecendo uma visão própria e adequada de Deus, de Cristo, da Igreja, do Homem e do Mundo, manifestados de modo sublime na vida do seráfico Pai São Francisco de Assis.

5 – Queremos fundamentar nossa espiritualidade franciscana na experiência profunda do Deus vivo, de Jesus Cristo e seu projeto de vida sob a ação do Espírito Santo, fonte de vida e de toda atividade libertadora, e em Maria – modelo dos cristãos – Mãe do redentor, jovem, mulher, forte e corajosa.

6 – Queremos viver os valores franciscanos da alegria, do minorismo, do fraternismo e da inserção no mundo, pois acreditamos que o franciscanismo tem seu fundamento na capacidade do cristão em assumir plenamente o irmão e deixar-se assumir plenamente por ele.

7 – Queremos cultivar a fé, a esperança, a caridade e a participação nos sacramentos da Igreja, adequando nossa vida ao Evangelho e trazendo o Evangelho para a vida, pois cremos que, somente desta forma, chegaremos a ser irmãos, construtores da autêntica fraternidade entre os homens.

8 – Queremos cultivar uma atitude eclesial profunda e sincera, com o propósito de participar e contribuir para o crescimento da Igreja – povo de Deus em marcha – construindo o Reino nos caminhos da História.

9 – Queremos ser uma presença consciente, desafiadora, na realidade onde vivemos, captando nela os anseios e busca de libertação, para sermos agentes na construção de uma nova sociedade. O mundo cabe a nós salvá-lo ou perdemo-nos nele.

10 – Queremos viver na solidariedade afetiva e efetiva com os pobres e humildes, defendendo com amor e coragem, sua dignidade humana e cristã, num espírito de comunhão em prol da libertação.

11 – Queremos dar ao mundo testemunho eloqüente de pobreza evangélica, através de uma austeridade de vida, que afasta de nós qualquer luxo e sensualidade que insulta a miséria e a fome de nossos irmãos.

12 – Queremos colocar em comum aquilo que somos. Para tanto comprometemo-nos a manter constante contato em mútua comunicação de tudo que se relacione com nossa vida de jovens, nossas aspirações, pesquisas e experiências, refletindo em comum o lugar e a responsabilidade que nos cabe no mundo.

13 – Comprometemo-nos a viver, na JUFRA, a fraternidade, e, guiados por este propósito, participar ativamente da vida de nossa fraternidade, buscando assim, acompanhar e sustentar mutuamente nossa caminhada.

14 – Declaramos nosso propósito de construir a unidade e de combater, em nós mesmos e no mundo todo o individualismo e fechamento em si, com o objetivo de fazer acontecer a fraternidade universal, tomando parte com todos os irmãos na "construção da civilização do Amor".

15 – Declaramos a nossa firme vontade de construir a justiça e a paz a nível pessoal, familiar, social e político, inspirando-nos nas exigências cristãs da caridade.

16 – Propomo-nos lutar, com todas as forças, contra as situações alienadoras e egoístas da exploração, do prazer, do consumismo e da violência e, aquilo que dá sentido à vida: a certeza da presença de Deus Justo e Bom no Mundo.

17 – Como testemunhas apostólicas, propomo-nos tomar consciência dos grandes problemas do mundo, de suas causas, aprofundando o estudo das correntes de pensamento, cultura e política. Temos consciência de que isso exige de nós oração, leitura sistemática do Evangelho, participação e engajamento na Igreja.

18 – Assumimos as Diretrizes Pastorais da Igreja, concretizando-as através do nosso engajamento, comprometendo-nos a ser voz profética que anuncia a libertação integral do homem e denuncia todo abuso de poder e qualquer violência à vida e à dignidade da pessoa humana.

CONCLUSÃO:

Esta é a vida que nós jovens da JUFRA, apesar de nossa fragilidade, queremos viver. Concluímos, reafirmando que cremos no Amor que vem de Deus, que está em nós, que está no nosso irmão; que está nas criaturas que nos rodeiam, e que nos conduz para uma visão otimista e esperançosa do mundo, do homem e da história. Guiados por Francisco e Clara de Assis, reafirmamos nossa vontade de seguir o caminho de Cristo. A ele, honra e glória pelos séculos. Amém!

ESTATUTO NACIONAL DA JUFRA DO BRASIL

CAPÍTULO I
DA NATUREZA, DENOMINAÇÃO, OBJETIVOS, SEDE E FORO

Art. 1º - A Juventude Franciscana do Brasil, denominada JUFRA, é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular (CC.GG. da OFS, art. 96.2).

§ 1º - Constitui-se, para tanto, em uma associação civil de direito privado, regida pelo Código Civil (Lei 10.406/2002, e pela Lei 10.825/2003) e por este Estatuto, de caráter e objetivos exclusivamente religiosos, educacionais e sociais, sem fins lucrativos e sem objetivos político-partidários, com personalidade distinta da dos seus associados.

§ 2º - Considera-se como sede da JUFRA a Rua Jaime Benévolo, 704, Centro, Fortaleza – CE. CEP: 60.050-080, que elege como a Comarca de seu foro.

Art. 2º - A JUFRA, cujo tempo de duração é indeterminado, tem por principais objetivos religiosos, educacionais e sociais:

1 – levar o jovem a um compromisso de vida evangélica, em Fraternidade segundo o carisma franciscano, inserindo-o na caminhada da JUFRA como leigo comprometido criando condições para a fundação de uma Fraternidade canônica da OFS ou ingresso numa Fraternidade já existente;

2 – despertar para o compromisso de vida, inserido nas realidades presentes no contexto da Igreja no Brasil e na América Latina;

3 – motivar a vivência dos valores franciscanos: conversão evangélica, contemplação ou vida de oração, pobreza em espírito, fraternidade, apostolado e inserção no mundo;

4 – desenvolver, conforme seja possível, ações educacionais e sociais.

Art. 3º – Na realização de seus objetivos, a JUFRA:

1 - tem a Regra da OFS como documento de inspiração para o crescimento de sua vocação cristã e franciscana, tanto individualmente como em grupo;

2 - adapta-se às Linhas Básicas Internacionais da OFS para a JUFRA, às Constituições Gerais e ao Estatuto Nacional da OFS do Brasil;

3 - assume as diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e as da Igreja na América Latina;

4 - inspira-se também no Manifesto da JUFRA do Brasil e observa-se o Diretório das Mútuas Relações, o Estatuto da Assistência Espiritual à OFS e JUFRA, o Estatuto da Animação Fraterna, as Diretrizes de Formação da JUFRA e seus outros documentos.

CAPÍTULO II
DOS ASSOCIADOS, SUA ADMISSÃO E INTEGRAÇÃO NA JUFRA

Art. 4º – A JUFRA compreende associados de quatro níveis distintos:

1 – Infância Franciscana (Infância);
2 – Micro Franciscanos (pré-adolescentes);
3 – Mini Franciscanos (adolescentes);
4 – Jufristas (jovens de 15 - 30 anos).

Parágrafo único – As idades da Infância, Micro e Mini-franciscanos devem ser fixadas pelos Congressos Regionais de acordo com a realidade de cada regional. A idade de 15 anos para ingresso na JUFRA é o limite mínimo, podendo os Congressos Regionais elevar esse limite até os 18 anos.

Art. 5º - A admissão dos associados é feita através de inserção pessoal espontânea ou por convite, em uma Fraternidade local. Concretiza-se com a participação na formação respectivamente, da Infância Franciscana, Micro Franciscanos, Mini Franciscanos, e no Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA.

Parágrafo único – As Fraternidades da Infância, Micro e Mini Franciscanos, se regem por Regulamentos próprios, adaptados a sua faixa etária, elaborados e aprovados pela JUFRA Nacional, dando-se ciência dos mesmos à OFS do Brasil na fase de sua elaboração.

CAPÍTULO III
DOS DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS

Seção I: Dos Direitos

Art. 6º – São direitos dos jufristas:

1 - receber formação humana, cristã e franciscana, conhecimentos sobre a história da Igreja e sobre a influência que o franciscanismo secular exerceu e deve exercer na sociedade;

2 - votar e ser votado para funções da JUFRA, desde que, pelo menos percorrendo a formação básica, esteja comprometido com a caminhada;

3 - aceitar funções de direção da JUFRA, em espírito de serviço e colaboração, para a completa realização dos objetivos da Juventude Franciscana, previstos neste Estatuto.

Seção II: Dos Deveres

Art. 7º - São Deveres dos jufristas:

1 - participar dinamicamente das atividades da Fraternidade local, de Congressos, Assembléias e Encontros de formação, conforme os níveis;

2 - comprometer-se com a implantação da Infância, Micro e Mini Franciscanos e da JUFRA, e assumir a formação em todas as Etapas, segundo Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil;

3 - não tomar qualquer deliberação em nome da JUFRA, sem a devida anuência do órgão competente;

4 - cumprir, dentro dos prazos previstos, com as contribuições financeiras regularmente fixadas pela JUFRA;

5 - observar e cumprir o que determina o presente Estatuto.

CAPÍTULO IV
DA ORGANIZAÇÃO, DO GOVERNO E DA ADMINISTRAÇÃO

Seção I: Da Organização

Art. 8º – A JUFRA do Brasil se organiza em Fraternidades de vários níveis:

1 - LOCAL - unidade básica de organização e vivência, na qual o jufrista recebe formação cristã, franciscana e sócio-política com o objetivo de viver plenamente o carisma franciscano de seu compromisso de vida, inserido em seu grupo social;

2 - REGIONAL - organismo social e unidade territorial que agrupa Fraternidades de um ou mais Estados da Região, conforme o artigo seguinte;

3 - NACIONAL - organismo social e unidade territorial, que agrupa todas as Fraternidades da JUFRA do Brasil.

§ 1º - A ÁREA - é uma subdivisão territorial do Brasil, como elemento auxiliar de administração e coordenação, não constituindo uma Fraternidade; tem como seu(sua) coordenador(a) um(a) Subsecretário(a) Nacional para a Área, integrante do Secretariado Fraterno Nacional;

§ 2º – O DISTRITO, que também não constitui uma Fraternidade, é simples subdivisão territorial da Região, como elemento auxiliar de administração e coordenação; tem como seu(sua) coordenador(a) um(a) Subsecretário(a) Regional para o Distrito como seu porta voz, integrante do Secretariado Fraterno Regional.

Art. 9º – São Áreas e Regiões da JUFRA do Brasil e seus respectivos Estados:

ÁREA	REGIÃO	ESTADOS
Norte	Norte 1	Amazonas, Roraima e Acre
	Norte 2	Pará Leste e Amapá
	Norte 3	Pará Oeste
Nordeste A	Nordeste A1	Maranhão
	Nordeste A2	Ceará e Piauí
	Nordeste A3	Paraíba e Rio Grande do Norte
Nordeste B	Nordeste B1	Pernambuco e Alagoas
	Nordeste B2	Sergipe
	Nordeste B3	Bahia Norte
	Nordeste B4	Bahia Sul
Sudeste	Sudeste 1	Minas Gerais
	Sudeste 2	Rio de Janeiro e Espírito Santo
	Sudeste 3	São Paulo
Sul	Sul 1	Paraná
	Sul 2	Santa Catarina
	Sul 3	Rio Grande do Sul
Centro Oeste	Centro	Distrito Federal, Goiás e Tocantins
	Oeste	Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia

Parágrafo único - Com a criação de novas Regiões obedecer-se-á à seqüência da numeração da respectiva Área, a ser aprovada pelo CONJUFRA.

Seção II : Do Governo

Art. 10 - São órgãos de administração e de governo da JUFRA nos diversos níveis:

1 - Congresso Nacional e Regional ou Assembléia Geral;
2 - Assembléia Local;

3 - Secretariado Fraterno Nacional, Regional e Local.

DO CONGRESSO NACIONAL (CONJUFRA) OU ASSEMBLÉIA GERAL NACIONAL

Art. 11 – O Congresso Nacional (CONJUFRA) ou Assembléia Geral Nacional é o órgão máximo da JUFRA com poderes de legislar, deliberar e eleger. Reúne-se, em caráter ordinário, a cada três anos e, em caráter extraordinário, a qualquer tempo, tratando-se, neste caso, exclusivamente da matéria da convocação.

§ 1º – O Congresso Nacional ordinário é convocado pelo(a) Secretário/a Fraterno/a (Presidente) Nacional, com antecedência mínima de quatro meses. Aos Regionais será encaminhado, com antecedência mínima de quatro meses, o material a ser discutido no Congresso e a indicação do lugar e local, dia e hora de sua realização.

§ 2º – A convocação extraordinária do Congresso Nacional da JUFRA, será feita pelo(a) Secretário/a Fraterno/a (Presidente) Nacional, por decisão majoritária do Secretariado Fraterno Nacional, ou a pedido escrito de um quinto dos membros do CONJUFRA com direito a voto ou ainda por determinação deste Estatuto. Com a convocação, a ser feita com antecedência mínima de quatro meses, será encaminhada a pauta das matérias a serem examinadas e as demais indicações.

§ 3º – O Congresso Nacional ordinário ou extraordinário será preparado nas bases regionais com o objetivo de reunir os jufristas em torno dos problemas que os afligem a partir de uma visão crítica da realidade para que as decisões a serem tomadas sejam fruto de uma reflexão coletiva e organizada.

§ 4º – O CONJUFRA ordinário ou extraordinário será instalado em primeira convocação com a presença da maioria absoluta dos convocados e, em segunda convocação, uma hora depois, com a presença de um terço dos que devem ser convocados com direito a voto.

§ 5º – As decisões do CONJUFRA (eleições ou matérias a serem votadas) são válidas quando, após sua instalação, se aprova por maioria absoluta dos presentes.

Art. 12 – São atribuições do Congresso Nacional (Assembléia Nacional):

a) - avaliar e direcionar a caminhada da JUFRA;
b) - definir as Diretrizes da Formação;
c) - traçar Diretrizes para os seus organismos;
d) - eleger o(a) Secretário(a) Fraterno(a) (Presidente) e o Delegado Internacional da JUFRA do Brasil, que dentre os demais delegados da América Latina, poderá ser escolhido Conselheiro Internacional da JUFRA pela América Latina;
e) - indicar nomes para a Assistente Espiritual da Primeira Ordem ou da TOR (religiosos e religiosas) e para Animador Fraterno da OFS;
f) - eleger os(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas (Vice-presidentes) conforme indicação das respectivas Áreas;
g) - eleger os membros do Conselho Fiscal;
h) - aprovar o Regimento Interno da Fraternidade Nacional e outros regulamentos.

Art. 13 – São convocados para o CONJUFRA com direito a voz e voto:

a) - Secretário/a Fraterno/a (Presidente) Nacional mais dois membros do Secretariado Nacional da JUFRA;
b) - Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas (Vice-presidentes);
c) - Secretários(as) Fraternos(as) Regionais;
d) - Subsecretários(as) de Formação Nacional e Regionais;
e) - Ministro(a) Nacional da OFS;
f) - Assistentes Espirituais Nacional e das Regiões da Área onde se realiza o CONJUFRA, porém sem direito a voto nas questões financeiras e eleições;

g) - Animadores(as) Fraternos(as) Nacional e Regionais.

§ 1º – O membro titular impossibilitado de comparecer ao CONJUFRA, para o qual foi convocado, far-se-á representar, por irmão do mesmo nível, mediante delegação escrita e expressa, justificada por seu(sua) Secretário(a) Fraterno(a) Regional, sendo vedados, porém, o substabelecimento e a acumulação.

§ 2º – Todo irmão convidado tem direito a participar do CONJUFRA, quando lhe será facultado o uso da palavra ou não, porém, sem direito a voto.

§ 3º – O Ministro Regional da OFS onde se realiza o CONJUFRA deve ser convidado para participar do Congresso.

DO SECRETARIADO FRATERNO (DIRETORIA)

Art. 14 – O Secretariado Fraterno (Diretoria), nos vários níveis, é o órgão executivo, dirigente e representativo da respectiva Fraternidade da JUFRA.

§ 1º - O mandato das funções em nível Nacional e Regional é de três anos; no Local fica a seu critério, não podendo, porém, ultrapassar os três anos. Em todos os níveis, permite-se apenas uma reeleição.

§ 2º - No intervalo entre um CONJUFRA eletivo e o seguinte, cabe ao Secretariado Fraterno tomar as decisões necessárias ao bom andamento da JUFRA, de acordo com as diretrizes deste Estatuto e dos CONJUFRAs, apresentando, em seu relatório final, a relação, as razões e os resultados das mesmas ao CONJUFRA, que sobre elas deve se manifestar.

Art. 15 – O Secretariado Fraterno nos vários níveis, se compõe das seguintes funções básicas:

I – No Secretariado Fraterno local são funções básicas:

a) - o Secretário/a Fraterno/a (Presidente), eleito pela Fraternidade Local em Assembléia eletiva ordinária;
b) - seis Subsecretários(as), eleitos pela Assembléia eletiva local, a saber: de Formação; da Infância, Micro e Mini Franciscanos; de Comunicação Social, Escrituração e Arquivo; de Finanças; de Ação Evangelizadora e de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação.

II - No Secretariado Regional são funções básicas:

a) o(a) Secretário/a Fraterno/a (Presidente), eleito(a) pelo CORJUFRA ou Congresso Regional;
b) seis Subsecretários(as), escolhidos(as) pelo(a) Secretário(a) Fraterno(a) Regional, a saber: de Formação; da Infância, Micro e Mini Franciscanos; de Comunicação Social, Escrituração e Arquivo; de Finanças; de Ação Evangelizadora e de Direitos Humanos. Justiça, Paz e Integridade da Criação;
c) subsecretários(as) regionais para os Distritos, propostos pelos irmãos e irmãs convocados(as) das Fraternidades dos respectivos Distritos e eleitos pelo CORJUFRA ou o (a) Vice-Secretário (a) Fraterno (a) (Vice-Presidente) eleito (a) pelo Congresso Regional, na ausência de Distritos.

III – No Secretariado Nacional são funções básicas:

a) - o(a) Secretário/a Fraterno/a (Presidente), eleito(a) pelo CONJUFRA;
b) - seis Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas (Vice-presidentes), indicados(as) pela Área e eleitos(as) no CONJUFRA;
c) - seis Subsecretários(as), a saber: de Formação; da Infância, Micro e Mini Franciscanos; de Comunicação Social, Escrituração e Arquivo; de Finanças; de Ação Evangelizadora e Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação.
d) - assessores para relacionamento com a CNBB, a Família Franciscana e outros.

§ 1º – Também integram o Secretariado de cada nível:

a) um Assistente Espiritual, solicitado ao Superior Maior competente da Ordem I ou da TOR, de acordo com o Estatuto da Assistência Espiritual à OFS/JUFRA;
b) quando não for possível dar à fraternidade um Assistente Espiritual, membro da Primeira Ordem ou da TOR, o Superior Maior competente pode confiar o serviço da assistência espiritual (cf.: Estatuto da Assistência Espiritual, Art 15):
   – a religiosos ou religiosas pertencentes a outros institutos franciscanos;
   – a Franciscanos seculares, clérigos ou leigos, especificamente preparados para este serviço;
   – a outros clérigos diocesanos ou religiosos não franciscanos
c) um(a) Animador Fraterno(a) pedido(a) à OFS e designado(a) pelo competente Conselho, de acordo com o Estatuto para o Animador Fraterno.

§ 2º – Conforme a necessidade podem ser criadas outras assessorias, extinguindo-se, porém, com o fim do mandato do Secretariado.

Art. 16 – A eleição nos níveis local ou regional deve acontecer em uma Assembléia ou Congresso, respectivamente, presidida pelo Secretário Fraterno do nível imediatamente superior, ou seu delegado. A eleição no nível nacional acontecerá em Congresso Nacional e será presidida pelo Ministro Nacional da OFS, ou seu delegado.

§ 1º- A função de Secretário(a) Fraterno(a) (Presidente) Nacional será preenchida por jufrista que esteja percorrendo a Etapa de Formação Franciscana (EFF) ou que seja professo na OFS, com idade mínima de 21 anos;

§ 2º- A função de Secretário(a) Fraterno(a) (Presidente) Regional será preenchida por jufrista que esteja percorrendo, no mínimo a Formação Básica da JUFRA (FBJ) ou que seja professo na OFS, com idade mínima de 18 anos;

Art. 17 – Em caso de vacância do(a) Secretário/a Fraterno/a (Presidente) Nacional ou Regional verificada no decorrer do mandato, até os dois primeiros anos, os demais membros do respectivo Secretariado, convocados pelo(a) Subsecretário(a) para a Área ou para o Distrito, em que se localiza a sede do respectivo Secretariado, em reunião extraordinária a acontecer dentro de trinta dias a partir da renúncia do Secretário Fraterno, a fim de elegerem um(a) Secretário(a) substituto(a) para completar o mandato, dentre os Subsecretários Regionais para as Áreas e Distritos respectivamente.

§ 1º- Em caso de renúncia do Subsecretário Nacional para a área, o cargo que ocupava anteriormente é declarado vago, sendo convocada um Encontro da Área para a eleição de um novo Subsecretário Nacional.

§ 2º- Em caso de renúncia do Subsecretário Regional para o Distrito, o cargo que ocupava anteriormente é declarado vago, sendo convocada um Encontro de Distrito para a eleição de um novo Subsecretário Regional.

§ 3º - Ocorrendo a vaga no último ano do mandato, um Subsecretário, respectivamente para a Área ou para o Distrito, assumirá a função pelo prazo restante, por indicação dos membros do Secretariado Fraterno Nacional ou Regional, juntamente com os(as) respectivos(as) Subsecretários(as) para as Áreas ou para os Distritos, em reunião extraordinária.

§ 4º – Nos regionais onde não há divisão por distrito, elege-se um Vice-Secretário Fraterno Regional, o qual integrará o Secretariado Fraterno Regional, e substituirá o(a) Secretário(a) Fraterno(a) Regional, caso este renuncie ao serviço.

§ 5º - a nível local, a substituição do(a) Secretário(a) Fraterno(a) será definida em Assembléia extraordinária eletiva, dentro de um mês, com a presença do respectivo Regional;

§ 6º – Em caso de vacância dos cargos de Secretário Fraterno (Presidente) Regional e Vice-Secretário Fraterno (Vice-Presidente) Regional ao mesmo tempo, o Secretário Fraterno Nacional da Jufra terá o prazo de trinta dias para convocar uma nova Assembléia Regional Eletiva, a contar a partir da renúncia oficial destes membros, tendo esta Assembleia que ocorrer em até sessenta dias da sua convocação a fim de eleger um novo Secretário Fraterno (Presidente) e Vice-Secretário Fraterno (Vice-Presidente), iniciando assim um novo mandato e triênio;

§ 7º – Neste período de vacância, a partir da renúncia dos titulares dos cargos citados no parágrado anterior até a realização de uma nova Assembléia Eletiva, assume os trabalhos no Secretariado Fraterno Regional, um (a) irmão (a) jufrista designado e devidamente nomeado pelo Secretariado Fraterno Nacional dentre os membros da Região, que tenham no minimo dezoito anos de idade e que esteja percorrendo, ao menos, a Formação Básica da Jufra;

§ 8º – Em caso de renúncia do Secretário Fraterno (Presidente) Regional, assume o Vice-Secretário Fraterno (Vice-Presidente) Regional como determina o parágrafo 4º deste artigo. Assim, o cargo de Vice-Secretário Fraterno é declarado vago pelo Secretariado Fraterno Nacional. Caso ele (Vice-Secretário) renuncie após um tempo como Secretário Fraterno Regional, cumpra-se o que determina o parágrafo 6º deste artigo em termos de prazos.

Art. 18 – São atribuições do(a) Secretário(a) Fraterno(a) (Presidente) Nacional, como Coordenador(a) da JUFRA:

a) - cumprir e fazer cumprir este Estatuto e as decisões dos CONJUFRAs;
b) - coordenar as atividades da JUFRA nas diversas Regiões do Brasil, em entendimento constante com os(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;
c) - convocar o Congresso Nacional da JUFRA, ordinário e extraordinário;
d) - convocar e presidir as reuniões do Secretariado Fraterno Nacional;
e) - representar a JUFRA ou delegar representante junto a organismos da Igreja, da Família Franciscana e da Sociedade Civil;
f) - representar a JUFRA do Brasil ou delegar representante junto a organismos da Igreja da Família Franciscana e da Sociedade Civil;
g) - representar a Jufra do Brasil ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, ou delegar tal atribuição em caso concreto;
h) - nomear, em portaria, os Subsecretários de Serviços e os Assessores que, por decisão do secretariado fraterno se fizerem necessários;
i) - promover CONJUFRAs, seminários, conferências, ciclos de palestras, simpósios, congressos e cursos diversos de interesse dos jufristas;
j) - administrar a sede do secretariado fraterno e despachar o expediente do Secretariado;
k) - autorizar despesas e assinar, juntamente com o subsecretário de Finanças, cheques bancários e outros documentos econômicos ou financeiros;
l) - anualmente prestar de contas das receitas e despesas realizadas mediante demonstrativos contábeis, tendo como data limite para o mesmo o segundo mês do ano subsequente;
m) - exercer outras atribuições pertinentes.

Art. 19 – Em todos os níveis, o Secretário Fraterno é o representante da JUFRA no respectivo Conselho da OFS, podendo este delegar a outro membro do Secretariado Fraterno esta representação;

Art. 20 – O jufrista que interromper uma das etapas de formação da JUFRA e ingressar na OFS, perde seus direitos de votar e ser votado na JUFRA.

Art. 21 – São funções incompatíveis: Secretário (a) Fraterno (a) (Presidente) nos diversos níveis da Jufra, ou seja, não podendo acumular esse cargo em diferentes níveis.

§ 1º – O (A) Secretário (a) Fraterno (a) (Presidente) que exercer esta função durante o triênio não poderá ser eleito para o cargo de Vice-Secretário (a) Fraterno (a) (Vice-Presidente) para o triênio seguinte em nenhuma hipótese.

§ 2º – Caso não sejam respeitados os documentos da JUFRA, o Secretariado Fraterno de nível imediatamente superior tem o dever de anular a(s) eleição (es) convocando novas eleições.

CAPÍTULO V
DO PATRIMÔNIO, DA CONTABILIDADE E DO ORÇAMENTO

Art. 22 – O patrimônio da Fraternidade da JUFRA Nacional é constituído dos bens móveis e imóveis de sua propriedade e daqueles que venham a ser adquiridos ou doados por terceiros, o que se aplica às Fraternidades da JUFRA dos demais níveis.

Parágrafo único – O patrimônio das Fraternidades da JUFRA, nos diversos níveis, só poderá ser vendido ou negociado em casos especiais por decisão do respectivo Congresso ou Assembléia, com a aprovação de pelo menos 2/3 (dois terços) dos membros com direito a voto.

Art. 23 – A contabilidade da JUFRA é regida pela legislação em vigor no país. O orçamento é elaborado pelo Secretariado Fraterno, que atenderá às recomendações do Conselho de Contas do último CONJUFRA ou CORJUFRA.

Parágrafo único – O ano financeiro coincide com o ano civil.

Art. 24 – A receita da JUFRA, nos diversos níveis, será constituída de:

1 – contribuição do jufrista associado, que é definida em Congresso;
2 – doações recebidas de entidades religiosas, filantrópicas e empresas em geral;
3 – promoções efetuadas para arrecadação de fundos;
4 – outras fontes legais de receita, quando for necessário.

§1° – Os associados não respondem nem pessoal, nem subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela JUFRA.

§2° - Para uma melhor administração das receitas, o Secretariado Fraterno Nacional poderá abrir contas em Bancos / Instituições bancárias no Brasil, tendo como titulares: o(a) Secretário Fraterno(a) (Presidente) Nacional e o(a) Subsecretário(a) Nacional de Finanças (Tesoureiro) e um(a) terceiro(a) Subsecretário(a), se houver necessidade.

CAPÍTULO VI
DO CONSELHO FISCAL

Art. 25 – Cada Fraternidade, se assim determinam a lei civil ou o respectivo Estatuto, terá um Conselho Fiscal, eleito pelo Congresso ou Assembléia Geral Ordinária, juntamente com a Diretoria, e empossado na forma deste Estatuto, composto de três membros efetivos e três membros suplentes, com a finalidade de acompanhar, orientar e fiscalizar a gestão financeira do Secretariado Fraterno, de zelar pelo bom e regular emprego dos recursos econômicos e financeiros da Fraternidade.

§ 1º – O Conselho Fiscal deverá obrigatoriamente se reunir anualmente.

§ 2º – O Secretário Fraterno Nacional convocará a primeira reunião do Conselho Fiscal doze meses após o CONJUFRA eletivo.

§ 3º – Em sua primeira reunião o Conselho Fiscal aclama um de seus membros efetivos para presidi-lo, cabendo aos outros dois as funções de Secretário e de Redator, podendo haver revezamento nessas funções.

§ 4º – Os membros efetivos do Conselho Fiscal ou os suplentes em exercício participam da Assembléia Geral de sua Fraternidade, porém não são membros do Secretariado Fraterno (Diretoria). Esse Secretariado Fraterno junto com o Secretário Fraterno (Presidente) governa a Fraternidade. Os membros efetivos ou suplentes em exercício do Conselho Fiscal são convocados para a Assembléia Geral Ordinária, porém sem direito a voto nas eleições. Os mesmos só terão direito a voto nas questões econômicas e financeiras.

§ 5º – A Fraternidade que não possuir patrimônio mobiliário ou imobiliário poderá substituir o Conselho Fiscal pela designação de uma pessoa especializada, que não seja membro do Secretariado Fraterno (Diretoria), para que antes do fim de seu mandato, faça examinar a situação financeira da Fraternidade, oferecendo parecer conclusivo sobre a regularidade e exatidão da prestação de contas do Secretariado Fraterno, a fim de que seja submetida à aprovação da Assembléia Geral.

§ 6º – Nas Fraternidades em todos os níveis, que têm ou administram patrimônio mobiliário e imobiliário, o respectivo Secretariado Fraterno, antes do final do seu mandato, submeta à apreciação de seu Conselho Fiscal, ou, na falta deste, à pessoa especializada, que não seja membro do Secretariado Fraterno, a situação financeira e patrimonial da mesma.

Art. 26 – Compete ao Conselho Fiscal, em particular:

I – conferir e visar os balancetes mensais e anual, o balanço e a prestação de contas do Secretariado Fraterno, oferecendo parecer conclusivo sobre a exatidão dos informes, bem como a regularidade, procedência e adequação das previsões e despesas, inclusive quando relativas a parcelas destinadas a emergências ou posterior justificação;

II – dar parecer sobre a proposta orçamentária de receitas e despesas;

III – opinar sobre assuntos de ordem financeira ou econômica, quando consultado pelo Secretário Fraterno (Presidente), ou quando solicitado pelo Secretariado Fraterno ou pelo Congresso ou Assembléia Geral;

IV – requisitar e examinar, no exercício de sua função, documentos, livros ou papéis relacionados com a administração do Secretariado Fraterno e requerer informações e esclarecimentos necessários ao desempenho de suas atribuições;

V – solicitar, por escrito, ao Secretariado Fraterno a convocação de Assembléia Geral extraordinária para tratar de assunto grave e urgente, relacionado com matéria de sua competência, caso tenham sido esgotadas todas as possibilidades de solução do assunto com o Secretariado Fraterno da Fraternidade, mediante diálogo e adoção das respectivas providências.

CAPÍTULO VII
DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 27 – O exercício de qualquer função no Secretariado Fraterno de qualquer nível não é remunerada de modo algum, e aos seus associados de qualquer categoria não serão distribuídas rendas e eventuais doações ou quaisquer parcelas do patrimônio, que será rigorosamente aplicada na realização de seus fins institucionais.

Art. 28 - Qualquer proposta de alteração ou reforma deste Estatuto, no todo ou em parte, apresentada pela maioria do Secretariado Fraterno Nacional ou subscrita no mínimo por um quinto dos integrantes do CONJUFRA com direito a voto, será submetida, juntamente com o parecer do Secretariado Fraterno Nacional, à deliberação de um CONJUFRA extraordinário, expressamente convocado para este fim, o qual, pelo voto da maioria dos que o integram, poderá aprová-la.

Art. 29 – Nada obstante ao que consta no número 2 do artigo 8° deste Estatuto, se a conveniência aconselhar, o secretariado fraterno regional pode propor à aprovação do CONJUFRA a divisão de sua região em duas.

Art. 30 – A extinção de personalidade jurídica da JUFRA do Brasil pode ocorrer:

1 – Por decisão, tomada em Congresso Extraordinário, pela maioria de 2/3 (dois terços) dos votantes, ou quando tenha sido verificada a impossibilidade de realizar as finalidades previstas em seu Estatuto e tal situação tiver sido reconhecida pelo órgão de nível imediatamente superior.

2 – Por dissolução automática, em virtude de:

a) redução a cinco membros com capacidade de voto ativo ou;
b) disposição legal, civil ou eclesiástica, neste sentido ou;
c) sentença judicial transitada em julgado.

Parágrafo único – Em caso de extinção de uma Fraternidade Regional ou Local, seus bens passam para a Fraternidade de nível imediatamente superior. A nível Nacional, os bens ficarão sob a guarda do Conselho da Ordem Franciscana Secular do Brasil, até que se reconstitua o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA do Brasil.

Art. 31 - Quando as hipóteses do artigo anterior se referirem a Fraternidades de nível menor, compete ao Secretariado imediatamente superior, promover o processo de extinção ou tomar as providências cabíveis para salvaguardar os interesses da JUFRA e o cumprimento do que for de direito.

Art. 32 – Este Estatuto da JUFRA do Brasil, em caráter definitivo ou quando reformado, deve ser apresentado ao Conselho Nacional da OFS para aprovação.

Art. 33 - Em virtude da unidade estrutural da JUFRA, cada Secretariado Regional até três anos após a aprovação deste Estatuto e de acordo com as suas condições específicas deverá elaborar e promulgar seu próprio Estatuto, se ainda não o possuir, ou adaptá-lo à inclusão das disposições e orientações deste Estatuto. As demais Fraternidades dos vários níveis podem utilizar este como seu próprio Estatuto, naquilo que couber.

Parágrafo único – O Secretariado Fraterno Nacional a ser eleito neste CONJUFRA, promoverá o competente registro do Estatuto, na forma da lei.

Art. 34 – Os Estatutos Regionais deverão se adequar a este Estatuto Nacional no prazo de três anos a contar a partir desta data.

Art. 35 – Todos e quaisquer casos omissos deste Estatuto e outros documentos da Jufra, serão resolvidos pelo Secretariado Fraterno Nacional da Jufra do Brasil.

Art. 36 – Este Estatuto, revisado e aprovado no XIV Congresso Nacional da JUFRA do Brasil, realizado em Mossoró, RN, em 13 de fevereiro de 2010, entra em vigor, a partir da data da aprovação das emendas por parte do Conselho Nacional da OFS do Brasil, ficando revogado toda e qualquer disposição, costume e ordenação em contrário.

Assembléia Geral Extraordinária da JUFRA do Brasil, realizada em Mossoró – RN, em 13 de fevereiro de 2010.

Alex Sandro Bastos Ferreira, OFS/JUFRA
Secretário Fraterno (Presidente) Nacional
JUFRA do Brasil

DIRETRIZES DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

1 - DEFINIÇÃO:

As Diretrizes da Formação da JUFRA são orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do(da) jufrista.

2 - OBJETIVO GERAL:

Levar o(a) jufrista através das etapas da formação, a um aprofundamento e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como a um discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

As Diretrizes da Formação da JUFRA pretendem:

a) Despertar e vivenciar o carisma franciscano secular;
b) Levar o(a) jufrista a um compromisso de vida evangélica em fraternidade, segundo o carisma franciscano, criando condições para a profissão na OFS;
c) Conscientizar o(a) jufrista para o espírito de oração que conduza à unidade entre fé e vida;
d) Aprofundar a dimensão sócio-político-econômica, religiosa e cultural capacitando o(a) jufrista a adquirir uma visão crítica da realidade e reconhecer-se como sujeito de transformação dessa realidade tendo como referencial o Evangelho de Jesus Cristo;
e) Conscientizar o(a) jufrista da necessidade de sua inserção no mundo, através da participação ativa, individual e coletiva na sociedade;
f) Comprometer o(a) jufrista com o processo de renovação da OFS;
g) Estreitar o relacionamento do(a) jufrista com sua família e das famílias entre si;
h) Levar o(a) jufrista a inserir-se na Pastoral Orgânica da Igreja, dentro do espírito de comunhão e participação.

4 - ETAPAS DA FORMAÇÃO:

a) A JUFRA do Brasil tem em suas Diretrizes da Formação as seguintes etapas: ETAPA DA FORMAÇÃO PARA INICIANTES; FORMAÇÃO BÀSICA DA JUFRA; ETAPA DA FORMAÇÃO FRANCISCANA e FORMAÇÃO DO JUFRISTA PROFESSO.

b) Compete ao Secretariado Fraterno Regional a preparação e execução do encontro inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

c) No caso de não haver um Regional estruturado, cabe a Subsecretaria de Área, com a colaboração do Regional da OFS, a preparação e execução do encontro inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

5.1. ETAPA DE FORMAÇÃO PARA JUFRISTAS INICIANTES

1 – DEFINIÇÃO:

É um período formativo inicial que visa preparar o(a) jovem iniciante na Fraternidade de JUFRA ou uma Fraternidade Iniciante de JUFRA, para o Encontro Inicial da Formação Básica.

2 – OBJETIVO:

Levar o jovem iniciante a conhecer a JUFRA e a sua organização; a Espiritualidade Franciscana e a vida em fraternidade, criando condições para que possa despertar sua vocação para o ingresso na Fraternidade de JUFRA, através do Encontro Inicial da Formação Básica.

3 – DURAÇÃO:

Seis meses, podendo ser prorrogado ou antecipado de acordo com o amadurecimento dos jovens iniciantes ou a critério do Secretariado Fraterno Local ou Regional.

4 – DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens, com idade mínima de 15 (quinze) anos que, por índole e por carisma, queiram se comprometer a conhecer e vivenciar o ideal de vida franciscana em toda a sua dimensão humana e cristã.

5 – CONSIDERAÇÕES:

a) O Secretariado Fraterno Local da JUFRA deverá envolver nesta Formação Inicial ou de Núcleo, os assistentes fraternos e pastorais de nível local;

b) A Formação Inicial ou de Núcleo, deve ser trabalhada utilizando uma metodologia criativa e dinâmica para facilitar a integração e continuidade do(a) jovem iniciante na caminhada formativa da JUFRA;

c) Deve-se incentivar a participação dos iniciantes nas atividades litúrgicas e pastorais da sua comunidade paroquial.

6 – CONTEÚDO:

a) São Francisco de Assis
b) Santa Clara de Assis
c) Santa Rosa de Viterbo
d) As Ordens criadas por São Francisco
e) Organização e Objetivos da JUFRA
f) Manifesto da Juventude Franciscana
g) A Alegria Franciscana

5.2. FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

1 - DEFINIÇÃO:

É um período formativo que visa preparar o(a) jovem para assumir seu futuro compromisso de jufrista diante de Deus e da comunidade, inspirado(a) na Regra da OFS. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo.

2 - OBJETIVO:

Despertar o(a) jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

3 - DURAÇÃO:

Um ano, podendo ser prorrogado por mais um ano a critério do secretariado Executivo Local (cf. EENN 4, 1-OFS).

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens, com idade mínima de 15 (quinze) anos que, por índole e por carisma, se comprometam a conhecer e vivenciar o ideal de vida franciscana em toda a sua dimensão humana e cristã.

5 - CONDIÇÕES:

Para participar desta etapa formativa exige-se: ser batizado(a) e ter participado da Etapa da Formação para Iniciantes.

6 - DO ENCONTRO INICIAL:

a) É um encontro de caráter informativo-formativo;

b) O encontro inicial deverá ser encerrado com o "Compromisso do Jufrista", conforme o Ritual elaborado pelo Secretariado Fraterno da JUFRA do Brasil.

7 - CONSIDERAÇÕES:

a) O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA deverá envolver nesta formação os assistentes fraternos e pastorais de nível local e regional da JUFRA, bem como os Conselhos das Fraternidades locais e Regionais da OFS.

b) O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA terá como procedimento normal enviar ao Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA, a cópia das Atas de Admissão à Formação Básica da JUFRA das Fraternidades locais da JUFRA, no prazo de 30 dias.

8 - CONTEÚDO:

a) Conhecimento da Família Franciscana:

1) Organização e Objetivos da JUFRA;
2) Ordens Franciscanas;
3) Documentos Básicos e DMR;
4) Vivência do Carisma Franciscano;
5) Valores Franciscanos;
6) Conhecimento de Micro e Mini Franciscanos;
7) Regra como fonte de inspiração;
8) Conhecimento dos Escritos de São Francisco.

b) Conhecimento da Igreja:

1) Projeto de Deus;
2) Jesus Cristo e seu Projeto;
3) A caminhada da Igreja;
4) A Igreja na América Latina;
5) A Igreja no Brasil;
6) Ação Pastoral da Igreja;
7) O jovem e a Igreja;
8) Igreja e a Transformação Social;
9) Estudo Básico da Bíblia.

c) Conhecimento Humanístico:

1) Vivência Grupal;
2) Dinâmica de Grupo;
3) Liderança;
4) Os problemas do jovem no mundo de hoje;
5) Personalidade.

d) Conhecimento sócio-político:

1) Estrutura dos sistemas econômicos, políticos e sociais;
2) Conhecimento da realidade brasileira;
3) Meios de comunicação social;
4) Dimensão social do Evangelho.

5.3. ETAPA DA FORMAÇÃO FRANCISCANA

1 - DEFINIÇÃO:

É um período de adequada e intensa formação franciscana que visa levar o(a) jufrista a um conhecimento mais profundo e a uma vivência concreta de vida franciscana secular. Inicia-se com um Encontro de caráter formativo.

2 - OBJETIVO:

Levar o(a) jufrista a participar da vida de fraternidade e a interiorizar a espiritualidade franciscana, estimulando-o(a) a professar na OFS como realização de sua vocação.

3 - DURAÇÃO:

Dois anos, podendo ser prorrogada por mais um ano.

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens que tenham realizado a etapa formativa anterior.

5 – CONDIÇÕES:

Para participar desta etapa formativa é necessário ter participado da Formação Básica da JUFRA e ter vivência eclesial e franciscana.

6 - DO ENCONTRO INICIAL:

a) É um encontro de caráter formativo;

b) O encontro inicial deverá ser encerrado com o Rito de Admissão à OFS, conforme está prescrito no Ritual da Ordem Franciscana Secular-OFS.

7 - DA PROFISSÃO:

a) Terminada a Etapa da Formação Franciscana os(as) interessados(as) deverão pedir a Profissão da Regra da OFS a um Conselho Local ou Regional da OFS a quem cabe decidir sobre a Profissão dos(as) novos(as) irmãos(ãs). Uma vez aceitos(as), deverão professar a Regra conforme o Rito de Profissão do Ritual da OFS (CCGG 39, 41, 42, 43, e 96. 4; DMR 15,2-e).

b) Ao final da Etapa de Formação Franciscana os(as) jufristas farão normalmente a Profissão, cabendo ao Secretariado Fraterno Local, de comum acordo com o Conselho da OFS Local, definir a forma da Profissão, se definitiva ou temporária, para todos(as) os(as) jufristas da Fraternidade.

8 - CONSIDERAÇÕES:

O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA terá como procedimento normal enviar ao Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA cópias das Atas da Profissão, no prazo de 30 dias.

9 - CONTEÚDO:

1) Aprofundamento dos Sacramentos;
2) História da Salvação;
3) Fé;
4) Aprofundamento dos Valores Franciscanos;
5) Contexto Histórico de São Francisco de Assis;
6) Escritos de São Francisco (Testamento, Admoestações, Cartas de São Francisco, Regra não Bulada);
7) Constituições Gerais da OFS (CCGG);
8) A Secularidade;
9) Maturação da Vocação;
10) Participação na Liturgia das Horas;
11) Experiência concreta de Serviço e Apostolado (CCGG 40, 1);
12) Regra da OFS.

5.4. FORMAÇÃO DO JUFRISTA PROFESSO

1 - DEFINIÇÃO:

É um período formativo que se inicia com a profissão temporária da Regra da OFS, visando manter o(a) jufrista num processo de renovação franciscana constante, preparando-o(a) para a profissão definitiva.

2 - OBJETIVOS:

a) Levar o(a) jufrista a um compromisso maior com o Carisma Franciscano, possibilitando a Profissão definitiva na OFS;

b) Manter o(a) jufrista professo(a) na OFS num processo formativo constante;

c) Promover o progressivo desligamento do(a) jufrista professo(a) do âmbito e da liderança da JUFRA;

d) Promover a progressiva inserção fraterna do(a) jufrista no âmbito do grupo de irmãos(ãs) professos(as) na fraternidade de OFS (CCGG 34; 97, 2; DMR III, 7).

3 - DURAÇÃO:

Três (03) anos.

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se aos(às) jufristas professos(as) temporários(as) na OFS que ainda participam simultaneamente do âmbito da JUFRA e da OFS.

5 - CONDIÇÕES:

Ter participado da Etapa de Formação Franciscana e realizado a Profissão temporária da Regra na OFS.

6 - DA RENOVAÇÃO DA PROFISSÃO:

A renovação da profissão ocorrerá anualmente por ocasião de um retiro.

7 - DA TRANSIÇÃO:

Ao final da Formação do(a) Jufrista Professo(a), o(a) jufrista passa a freqüentar integralmente o Programa da Formação Permanente dos(as) irmãos(ãs) professos(as), oferecido

pela fraternidade local da OFS, garantindo essa formação permanente nas fraternidades de OFS. O(a) jufrista professo(a) definitivo(a) tem plena liberdade de continuar participando da vida da Fraternidade de JUFRA.

8 - CONSIDERAÇÕES:

a) A responsabilidade pelo planejamento e execução da Formação do(a) Jufrista Professo(a), bem como pelo acompanhamento da formação, é do Secretariado Fraterno Regional da JUFRA e do Conselho Local ou Regional da OFS.

b) O Secretariado Fraterno Regional deverá remeter ao Secretariado Fraterno Nacional as cópias das Atas das Profissões, no prazo de 30 dias.

9 - CONTEÚDO:

1) Visão teológica de Cristo, de Francisco, da Igreja e da sociedade;
2) Leitura e vivência da Palavra de Deus;
3) Observe-se o que está prescrito nas Diretrizes de Formação da OFS;
4) Temas que a Fraternidade achar conveniente ou que a realidade exigir.

5.5. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS DIRETRIZES DA FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

a) O(a) jufrista que ao final de qualquer uma das etapas da formação não fizer seu compromisso pessoal (compromisso do jufrista, profissão temporária), deverá pedir afastamento da Etapa da formação por escrito ao Secretariado Fraterno Local e juntos definirão a duração do afastamento. Retornando à fraternidade, após o prazo definido, o(a) jufrista deve passar por uma certa etapa de revisão da formação recebida anteriormente ao pedido de afastamento;

b) No caso da antecipação do prazo do afastamento, o(a) jufrista, para retornar a uma das Etapas de formação, deverá pedir por escrito, ao Secretariado Fraterno Local, que definirá sobre o assunto;

c) O(a) jufrista afastado(a) da etapa da formação não poderá votar e ser votado(a) nos diversos níveis da JUFRA;

d) O(a) jufrista professo(a) definitivo poderá participar das atividades da fraternidade da OFS e da JUFRA;

e) Os Secretariados Fraternos Regionais e Locais da JUFRA garantem formação do jufrista compromissado.

*** Estas Diretrizes de Formação foram aprovadas no IX CONJUFRA, que aconteceu em São Cristóvão-SE em 1995.

REGIMENTO INTERNO DA JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

O Secretariado Fraterno Nacional da Juventude Franciscana (JUFRA) do Brasil, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 24, do Estatuto Nacional (1999) e atualizado a partir do Estatuto do Nacional da JUFRA do Brasil (2004), apresenta o seu Regimento Interno:

CAPÍTULO I
FINALIDADE

Art.1º - O presente Regimento Interno tem por finalidade disciplinar as atividades e o funcionamento da Juventude Franciscana (JUFRA) do Brasil, em seu nível Nacional, delimitando e especificando as responsabilidades, atribuições e competências, visando garantir a coerência e a integridade de seus objetivos, em acordo com o Estatuto Nacional da JUFRA.

CAPÍTULO II
DO CONGRESSO NACIONAL

Art.2º - A instalação do Congresso Nacional será realizada pelo Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, em primeira convocação com a presença da maioria absoluta dos convocados e, em segunda convocação, uma hora depois, com a presença de 1/3 (um terço) dos convocados com direito a voto (Estatuto Nacional, 11, § 4º) .

Art.3º - De acordo com o Estatuto Nacional da JUFRA, Art. 13, são membros do Congresso Nacional com direito a voz e voto:

a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, mais dois membros do Secretariado Nacional da JUFRA;
b) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;
c) Secretários (as) Fraternos (as) Regionais, mais dois membros do seu Secretariado;
d) Subsecretários (as) de Formação Nacional e Regionais;
e) Ministro(a) Nacional da OFS;
f) Assistentes Espirituais Nacionais e das Regiões da Área onde se realiza o CONJUFRA;
g) Animadores Fraternos Nacionais e Regionais.

§ 1º – O membro titular impossibilitado de comparecer ao CONJUFRA, para o qual foi convocado, far-se-á representar mediante delegação escrita e expressa, justificada por seu (sua) Secretário (a) Fraterno (a) Regional, sendo vedados, porém,o substabelecimento e a acumulação (Art. 13, § 1º);

§ 2º – Os Assistentes Espirituais não gozam do direito de voto nas questões econômicas nem nas eleições nos vários níveis (cf. Estatuto para a Assistência Espiritual e Pastoral a OFS, Art. 12,3);

§ 3º – Todo irmão convidado tem direito a participar do CONJUFRA, quando lhe será facultado o uso da palavra ou não, porém sem direito a voto (Art. 13, § 2º);

§ 4º – O ministro regional da OFS deve ser convidado para participar do Congresso onde se realiza o CONJUFRA (Art. 13, § 3º);

§ 5º – As intervenções em plenário deverão ser solicitadas, sendo autorizadas pelo Secretário do Congresso. Cada intermitente pró ou contra, poderá usar de 03 (três) minutos para a réplica, se concedida pelo Secretário do Congresso;

§ 6º – As reuniões das Áreas serão coordenadas pelos respectivos Subsecretários Nacionais para as Áreas, ou na sua falta, por um coordenador eleito pelos membros presentes da Área;

Art. 4º. – A coordenação do Congresso Nacional Eletivo será exercida pelo Secretário do Congresso, membro da Equipe do Congresso, a qual é formada por este secretário, 01 (um) cronometrista, 02 (dois) secretários de Ata, 02 (dois) escrutinadores e por 03 (três) redatores de moções, resoluções e Recomendações, todos escolhidos na sessão preparatória do Congresso, devendo estes permanecer no local no decorrer do Congresso. Ainda compõe a equipe do Congresso o Secretário Fraterno Nacional.

§ 1º – Quando o Congresso Nacional for extraordinário, o Secretário do Congresso será o Secretário Fraterno Nacional;

§ 2º – A sessão preparatória do CONJUFRA será coordenada pelo Secretário Fraterno Nacional;

§ 3º – São finalidades da sessão preparatória:

a) a escolha da equipe do Congresso feita através de indicação de nomes pela plenária;
b) a discussão da Agenda do CONJUFRA e sua aprovação pela maioria simples dos convocados presentes;
c) aprovação do Conselho do Congresso, composta pela Equipe do Congresso, demais membros do Secretariado Fraterno Nacional e o Ministro Nacional da OFS ou seu delegado.

§ 4º – Compete ao Conselho do Congresso deliberar sobre assuntos que não consegue o consenso da plenária, quando convocado pelo(a) Secretário(a) do Congresso.

§ 5º – No Congresso Nacional Ordinário será composta uma Comissão de Contas, formada por 03(três) congressistas com conhecimento do assunto, escolhidos da Assembléia e aprovados por esta.

§ 6º – Compete à Comissão de Contas do Congresso analisar a prestação de contas do triênio apresentada pelo Secretário Fraterno Nacional e formular parecer conclusivo; opinar sobre assuntos de ordem financeira ou econômica desde que consultada pelo Secretário do Congresso ou pela Assembléia.

Art. 5º – Propostas de outros assuntos não contemplados na agenda do CONJUFRA deverão ser entregues ao secretário do Congresso, por escrito, antes da aprovação da agenda.

§ 1º – As emendas surgidas na fase de discussão das agendas, deverão ser apresentadas, por escrito, para o Secretário Fraterno Nacional;

§ 2º – No decorrer do congresso, os assuntos não constantes da agenda, para serem levados à plenária, deverão ser apresentados para exame da equipe do Congresso, acompanhando a assinatura de 1/5(um quinto) dos congressistas convocados, até 15 horas do dia anterior da execução das propostas;

Art. 6º – Moções, recomendações e resoluções deverão ser apresentadas por escrito aos redatores, ao menos 12 horas antes do término do congresso;

CAPÍTULO III
DA ELEIÇÃO

Art. 7º. – Nos Congressos Nacionais Eletivos são eleitos o Secretário Fraterno Nacional, através de voto secreto e os(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas, conforme indicação das

respectivas áreas. Também é eleito(a) por voto secreto o(a) Conselheiro(a) da JUFRA da América Latina no CIOFS.

Art. 8º. – A eleição será presidida pelo(a) Ministro(a) Nacional da OFS.

Art. 9º. – Para a eleição do Secretario Fraterno Nacional se requer a maioria absoluta dos votos (metade mais um).

§ 1º – Quando no primeiro escrutínio um candidato não alcançar a maioria absoluta dos votos, procede-se um segundo escrutínio entre os dois candidatos que tenham obtido o maior número de votos. Se forem mais de dois candidatos, estes irão para o segundo escrutínio;

§ 2º – Se no segundo escrutínio houver empate, procede-se novo escrutínio com os dois candidatos mais votados até que um deles consiga a maioria absoluta dos votos.

Art. 10 – Os eleitos no Congresso Nacional deverão ser empossados durante o Congresso.

Art. 11 – Os subsecretários dos serviços básicos e assessores que compõem o Secretariado Fraterno Nacional serão, posteriormente, escolhidos e nomeados pelo Secretário Fraterno Nacional, com auxilio dos subsecretários nacionais para as áreas.

CAPÍTULO IV
DO SECRETARIADO FRATERNO NACIONAL

Art. 12 – O Secretariado Fraterno Nacional é o órgão executivo, dirigente e representativo da Fraternidade Nacional da JUFRA (cf. Estatuto Nacional da JUFRA, Art. 14).

§ 1º – O mandato das funções em nível nacional é de 03(três) anos, sendo permitida apenas uma reeleição (cf. Estatuto Nacional da JUFRA, Art. 14, 1);

§ 2º – No intervalo entre um CONJUFRA Eletivo e o seguinte cabe ao Secretariado Fraterno, tomar as decisões necessárias ao bom andamento da JUFRA, de acordo com as diretrizes do Estatuto Nacional da JUFRA e dos CONJUFRA's, apresentado, em seu relatório final, a relação, as razões e os resultados das mesmas ao CONJUFRA, que sobre elas deve se manifestar (cf. Estatuto Nacional da JUFRA, Art. 14, 2).

§ 3º – O Secretariado Fraterno Nacional se reunirá aos menos duas vezes por ano.

Art. 13 – O Secretariado Fraterno Nacional se compõe das seguintes funções básicas:

a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional;
b) Seis Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;
c) Seis Subsecretários Nacionais de Serviço, a saber: de Formação, da Infância, Micro e Mini Franciscanos, de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação, de Ação Evangelizadora, de Comunicação Social e de Finanças;
d) Animador(a) Fraterno(a) Nacional;
e) Assistente Espiritual Nacional.

Parágrafo Único: Conforme a necessidade podem ser criadas outras assessorias, extinguindo-as porém com o fim do mandato do Secretariado (cf. Estatuto Nacional da JUFRA, Art. 15, § 2º).

Art. 14 – O(A) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional é o(a) animador(a) geral da Fraternidade Nacional. Deve conhecer a cada irmão do secretariado e precisa se aproximar com espírito de bondade, humildade, compreensão, carinho, respeito e atenção.

Parágrafo Único: As funções do(a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional são, basicamente:

a) Coordenar as atividades da JUFRA nas diversas Regiões do Brasil, com auxílio dos(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;

b) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil, as decisões dos CONJUFRA's, bem como os demais documentos referentes à JUFRA;

c) Representar a JUFRA do Brasil ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, ou delegar tal atribuição em caso concreto, junto a organismos da Igreja, da Família Franciscana e da Sociedade Civil;

d) Representar o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA no Conselho Nacional da OFS;

e) Nomear, em portaria, os subsecretários de serviços e os assessores que, por decisão do Secretariado Fraterno se fizerem necessários;

f) Convocar o Congresso Nacional da JUFRA, ordinário e extraordinário;

g) Convocar e presidir as reuniões do Secretariado Fraterno Nacional;

h) Promover CONJUFRA's, seminários, conferências, ciclos de palestras, simpósios, congressos e cursos diversos de interesse dos jufristas;

i) Presidir e confirmar as eleições dos Congressos Regionais, pessoalmente ou mediante um delegado membro do Secretariado Fraterno Nacional;

j) Realizar a visita fraterna aos Secretariados Fraternos Regionais, pessoalmente ou mediante um delegado membro do Secretariado Fraterno Nacional;

k) Administrar a sede do secretariado fraterno e despachar o expediente do Secretariado;

l) Autorizar despesas e assinar, juntamente com o(a) subsecretário(a) de Finanças, cheques bancários e outros documentos econômicos ou financeiros;

m) Prestar contas das despesas realizadas mediante demonstrativos contábeis pertinentes;

n) Assinar os documentos oficiais da Juventude Franciscana do Brasil, contratos e outros documentos, depois de examinados devidamente pelo Secretariado Fraterno Nacional;

o) Preparar o relatório de gestão a ser apresentado no CONJUFRA;

p) Manter regularizado o CNPJ da JUFRA Nacional;

q) Colaborar com artigos para a revista Paz e Bem;

r) Exercer outras atribuições pertinentes.

Art. 15 – O(A) Subsecretário(a) Nacional para a Área é o(a) representante do Secretário(a) Fraterno(a) Nacional na sua área.

Parágrafo Único: As funções do Subsecretário(a) Nacional para a Área são, basicamente:

a) Promover a JUFRA nos Estados de sua área;

b) Participar das reuniões do Secretariado Fraterno Nacional;

c) Realizar ao menos uma vez por ano, visitas fraternas aos regionais de sua área, devendo esta ser, preferencialmente por ocasião dos Congressos Regionais ou em outros momentos que julgar necessário;

d) Participar da elaboração do encontro de área OFS/JUFRA, junto ao respectivo Vice–Ministro e demais irmãos da OFS, e incentivar a participação dos secretários fraternos, subsecretários, animadores fraternos e assistentes espirituais dos regionais da área;

e) Na ausência do Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, representá-lo, e presidir as eleições regionais, em conformidade com o Estatuto Nacional e outros documentos pertinentes;

f) Orientar para que o Congresso se realize em conformidade com o regimento interno aprovado pelos congressistas e para que não seja apenas "eletivo", mas também um encontro fraterno de revisão e planejamento para a região;

g) Enviar relatório, sempre que realizar visita fraterna, participar de eleição ou encontro de área;

h) Comunicar aos regionais todas as solicitações efetuadas pelo Secretariado Fraterno Nacional;

i) Acompanhar todas as solicitações efetuadas pelo Secretariado Fraterno Nacional;

j) Orientar e solucionar os possíveis problemas da área e sempre que necessário buscar orientação do Secretariado Fraterno Nacional;

k) Orientar, sempre que necessário, quanto aos Documentos Básicos da JUFRA;

l) Solicitar dos regionais relatórios de atuação e planejamento.

Art.16 – O(A) Subsecretário(a) Nacional de Formação é o(a) responsável pelo acompanhamento da formação nos regionais.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional de Formação são, basicamente:

a) Elaborar e adotar meios de formação que possam ser adaptados às situações regionais, com a ajuda dos responsáveis pela formação do respectivo nível;

b) Participar, quando oportuno, dos encontros de área ou de encontros regionais, contribuindo junto aos formadores regionais, para o desenvolvimento dos trabalhos de formação;

c) Tomar conhecimento de outros trabalhos de formação realizados nas fraternidades regionais e locais, na Família Franciscana ou na Igreja, e aplicá-los, quando for o caso;

d) Estar em contato com os formadores regionais para troca de experiência a nível nacional, para divulgação dos trabalhos e publicações realizadas em cada uma das regiões;

e) Organizar e manter atualizado o quadro estatístico da JUFRA do Brasil apontando os respectivos números dos membros no período de formação;

f) Estar atento às necessidades e prioridades para desenvolvimento dos trabalhos de formação em cada região;

g) Manter-se atualizado(a) no que diz respeito à formação, para a programação oportuna junto às fraternidades regionais e locais;

h) Zelar pelo cumprimento das Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil.

Art. 17 – O(A) Subsecretário (a) Nacional da Infância, Micro e Mini Franciscanos é o encarregado(a) pelo acompanhamento da formação dos regionais da Infância, Micro e Mini Franciscanos.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional da Infância, Micro e Mini Franciscanos são, basicamente:

a) Tomar conhecimento de outros trabalhos com infância, micro e mini franciscanos nas fraternidades locais e regionais;

b) Estar em contato com os subsecretários regionais da Infância, Micro e Mini Franciscanos para troca de experiências;

c) Manter um quadro estatístico das fraternidades da Infância, Micro e Mini Franciscanos e o número de componentes das mesmas, por região;

d) Zelar pelo cumprimento das Diretrizes de Formação para da Infância, Micro e Mini Franciscanos do Brasil;

e) Elaborar os Encontros Iniciais dos Micro e Mini Franciscanos;

f) Elaborar, publicar e difundir o material de formação para as fraternidades regionais e locais sobre a Infância, Micro e Mini Franciscanos.

Art. 18 – O(A) Subsecretário(a) Nacional de Direitos Humanos, **Justiça, Paz e Integridade da Criação** é encarregado(a) de promover o apoio a manifestações de defesa de todas as formas de vida, buscando informações, promovendo campanhas de conscientização a nível nacional.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação são, basicamente:

a) Estimular e propiciar condições aos jufristas, sobretudo nas fraternidades locais, para que sejam uma presença ativa no mundo, colaborando para a construção de uma sociedade justa e fraterna;
b) Manter-se atualizado aos fatos relevantes no país/região e que possam, de maneira adequada a nossa formação e carisma, motivar os jufristas a contribuírem na promoção dos Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação;
c) Estar em contato com os Subsecretários Regionais de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação para troca de experiências a nível nacional e divulgação dos trabalhos realizados em cada uma das regiões;
d) Participar, quando oportuno, dos encontros de área, ou de encontros regionais, contribuindo, juntamente com as Subsecretarias de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação, para desenvolvimento dos trabalhos;
e) Tomar conhecimento de outros trabalhos relacionados a esta subsecretaria, realizados nas fraternidades regionais e locais, na Família Franciscana ou outras comunidades e aplicá-los quando for o caso;
f) Estar atento às necessidades e prioridades estabelecidas nos Congressos Nacionais para o desenvolvimento dos trabalhos de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação, em cada região;
g) Promover cursos e encontros sobre Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação quando solicitados e/ou nos encontros de Área.

Art. 19 – O(A) Subsecretário(a) de Ação Evangelizadora é encarregado(a) de proporcionar à fraternidade nacional conhecimento e aprofundamento na vivência litúrgica e do jovem na Igreja, além de ser o representante do Secretariado Fraterno Nacional nos diversos órgãos da Igreja no Brasil.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional de Ação Evangelizadora são, basicamente:

a) Zelar pelo Carisma Franciscano nos momentos litúrgicos da vida em fraternidade, nos encontros e congressos;
b) Representar o Secretário Fraterno Nacional frente aos órgãos da Igreja, a nível nacional, e manter comunicação constante com esses órgãos;
c) Dar subsídios e orientações na preparação e execução de celebrações litúrgicas para as fraternidades regionais e locais;
d) Orientar para que se promova o engajamento das fraternidades locais na vida litúrgica da comunidade;
e) Articular-se e integrar às pastorais e movimentos da Igreja, a nível nacional.

Art. 20 – O(A) Subsecretário(a) Nacional de Comunicação Social, é responsável por toda comunicação e informação recebidas pelo Secretariado Fraterno Nacional e veiculadas aos Secretariados Regionais, à Ordem Franciscana Secular do Brasil, à Família Franciscana do Brasil, a Órgãos Nacionais da Igreja e demais organismos de interesse.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional de Comunicação Social são, basicamente:

a) Dar conhecimento ao Secretariado Fraterno Nacional das correspondências e e-mails recebidos e, quando autorizado, responder oficialmente aos mesmos;

b) Manifestar, em nome do Secretário Fraterno Nacional, através de comunicação oficial, congratulações às pessoas ou entidades de nosso relacionamento, nas ocasiões propícias. Da mesma forma, manifestar solidariedade nos momentos difíceis. Toda comunicação oficial dever estar sob ciência e concordância do Secretário Fraterno e/ou Secretariado Fraterno Nacional.

c) Propagar as informações oficiais, comunicar os acontecimentos de nível nacional e internacional e divulgar as notícias da vida das fraternidades, em cooperação com a Equipe Nacional de Comunicação, aos membros da fraternidade nacional, bem como regionais e locais, quando for necessário;

d) Manter um cadastro de nomes e contato de cada função dos Secretariados Fraternos Regionais;

e) Manter a correspondência com os comunicadores regionais;

f) Manter os endereços dos regionais em dia.

Art. 21 – O(A) Subsecretário(a) Nacional de Finanças é o responsável pelas finanças do Secretariado Fraterno Nacional.

Parágrafo Único: As funções do(a) Subsecretário(a) Nacional de Finanças são, basicamente:

a) Processar e contabilizar a liquidação das despesas autorizadas e preparar os cheques para os pagamentos, assiná-los e submetê-los à assinatura do Secretário Fraterno Nacional;

b) Administrar os fundos por meios de aplicações financeiras, de contas bancárias;

c) Efetuar conciliação bancária, através dos documentos autorizados e contabilizados, mensalmente;

d) Coordenar a arrecadação das porcentagens da contribuição fraterna, mantendo sempre um contato com os Subsecretários de Finanças Regionais;

e) Elaborar um mapa de controle das Contribuições Fraternas realizadas pelas regiões que compõem a JUFRA do Brasil;

f) Enviar comprovantes de recebimento das Contribuições Fraternas aos Subsecretários de Finanças Regionais;

g) Manter em dia o Livro Caixa da Fraternidade Nacional;

h) Preparar, em tempo hábil, os balancetes da gestão financeira e apresentá-los ao Secretariado Fraterno Nacional para exame;

i) Preparar um planejamento orçamentário anual do Secretariado Fraterno Nacional;

j) Organizar os recibos e comprovantes bancários da movimentação do caixa do Secretariado Fraterno Nacional;

k) Autorizar verbas, junto ao Secretário Fraterno Nacional e/ou Secretariado Fraterno Nacional, quando solicitado pelos Subsecretários Nacionais;

l) Administrar o material de venda do Secretariado Fraterno Nacional, bem como, o preço dos mesmos e providenciar a reposição dos que estiverem em falta;

m) Promover campanhas de conscientização e animação para melhor arrecadação da contribuição fraterna e outros materiais.

Art. 22 – O(A) Assistente Espiritual Nacional, por parte da I Ordem e da TOR, à JUFRA, é responsável por assegurar a fidelidade ao Carisma Franciscano, a comunhão com a Igreja e união com a Família Franciscana. A nomeação do Assistente Espiritual segue de acordo com o Estatuto da Assistência Espiritual a OFS e JUFRA;

Parágrafo Único: As funções do(a) Assistente Espiritual Nacional são, basicamente:

a) Colaborar com o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA em todas as atividades, no que lhe é pertinente, e nos trabalhos do Secretariado, quando solicitado pelo Secretariado Fraterno Nacional;
b) Acompanhar, na medida do possível, o Secretariado Fraterno Nacional, ou os Subsecretários Nacionais para as Áreas, nas visitas aos Regionais;
c) Zelar pela formação e preparação dos Assistentes dos outros níveis e a união fraterna entre eles;
d) Exercer o direito de voz no Secretariado Fraterno Nacional, e de voto nas questões que envolvem sua atribuição;
e) Promover e incentivar o programa da formação para Assistentes Espirituais Regionais;
f) Promover e incentivar o interesse dos jufristas pelos planos e ações apostólicas da Igreja e da FFB;
g) Colaborar no preparo e formação de futuros Assistentes Espirituais.

Art. 23 – O(A) Animador(a) Fraterno(a) Nacional é responsável por manter o vínculo entre o Conselho Nacional da OFS e o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA. O(A) Animador(a) Fraterno(a) Nacional deve ser um(a) Franciscano(a) Secular Professo(a).

Parágrafo Único: As funções do(a) Animador(a) Fraterno(a) Nacional, são basicamente:

a) Manter a comunhão da JUFRA com a OFS, com a Igreja e a união com toda a Família Franciscana;
b) Zelar pela fidelidade ao Carisma Secular Franciscano na JUFRA;
c) Colaborar com o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA na apostolicidade e na preparação do programa de formação do jufrista;
d) Acompanhar o Secretário Fraterno Nacional da JUFRA nas visitas fraternas aos Secretariados Regionais da JUFRA e estar presente também nos Congressos Nacionais e Regionais;
e) Promover e incentivar o programa da formação para Animadores Fraternos Regionais;
f) Promover e incentivar o interesse dos jufristas pelos planos e ações apostólicas da Igreja e da O.F.S.;
g) Colaborar no preparo e formação de futuros Animadores Fraternos;
h) Zelar pelo cumprimento dos documentos referentes à JUFRA, a saber, Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA e o Estatuto da Animação Fraterna a Juventude Franciscana;
i) Respeitar as funções e responsabilidades dos membros da JUFRA.

Art. 24 – A especificação das funções das assessorias, quando existirem, fica a cargo do Secretariado Fraterno Nacional e regulamentadas através de portarias.

Art. 25 – Este Regimento Interno, foi aprovado na II Reunião Ordinária do Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA do Brasil, realizado em Fortaleza – CE, em 22 de agosto de 2004, e entra em vigor a partir desta data, revogando assim o Regimento Interno aprovado em 23 de Agosto de 2003 e as disposições em contrário.

ESTATUTO DA ANIMAÇÃO FRATERNA À JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

CAPÍTULO I
DOS PRINCÍPIOS GERAIS

Art. 1º - A O.F.S., por força de sua própria vocação, deve estar disposta a comunicar a sua experiência de vida evangélica aos jovens que se sintam atraídos por São Francisco de Assis e a procurar os modos adequados para apresentá-la. (cf CCGG 96.1)

Art. 2º - As fraternidades da O.F.S. se empenhem a dar às fraternidades da JUFRA um animador fraterno que, junto com o animador espiritual e o secretariado da JUFRA, assegurem uma adequada formação franciscana secular. (cf. CCGG 97.2)

Art. 3º - As Fraternidades da O.F.S., por meio de iniciativas e dinâmicas apropriadas, promovam a vocação juvenil franciscana. Cuidem da vitalidade e expansão das Fraternidades de JUFRA e acompanhem os jovens em seu caminho de crescimento humano e espiritual com propostas de atividades e conteúdos temáticos (cf CCGG 97.1).

Art. 4º - A JUVENTUDE FRANCISCANA se articula em Fraternidades de vários níveis, sendo eles: local, regional e nacional. A Animação Fraterna deverá adaptar-se à organização própria da JUFRA.

CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS

Art. 5º - A Animação Fraterna tem por objetivos:

I. Testemunhar a espiritualidade Franciscana e o amor fraterno para com a JUFRA e a perfeita comunhão entre os FRANCISCANOS;

II. Acompanhar o jufrista no seu processo de formação;

III. Incentivar o jufrista para uma vida cristã alimentada através do serviço pastoral e sacramental.

Art. 6º - A Animação Fraterna será exercida, segundo o presente Estatuto, por todas as Fraternidades da O.F.S. do Brasil, mediante a presença de um(a) irmão(ã) secular na fraternidade de JUFRA, em cada um de seus níveis.

Art. 7º - Constitui a Animação Fraterna uma valiosa ajuda à JUFRA, porém não substitui a Assistência Espiritual e Pastoral, exercida pela Ordem I e TOR e não diminui as responsabilidades do Secretariado Fraterno da JUFRA e suas Subsecretarias.

CAPÍTULO III
DO ANIMADOR FRATERNO E SUA FUNÇÃO

Art. 8º - O(A) Animador(a) Fraterno(a) da O.F.S. juntamente com o Assistente Espiritual tem a responsabilidade de garantir a JUFRA:

I. A fidelidade ao carisma franciscano;

II. A comunhão com a O.F.S. e com a Igreja;

III. A união com toda a Família Franciscana.

Art. 9º - O(A) Animador(a) Fraterno(a) deve ser um Franciscano Secular, professo, ativo em sua fraternidade, para ser o elo entre O.F.S. e JUFRA.

Art. 10 - O(A) Animador(a) Fraterno(a) é nomeado por escrito pela fraternidade de O.F.S., nos diversos níveis, em comum acordo com a JUFRA.

§ 1º - O Secretariado Fraterno da JUFRA, nos diversos níveis, deve solicitar, por escrito, a Animação Fraterna.

§ 2º - O Secretariado Fraterno da JUFRA, em qualquer nível, apresentará ao respectivo Conselho da O.F.S. de seu nível, 04 (quatro) nomes de sua preferência, cabendo a esse órgão a escolha de um dos quatro para exercer o serviço e, na impossibilidade dos apresentados, indicar outro franciscano secular para a função.

§ 3º - Os Animadores Fraternos nomeados para a função deverão receber dos Conselhos da O.F.S. formação adequada para seu serviço.

Art. 11 - É vedada a Animação Fraterna a mais de 02 (duas) fraternidades locais da JUFRA, exercida pelo mesmo franciscano secular. Havendo necessidade, o Conselho da O.F.S. e o Secretariado Fraterno da JUFRA devem avaliar, em conjunto, a situação.

Art. 12 - No serviço de animação fraterna, o franciscano secular:

I. Deve colaborar no preparo e formação específico de futuros Animadores Fraternos;

II. Deve participar e cooperar nos encontros oficiais e na elaboração e execução do programa de formação;

III. Deve ser membro ativo do Conselho da O.F.S. e do Secretariado Fraterno da JUFRA nos respectivos níveis;

IV. Deve respeitar as funções e responsabilidades dos membros da JUFRA;

V. Deve realizar visitas fraternas a JUFRA;

VI. Só terá direito a voto nos Congressos e Encontros da JUFRA, quando este for do mesmo nível de sua Animação ou imediatamente superior.

Art. 13 - O cargo de Animador Fraterno é temporário. A nomeação é por tempo limitado, não podendo ser superior a 02 (dois) mandatos do Secretariado Fraterno da JUFRA.

Seção I: Do Animador Fraterno Nacional

Art. 14 - O Animador Fraterno Nacional é o vínculo de ligação entre o Conselho Nacional da O.F.S. e o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA.

Art. 15 - É membro ativo do Conselho Nacional da O.F.S. e do Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA.

Art. 16 - Compete ao Animador Fraterno Nacional:

I. Colaborar com o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA na apostolicidade e na preparação do programa de formação do jufrista;

II. Acompanhar o Secretário Fraterno Nacional da JUFRA nas visitas fraternas aos Secretariados Regionais da JUFRA e estar presente também nos Congressos Nacionais e Regionais;

III. Promover e incentivar o programa da formação para Animadores Fraternos Regionais;

IV. Promover e incentivar o interesse dos jufristas pelos planos e ações apostólicas da Igreja e da O.F.S.

Art. 17 - Se o número de Animador Fraterno for superior a 01 (um), formar-se-á uma Conferência, na qual um deles desempenhará a função de Coordenador, segundo o Regimento Interno próprio.

SEÇÃO II : Do Animador Fraterno Regional

Art. 18 - O Animador Fraterno Regional é o vínculo de comunhão entre o Conselho Regional da O.F.S. e o Secretariado Fraterno Regional da JUFRA.

Art. 19 - É membro ativo do Conselho Regional da O.F.S. e do Secretariado Fraterno Regional da JUFRA.

Art. 20 - Compete ao Animador Fraterno Regional:

I. Colaborar com o Secretariado Fraterno Regional da JUFRA na preparação e execução do programa da formação do Jufrista;

II. Coordenar, a nível regional, o serviço de Animação Fraterna, promovendo o interesse dos franciscanos seculares pela JUFRA;

III. Fazer visitas fraternas, junto com o Secretário Fraterno Regional, aos Distritos e Fraternidade locais estando presente também, nos Congressos Nacionais e Regionais da JUFRA;

IV. Participar na preparação e execução dos Encontros oficiais das fraternidades locais da JUFRA;

V. Promover e incentivar o programa da formação de Animadores Fraternos Locais e a comunhão entre eles;

VI. Promover e incentivar o interesse do jufrista pelos planos e ações comunitária.

SEÇÃO III: Do Animador Fraterno Local

Art. 21 - O Animador Fraterno local é o vínculo de comunhão entre a fraternidade local da O.F.S. e da JUFRA.

Art. 22 - O Animador Fraterno Local está vitalmente ligado com a JUFRA local, célula primeira da fraternidade.

Art. 23 - O Animador Fraterno Local é membro ativo do Conselho Local da O.F.S. e do Secretariado Fraterno Local da JUFRA;

Art. 24 - O Animador Fraterno Local é co-responsável pelo crescimento e manutenção do carisma franciscano entre os jufristas, cativando-os para uma vida evangélica, a exemplo de São Francisco de Assis.

Art. 25 - Compete ao Animador Fraterno Local:

I. Participar das reuniões do Conselho da O.F.S. Local e do Secretariado Fraterno Local da JUFRA e, sempre que possível, das reuniões da Fraternidade local;

II. Participar na elaboração e execução do programa de formação do jufrista;

III. Incentivar o jufrista a participar das ações comunitárias e ação apostólica da Igreja e da O.F.S.;

IV. Manter relações fraternas e constantes com Animadores Fraternos Locais, Regionais e Nacional.

CAPÍTULO IV
DA O.F.S. E A ANIMAÇÃO FRATERNA À JUFRA

Art. 26 - A Animação Fraterna à JUFRA é confiada à Ordem Franciscana Secular, haja vista ser a JUVENTUDE FRANCISCANA fruto de renovação do espírito franciscano secular.

Art. 27 - Relativo à O.F.S., o Animador Fraterno é responsável de:

I. Promover o interesse dos franciscanos seculares pelos jufristas;

II. Promover a comunhão fraterna da O.F.S. com JUFRA;

Art. 28 - O Conselho da O.F.S., em seus diversos níveis, deve:

I. Garantir a Animação Fraterna a JUFRA;

II. Cuidar para que os Animadores Fraternos tenham carinho especial pelos jufristas;

III. Zelar para que os irmãos indicados à Animação Fraterna sejam idôneos, tenham afinidade com os jovens e que se preparem para dar animação afetiva e efetiva;

IV. Providenciar formação adequada para os Animadores Fraternos;

V. Assegurar que a animação fraterna respeite a organização específica da JUFRA;

VI. Por ocasião das Visitas Fraternas informar o Conselho de nível superior sobre o serviço do Animador Fraterno.

CAPÍTULO V
DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 29 - O presente Estatuto disciplina, de modo unitário e concreto, o serviço de Animação Fraterna à Juventude Franciscana;

Art. 30 – Após aprovadas as atualizações deste Estatuto no XII Congresso Nacional Ordinário da Juventude Franciscana do Brasil, realizado nos dias 20 a 24 de fevereiro de 2004, em Curitiba, PR, elas serão aprovadas pelo Conselho da Ordem Franciscana Secular do Brasil. O presente estatuto atualiza e substitui o estatuto aprovado em 15, 16 e 17/11/96 pelo Conselho Nacional da O.F.S., reunido ordinariamente em São Paulo (SP). Aprovação esta, *ad experimentum*, até o Capítulo Nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil, a quem compete o direito de modificá-las e de interpretá-las.

Art. 31 - As disposições em contrário ficam revogadas pelo presente Estatuto.

DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES ENTRE A OFS E A JUFRA DO BRASIL

INTRODUÇÃO

1. Após longa caminhada, a Ordem Franciscana Secular (OFS) e a Juventude Franciscana (JUFRA) do Brasil estão de acordo com suas mútuas relações e intercomunhão.

2. Este Diretório quer ajudar a concretizar nas Fraternidades de todos os níveis o mútuo relacionamento e cooperação entre a OFS e a JUFRA no Brasil.

3. As normas constantes neste Diretório inspiram-se no longo diálogo exercido entre as direções nacionais da JUFRA e da OFS, em especial no chamado "Acordo de Anápolis" (1984), aclarado pela Assembléia Nacional da OFS em Nova Iguaçu em 1985 e nas resoluções do VI CONJUFRA, realizado em São Luís do Maranhão, em fevereiro de 1986.

4. Toda esta caminhada que, infelizmente, ainda não chegou de maneira adequada às bases, foi aclarada e confirmada pelas Constituições Gerais da OFS, aprovadas pela Santa Sé, a 8 de setembro de 1990, e confirmada pelas atuais Constituições Gerais da OFS, aprovadas pela Santa Sé, a 8 de dezembro de 2000.

5. Este Diretório apresenta aos irmãos e irmãs da OFS do Brasil e aos jovens da JUFRA, os Documentos referentes ao mútuo relacionamento entre a OFS e a JUFRA para serem conhecidos, aplicadas as constatações deles tiradas, e as normas concretas para serem seguidas.

I. OS DOCUMENTOS

1. A Assembléia (Capítulo) Nacional reunida em Anápolis, em 1984, referindo-se de modo especial à Juventude Franciscana, dizia:
"A Assembléia tomou conhecimento, com alegria, dos diversos movimentos de Juventude Franciscana, animados pela Ordem I e pela OFS. Todos eles são considerados caminhos válidos de ingresso na Família Franciscana".

2. Sobre a validade do Itinerário de Formação da JUFRA afirma especificamente o seguinte: "O Itinerário de Formação da JUFRA (agora, As Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil) é considerado válido como meio de ingressar na Ordem Franciscana Secular, observada as seguintes condições":

2.1. Que a respectiva Fraternidade Local ou Regional da OFS se responsabilize pelo processo de formação;

2.2. Que se garanta, durante a formação, especificamente na segunda etapa e seu tirocínio (agora, Etapa da Formação Franciscana), o estudo da Regra da OFS, com o acompanhamento de um membro credenciado pela Fraternidade Local ou Regional.

2.3. Recorra-se ao Conselho Regional, onde não houver Fraternidade local. Em caso de dúvida, deve-se seguir o que prescreve o item 23 da Regra (cf. Paz e Bem, julho/ agosto de 1984, p. 106).

3. A proposta analisada e aceita pelo Conselho Nacional é a seguinte:

3.1. A OFS aceita como válido para o Tempo de Iniciação, a primeira etapa de formação da JUFRA ou Formação Básica da JUFRA (FBJ).

3.2. A OFS aceita como Tempo de Formação para admissão à Profissão a segunda etapa de formação da JUFRA ou Etapa de Formação Franciscana (EFF), observadas as seguintes condições:

a) Que durante a Etapa de Formação Franciscana (EFF) se estude a Regra da OFS;
b) Que este estudo da Regra seja feito sob orientação do(a) Animador(a) Fraterno(a) designado pela OFS;
c) Feito isso, os(as) candidatos(as) aceitos(as) por um Conselho Local, professem numa Fraternidade, ou os candidatos aceitos pelo Conselho Regional professem, constituindo uma nova Fraternidade, conforme a Regra, as CCGG e o Ritual da OFS.

4. A Juventude Franciscana, reunida no VI Congresso Nacional em São Luís-MA, em fevereiro de 1986, ratificou o seu desejo de ser OFS.

Em vista disso declara:

4.1. Que seu Itinerário Evangélico de Formação (agora, Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil), enquanto engajamento na OFS, tem o objetivo de levar o jufrista à Profissão;

4.2. Concorda com a Profissão na OFS conforme a Regra CCGG e Ritual da OFS;

4.3. O jufrista, após o Treinamento de Renovação Franciscana (agora, Etapa de Formação Franciscana), tem plena liberdade para emitir a Profissão da Regra da OFS ou permanecer na JUFRA;

4.4. Aceita as condições do documento de Anápolis (feito pela JUFRA e OFS) para professar na Ordem Franciscana Secular;

4.5. A sua disposição de cultivar o bom relacionamento existente entre a JUFRA e a OFS em seus diversos níveis;

4.6. Salienta que qualquer divergência, surgida no decorrer da caminhada, está relacionada com posições pessoais de membros da JUFRA ou da OFS e não de posições coletivas do Movimento ou da Ordem.

5. As Constituições Gerais da OFS aprovadas pela Santa Sé no ano 2000, dedicam um título especial à Juventude Franciscana:

5.1. Artigo 96

1. A O.F.S., por força de sua própria vocação, deverá estar disposta a comunicar a sua experiência de vida evangélica aos jovens que se sintam atraídos por São Francisco de Assis e a procurar os modos adequados para apresentá-la.

2. A Juventude Franciscana (JUFRA), como é entendida nestas Constituições e pela qual a O.F.S. se considera particularmente responsável, é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em Fraternidade, a experiência da vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular.

3. Os membros da Juventude Franciscana considerarão a Regra da O.F.S. como documento de inspiração para o crescimento de sua vocação cristã e franciscana, tanto individualmente como em grupo. Depois de um conveniente período de formação, ao menos de um ano, confirmem esta opção com um compromisso pessoal diante de Deus e na presença dos irmãos.

4. Os membros da JUFRA que desejarem emitir a Profissão na O.F.S. deverão ater-se a quanto está previsto na Regra, nas Constituições e no Ritual da O.F.S.

5. A JUFRA tem organização específica, e métodos de formação e pedagógicos adequados às necessidades do mundo juvenil, segundo as realidades existentes nos diversos países. O Estatuto Nacional da JUFRA deverá ser aprovado pelo respectivo Conselho Nacional da O.F.S. ou, na sua falta, pela Presidência do CIOFS.

6. A JUFRA, como componente da Família Franciscana, solicitará aos responsáveis seculares e aos Superiores religiosos competentes, respectivamente, animação fraterna e assistência espiritual.

5.2. Artigo 97

1. As Fraternidades da O.F.S., por meio de iniciativas e dinâmicas apropriadas, promoverão a vocação juvenil franciscana. Cuidarão da vitalidade e expansão das Fraternidades de JUFRA e acompanharão os jovens em seu caminho de crescimento humano e espiritual com propostas de atividades e conteúdos temáticos.

2. As Fraternidades da O.F.S. se empenharão a dar às Fraternidades da JUFRA um animador fraterno que, junto com o assistente espiritual e o Conselho da JUFRA, assegurarão uma adequada formação franciscana secular.

3. Para promover uma estreita comunhão com a O.F.S., os responsáveis da JUFRA em nível internacional, e ao menos dois membros do Conselho Nacional da JUFRA, deverão ser jovens franciscanos seculares professos.

4. Um representante da JUFRA, designado pelo seu Conselho, fará parte do correspondente Conselho da O.F.S.; um representante da O.F.S., designado pelo seu respectivo Conselho, fará parte do Conselho da JUFRA de igual nível. O representante da

JUFRA terá direito a voto no Conselho da O.F.S. somente se for franciscano secular professo.

5. Os representantes da JUFRA no Capítulo Geral da O.F.S. serão eleitos de acordo com o Estatuto Internacional que determina, também, seu número, as Fraternidades que representam e suas competências.

II. CONSTATAÇÕES A PARTIR DOS DOCUMENTOS

1. As Constituições Gerais da OFS vieram lançar nova luz sobre o relacionamento entre a OFS e JUFRA:

1.1 A OFS interessa-se por grupos de jovens que se sentem atraídos por São Francisco de Assis e busca uma maneira adequada de promover estes grupos.

1.2. Existe um grupo de Jovens Franciscanos chamado JUFRA pelo qual a OFS se sente particularmente responsável.

1.3. Com a aprovação das Constituições Gerais da OFS, a Santa Sé concede uma personalidade própria a JUFRA em plano mundial, reconhecendo-a como integrante da Família Franciscana e ligada a OFS quanto à assistência espiritual, a sua promoção e animação fraterna.

1.4. A OFS tem como compromisso a Profissão da Regra. A JUFRA vincula-se à Regra como fonte de inspiração de vida cristã e franciscana. O Jufrista pode emitir a Profissão da Regra da OFS, observando o que prescrevem a Regra, as Constituições Gerais e o Ritual da OFS.

1.5. A JUFRA goza de organização própria, específica e métodos de formação adequados à necessidade do mundo juvenil e de sua pedagogia.

1.6. A JUFRA é reconhecida como integrante da Família Franciscana. Tem, por isso, assistência espiritual, por parte da Ordem I e da TOR, e animação fraterna por parte da OFS.

1.7. Os jovens franciscanos seculares professos devem ser os promotores da estreita comunhão entre a OFS e a JUFRA em todos os níveis

1.8. Os(as) irmãos(as) designados(as) pelo Conselho da OFS em seus níveis, para exercerem a Animação Fraterna serão membros dos Secretariados Fraternos da JUFRA, em seus níveis.

1.9. A OFS e a JUFRA têm, cada qual, organização própria; estão, porém, ligadas por profunda intercomunhão.

2. A JUFRA do Brasil sente-se ligada à OFS, com quem sempre deseja caminhar. O(A) jufrista caminhará para a OFS, não necessariamente, mas à medida em que se sentir vocacionado(a) a viver esta forma de vida emitindo a Profissão da Regra da OFS.

III. NORMAS CONCRETAS

1. A OFS, em todos os níveis, deverá promover a vida franciscana entre os jovens, dando atenção especial à JUFRA, pela qual é especialmente responsável, segundo as Constituições Gerais aprovadas pela Santa Sé.

2. Para que a caminhada da JUFRA com a OFS progrida sempre mais, as Fraternidades Locais criarão espaço para os jovens, no acolhimento, na dinâmica das reuniões e garantindo-lhes tarefas concretas dentro da Fraternidade. Os membros das Fraternidades devem ser conscientizados de que a Fraternidade pode ser organizada de diversas formas, inclusive em grupos, para melhor cultivar a vida fraterna (cf. Regra da OFS 21). Os jovens, por sua vez, sejam incentivados a acolherem os mais velhos e a se colocarem a serviço dos enfermos e idosos, no espírito de São Francisco e do Evangelho.

3. Quanto às etapas de Admissão à Ordem, observe-se o seguinte:

3.1. Os Conselhos da OFS reconhecem e aceitam como válida, para o Tempo de Iniciação, a Formação Básica da JUFRA.

3.2. Os Conselhos Locais das Fraternidades ou o Conselho Regional reconhecem e aceitam como Tempo de Formação para a admissão à Profissão da Regra da OFS a Etapa de Formação Franciscana, observadas as seguintes condições:

a) Que durante a Etapa de Formação Franciscana da JUFRA se estudem a Regra e as Constituições da OFS.

b) Que este estudo da Regra seja feito sob a orientação do(a) Animador (a) Fraterno(a), designado(a) pelo Conselho Local, ou, respectivamente, pelo Conselho Regional.

c) Que neste Tempo de Formação, o(a) candidato(a) à profissão participe ativamente da vida da Fraternidade.

4. O Tempo de Formação, deve durar no mínimo dois anos. Pode se iniciar no encerramento do Encontro Inicial da Etapa de Formação Franciscana da JUFRA. Para definir bem o Tempo de Formação, o seu início se fará pelo Rito de Admissão à OFS e pela inscrição numa Fraternidade, conforme o Ritual da OFS.

5. Os candidatos aceitos por um Conselho Local professarão a Regra da OFS na Fraternidade, conforme o artigo 23 da Regra e seguindo o Ritual da Ordem. Os candidatos aceitos pelo Conselho Regional constituirão uma nova Fraternidade.

6. Quanto à Profissão temporária ou imediatamente definitiva, observe-se o que se prescreve no Ritual da Ordem, ou seja, normalmente se fará logo a Profissão definitiva; caso se queira fazer preceder a definitiva pela Profissão temporária a ser renovada anualmente, não podendo superar três anos, em torno da mesma data, que isto seja definido pelo Conselho da Fraternidade.

7. Uma vez professo numa Fraternidade, o jovem, participando ativamente da vida da Fraternidade, poderá continuar participando da JUFRA dentro do espírito da Regra e Constituições Gerais, que prevêem a organização da Fraternidade em grupos.

8. Os Conselhos da OFS, em todos os níveis, terão como membros natos o(a) Secretário(a) Fraterno(a) da JUFRA, ou seu delegado(a), que terão direito a voto, se forem franciscanos seculares professos(as).

9. Os Secretariados Fraternos da JUFRA, em todos os níveis, solicitarão aos Conselhos da OFS dos respectivos níveis, a designação de um irmão(ã) professo(a) para exercer o serviço de animação fraterna. Este irmão(ã) seja o elo entre a Fraternidade de OFS e a JUFRA.

10. O(A) Animador(a) Fraterno(a) passará a integrar o Secretariado da JUFRA, em seus respectivos níveis, sem dispensar a ação do Conselho local, especialmente do(a) Ministro(a).

11. Estando as fraternidades de JUFRA ligadas a uma Fraternidade Local da OFS e, através dela, a Ordem I e a TOR, quando da nomeação de assistentes espirituais para a JUFRA, haja um diálogo com o respectivo Conselho da OFS.

12. A OFS e a JUFRA pedirão que os religiosos da Ordem I e da TOR tomem conhecimento e respeitem a profunda ligação que existente entre a OFS e a JUFRA.

13. A OFS e a JUFRA desejam, juntas, realizar o que foi expresso numa das opções do I Congresso Latino-Americano da OFS e JUFRA (Bogotá, 2-6 de agosto de 1985): "Considerando que na América Latina a maioria de seus habitantes são jovens e que este Continente foi chamado 'o Continente da esperança', fazemos estas opções":

13.1. A OFS acolhe com alegria e esperança a Juventude Franciscana (JUFRA) e se compromete a caminhar com os jovens franciscanos, acompanhando-os com o testemunho de uma vocação vivida com alegria e a ajudando-os em sua formação;

13.2. A JUFRA, que constitui para a OFS e para a Igreja uma riqueza pela generosidade e a criatividade, próprias dos jovens, compromete-se a colaborar ativamente na evangelização dos jovens da América Latina e a comunicar a outros jovens sua visão franciscana da vida;

13.3. Ambas, a OFS e a JUFRA, comprometem-se a se aceitarem mutuamente; a trabalharem unidas através do intercâmbio de experiências e iniciativas, e a darem uma demonstração de amor e de fraternidade aos seus povos.

14. Assim unidas e caminhando juntas, a OFS e a JUFRA, auxiliadas pelos Irmãos da Ordem I e da TOR, contribuirão para a construção da "Civilização do Amor, que foi proposta com insistência como objetivo a todos os homens, e que nós franciscanos sentimos como ideal de vida".

15. Esta atualização foi aprovada pelo XII CONJUFRA em Curitiba/PR, aos 21.02.2004. E confirmada sua aprovação com as alterações cabíveis, pelo XXIX Capítulo Nacional Ordinário da OFS, em São Paulo/SP, aos 04.03.2005.

DIRETRIZES DE FORMAÇÃO DA INFÂNCIA, MICRO E MINI-FRANCISCANOS

01. DEFINIÇÃO:

As diretrizes da Formação da Infância, Micro e Mini-Franciscanos são orientações para a caminhada formativa das crianças, pré-adolescentes e adolescentes franciscanos que se sentem motivados a conhecer e vivenciar a espiritualidade franciscana em Fraternidade.

02. OBJETIVO GERAL:

Proporcionar às crianças, pré-adolescentes e adolescentes, a descoberta e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como da espiritualidade franciscana, inserindo-os na vida da Igreja e posteriormente, em uma Fraternidade de JUFRA.

03. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

a) Preparar a criança, o pré-adolescente e o adolescente para o futuro ingresso em uma fraternidade de JUFRA;
b) Promover o desenvolvimento sadio e integral da personalidade infanto- juvenil;
c) Proporcionar o gosto pela vida em fraternidade, oferecendo às crianças, pré-adolescentes e adolescentes, condições de relacionamento consigo e com as outras pessoas;
d) Sensibilizar a criança, o pré-adolescente e o adolescente para as questões sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas, despertando uma visão crítica da realidade;
e) Despertar na criança, no pré-adolescente e no adolescente o espírito de liderança;
f) Despertar o compromisso cristão, na vivência da espiritualidade franciscana, cultivando o espírito de Oração;
g) Despertar para o relacionamento sadio e construtivo na vida familiar.

04. DOS NÍVEIS DE FORMAÇÃO:

As crianças, os pré-adolescentes e os adolescentes têm em suas Diretrizes da Formação os seguintes Níveis: Formação para a Infância-Franciscana, Formação para os Micro-Franciscanos e Formação para os Mini-Franciscanos.

05. DOS PERÍODOS DE DURAÇÃO:

As idades da Infância, Micro e Mini-franciscanos devem ser fixadas pelos Congressos Regionais de acordo com a realidade de cada regional. A idade de 15 anos para ingresso na JUFRA é o limite mínimo, podendo os Congressos Regionais elevar esse limite até os 18 anos (cf. Estatuto Nacional da JUFRA, art. 4). As durações apresentadas nestas diretrizes para cada nível de formação são apenas sugestões.

6.1. FORMAÇÃO PARA A INFÂNCIA-FRANCISCANA

01 – DEFINIÇÃO:

A Formação para a Infância-Franciscana é um período que visa despertar na criança o conhecimento do mundo ao seu redor, através do contato com outras crianças e da criação de um clima familiar e fraterno, desenvolvendo suas aptidões e capacidades em vista do bem comum.

02 – OBJETIVO:

Despertar na criança a descoberta da espiritualidade franciscana, introduzindo-a na vida da Igreja e na experiência de Fraternidade.

03 – DURAÇÃO:

Desde o seu ingresso, até que a criança complete a idade máxima de oito (08) anos para participar da Fraternidade de Micro-Franciscanos.

04 – DO CONTEÚDO:

A formação da Infância-Franciscana deve conter:

a) Formação Humana:

1) Sou uma pessoa no mundo;
2) Outras pessoas no mundo: meus irmãos;
3) Outros irmãos no mundo: plantas e animais;
4) Escola;
5) Minha família.

b) Formação Franciscana:

1) Quem é São Francisco;
2) Quem é Santa Clara;
3) Micro-Franciscanos.

c) Formação Religiosa:

1) Jesus;
2) Maria;
3) A Bíblia;
4) Minha Igreja.

6.2. FORMAÇÃO PARA OS MICRO-FRANCISCANOS

01 – DEFINIÇÃO:

A Formação para os Micro-Franciscanos é um período que visa despertar o pré-adolescente para a vivência fraterna, através do conhecimento do Cristianismo e do Franciscanismo, levando-o a participar e atuar em uma Fraternidade Local.

02 – OBJETIVO:

Despertar no pré-adolescente a vida em Fraternidade e para o conhecimento do Franciscanismo, inserindo-o na vida da Igreja.

03 – DURAÇÃO:

Dos nove (09) aos onze (11) anos, quando o pré-adolescente completa a idade mínima para ingressar na Fraternidade de Mini-Franciscanos.

04 – DO CONTEÚDO:

A formação dos Micro-Franciscanos deve conter:

a) Formação Humana:

1) A história da minha família;
2) Minha família e os sacramentos;

3) Alegrias de minha família;
4) A importância de minha família;
5) Escola e vivência em grupo;
6) Lazer - Exercícios de dinâmicas de grupo;
7) Afetividade

b) Formação Franciscana:
1) São Francisco;
2) Santa Clara;
3) Santa Rosa de Viterbo;
4) Valores Franciscanos
5) Família Franciscana;
6) Mini-Franciscanos.

c) Formação Religiosa:
1) Jesus Cristo;
2) Maria;
3) Os Apóstolos;
4) Festas da Igreja;
5) A Bíblia.

6.3. FORMAÇÃO PARA OS MINI-FRANCISCANOS

01 – DEFINIÇÃO:

A Formação para os Mini-Franciscanos é um período que visa despertar no adolescente a experiência de vida em fraternidade, motivando-o a ingressar na Fraternidade de JUFRA.

02 – OBJETIVO:

Despertar no adolescente a vivência em Fraternidade, através do aprofundamento do Cristianismo e do Franciscanismo.

03 – DURAÇÃO:

Dos doze (12) aos quatorze (14) anos, quando o adolescente completa a idade mínima para ingressar na Fraternidade de JUFRA.

04 – DO CONTEÚDO:

A formação dos Mini-Franciscanos deve conter:

a) Formação Humana:
1) Adolescente na vida familiar;
2) A escola e o adolescente;
3) Amizade;
4) Vivência grupal;
5) Liderança – quem é líder?
6) Afetividade e Sexualidade;
7) Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST;
8) Adolescente e os contra-valores da sociedade;
9) Nossa vida e os meios de comunicação social.

b) Formação Franciscana:
1) São Francisco de Assis;

2) Santa Clara;
3) Santa Rosa de Viterbo;
4) Vida em Fraternidade;
5) Francisco e a Natureza;
6) JUFRA e sua história;
7) Manifesto da Juventude Franciscana;
8) Família Franciscana;
9) Valores Franciscanos;
10) Espiritualidade Franciscana.

c) Formação Religiosa:

1) Mistério Trinitário;
2) Maria;
3) Igreja;
4) Sacramentos e Mandamentos;
5) Celebração Eucarística;
6) Oração;
7) Bíblia;
8) Evangelhos;
9) Comunidade Paroquial;
10) Vocação.

*** Estas Diretrizes foram aprovadas no XII CONJUFRA – Curitiba-PR, 21 a 24 de fevereiro de 2004.

ESTATUTO PARA A ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL E PASTORAL À ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Título I: Princípios gerais

Art. 1

1. O cuidado espiritual e pastoral do OFS foi confiado pela Igreja, em virtude da pertença à mesma família espiritual, à Primeira Ordem Franciscana e à Terceira Ordem Regular (TOR), às quais há séculos está ligada a Fraternidade secular[1].
2. De fato, os Franciscanos religiosos e seculares, por modos e formas diversas, mas em comunhao e reciprocidade vital, querem encarnar hoje na Igreja e na sociedade o carisma próprio de Francisco de Assis[2].
3. Por isso, em sinal concreto de comunhão e de corresponsabilidade, os superiores religiosos devem assegurar a assistência espiritual a todas as Fraternidades da OFS[3].

Art. 2

1. O cuidado espiritual e pastoral prestado apresenta dois aspectos:
   a) o serviço fraterno do *altius moderamen* por parte dos Superiores Maiores[4];
   b) a assistência espiritual às Fraternidades e aos seus Conselhos.
2. O *altius moderamen* visa garantir a fidelidade da OFS ao carisma franciscano, a comunhão com a Igreja e a união com a Família Franciscana[5].
3. A assistência espiritual tem por objetivo favorecer a comunhão com a Igreja e com a Família franciscana através do testemunho e partilha da espiritualidade franciscana, cooperando na formação inicial e permanente dos franciscanos seculares e manifestando o afeto fraterno dos religiosos à OFS[6].

Art. 3

1. Esse duplo serviço completa mas não substitui aquele dos Conselhos e dos Ministros seculares, aos quais compete a direção, a coordenação e a animação das Fraternidades nos vários níveis[7].
2. Ele é exercido de acordo com o presente Estatuto comum às quatro Ordens religiosas (OFM, OFMConv., OFMCap., TOR) e é exercido colegiadamente em todos os níveis, ou seja, dos superiores ao local[8].

---

[1] Cf. *Const. OFS* 85,1: "Na história franciscana e nas Constituições da Ordem Primeira Franciscana e da TOR aparece claramente que estas Ordens reconhecem que estão compromissadas, em virtude da origem e do carisma comuns e por vontade da Igreja, com a assistência espiritual e pastoral da OFS. Cf. *Constituições OFM*, 60; *Constituições OFMConv.*, 116; *Constituições OFMCap.*, 95; *Constituições TOR*, 157; *Regra da Ordem Terceira do Papa Leão XIII*, 3,3; *Regra aprovada por Paulo VI*, 26".

2 Regra, OFS, 1.

3 Cf. *Const.Gerais OFS* 89,1

4 Cf. *CIC* 303.

5 *Const. Gerais OFS* 85.2.

6 Cf. *Const. Gerais OFS* 89,3; 90,1.

7 Cf. *Const. OFS* 86, 2.

Art. 4

1. O presente Estatuto tem a finalidade de definir, de maneira unificada e concreta, o serviço do cuidado espiritual e pastoral à OFS, levando em conta a unidade da mesma Ordem.
2. Este Estatuto é aprovado pela Conferência dos Ministros Gerais. A ela cabe o direito de modificá-lo, e dar a respeito dele uma interpretação autêntica.
3. As disposições que não concordam com o presente Estatuto estão revogadas.

Título II: O Ofício dos Superiores Maiores

a. Princípios gerais

Art. 5

1. O acompanhamento espiritual e pastoral da OFS é, antes de tudo, dever dos Superiores maiores da Primeira Ordem e da TOR[9].
2. Eles exercem o seu ofício mediante:
   a) a ereção das Fraternidades locais;
   b) a visita pastoral;
   c) a assistência espiritual.
   Podem exercer esta tarefa pessoalmente ou mediante um delegado[10].
3. Os Superiores maiores franciscanos são responsáveis pela qualidade do serviço pastoral e da assistência espiritual, também nos casos onde para a nomeação do Assistente é necessária a autorização prévia de um Superior religioso ou do Ordinário do lugar[11].
4. Além disso, devem cuidar da formação e da motivação dos religiosos no que se refere à OFS e assegurar uma preparação específica aos Assistentes para que sejam idôneos e bem preparados[12].
5. Finalmente, devem aprovar o Regulamento interno das Conferência dos Assistentes espirituais a todos os níveis.

Art. 6

1. A ereção canônica de novas Fraternidades locais se realiza a pedido dos franciscanos seculares interessados, feita consulta prévia e com a colaboração do Conselho da OFS de nível superior, com a qual a nova Fraternidade estará relacionada conforme o Estatuto Nacional. É necessário o consentimento por escrito do Ordinário do lugar para a ereção canônica de uma Fraternidade fora das casas ou igrejas dos religiosos franciscanos da Primeira Ordem e da TOR[13].

---

8 Cf. *Const. Gerais OFS* 87, 1; 88, 5; 90, 3.
9 Cf. *Regra OFS* 26; *Const. OFS* 85, 2.
10 Cf. *Const. OFS* 86,1.
11 Cf. *Const. OFS* 89, 5.
12 Cf. *Const. OFS* 87, 3; *Regra OFS* 26.
13 Cf. *Const. OFS* 46,1.

2. A eventual passagem de uma Fraternidade local ao cuidado pastoral de outra Ordem religiosa franciscana realiza-se a teor das modalidades previstas pelo Estatuto nacional da OFS[14].
3. A visita pastoral constitui um momento privilegiado de comunhão com a Primeira Ordem e a TOR. Ela se realiza também em nome da Igreja, e serve para garantir a fidelidade ao carisma franciscano e favorecer a comunhão com a Igreja e a Família franciscana[15].

Art. 7

1. Os Superiores Maiores da Primeira Ordem e da TOR põem-se de acordo sobre o modo mais adequado de garantir a assistência espiritual às Fraternidades locais que dela estejam privadas por circunstâncias incontroláveis[16].

b. Os Ministros gerais

Art. 8

1. Os Ministros Gerais exercem colegiadamente o *altius moderamen* e a assistência pastoral em tudo que interessa à totalidade da OFS[17].
2. Compete, em particular à Conferência dos Ministros Gerais da Primeira Ordem e da TOR:
   a) cuidar das relações com a Santa Sé no que toca a aprovação dos documentos legislativos ou litúrgicos de competência da mesma;
   b) efetuar a visita à Presidência do CIOFS[18];
   c) presidir e confirmar a eleição da Presidência do CIOFS[19];
   d) aceitar, eventualmente, a renúncia do Ministro Geral da OFS[20].

Art. 9

1. Os Ministros Gerais exercem seu serviço em relação à OFS à norma do direito universal, das próprias Constituições e no respeito ao direito próprio da OFS. Têm a faculdade de erigir, visitar e encontrar Fraternidades locais da OFS assistidas pela respectiva Ordem.
2. Em relação à respectiva Ordem, cabe a cada Ministro Geral:
   a) nomear o Assistente Geral para a OFS, que sob a autoridade do Ministro Geral, trata dos assuntos referentes ao serviço à OFS[21];
   b) em caso de necessidade, confirmar ou nomear os Assistentes Nacionais pertencentes à respectiva Ordem.

c. Os Ministros provinciais

14 Cf. *Const. OFS* 47,2.
15 Cf. *Const. OFS* 95,1 e 3.
16 Cf. *Const. OFS* 88.4.
17 Cf. *Const. OFS* 87.
18 Cf. *Const. OFS* 92, 2 e 3.
19 Cf. *Const. OFS* 76, 2.
20 Cf. *Const. OFS* 73,1.
21 Cf. *Const. OFS* 91,.2 e 3.

Art. 10

1. Os Ministros Provinciais e os demais Superiores Maiores exercem suas faculdades em relação à OFS no território da respectiva jurisdição.
2. Onde mais Superiores Maiores têm jurisdição num mesmo território, eles combinam o modo mais adequado de desempenhar colegiadamente seu serviço às Fraternidades regionais e nacionais da OFS[22].
3. Devem, além disso, estabelecer colegiadamente as modalidades da nomeação dos Assistentes nacionais e regionais, bem como a quais Superiores os Conselhos nacionais e regionais devem dirigir-se para pedir o Assistente[23].

Art. 11

1. Os Ministros Provinciais e os outros Superiores Maiores, nos limites de sua jurisdiçao, asseguram a assistência espiritual às Fraternidades locais que lhes foram confiadas[24].
2. Compete particularmente a eles, em nome da respectiva jurisdição:
   a) erigir canonicamente novas Fraternidades locais, assegurando a elas a assistência espiritual;
   b) nomear os Assistentes espirituais[25];
   c) animar espiritualmente, visitar e fazer encontros com as Fraternidades locais assistidas pela respectiva Ordem;
   d) manter-se informados sobre a assistência espiritual prestada à OFS e à JUFRA[26].

Título III: O Ofício dos Assistentes Espirituais

a. Princípios gerais

Art. 12

1. O Assistente espiritual é a pessoa designada pelo Superior Maior competente para o exercício deste serviço em favor de uma determinada Fraternidade da OFS ou da JUFRA[27].
2. Para ser testemunha da espiritualidade franciscana, do afeto fraterno dos religiosos aos franciscanos seculares, e vínculo de comunhão entre a sua Ordem e a OFS, o Assistente espiritual seja de preferência um religioso franciscano, pertencente à Primeira Ordem ou à TOR[28].
3. O Assistente espiritual é membro de direito, com voto, do Conselho e do Capítulo da Fraternidade à qual presta assistência, e colabora com os mesmos em todas as atividades. Não goza do direito de voto nas questões econômicas nem nas eleições nos vários níveis[29].

---

22 Cf. *Const. OFS* 88,5.
23 Cf. *Const. OFS* 91,2.
24 Cf. *Const. OFS* 88,1.
25 Cf. *Const. OFS* 89, 2; 91, 3.
26 Cf. *Const. OFS* 88, 2.
27 Cf. *Const. OFS* 89, 2; 96, 6.
28 Cf. *Const. OFS* 89, 3.
29 Cf. *Const. OFS* 90, 2.

Art. 13

1. A tarefa principal do Assistente é favorecer o aprofundamento da espiritualidade franciscana e cooperar na formação inicial e permanente dos franciscanos seculares[30].
2. No Conselho da Fraternidade, nos Capítulos eletivos ou ordinários, ele age, respeitando sempre as responsabilidades e o papel dos seculares, dando-lhes a prioridade no que diz respeito à condução, à coordenação e animação da Fraternidade.
3. Participa ativamente, inclusive com o voto, nas deliberações e nas decisões tomadas no Conselho ou no Capítulo. Em particular, é responsável pela animação das celebrações litúrgicas e das reflexões espirituais durante as reuniões do Conselho ou do Capítulo.

Art. 14

1. A visita pastoral constitui um momento privilegiado de comunhão da Primeira Ordem e da TOR com a OFS. Ela é efetuada também em nome da Igreja, e serve para reavivar o espírito evangélico franciscano, assegurar a fidelidade ao carisma e à Regra, oferecer ajuda à vida das Fraternidades, consolidar o vínculo da unidade da OFS e promover uma maior inserção na Família Franciscana e na Igreja[31].
2. O visitador fortalece a Fraternidade em sua presença e missão na Igreja e na sociedade; verifica o relacionamento entre a Fraternidade secular e a religiosa; presta especial atenção aos programas, métodos e experiências na formação. Interessa-se pela colaboração e o senso de corresponsabilidade entre os dirigentes seculares e os Assistentes espirituais; certifica-se da qualidade da assistência espiritual que se presta à Fraternidade visitada; encoraja os Assistentes espirituais no seu serviço e promove sua permanente formação espiritual e pastoral[32].
3. A pedido do respectivo Conselho, um delegado da Conferência dos Assistentes realiza a Visita pastoral, respeitando sempre a organização e o direito próprio da OFS[33]. Por motivos urgentes e graves, ou no caso de omissão do Ministro e do Conselho em fazer o pedido, a Visita pastoral pode ser efetuada por iniciativa da Conferência dos Assistentes espirituais, ouvido o Conselho da OFS do mesmo nível[34].
4. É aconselhável fazer a Visita pastoral conjuntamente com a fraterna, entrando-se em acordo em sua programação. O Visitador ou os Visitadores comunicarão oportunamente ao Conselho interessado o objetivo e a programação da Visita. Verão os livros de registro e das atas, sobretudo, os das visitas anteriores, livro da eleição do conselho e da administração dos bens. Hão de elaborar um relatório da Visita efetuada, anotando-o em um adequado registro da Fraternidade visitada, e darão a conhecer ao Conselho do nível que efetuou a Visita[35].
5. Na visita à Fraternidade local, o Visitador ou os Visitadores se encontrarão com toda a Fraternidade, bem como com os grupos e seções em que ela se articula. Darão particular atenção aos irmãos em formação e àqueles irmãos que tenham pedido um

30 Cf. *Const. OFS* 90,1.
31 Cf. *CIC* 305.1; *Const. OFS* 92,1; 95,1.
32 Cf. *Const. OFS* 95.
33 Cf. *Const. OFS* 92, 2.
34 Cf. *Const. OFS* 92, 3.
35 Cf. *Const. OFS* 93, 2 e 4.

encontro pessoal. Procederão, se for o caso, à correção fraterna das faltas que vierem a encontrar[36].

Art. 15

1. O Assistente é nomeado pelo Superior Maior competente, ouvido o Conselho da Fraternidade interessada[37].
2. Onde mais de um Superior Maior está envolvido na nomeação de um Assistente, seguem-se as normas estabelecidas colegiadamente pelos Superiores com jurisdição no território[38].
3. A nomeação do Assistente seja feita por escrito e por um tempo limitado, com abrangência não superior a doze anos.
4. Quando não for possível dar à Fraternidade um Assistente espiritual, membro da Primeira Ordem ou da TOR, o Superior Maior competente pode confiar o serviço da assistência espiritual:
   a) a religiosos ou religiosas pertencentes a outros Institutos franciscanos;
   b) a Franciscanos seculares, clérigos ou leigos, especificamente preparados para este serviço;
   c) a outros clérigos diocesanos ou religiosos não franciscanos[39].

Art. 16

1. O número dos Assistentes, que fazem parte dos Conselhos nos distintos níveis, seja correspondente ao número das Ordens que efetivamente dão assistência as Fraternidades locais no âmbito da Fraternidade internacional, nacional e regional.
2. No nível internacional, nacional e regional os Assistentes, se forem mais de um, formam uma Conferência e prestam o serviço colegiadamente à OFS e à JUFRA[40].
3. Cada Conferência de Assistentes funciona de acordo com um regulamento interno próprio, aprovado pelos Superiores maiores respectivos.
4. Os Estatutos nacionais e regionais da OFS estabelecem o número de Assistentes que fazem parte do Conselho Nacional ou regional, como serão escolhidos e que tipo de participação terão.

b. Os Assistentes gerais

Art. 17

1. Os Assistentes Gerais são nomeados pelo respectivo Ministro Geral, ouvida a Presidência do CIOFS[41].
2. Eles prestam o seu serviço à Presidência do CIOFS, formam uma Conferência e exercem colegiadamente a assistência espiritual à OFS no seu conjunto[42].
3. É tarefa da Conferência dos Assistentes Gerais:

---

36 Cf. *Const. OFS* 93, 3.
37 Cf. *Const. OFS* 91, 3.
38 Cf. *Const. OFS* 91, 2; Cf. *acima* art. 10.
39 *Const. OFS* 89,4.
40 Cf. *Const. OFS* 90, 3.
41 Cf. *Const. OFS* 91, 3.
42 Cf. *Const. OFS* 90, 3a

a) colaborar com o Conselho internacional e sua Presidência na animação espiritual e apostólica da OFS e, em particular, na formação dos dirigentes seculares;
b) coordenar, a nível internacional, a assistência espiritual à OFS e à JUFRA;
c) promover o interesse dos frades e dos superiores no que se refere à OFS e a JUFRA;
d) providenciar a visita pastoral aos Conselhos nacionais da OFS[43] e a presença nos Capítulos eletivos nacionais [44].

Art. 18

1. O Assistente Geral tem o dever de manter informado o Ministro Geral e sua Ordem sobre a vida e as atividades da OFS e da JUFRA.
2. Deve, além disso, tratar dos assuntos referentes ao serviço da Assistência prestada pela sua Ordem à OFS e à JUFRA, encontrar-se com as Fraternidades locais assistidas pela sua Ordem e manter um relacionamentos fraternos constantes com os Assistentes de sua respectiva Ordem.

c. Os Assistentes nacionais

Art. 19

1. Os Assistentes Nacionais da OFS e da JUFRA são nomeados pelo Superior Maior competente, ouvido o respectivo Conselho Nacional[45]. Onde mais de um Superior Maior está envolvido na nomeação, seguem-se as normas estabelecidas colegiadamente pelos Superiores com jurisdição no território nacional[46].
2. Eles prestam o seu serviço ao Conselho nacional e exercem a assistência espiritual à Fraternidade nacional. Se forem mais de um, formam uma Conferência e prestam o serviço colegiadamente[47].
3. É dever da Conferência dos Assistentes Nacionais, ou do Assistente Nacional, se for único:
   a) colaborar com o Conselho Nacional no trabalho de animação espiritual e apostólica dos franciscanos seculares na vida eclesial e social do país e, em particular, da formação dos dirigentes;
   b) providenciar a visita pastoral aos Conselhos regionais da OFS[48] e garantir a presença nos capítulos regionais eletivos[49];
   c) coordenar em nível nacional o serviço de assistência espiritual, a formação dos Assistentes e a união fraterna entre eles;
   d) promover o interesse dos frades pela OFS e pela JUFRA.

43 Cf. *Const. OFS* 92,2.
44 Cf. *Const. OFS* 76, 2.
45 Cf. *Const. OFS* 91.2b e 3
46 Cf. *Const. OFS* 91.2b
47 Cf. *Const. OFS* 90, 3b
48 Cf. *Const. OFS* 93,1 e 2.
49 Cf. *Const. OFS* 76, 2.

Art. 20

1. O Assistente nacional deve informar aos Superiores Maiores e a sua Ordem a respeito da vida e atividades da OFS e da JUFRA no país.
2. Deve, além de tratar dos assuntos referentes ao serviço da Assistência prestado pela Ordem própria à OFS e à JUFRA, encontrar-se com as Fraternidades locais assistidas por sua Ordem no país e manter relacionamentos fraternos constantes com os Assistentes regionais e locais de sua respectiva Ordem.

d. Os Assistentes regionais

Art. 21

1. Os Assistentes Regionais da OFS e da JUFRA são nomeados pelo Superior Maior competente, ouvido o respectivo Conselho regional[50]. Onde mais de um Superior Maior está envolvido na nomeação, seguem-se as normas estabelecidas colegiadamente pelos Superiores com jurisdição no território regional[51].
2. Eles prestam seu serviço ao Conselho Regional e exercem a assistência espiritual à Fraternidade regional. Se forem mais de um, formam uma Conferência e prestam o serviço colegiadamente[52]
3. É dever da Conferência dos Assistentes Regionais, ou do Assistente Regional, se for um só:
   a) colaborar com o Conselho regional no trabalho de animação espiritual e apostólica dos franciscanos seculares na vida eclesial e social da região e, em particular, na formação dos dirigentes;
   b) providenciar a visita pastoral aos Conselhos locais da OFS[53] e garantir a presença nos capítulos locais eletivos[54];
   c) estimular em nível regional, o serviço da assistência espiritual, da formação dos Assistentes e a união fraterna entre eles;
   d) estimular o interesse dos Frades religiosos pela OFS e pela JUFRA.

Art. 22

1. O Assistente Regional tem a tarefa de manter informados os Superiores Maiores e a sua Ordem sobre a vida e as atividades da OFS e da JUFRA na região.
2. Deve, além de tratar as questões referentes ao serviço da Assistência prestado pela sua Ordem à OFS e à JUFRA, encontrar-se com as Fraternidades locais assistidas pela sua Ordem na região e manter relacionamento fraterno constante com os Assistentes locais da respectiva Ordem.

e. Os Assistentes locais

50 Cf. *Const. OFS* 91, 2 e 3
51 Cf. *Const. OFS* 91.2b
52 Cf. *Const. OFS* 9, .3b
53 Cf. *Const. OFS* 93,1 e 2.
54 Cf. *Const. OFS* 76, 2.

Art. 23

1. O Assistente Local é nomeado pelo Superior Maior, à norma do direito próprio, ouvido o Conselho da Fraternidade interessada[55].
2. O Assistente Local promove a comunhão no seio da Fraternidade e entre ela e a Primeira Ordem ou a TOR. De comum acordo com o Guardião ou Superior local, procura que se estabeleça uma verdadeira comunhão vital recíproca entre a Fraternidade religiosa e a secular. Ele promove a presença ativa da Fraternidade na Igreja e na sociedade.

Art. 24

1. O Assistente local, junto com o Conselho da Fraternidade, é responsável pela formação dos candidatos[56] e manifesta a sua avaliação sobre cada um dos candidatos antes da profissão[57].
2. Junto com o Ministro estabelece um diálogo com os irmãos que se encontrem em dificuldade, que têm a intenção de se afastar da Fraternidade ou que se comportem em grave contraste com a Regra[58].

55 Cf. *Const. OFS* 91, 2 e 3
56 Cf. *Const. OFS* 37, 2.
57 Cf. *Const. OFS* 41, 1.
58 *Const. OFS* 56,1 e 2 e 58,1 e 2.

ORIENTAÇÕES DE EVANGELIZAÇÃO PARA A JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

"A Evangelização leva-nos a uma **COMUNHÃO COM DEUS E COM AS PESSOAS**, como filhos e filhas amados, na medida em que nós, como Igreja vivemos o Mistério da Comunhão no Amor de Deus, Uno e Trino, seremos sinal de Salvação no mundo".

Qual é nossa missão? É Anunciar o Evangelho a toda a criatura.
"Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho" (1 Cor 9,16).

1º - A JUFRA é uma FRATERNIDADE de jovens leigos (as) inspirados pelo Espírito Santo para uma constante busca de viver profundamente o Batismo avançando nas águas mais profundas no carisma missionário franciscano e assumindo na comunidade o compromisso do seguimento de Jesus Cristo, que brota do seio de Deus o AMOR, a CONTEMPLAÇÃO e a MISSÃO, e se revela na vida de Jesus Cristo, o Missionário do Pai, os mistérios de Deus.

2º Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA tornam essa missão realidade, através de uma profunda experiência cotidiana de amor ao Cristo, pobre, humilde, crucificado e ressuscitado presente na santa EUCARISTIA, e em todas as pessoas humanas, sem distinção de cor, raça, sexo, religião, posição social ou nível econômico, mas com especial atenção aos mais simples e carentes, inspirados sempre pela espiritualidade de nosso Seráfico Pai São Francisco. Além disso, os (as) irmãos (ãs) da JUFRA sempre procurarão, de acordo com sua realidade, unindo com métodos diversificados e comuns, para tornar efetiva, a missão evangelizadora, própria de todos os discípulos e discípulas de Cristo, buscando sempre a santidade, possível em todos os estados de vida, sendo que todos os Jufristas nas suas respectivas etapas da formação são considerados missionários.

I - OBJETIVOS

3º - Os objetivos da orientação de evangelização para JUFRA, são para formar Jufristas em todos os aspectos da vida principalmente na espiritual e humana, para que amadurecidos na fé e na vida, possam comprometer-se com a pessoa de Jesus Cristo na construção do seu Reino definitivo buscando viver uma vida simples e santa testemunhando e anunciando o amor de Deus no mundo.

4º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA, haverão de evangelizar todo o povo de Deus, com renovado ardor missionário, sempre "**ATENTO AOS SINAIS DOS TEMPOS**", buscando recriar o seguimento de Cristo, através da inculturação do Evangelho, de uma vida simples, abraçando a pobreza evangélica, como sinal profético da presença do Reino de Deus no mundo.

5º - A JUFRA do Brasil haverá de formar e amadurecer os jovens para que sejam protagonistas da ação evangelizadora na Igreja do Brasil nas suas respectivas áreas de atuação.

6º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA deverão contribuir para a dinamização das atividades evangelizadora e pastoral em sua Igreja local, através do engajamento ativo na comunidade eclesial. Todos os jovens da JUFRA no Brasil terão como primeiro campo de missão sua família dando seu testemunho pessoal na sua casa e em seguida na Paróquia, devendo, portanto, estarem engajados em algum serviço pastoral.

7º - Desenvolver na fraternidade uma vida de irmãos fraternos dos que vivem em comunidade de amor. Levando para o mundo a mensagem de unidade na diversidade.

8º - Cooperar sempre na defesa da vida, da ecologia, dos direitos humanos e da família, participando de atividades ou desenvolvendo na medida do possível projetos na linha da educação formal ou informal e profissionalizante, na educação pela arte e pela saúde, que isso se proponham, sempre levando em consideração nosso carisma e a espiritualidade.

9º - Utilizar as diversas expressões artísticas como veículo de Evangelização, sem nunca desligar esta prática do nosso carisma e espiritualidade. Transformando a musica, a poesia, a cor e o movimento em instrumentos que possibilitem a experiência de homens e de mulheres com Deus, que é o autor da vida, aquele que nos pintou com perfeição.

10º - A JUFRA, sem jamais diminuir seu zelo e seu empenho na ação evangelizadora, haverá de comprometer-se também, enviando jovens a outros lugares e articular a participação em MISSÕES POPULARES na comunidade paroquial ou em outros lugares quando possível e solicitado.

11º - Colaborar ativamente para a animação da vida litúrgico-sacramental nas paróquias e comunidades, onde a JUFRA do Brasil estiver inserida e presente.

12º - Proporcionar aos irmãos da fraternidade formação voltada para a missão e evangelização tendo como temas básicos: relações humanas, político-social, eu e a bíblia, pastorais sociais, catequese, celebrações litúrgicas, franciscana/missionária, e ecumênica para ajudar na inserção, conhecimento e manutenção do serviço da ação evangelizadora.

II - OS PRINCÍPIOS DA EVANGELIZAÇÃO

13º - A JUFRA no Brasil, por meio da evangelização, haverá de empenhar-se também na criação organização e acompanhamento das novas fraternidades que poderão surgir através da evangelização ativa no qual o secretariado regional será o primeiro responsável em dar todo e qualquer apoio.

14º - As Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) que são redes de pequenas comunidades, tornando viva a dinâmica do Evangelho. Estando os missionários da JUFRA engajados e comprometidos com a "**opção preferencial pelos pobres",** numa busca constante de ligar fé e vida, aliem-se àqueles que constituem a base da pirâmide social.

15º - Para fomentar na Igreja o jeito de ser das Ceb's, em comunhão com os pastores da Igreja, a JUFRA no Brasil, haverá de lutar incansavelmente para que: Na Fraternidade haja um verdadeiro compromisso em promover o engajamento nas comunidades eclesiais de base, através de seu compromisso assumindo uma ajuda na formação e animação em encontros das comunidades sem prejudicar a vida da fraternidade que é a unidade básica de vivencia do carisma franciscano.

16º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA, sempre alimentados pela **ORAÇÃO**, pela **SAGRADA ESCRITURA** e pela **EUCARISTIA**, buscarão viver continuamente a solidariedade com os excluídos e marginalizados da sociedade.

17º - Todos os (as) irmãos (ãs) da JUFRA deverão se reunir uma vez por mês para que fortalecidos com momentos fortes de oração e contemplação planejem ações evangelizadora.

18º - O Assistente Espiritual e Animador Fraterno serão orientadores como também fazem parte das atividades missionárias a serem realizadas pela fraternidade.

19º - Que os (as) irmãos (ãs) da JUFRA dediquem-se na evangelização ao serviço pastoral e comunitário sem prejudicar sua vida pessoal e familiar, suas atividades profissionais, condições financeiras, ou relação matrimonial. Realizando suas atividades profissionais e provendo seu próprio sustento, sem esquecer de que o mundo precisa ardentemente de sua presença ativa e de seu testemunho pessoal de vida.

20º - Sendo proveitoso para o crescimento do Reino de Deus a fraternidade deverá, dentro de suas possibilidades nos seus repetíveis níveis ter um (uma) Subsecretario (a) de Ação Evangelizadora dedicado ao serviço da evangelização, trabalhando em atividades, projetos ou empreendimentos desenvolvidos pela fraternidade. A Subsecretaria de Ação Evangelizadora será coordenado por um Jufrista que tenha compromisso e uma boa caminhada na JUFRA que dá testemunho de vida para os irmãos e para o mundo.

21º - Além das reuniões para oração e formação, a fraternidade deverá encontrar-se também em momentos para o lazer e recreação, que ajuda aos jovens a vivenciarem toda a formação que receberam e mostrando ao mundo uma nova maneira saudável de brincar e se divertir sem agredir a si e ao próximo podendo ser outro instrumento de evangelização: as descontrações fraternas.

22º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA devem viver a liberdade de consciência, podendo exercer em suas respectivas localidades atividades políticas e sociais, lutando sempre pela justiça social, a paz e a cidadania, levando em consideração nosso carisma e espiritualidade, de modo que não atrapalhe o chamado fundamental de Deus e de sua vocação.

23º - A JUFRA sendo uma fraternidade de jovens leigos (as), terá um compromisso. Os jufristas serão Missionários e Missionários que se doam à obra das MISSÕES, aos serviços da JUFRA da Igreja e da sociedade. Que buscam viver o mesmo carisma e espiritualidade lembrando sempre dos Conselhos Evangélicos, pobreza, obediência e castidade trazendo para a realidade dos leigos (as), recebendo formação específica na sua caminhada missionária, sendo aqueles e aquelas que assumem, na íntegra, todo o ser de pertencer e existir a JUFRA do Brasil.

III - O CARISMA DA JUFRA PARA EVANGELIZAÇÃO

24º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA são chamados pelo Espírito Santo para testemunharem e anunciarem o **AMOR DE DEUS** ao seu povo através do acolhimento, do serviço e da simplicidade de suas vidas, no desempenhar de suas atividades profissionais, de sua vida familiar e social do seu testemunho na oração e no engajamento eclesial.

25º - Para vivenciar o carisma na JUFRA, os (as) irmãos (ãs) poderão utilizar todos os meios disponíveis e lícitos, tais como: arte, encontros, retiros, trabalhos em instituições educacionais ou hospitalares, de assistência social, e meios de comunicação acessíveis a sua realidade local.

IV - A ESPIRITUALIDADE DO JUFRISTA MISSIONÁRIO

26º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA devem cultivar uma intensa vida espiritual, alimentada pela **ORAÇÃO**, pela **PROCLAMAÇÃO E MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS,** pela **EUCARISTIA** e pela **PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA**. Cada irmão (ã), diariamente, de acordo com suas possibilidades, dedique algum tempo do seu dia ao silêncio, à oração, e à união intima com Jesus.

27º - Deverão ser lembradas e celebradas datas que são importantes para o Jufrista: Festas da Família Franciscana e Festas da Igreja.

V - CARACTERÍSTICAS DO JUFRISTA MISSIONÁRIO

28º - Os (as) jufristas quando estiverem em missão devem sentir-se inspirados e atraídos por Deus e por sua luz, respondendo generosamente a esse chamado. Que ele ou ela não vá para a missão por conta próprio na busca de solucionar todos os problemas do mundo, e que sua missão seja encarada com amor, pois essa é a sua vocação. Esteja sempre na presença de Deus, buscando sempre o discernimento e impulsionado a ir com cuidado ao encontro do outro, do diferente.

29º Na sua missão espiritual sejam construtores do Reino de Deus no coração dos homens; levando Deus às pessoas e as pessoas a Ele; Vivendo tudo por amor de Deus; e partilhando o bem que recebeu Dele com fé.

30º -Devendo sempre estar atento à sua missão sendo um enviado de Deus. Reserve na fraternidade a prioridade sobretudo atividades pastorais; Conheça com sensibilidade as necessidades locais; Seja discípulo e ponha-se ao serviço; Sair do comodismo de sua casa e abra-se ao diálogo respeitando tudo e todos vivendo seu serviço com relação fraternal.

31º -Trabalhando para implantar novas fraternidades da JUFRA dando a conhecer a Jesus através de Francisco e Clara; encarnando o carisma franciscano por onde passar com seu testemunho de vida; suscitar vocações e acompanhar os novos jovens; colaborar com o crescimento da Família Franciscana (OFS/JUFRA) na promoção vocacional. Evangelizando com a vida, com o testemunho e com um bom exemplo. Que você esteja numa fraternidade para viver sua fé do que para levar seus interesses pessoais; se converta antes de converter os outros.

32º -Anunciando Jesus e sua palavra salvifica, transmitindo aos outros o Jesus que vive em você, com palavras breves e sensatas. Una ação à contemplação, colaborando com Deus e seu projeto; sua força está na oração, na leitura da Palavra de Deus e na Eucaristia; seja um jovem de fé, anunciando Jesus sempre com alegria e amor.

VI - A IDENTIFICAÇÃO DO JUFRISTA MISSIONÁRIO

33º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA serão identificados pelo uso diário do TAU que será de madeira em um cordão simples, na qual estará presente o símbolo do franciscanismo, símbolo do amor e entrega total.
O TAU será símbolo comum a todos os (as) irmãos (ãs) da JUFRA nas diversas etapas da formação.

34º - Os (as) irmãos (ãs) da JUFRA, assumirão estas orientações como fonte inspiradora para as ações evangelizadoras da Fraternidade, ficando abertas à procura de outras fontes de pesquisas para ajudar na formação e missão.

35º – Estas orientações de evangelização ajudará no amadurecimento do (a) jufrista sendo utilizado por todas as Fraternidades da Juventude Franciscana do Brasil, nos diversos níveis, naquilo que o couber.

Fortaleza, Ceará, 23 de setembro de 2006.

Marcio William Alencar de Castro
Subsecretário Nacional de Ação Evangelizadora da JUFRA do Brasil

ORIENTAÇÕES ECONÔMICO-FINANCEIRAS DA JUFRA DO BRASIL

APRESENTAÇÃO:

É com muita satisfação que o secretariado fraterno nacional da JUFRA do Brasil apresenta aos irmãos e às irmãs da JUFRA algumas orientações básicas econômico-financeiras, no propósito de levarmos a conhecimento de cada jufrista a real importância de uma base econômico-financeira na fraternidade da JUFRA. O mesmo tem também por objetivo apresentar o papel de cada membro da fraternidade na solidez desta base, que na realidade os irmãos e irmãs são a própria sustentação da fraternidade.

A JUFRA, assim como a OFS, é organizada desde a fraternidade local até a grande fraternidade nacional e internacional. Assim como a JUFRA, toda a organização humana exige gastos financeiros, principalmente quando esta é regida por um Estatuto que apresenta objetivos exclusivamente religiosos, educacionais e sociais. Desta forma, todos são convidados a contribuir na organização, manutenção e vida da fraternidade, nos diversos níveis.

Atualmente, atingimos este objetivo através da contribuição fraterna, fonte principal de arrecadação.

Pretendemos levar estas orientações às fraternidades, nos diversos níveis, a fim de realizar um trabalho de conscientização com caráter informativo e formativo com os próprios jufristas, ajudando-os a realizar o serviço financeiro da fraternidade.

1- INTRODUÇÃO:

"A regra apela para a generosidade dos irmãos"
(Frei Alberto Beckhauser, OFM - Fonte: Revista Paz e Bem, 1990/3, pág. 76 e 77)

A JUFRA do Brasil, em toda a sua história, seguiu e trilha nesta mesma linha de inspiração e praticidade, pois a JUFRA depende financeiramente de todos os seus membros, iniciantes ou não, independentes de sua classe social.

O secretariado fraterno é um conselho formado para representar a JUFRA nos diversos âmbitos.

Das muitas atribuições do secretariado fraterno, uma delas é criar condições para que os jufristas assumam o seu papel de franciscano na igreja e no mundo. Para que isso ocorra, o secretariado deverá promover muitas atividades. Por isso, o secretariado depende financeiramente da co-responsabilidade de cada jufrista para o pagamento de suas despesas. Que despesas são estas? São despesas com correio, material de expediente, viagem dos membros do SFN para as reuniões ordinárias, encontros e cursos de formação, telefonemas e até mesmo publicações de livros e apostilas para as Fraternidades Regionais.

Qualquer jufrista, dentro dos critérios, pode participar do secretariado fraterno nos diversos níveis. E o que acontece? Acontece que esse mesmo jufrista não tem recursos financeiros e não será excluído por isso. Desta forma, todos os irmãos e suas respectivas fraternidades contribuirão para que aquele jufrista possa desempenhar o seu papel como membro do secretariado fraterno, pois o mesmo está a serviço da JUFRA.

CAPÍTULO I - DA PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA DO ANO

Art. 1° - Anualmente, no mês de dezembro, o Secretariado Fraterno Nacional elaborará uma previsão orçamentária da soma das despesas do ano seguinte, de acordo com os valores correntes do mês em que está sendo elaborada a previsão.

CAPÍTULO II - DO VALOR DA CONTRIBUIÇÃO FRATERNA

Art. 2° - O Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA do Brasil, com base na sua previsão orçamentária e nas condições financeiras de cada região, calculará o valor da contribuição fraterna para o ano seguinte. Valor este a ser arrecadado através dos regionais para suprir as despesas previstas nos termos do artigo anterior.

§ 1° - O valor da contribuição fraterna, também pode ser definida em Congresso Nacional, com 2/3 dos convocados presentes.

§ 2° - As possibilidades financeiras de cada regional, será devidamente discutida e definida em Congresso Nacional e/ou Reunião Ordinária de Avaliação e Planejamento do Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA.

§ 3° - Os secretariados fraternos regionais, nas suas previsões orçamentárias, acrescentarão o valor da contribuição fraterna a ser repassado para o secretariado fraterno nacional.

CAPÍTULO III - DA ARRECADAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO FRATERNA

Art. 3° - A contribuição fraterna será arrecadada das fraternidades locais por intermédio dos seus respectivos regionais.

§ 1° - As fraternidades locais dividirão o valor da contribuição fraterna em proporção aos irmãos e irmãs contribuintes.

Art. 4° - As fraternidades locais arrecadarão anualmente a contribuição fraterna durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

CAPÍTULO IV - DO FUNDAMENTO DA CONTRIBUIÇÃO FRATERNA

Art. 5° - A contribuição fraterna, é um valor anual, obtido pelas fraternidades locais de cada um de seus membros ativos, na medida de suas próprias possibilidades, a fim de contribuir para o pagamento das despesas dos secretariados fraternos regional e nacional.

CAPÍTULO V - DA INSUFICIÊNCIA DA CONTRIBUIÇÃO FRATERNA

Art. 6° - Não sendo atingindo o valor da contribuição fraterna arrecadado pelos regionais, os mesmos incentivarão as respectivas fraternidades locais a promoverem eventos apropriados, que visem levantar fundos complementares.

CAPÍTULO VI - DO REPASSE DA CONTRIBUIÇÃO FRATERNA

Art. 7° - O repasse da contribuição fraterna arrecadada pelos regionais, será efetuado anualmente, no dia 6 de março ao secretariado fraterno nacional.

2- SUBSECRETARIA DE FINANÇAS

O SEU SUBSECRETÁRIO:

Na JUFRA, o tesoureiro da fraternidade é denominado como subsecretário de finanças. É o responsável pelo setor financeiro da fraternidade, ou seja, a subsecretaria de finanças da fraternidade.

A SUA FUNÇÃO:

Administra as finanças, responsabilizando-se pelo dinheiro da fraternidade. Elabora meios mais fáceis e eficazes dos jufristas colaborarem através da contribuição fraterna, e se for necessário, através de eventos promocionais.

EVENTOS PROMOCIONAIS:

São exemplos de eventos promocionais: bingos integrativos - fraternidade X comunidade; rifas de brindes; bazares de semi-novos (roupas, calçados, objetos em geral); barracas de comidas típicas, salgadinhos e doces; almoços e jantares de confraternização; vendas de materiais da própria fraternidade, etc.

CONTA BANCÁRIA:

A abertura de uma conta bancária para a fraternidade, ficará a critério do secretariado fraterno. Se for necessário, o subsecretário de finanças e o secretário fraterno deverão ser os titulares. Os mesmos deverão manter em dia a movimentação bancária.

PRESTAÇÃO DE CONTAS;

Independente da fraternidade possuir ou não uma conta bancária, o subsecretário de finanças deverá prestar contas de toda a sua movimentação para a fraternidade.

O tempo limite para se fazer uma prestação de contas deverá ser de 3 meses, no caso da fraternidade local e para as fraternidades regionais e nacional, a prestação de contas deverá ser feita em cada reunião do secretariado fraterno e uma prestação de contas geral do ano.

COMO PRESTAR CONTAS:

A prestação de contas deverá ser clara e objetiva e principalmente que não deixe nenhuma dúvida ou desconfiança. Por isso, a importância de manter em dia a escrituração dos livros contábeis da fraternidade, ou seja, transcrever para o livro-caixa toda a movimentação financeira que o subsecretário de finanças realizar.

Outro ponto importante é arquivar todos os documentos referentes a receita, despesas e depósitos bancários. Com eles, o subsecretário de finanças poderá comprovar o que escreveu no livro-caixa.

O subsecretário de finanças é responsável também pela arrecadação e remessa da contribuição fraterna.

Assim, lê-se no artigo 18 do V Capítulo *(Do Patrimônio, da Contabilidade e do Orçamento)*: "A receita da JUFRA nos diversos níveis será constituída de:
1- Contribuição do jufrista associado que é definida em Congresso.

Este pequeno item do Estatuto Nacional, atualmente é o que fundamenta toda a base econômico-financeira da JUFRA. A solidez desta base encontra-se na co-responsabilidade financeira dos próprios jufristas, membros ativos da fraternidade.

Todos são convidados a manter a fraternidade viva e reanimada para o bem comum de todos.

Recomendações:

Com certeza, ainda surgem muitas dúvidas nas fraternidades locais, principalmente daqueles jufristas que estão iniciando sua caminhada na JUFRA. Uma delas é provavelmente: *" Se não tenho condições financeiras para colaborar, tampouco de dar a minha parte da contribuição fraterno, como faço? Não posso participar da fraternidade?"* Claro que não, nenhum jufrista deverá ser excluído da fraternidade por causa das suas limitações financeiras. Temos que ter a sensibilidade em ver as dificuldades de cada irmão, principalmente daqueles jovens que não têm oportunidades no mercado de trabalho. Sabemos também que a JUFRA, é constituída, na maioria das vezes, de jovens que apenas estudam e dependem dos pais.

O capítulo IV destas orientações nos mostra a resposta, que diz o seguinte:

Art. 5° - A contribuição fraterna, é um valor anual, obtido pelas fraternidades locais de cada um de seus membros ativos, na medida de suas próprias possibilidades...

O artigo está bem claro, todos são convidados a contribuir, entretanto, de acordo com as suas possibilidades. Quem pode mais, dê mais; Quem pode menos, dê menos.

Pode ter restado a seguinte dúvida: "*Se a fraternidade tem arrecadar entre seus membros o valor da contribuição fraterna e repassar ao secretariado fraterno de nível superior, como poderá cada um contribuir na medida de suas próprias possibilidades?"*

É simples. Vejamos a seguinte diferença: cada jufrista deve contribuir para a JUFRA, entretanto, o Secretariado Fraterno Regional arrecadará a contribuição fraterna por fraternidade, independente do número de jufristas existentes. Por tanto, toda fraternidade local é responsável pelo envio da contribuição fraterna.

Surge uma última pergunta: *" Se a minha fraternidade não conseguir arrecadar o valo da contribuição fraterna, podemos repassar apenas o que conseguimos e ficar devendo o restante?"*
O que vocês podem fazer é o seguinte: colocar em prática o que está descrito no capítulo V destas orientações: *Art. 6° - Não sendo atingindo o valor da contribuição fraterna arrecadado pelos regionais, os mesmos incentivarão as respectivas fraternidades locais a promoverem eventos apropriados, que visem levantar fundos complementares.*

CONCLUSÃO:

Está evidente que JUFRA necessita de uma sólida base financeira, a partir da colaboração de cada irmão e irmã que faz parte de alguma fraternidade, pois um organismo vivo precisa de todas as suas células para funcionar bem.

A JUFRA, como movimento secular, tem uma missão a cumprir: levar os jovens, em fraternidade, a experimentarem a vivência cristã do Evangelho, inspirados na luz do carisma franciscano.

Independentemente das condições financeiras, não devemos deixar de assumir esta missão e abraçar o ideal franciscano.

Esperamos que estas orientações sirvam de luz para a vida de cada um na fraternidade.

Fortaleza - CE, 22 de agosto de 2004

ORIENTAÇÕES PARA ELEIÇÕES REGIONAIS

Caríssimo Irmão Subsecretário Nacional para a Área,

Paz e Bem!

Como é do nosso conhecimento, este ano teremos alguns Congressos Regionais Eletivos nos quais se faz necessária a presença do Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA. Porém, nem nossa fraternidade Nacional, nem nossas fraternidades Regionais dispõem de recursos financeiros para sustentar as viagens do Secretário Fraterno Nacional.

Portanto, a sua participação como membro do Secretariado Fraterno Nacional e como representante do Secretário Fraterno Nacional na sua área deverá ser solicitada para presidir esse(s) Congresso(s) Regional(is) Eletivo(s).

Esta correspondência tem o objetivo de trazer a você, irmão Subsecretário Nacional, algumas orientações para o bom andamento das eleições. Isto não é um documento, mas pretende auxiliá-lo em eventuais dúvidas, através da observância de alguns documentos.

Documentos

Para a eleição do Secretário Fraterno Regional deve ser observado o Estatuto da JUFRA da correspondente região, caso exista e já esteja aprovado. Na sua falta observa-se o Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil, com as devidas adaptações (onde consta nacional adapta-se regional). Deve ficar claro que existem pontos ou artigos que são específicos do Secretariado Fraterno Nacional e que não faz sentido a adaptação. Deve ser observada também a realidade da região para algumas adaptações.

Nos casos omissos ou particulares da região, a assembléia eletiva tem poder para decidir. Porém, muito cuidado, pois não se pode ir de encontro a nenhum documento já promulgado!

Recomendamos ao subsecretário que tenha bem claro estes documentos e outros da OFS, como as Constituições Gerais e Estatuto da Assistência Fraterna, no que for de interesse para a eleição, antes da realização do congresso.

Antes do Congresso

Algumas atitudes práticas antes da realização do congresso são da responsabilidade do Subsecretário Nacional da Área, e importante para quem vai presidir a eleição:

- ficar a par, na medida do possível, da realidade regional, de sua organização e de seus problemas, pois isto influi no processo eletivo;
- saber com certeza a data, o local e a programação do congresso com bastante antecedência e não durante o congresso, para não acontecer imprevistos, como por exemplo, não participar integralmente de todo o congresso, mas apenas estar presente no momento da eleição. Isto não deve acontecer;
- orientar o Secretariado Fraterno Regional no que for necessário para o bom andamento do congresso e do processo eletivo, como por exemplo, lembrá-los para que providenciem cédulas de votação assinadas, ter na sala um quadro de giz, preparar orações para os momentos e cópias para todos etc., recomendar que não esqueçam de que haja um momento formativo;
- orientar o Secretariado Fraterno Regional para que realize uma sondagem antes do congresso eletivo. Os irmãos de toda a região indiquem nomes de irmãos e irmãs que possam servir à

fraternidade Regional. O Subsecretário Nacional para a Área deve ter conhecimento das pessoas indicadas;

- cobrar do Secretariado Fraterno Nacional a delegação para presidir o congresso (se for o caso) e outro material ou documento necessário para o bom andamento de sua função e do congresso;
- orientar quanto a organização do material a ser repassado para o novo Secretariado Fraterno Regional. É de fundamental importância que o novo secretariado receba organizado os arquivos, o material de expediente, as propostas encaminhadas e outras informações e materiais que façam parte do secretariado fraterno. Todos devem ter consciência de que tudo o que faz parte do secretariado não pertence a uma única pessoa, mas sim a uma fraternidade, portanto, algo que se tenha deve ficar ao alcance de todos e não na casa de um ou de outro.
- outras providências que julgar necessárias, com o devido discernimento, clareza e humildade, deixando o Secretariado Fraterno Nacional ciente de seus atos.

Durante o Congresso e antes da eleição

- procurar conversar com os membros do Secretariado Fraterno Regional sobre a importância da clareza e fraternidade com os novos irmãos que irão assumir. Importantíssimo é que eles sejam orientados e deixados bem esclarecidos quanto aos projetos que o secretariado desenvolveu, quais estão em andamento e quais as propostas futuras; orientados quanto à situação das fraternidades locais e que, quando eles deixarem as funções, tem obrigação de contribuir com o Secretariado Fraterno Regional em suas fraternidades locais, ou em outra função, se solicitados;
- procurar auxiliar os irmãos quando houver dúvidas.

Roteiro para eleição

O Secretariado Fraterno Nacional não tem definido um roteiro para a realização da eleição regional. Tomamos como modelo o Roteiro para a realização do Capítulo Eletivo da OFS, que encontramos no livro: **Vida em Fraternidade**, capítulo IX. Recomendamos que o subsecretário antes de presidir uma eleição, faça a leitura deste capítulo e do seguinte, **Orientações para as eleições**.

Abaixo, temos uma seqüência para a eleição baseada nos documentos acima citados:

- *iniciar com uma motivação espiritual*;
- *escolha dos auxiliares para a eleição*:
  - um redator, que escreverá no quadro o nome dos candidatos, o número de votos ...;
  - os escrutinadores que distribuem e recolhem as cédulas, conferem o número de votantes e de cédulas, durante a contagem anunciam os nomes votados em voz alta... Se acaso for necessária alguma votação antes da eleição, os escrutinadores e o redator podem ser escolhidos em um momento anterior ao momento da eleição.
- *palavra do Secretariado Fraterno Regional e deposição dos cargos*

Orientar para que o Secretariado Fraterno Regional prepare algumas palavras de agradecimento e para a deposição dos cargos, que cada um tenha a cópia das palavras que se utilizará.

- *verificar o número de votantes*

Deve-se ter, segundo o Estatuto Nacional, em primeira convocação a presença da maioria absoluta dos convocados, e em segunda convocação, uma hora depois, 1/3 dos convocados.

Os escrutinadores fazem a contagem dos irmãos presentes com direito a votos e o representante Nacional, confere, em uma lista com o número de convocados, se o número de presentes está de acordo com o que determina o estatuto. Para facilitar a contagem, convém separar os irmãos e irmãs votantes dos não votantes.

Deve-se avisar que iniciada a eleição não se deve deixar a sala sem licença da Mesa Diretora.

- *momento de formação e informação quanto a eleição*

Antes de se iniciar a eleição propriamente dita é importante algumas palavras de esclarecimento, informação e formação. Pode constar dos pontos;

- *composição do Secretariado Fraterno Regional e mandatos*

O Estatuto Regional (se houver) ou o Nacional, esclarece quais as funções básicas para compor o Secretariado Fraterno Regional e a duração do mandato. É importante esclarecer que apenas o Secretário Fraterno Regional é eleito. Os outros irmãos e irmãs assumirão as outras funções por nomeação feita pelo Secretário eleito, com discernimento, fraternidade e humildade, para o bem da fraternidade Regional e fraternidades Locais. Podem acontecer de serem criadas outras subsecretarias de acordo com a necessidade regional.

- *esclarecer quem pode votar e ser votado*

O Estatuto Regional (se houver) ou o Nacional esclarecem este ponto.

- *a corresponsabilidade e a importância do voto*

Todos os irmãos presentes tem a corresponsabilidade de colaborar para que a fraternidade regional desenvolva seus trabalhos da melhor forma possível. Isto implica respostas as comunicações, sugestões e esclarecimentos ao Secretariado Fraterno Regional, ter em dia a contribuição financeira, evitar problemas nas fraternidades locais, entre outros. Lembrar que o exercício do direito de votar deve ser feito com consciência, pois nas mãos de cada um está a caminhada do Secretariado Fraterno Regional para os próximos anos. Daí surge a corresponsabilidade.

- *número de votos*

Para a eleição do Secretário Fraterno Regional se requer a maioria absoluta (metade mais um), expresso de forma secreta. Em caso de dois escrutínios ineficazes, ou seja, que um candidato não tenha alcançado a maioria absoluta, procede-se por desempate entre os dois candidatos que tenham obtido o maior número de votos. Se são mais de dois, procede-se entre os dois candidatos mais antigos desde o Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA. Se, depois do terceiro escrutínio, permanece empate, considera-se eleito aquele que é mais antigo desde o Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA.

- *reeleição*

É permitida apenas uma reeleição a função de Secretário Fraterno Regional.

- *Não se eximir da aceitação de qualquer encargo e o exercício de qualquer cargo é gratuito*

O franciscanismo nos chama ao serviço e evangelização. Não podemos nos sentir autêntico jufrista se nos recusamos em servir a nossas fraternidades e, com todo amor e boa vontade, trabalharmos para que ela cresça sempre mais. Assim, neste empenho e dedicação pelo que nos deve ser sagrado (nossos irmãos da fraternidade local, regional e nacional) crescemos como franciscanos. Claro é que amor não se vende, portanto, não deve-se servir em troca de absolutamente nada, quer seja dinheiro, quer seja algum presente, quer seja reconhecimento, quer seja por um função, quer seja para nos sentirmos mais "santos" que nossos irmãos.

A oração é um ponto fundamental na estruturação de nossa fé e segurança quando assumimos alguma função, pois, passamos sim por muitas dificuldades, porém o espírito de oração sempre nos ajuda a superar e resolver, com paciência e perseverança, tudo.

Algum outro ponto que acreditar ser importante pode ser considerado, porém, tome cuidado para não se estender demais em suas palavras e atrasar a programação ou cansar os irmãos que lhe ouvem.

Dá-se continuação ao processo eletivo.

- *apresentação dos nomes dos indicados na sondagem feita anteriormente e outros que forem indicados na hora.*

Se não houve sondagem prévia, os candidatos são indicados na hora. Convida-se os indicados a se manifestarem quanto a impedimentos graves que haveriam se fossem eleitos.

- *distribuição das cédulas, votação e recolhimento;*
- *conferir o total de votos, contagem dos votos, um a um, e em voz alta;*
- *após o escrutínio*, a Mesa proclama o resultado e se o irmão tiver recebido a maioria absoluta dos votos, o representante do Nacional pergunta-lhe se aceita o serviço. O eleito responde e o representante confirma.
- *caso o irmão eleito não aceite,* realiza-se nova eleição.
- deixa-se o espaço para *breves palavras do eleito*.
- *o representante do Nacional confirma a eleição*.
- recomenda-se que o eleito seja *empossado em uma celebração eucarística após a eleição*.
- é costume, em algumas regiões, pedir a assembléia que sugira nomes de pessoas que possam ser indicadas ao conselho regional da OFS para que seja avaliadas e escolhida uma para ser o Animador(a) Fraterno(a) no Secretariado Fraterno Regional. Portanto, não faz sentido uma votação para estes indicados. Da mesma forma pode acontecer para a Assistência Espiritual. Havendo ou não estas indicações, orienta-se o Secretário Fraterno Regional eleito e os Subsecretários designados a apresentarem quatro nomes ao Conselho Regional da OFS com um pedido, por escrito, solicitando a Animação Fraterna. Para a indicação do Assistente Espiritual Regional, o Secretariado Fraterno Regional dirigir-se-á a um dos Ministros Provinciais ou seu delegado, pedindo a nomeação de um dos Assistentes Regionais da OFS ou de um Assistente especial para a JUFRA, que exercerá sua função colegiadamente como os Assistentes Regionais da OFS.

Algumas sugestões a mais

Algumas recomendações que creio, você irmão Subsecretário, já as tem em mente. Mas nunca é demais lembrá-lo.

Sugerimos que o Subsecretário Nacional para a Área procure ter um bom relacionamento com todos os irmãos presentes no Congresso Regional, conversando, na medida do possível com eles, dando-lhes atenção, escutando os problemas, aconselhando-os e incentivando-os com ternura e humildade.

Procure não se mostrar com autoridade mas sim com simplicidade. Procure ser uma pessoa que concilia e não que exclui. Procure, na medida do possível, incentivar os irmãos a tomarem responsabilidades e procure assumir apenas o que lhe é devido.

Procure promover e incentivar a comunhão JUFRA/OFS.

Pode-se, após a eleição acontecida, reservar um momento para uma reunião com o antigo e o recém eleito Secretariado Fraterno Regional para aconselhamentos e esclarecimentos acerca das funções e atitudes de fraternidade que estes dois secretariados devem ter um com o outro.

Que o Subsecretário Nacional para a Área, por ser o representante do Secretariado Nacional, procure se fazer modelo de conduta, por exemplo, não perder os horários e chegar sempre atrasado no plenário, se for possível (é claro!), ajudar nas tarefas do congresso, como lavar os pratos do almoço, limpar as mesas etc. Lembrar aos irmãos, nas horas de refeições da importância da comida que se encontra em nossa mesa para que não a estraguem, enfim, procurar ter uma

consciência franciscana e passar esta para os que estão próximos, não somente através de palavras, mas principalmente, através de atitudes coerentes e concretas.

Sempre que tiver dúvidas procure consultar-nos ou a alguém que tenha conhecimento. Nunca procure tomar atitudes precipitadas. Sempre escute com calma o que lhe dizem. E diante de situações que não condizem com o ideal franciscano procurem aplicar as devidas correções fraternas, com muito carinho e fraternidade, para a edificação do irmão.

Que o Senhor o Ilumine para que possa verdadeiramente ser um Instrumento de Paz!

Jackson dos Santos Barbosa

Secretário Fraterno Nacional da JUFRA do Brasil

MODELO DE ATA DE FUNDAÇÃO DA FRATERNIDADE

Nas Atas, todos os números são escritos por extenso.

Há somente o parágrafo inicial. Tudo o mais é escrito sem parágrafo, e mesmo o parágrafo inicial deve ser precedido de uma pequena linha. Isto deve ser feito porque em atas não pode haver espaços em branco.

Deixam-se apenas umas quatro linhas de espaço entre uma ata e outra. Em caso de erro usar a palavra *digo* e continuar.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL – JUFRA
SECRETARIADO FRATERNO NACIONAL

ATA DE FUNDAÇÃO

Nome da fraternidade: _____

Endereço:_____

Cidade:_____Estado _____

Aos _____dias do mês de _____ do ano de _____ no (a)

_____ da cidade e paróquia de _____

_____presidindo a CELEBRAÇÃO o (a)

_____

Foi oficialmente fundada a FRATERNIDADE DE JUVENTUDE FRANCISCANA, conforme o Estatuto da JUFRA do Brasil e ainda em conformidade com o Diretório das Mútuas Relações Entre a OFS e a JUFRA do Brasil. A fraternidade de JUFRA, que está situada no âmbito da fraternidade da OFS, funcionando com autonomia de organização e métodos próprios de formação, oferece ao Jufrista a oportunidade e as condições para que ele possa aprofundar e discernir a sua VOCAÇÃO para a vivência da Espiritualidade Franciscana Secular; para tanto o JUFRISTA e a FRATERNIDADE DE JUFRA adotam a REGRA E VIDA DA OFS, como DOCUMENTO DE INSPIRAÇÃO para a vida Espiritual Secular.
Deus e o seráfico Pai São Francisco, pedimos nos ajudem no cumprimento da promessa feita.

Local e Data: _____

Assina a Equipe Regional e os demais Jufristas ora admitidos à fraternidade de JUFRA.

_____

_____

_____

MODELO DE RELATÓRIO DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA (FBJ)

No modelo abaixo, o Subsecretário (a) de Formação poderá fazer uma exposição dos fatos ocorridos no decorrer do período formativo dos irmãos(ãs).

A elaboração de um relatório servirá para a fraternidade:

- ✓ Registrar as atividades desenvolvidas no período formativo (temas estudados, gestos concretos, etc.);
- ✓ Como instrumento de controle e direção da fraternidade (evitando que o(a) jufrista passe anos numa mesma etapa de formação);
- ✓ E como base para tomada de decisões acerca das informações nele contidas, o que já foi feito, o que pode melhorar, etc.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL – JUFRA
FRATERNIDADE LOCAL (nome)

Relatório da Formação Básica da Jufra

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____CIDADE:_____ESTADO:_____
TEL.:_____E-MAIL:_____
FRATERNIDADE:_____

RELATÓRIO DA FORMAÇÃO: (Temas trabalhados na Formação Básica)
_____
_____
_____

ATIVIDADES PASTORAIS: (Atividades Pastorais desenvolvidas pelo jufrista)
_____
_____
_____

Observações Gerais:
_____
_____
_____

Local e Data: _____

_____
Subsecretária(o) de Formação

_____
Animador(a) Fraterno

MODELO DE RELATÓRIO DA ETAPA DE FORMAÇÃO FRANCISCANA (EFF)

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL – JUFRA
FRATERNIDADE LOCAL(nome)

Relatório da Etapa de Formação Franciscana

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____CIDADE:_____ESTADO:_____
TEL.:_____E-MAIL:_____
FRATERNIDADE:_____

RELATÓRIO DA FORMAÇÃO: (Temas trabalhados na Etapa de Formação Franciscana)
_____
_____
_____
_____

ATIVIDADES PASTORAIS: (Atividades Pastorais desenvolvidas pelo jufrista)
_____
_____
_____
_____

Observações Gerais:
_____
_____
_____
_____
_____

Local e Data: _____

_____
Subsecretária(o) de Formação

_____
Animador(a) Fraterno(a)

MODELO DE CARTA PARA SOLICITAÇÃO DO ANIMADOR/A FRATERNO/A

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL
SECRETARIADO FRATERNO REGIONAL _____
COLOCAR ENDEREÇO
CEP: _____

" Queremos viver os valores franciscanos da alegria, do minorismo, do fraternismo e da inserção no mundo, pois acreditamos que o franciscanismo tem seu fundamento na capacidade do cristão em assumir plenamente o irmão e deixar-se assumir plenamente por ele."

(Manifesto da Juventude Franciscana/06)

_____, ___ de _____ de _____.

Caríssimo Irmão,_____,
Ministro (a) Regional da OFS,

Paz e Bem!

Tendo sido escolhido para assumir a Secretaria Fraterna Regional da JUFRA da Região_____ no ____ CORJUFRA, ocorrido entre os dias_____, venho por meio desta solicitar ao Conselho Regional da Ordem Franciscana Secular a nomeação de um irmão (a) para a serviço de Animação Fraterna Regional da JUFRA.

O nome dos (as) irmãos (as) _____ foi (foram) indicados (as) no referido congresso para nos auxiliar nessa função e tem também a nossa indicação.

Agradeço, em nome da JUFRA da região _____, toda a atenção, carinho e disposição em nos atender no que solicitamos.

Que as bênçãos do Nosso Senhor desçam sobre todos os frades para mantê-los firmes nos passos de Nosso Pai Seráfico.

Um grande abraço a todos.

_____
Secretário Fraterno Regional

MODELO DE CARTA PARA SOLICITAÇÃO DO ASSISTENTE ESPIRITUAL

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL
SECRETARIADO FRATERNO REGIONAL _____

Colocar o endereço
CEP: _____

“ Queremos viver os valores franciscanos da alegria, do minorismo, do fraternismo e da inserção no mundo, pois acreditamos que o franciscanismo tem seu fundamento na capacidade do cristão em assumir plenamente o irmão e deixar-se assumir plenamente por ele.”

(Manifesto da Juventude Franciscana/06)

_____, ___ de _____ de ___.

Caríssimo Irmão Frei _____,
Provincial dos Frades _____,

Paz e Bem!

Tendo sido escolhido para assumir a Secretaria Fraterna Regional da JUFRA da Região_____ no ____ CORJUFRA, ocorrido entre os dias_____, venho por meio desta solicitar à Província_____ a nomeação de um frade para a função de Assistente Espiritual Regional da JUFRA.

O nome do(s) irmão (s) Frei _____ foi (foram) indicado (s) no referido congresso para nos auxiliar nessa função e tem também a nossa indicação.

Agradeço, em nome da JUFRA do_____, toda a atenção, carinho e disposição em nos atender no que solicitamos.

Que as bênçãos do Nosso Senhor desçam sobre todos os frades para mantê-los firmes nos passos de Nosso Pai Seráfico.

Um grande abraço a todos.

_____
Secretário Fraterno Regional

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL - JUFRA DO BRASIL

Subsecretaria Nacional de Formação

www.jufrabrasil.org

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!